

# INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

Patrocinado e subsidiado pela Junta Geral do Distrito Autónomo de  
Angra do Heroísmo

---

S E D E

Edifício da Junta Geral do Distrito Autónomo — Angra do Heroísmo

---

DIRECÇÃO (1960-1961—1961-1962)

Presidente — *Tenente-coronel José Agostinho*

Tesoureiro — *Francisco Coelho Maduro Dias*

Secretário — *Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima*

TODA A CORRESPONDÊNCIA DEVE SER DIRIGIDA  
A DIRECÇÃO DO INSTITUTO

---

A publicação de qualquer trabalho não significa concordância do Instituto com as doutrinas, ideias ou conclusões nele contidas, que são sempre da responsabilidade exclusiva do autor.

(Art. 17.º do Regulamento do Instituto)

---

Composto e impresso na Tipografia Andrade, Rua Lisboa, 99  
Angra do Heroísmo

**Boletim**

do

**Instituto Histórico da Ilha Terceira**

# INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

(31 de Dezembro de 1962)

Presidente honorário : O Ex.<sup>ma</sup> Presidente da Junta Geral do  
Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, Dr. Agnelo  
Ornelas do Rego.

## Sócios efectivos :

Dr. Cândido Pamplona Forjaz.  
Arquitecto Fernando de Sousa.  
Francisco Coelho Maduro Dias, *Tesoureiro*.  
Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior.  
Tenente-Coronel Frederico Lopes Júnior.  
Governador do Castelo de São João Baptista.  
Henrique Vieira de Borba.  
Padre Inocêncio Enes.  
João Dias Afonso.  
Dr. Joaquim Moniz de Sá Corte-Real e Amaral.  
Tenente-coronel José Agostinho, *Presidente*.  
Cónego Dr. José Enes Pereira Cardoso.  
Major Luís Ferreira Machado Drumond  
Dr. José Leal Armas.  
Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, *Secretário*.  
D. Maria Francisca Bettencourt.  
Dr. Rafael Valadão dos Santos.  
Dr. Teotónio Machado Pires.

## Sócios honorários :

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. D. José Pedro da Silva, Bispo de Viseu.  
Prof. Dr. António de Medeiros Gouveia, Secretário do Instituto para a Alta  
Cultura.  
Dr. Armando Cortes-Rodrigues, Professor do Liceu de Ponta Delgada.  
Dr. João Hickling Anglin, Professor e Reitor do Liceu de Ponta Delgada.  
Presidente da Casa dos Açores do Rio de Janeiro, Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Soares de  
Medeiros.  
Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, Escritor e Etnógrafo.  
Prof. Dr. Vitorino Nemésio, Catedrático da Faculdade de Letras da Univer-  
sidade de Lisboa.  
Prof. Dr. Wilhelm Giese, Catedrático da Universidade de Hamburgo.  
Prof. Dr. Aurélio Quintanilha.  
Prof. Artur Álvaro dos Santos Correia de Sousa, Professor do Conservatório  
de Lisboa.  
Dr. Walter F. M. Piazza, Presidente da Sub-Comissão Catarinense de Folclore.  
Prof. Dr. Dante de Laytano, Director do Museu do Estado do Rio Grande do  
Sul.  
Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, Professor do Liceu de Ponta Del-  
gada.

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

# BOLETIM



**Vol. XIX-XX**

**1961-1962**

ANGRA DO HEROÍSMO  
Tipografia Andrade



# Ilha de S. Jorge

## **Subsídio para estudo da Etnografia, Linguagem e Folclore Regionais**

Pela Dr.<sup>a</sup> Elsa Brunilde Lemos de Mendonça

### P R E F Á C I O

Chegado o momento de escolher o assunto sobre que deveria versar a minha tese de Licenciatura, este não constituiu para mim qualquer embaraço. Tinha concluído as cadeiras de Filologia Portuguesa e Gramática Comparativa e tinha apresentado um modesto trabalho baseado no ILB (Inquérito Linguístico do Professor Manuel de Paiva Boléo), sobre a retirada aldeia de Paredes do Bairro, no concelho de Anadia, trabalho que se me afigurou penoso pela deslocação a um local onde nunca fora e onde mal conhecia a própria família que me abrigava; penoso por ir tomar contacto com gente do povo para quem eu era uma estranha; e, sobretudo, porque temia não ser capaz de levar a cabo a minha tarefa de maneira a satisfazer.

---

Este trabalho foi apresentado pela autora como dissertação para licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (N. R.)

Esforcei-me por conseguir vencer todas as dificuldades que se me deparavam e, a essa luta, aliava-se o interesse cada vez mais crescente do assunto que tratava. Notei que conseguia cativar a gente humilde a quem recorrera e que, sem dificuldade de maior, obtivera as respostas precisas.

Foi, essencialmente, debruçada sobre este humilde trabalho que se enraizou em mim e tomou vulto o meu desejo de tentar para tese de licenciatura, uma monografia sobre a Ilha que fora meu berço. Iria, tanto quanto me fosse possível, dar dela uma contribuição etnográfica, linguística e folclórica.

Antes de iniciar a recolha do material, li o que sobre S. Jorge há escrito; e, só depois dessas leituras e de informações colhidas de pessoas entendidas, é que me decidi pela escolha das localidades, de forma a que, as eleitas, dessem uma ideia de conjunto, sem perdas desnecessárias de tempo.

Atendi, sobretudo, à situação geográfica, antiguidade, comunicações, principais culturas, indústrias e fontes de rendimento, motivos estes que são, na sua maioria, abordados na Introdução e, por isso, dispensar-me de, aqui, os tratar pormenorizadamente.

Escolhi cinco localidades, onde me demorei vários dias e onde várias vezes voltei para tirar dúvidas e obter informações mais completas:

*Rosais* (Fot. n.º 1), freguesia situada no extremo oeste da Ilha, essencialmente agrícola e das que menos contacto tem mantido com as outras ilhas;

*Beira* (Fot. n.º 2), porque, a despeito da sua proximidade das Velas, é uma das povoações que melhor tem conservado os antigos costumes, além de ali se exercerem, simultaneamente, a actividade agrícola e a criação de vacas;

*Norte Grande* (Fot. n.º 3), pelo seu isolamento e por apresentar, não obstante esse isolamento, nível intelectual bastante elevado;

*Norte Pequeno*, por ser, quase exclusivamente, pastoril;

*Santo Antão*, situada no extremo oposto a Rosais e pertencendo

cente a uma zona que se conservou até há pouco, por assim dizer, separada do oeste da Ilha e em contacto frequente com a Terceira.

Mas, embora fossem estas as povoações que tomei para base, em algumas outras, como Santo António, Topo, Urzelina, também me detive algum tempo, fazendo perguntas de confronto, assim como consegui facilidade de colher informações dos restantes lugares, por meio de uma ou outra pessoa oriunda de lá.

Para cada freguesia que escolhi, servi-me de um informador principal, mas, como o âmbito da minha recolha se estendia, afinal, a todas as actividades, tive de recorrer a outros que melhores esclarecimentos me pudessem dar sobre os assuntos de que ele, inquirido, não era conhecedor perfeito.

Sempre que chegava a um povoado, a primeira dificuldade que se me oferecia era, precisamente, conseguir descobrir o informador que reunisse os requisitos essenciais: que fosse analfabeto ou, pelo menos, semi-analfabeto; que sempre tivesse residido ali; que a sua idade oscilasse entre os 40 e os 60 anos; não desdentado; e, sobretudo, inteligente e com a compreensão e à-vontade necessários para não se envergonhar da sua linguagem.

Em todas as freguesias, por ser recebida em casas de famílias já conhecidas e a quem fiquei devedora de todas as atenções e conforto ao seu alcance, o problema de alojamento, martírio grande para a rapariga que se propõe fazer trabalhos congêneres, não me trouxe embaraços. Por outro lado, como na freguesia sabiam quem eu era, nunca fui tida como uma estranha, todos me atendendo cheios de boa vontade. Alguns levaram o seu zelo a ponto de me revelarem coisas, cheias de interesse, mas que, por eu as desconhecer, ficariam no esquecimento.

Procurei adaptar-me, tanto quanto possível, à situação simples que o convívio com a gente do campo me ensinava, fazendo-os esquecer que a minha presença pudesse ser de «alguém» que lhes merecesse certa cerimónia ou acanhamento. Sentei-me com eles nas suas cozinhas, com eles comi o pão de milho e «açorda», recolhi material nos próprias locais: «palheiros», «alpendres», no campo, assistindo a uma ou outra operação de lavoura, na eira, à debulha do trigo ou na atafona, vendo moer o boi...

Escolhi como informadores principais :

*Rosais* — Aires Bettencourt da Silveira, de 55 anos, conhecido por *Aires Patricio*, agricultor e negociante de gado. Salvo o serviço militar e motivo de doença que o obrigara a deslocar-se à Terceira temporariamente, nasceu e sempre tem vivido nesta freguesia. Analfabeto, mas de inteligência tão aguçada que, ele próprio o afirma com orgulho, fazer sempre todas as contas dos seus negócios «de cabeça» e nunca ter errado um centavo!

*Beira* — Neste local foi uma mulher a informadora principal. Mal juntando as letras, mas inteligente, compreensiva, cheia de simplicidade e desembaraço, além disso conhecedora perfeita de quase todas as actividades, agrícola-pecuárias e caseiras, na sua maioria por experiência própria, a ela devo preciosíssimas e completas informações. É solteira e com 45 anos de idade. Baptisada por Maria Teixeira d'Avila, todos a conhecem por *Maria do João Feio* (Fot. n.º 4). Nasceu e sempre viveu na Beira, apenas se tendo deslocado à Ilha do Pico, como romeira, pela festa de S. Mateus.

Aqui, foi também informador um lavrador *Jaime do Bem*, analfabeto e que me deu abundantes esclarecimentos sobre alfaias agrícolas, lavoura, etc. ;

*Norte Grande* — Tive como inquirido Serafim Morais da Silva — o Serafim Tomé — (Fot. n.º 5), lavrador de 58 anos, analfabeto e que sempre ali tem residido. Nesta freguesia tomei contacto com o senhor José Teodoro (Fot. n.º 6), pertencente a uma antiga família abastada dali, que, apesar dos seus 85 anos, mantém uma lucidez e memória invejáveis! Esteve longos anos na América e hoje tem uma das melhores casas da freguesia. Por ele colhi preciosas indicações de carácter histórico, referentes a alfaias agrícolas, folclore, etc. ;

*Norte Pequeno* — Maria Luisa de Sousa, casada, analfabeta, de 43 anos e que sempre ali viveu, poucos lugares mais conhecendo, até da própria Ilha. Inteligente e desembaraçada, dela anotei valioso material ;

*Santo Antão* — Foi informador Manuel Vieira Bettencourt, Júnior, conhecido por *Manuel Coco* (Fot. n.º 7), trabalhador rural

analfabeto, de 59 anos, que sempre habitou nessa freguesia, tendo-o apenas o serviço militar retido alguns meses na Terceira. Nele, também, encontrei os requisitos essenciais para um bom informador.

Nas Velas, no Bairro dos Pescadores, o marítimo *trancador e oficial*, Manuel da Rosa (Fot. n.º 8) é que, principalmente, me ofereceu os elementos relativos à pesca da baleia e pesca comum.

Quanto aos informadores da parte folclórica a eles faço ligeira referência na introdução que precede esta parte.

O método seguido no interrogatório foi o *indirecto*, tendo, assim, recolhido material espontâneo, testemunho directo do falar popular.

Na recolha deste material servi-me, como base, do ILB, bastante ampliado em todos os assuntos que tratei mais demoradamente.

A todos os objectos que, pela sua antiguidade ou por característicos, tinham nomes e feitios dignos de registo, consagrei particular atenção, não sem o cuidado de os esquematizar, sempre que possível, por meio de desenhos, ou fotografá-los. Dentro das minhas mais que humildes possibilidades em matéria linguística, tive, no método seguido, sempre presente o princípio defendido por Hugo Schuchardt: *Sachen und Wörter* (coisas e palavras), isto é, como ele próprio diz: «com relação às palavras os objectos é que são primaciais e fixos — as palavras encontram-se-lhes ligadas e movem-se à sua volta».

No desenvolvimento deste trabalho começo por dar uma notícia histórico-geográfica e económica da Ilha.

Na Parte I (Etnografia) cingi-me especialmente à vida rural, por ser esta a única com características próprias e mais definidas.

Procurei, o mais possível, aproximar-me do falar do povo nas descrições dessa Parte, servindo-me de muitas das suas expressões e vocábulos, que sublinhei. De alguns, porém, para não tornar fastidiosa a leitura, não dou ali a explicação deles,

falta que é suprida porque figura no Glossário. Muitas das palavras sublinhadas estão dicionarizadas com o mesmo sentido, mas sublinhei-as à mesma, em virtude de se encontrarem integradas na maneira de se exprimir do povo das localidades, objecto do inquérito.

Na Parte II (Linguagem) exponho as principais características e tendências fonéticas, morfológicas, sintácticas e lexicais da linguagem popular.

A Parte III é uma recolha, pequena parcela, do folclore da Ilha.

O Glossário (Parte IV) está disposto por assuntos, encontrando-se os vocábulos que não cabiam dentro de qualquer das alíneas, apresentados por ordem alfabética, sob a designação de «Vária». A seguir incluí, também, algumas expressões locais que se me afiguraram dignas de menção.

Fiz preceder com uma (+) as palavras não registadas na 10.<sup>a</sup> ed. do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Cândido de Figueiredo, e com (x) aquelas que não vêm registadas com o mesmo sentido em tal dicionário.

Muitas delas precedidas de (+) são apenas divergências fonéticas, mas preferi anotá-las tal como as ouvi, a fazê-lo com o vocábulo que lhes corresponde em linguagem corrente.

Sempre que o termo não é genérico, faço-o seguir da abreviatura da localidade em que foi registado.

Do Glossário organizei um índice alfabético, para facilitar a sua consulta.

Reservei, também, uma Parte (V) para uma pequena lista de alguns topónimos e antropónimos, pertencentes, na sua maioria, às localidades estudadas.

Como decoração deste trabalho apresento numerosos desenhos e fotografias.

Servi-me do alfabeto fonético usado pelo Professor Manuel de Paiva Boléo, nas aulas e trabalhos de Filologia Portuguesa da Faculdade de Letras de Coimbra. Restringi o seu uso à parte da Linguagem. Contudo, procurei sempre, mesmo nas partes onde não o emprego, usar o alfabeto normal, reproduzindo a pronúncia local.

Alguns assuntos não os tratei tão pormenorizadamente como desejaria e mereciam, por, para tanto, me faltar o tempo.

Dei ao meu trabalho todo o esforço que merecia, não me poupando à pesada tarefa, por vezes desanimadora, que isso representou. Procurei, tanto quanto a minha modesta preparação filológica o permitia, fazer um trabalho consciencioso e a que sempre presidiu o escrúpulo pela verdade.

Sobre ele esvoaçou o exemplo do meu autorizado Mestre de Filologia — referido Professor Manuel de Paiva Boléo — as suas aulas de método, os seus conselhos, o receio (verdadeiro «medo») que incute a todo o aluno que se propõe abalançar a trabalhos similares.

Chegada ao fim da minha tese, queria que ela não fosse, como é, um simples e muito humilde contributo, mas um trabalho completo sobre os assuntos estudados.

E agora, que penetrei a fundo no falar da gente do povo e vivi um pouco a sua vida, os seus costumes simples e são, fico com saudade e pena: saudade de a ter deixado, pena de não ter sabido dar o verdadeiro prestígio ao material que ela, com tanto gosto e interesse, me facultou.

Mais do que nunca compreendi o sentido exacto destas palavras (\*) «... a linguagem corrente e popular, não obstante o seu palpitante interesse, é ainda quase por completo menosprezada e até mesmo em parte desprezada pelo público ilustrado de Portugal... Daí, certamente, o sorriso de mofa ou de desdém que aflora aos lábios de certos espíritos superiores... ao verem esses pobres filólogos, género Leite de Vasconcelos ou Júlio Moreira, entregues à tarefa árdua, mas aliciante, de recolher e estudar algumas pérolas do imenso tesouro que é a linguagem viva de todos os dias, familiar e popular...».

---

(\*) — Boléo, Manuel de Paiva — *O Interesse Científico da Linguagem Popular*.

Resta-me agradecer, com profundo reconhecimento, aos senhores Professor Manuel de Paiva Boléo e Professor Lindlay Cintra todo o precioso auxílio que me deram na orientação deste trabalho e a penhorante gentileza com que sempre me atenderam.

Ao povo da minha Ilha, que me acolheu com tanto gosto e carinho, a minha gratidão e a minha amizade.

## INTRODUÇÃO

### Esboço Geográfico-Histórico e Económico

A ilha de S. Jorge (mapa *in fine*) está situada no Grupo Central do Arquipélago dos Açores, desenvolvendo a sua extensão longitudinal, de cerca de 65 quilómetros, no sentido O. N. O. — E. S. E., entre as ilhas de Graciosa e Terceira, que lhe ficam sensivelmente a N. E., e as do Faial e Pico, demorantes, também sensivelmente a S. O..

De reduzida largura (a máxima não ultrapassa 7,5 quilómetros) apresenta, na extremidade O. N. O., pronunciada configuração cuneiforme tendo por vértice a *Ponta de Rosais* com dois altos recifes de perfil monolítico (o *Canalhoto do Norte* e o *Canalhoto do Sul*) flanqueando-a a curta distância. A E. S. E., depois da linha meridional da costa inflectir para E. N. E., termina na *Ponta do Topo*, próximo da qual, ao rumo N. E., emerge das águas, ali, como na *Ponta dos Rosais*, quase sempre revoltas, um pouco elevado plaino relvoso (o *Ilheu do Topo*), de 5.800 metros quadrados de superfície.

Vista das ilhas vizinhas, ou ainda por quem a vá costeando, S. Jorge tem o aspecto de ininterrupta cordilheira, cujas vertentes se quebram sobre o mar ou sobre estreitas faixas de terra baixa, em imponentes alcantis que — salvo os aliás raros tractos onde surge, escavada, a rudeza do tufo e dos basaltos — as faias, os «incenseiros», a urze («matas») e as largas folhas dos inhâmes vestem dum perene verde de tons mais ou menos escuros, ao norte

alegrado frequentemente, durante o verão, pela florescência das hortênsias despenhando-se semelhante a azul cascata.

Estas faixas de terra baixa, exceptuando aquelas em que estão as vilas de Velas e Calheta e as povoações de Urzelina e Terreiros, denominam-se «fajãs», se permanentemente habitadas; «rochas», quando apenas lá existem pequenas casas (as «adegas») para o fabrico e recolha de vinho, e pernoita accidental dos seus proprietários, durante os trabalhos agrícolas.

As de maiores dimensões são, no litoral sul: a que se estende da Queimada à igreja de Santa Bárbara (Manadas), com 12 quilómetros de comprimento; a da Fajã Grande e Calheta, entre a *Ponta de Vicente Dias* e a *Ribeira da Calheta*; a Fajã dos Vimes, e a Fajã de S. João; e no litoral norte: a Fajã do Ouvidor; a Fajã dos Cubres, e a Caldeira de Santo Cristo.

A 15 quilómetros da *Ponta de Rosais*, abrem-se, defrontando a ilha do Pico, as bem definidas baías de *Entre Morros*, limitada nos seus extremos por dois impressionantes aglomerados de tufo, *Morro de Lemos* e *Morro Grande* («o nosso Morro», como dizem os marítimos velenses), e a *das Velas*, tendo a oeste este último *Morro* e a leste a *Ponta da Queimada*.

Os cursos de água («ribeiras»), bastante numerosos, pertencem, na sua maior parte, ao tipo torrente. Os permanentes, de caudal sempre diminuído durante o estio, encontram-se no terço E. S. E. da ilha. Quase todos, permanentes ou não, se precipitam no mar em quedas bruscas, algumas notavelmente espectaculosas.

Abundam também as «fontes» — nascentes de água potável utilizada no consumo doméstico e para abeberar o gado, ou ainda, se tais nascentes estão situadas nas encostas sobranceiras às «fajãs» e «rochas», para regar os declives plantados de inhâmes.

E indubitável a origem vulcânica da ilha de S. Jorge, quer pela sua constituição geológica (a), quer pelas actividades sísmicas

---

(a) — *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. I, Pág. 36.

por que tem sido abalada. Já depois da povoação, ocorreram duas violentas erupções (da Queimada, em 1580, e da Urzelina, em 1808), criando as matérias ígneas, emitidas pelas «bocas» (crateras) que tanto numa como noutra se abriram, extensas áreas de «biscoito» ou «mistério» (a), onde as vegetações arbóreas (faias, «incenseiros» e pinheiros), num persistente esforço de desagregação, acabaram por desenvolver-se, disfarçando, sob o manto das copas, o cinzento desolador da lava arrefecida.

Todavia, não obstante estas catástrofes telúricas e aquele aspecto temeroso de inóspito encadeamento de montanhas que apresenta aos que dela se aproximam, está S. Jorge longe de carecer de belezas, infelizmente em grande parte desconhecidas, algumas dos próprios autóctones, quase todas dos forasteiros que a visitam, embora animados de propósitos de turismo. Dentre tantas e tão variadas (Fot. n.º 9), destaco: o panorama da baía das Velas, tendo ao fundo a magestosa montanha da ilha do Pico, que, aos que dali a vêem, reserva o seu mais sugestivo recorte (Fot. n.º 10); o Arco da Conceição, na mesma baía, pórtico de basalto de que o «mar de oeste» repuxa qual formidável «bufo» de antediluviano cetáceo; no verão, a estrada do norte marginada de densos e por vezes altos renques de hortênsias (Fot. n.º 11) e as pastagens adjacentes separadas por cerúleos muros ondulando intermináveis ao sabor da topografia caprichosa do solo; a Fajã do Ouvidor, observada da «borda da rocha» que lhe fica sobranceira (Fot. n.º 12); o inolvidável espectáculo que oferece o cume do Pico da Esperança, onde, ao abranger-se, franjada de espuma, toda a superfície da ilha, desde Rosais ao Topo, se experimenta a impressão de estar na ponte de gigantesco couraçado (b); finalmente, a Caldeira de Santo Cristo, quando, a certa altura da difícil descida pelo «atalho» da Ribeira dos Vimes, de súbito divisamos em baixo a povoação e a vasta albufeira (Fotos n.º 13 e n.º 14), surpreendendo-nos com

---

(a) — Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, L.º 6.º, Cap.º 34; *Arquivo dos Açores*, Vol. II, Pág. 188 a 193, e Vol. V, pág. 442 e 443.

(b) — Leite de Vasconcelos, *Mês de Sonho*, pág. 63, alude aos panoramas que oferecem as serranias de S. Jorge, classificando-os de «esplendorosos».

um colorido e uma singularidade de contornos que lembram, a luz propícia de límpida e calma manhã de inverno, a maravilha das Sete Cidades (a).

Impossível é fixar-se a data da descoberta de S. Jorge, certamente muito anterior àquela em que os mareantes do Infante D. Henrique atingiram os Açores (1431), pois, além doutros do Século XIV, já a menciona, sob o nome de *San Zorge*, o mapa catalão de 1375 (b).

O dia 23 de Abril de 1450, apontado como o de tal descoberta (c), poderia ser, quando muito, aquele em que a abordaram pela primeira vez as embarcações do comando de Vasco Annes Corte Real (d) ou de Jácome de Bruges (e). *Quando muito*, porque sempre teria de acolher-se com justificada reserva a coincidência entre o nome que a ilha já possuía e esse dia 23 de Abril consagrado pela Igreja a São Jorge, — a não admitir-se a ténue hipótese de, estando ela quase sempre visível da Terceira e desta a tão curta distância, se haver escolhido propositadamente semelhante dia para o reconhecimento.

Qualquer pretensão de autenticidade da data referida, prejudica-a, porém, a carta régia de 2 de Julho de 1439 (f), em que D. Afonso V autoriza a povoação das *sete ilhas* dos Açores (evidentemente as dos Grupos Oriental e Central). Com relação à descoberta este documento confirma o que se infere dos elementos cartográficos acima indicados, não parecendo também natural que se expedisse a autorização nele inserta, antes de reconhecidas as terras a que respeitava.

Isentos de controvérsia não são ainda o local e a data em que se terá iniciado a colonização.

(a) — Lagoa da Ilha de São Miguel, com renome mundial.

(b) — Cit. *Arquivo dos Açores*, Vol. X, Pag. 179; Mees, *Les Açores d'après les Portulans*, no Bol. da Soc. de Geografia, 17.ª Série, 1898-1899, n.º 9.

(c) — *Dicionário de Geografia Enciclopédico*, de D. José de Lacerda.

(d) — Cit. *Dicionário de Geografia Enciclopédico*.

(e) — Cordeiro, *História Insulana*.

(f) — Cit. *Arquivo dos Açores*, Vol. I, Pag. 5.

As versões que apresentam Welhelm Van der Haagen ou Haghe (nome transformado pelos portugueses em Guilherme da Silveira) como primeiro colono, estabelecido no Topo, na década 1470 a 1480, com compatriotas seus que da Flandres o haviam acompanhado aos Açores (a), opõe-se a autoridade incontestável da referência do testamento do Infante D. Henrique, de 13 de Outubro de 1460 (b), a uma igreja de S. Jorge, *ordenada e estabelecida por ele Infante, na ilha de S. Jorge*, que só pode ser a que existiu no local onde se encontra a matriz da Vila das Velas, — referência essa conducente à ilação de que, muito antes de 1480, já a parte oeste da ilha era habitada e possuía mesmo um núcleo populacional de certa importância (c).

Mas, embora não pertença a Van der Haagen a prioridade na colonização, nem por isso pode deixar de reconhecer-se que para ela devem ter contribuído de modo apreciável os flamengos, como se afigura testemunhar a étnica jorgense ainda hoje abundante em exemplares de nítida aparência (d) germânica.

Os costumes e a linguagem, caracteristicamente lusitanos, atestam, porém, a nacionalidade portuguesa da grande maioria dos colonos, com provável prevalência de minhotos (e).

A história posterior ao povoamento é constituída, na sua generalidade, por factos comuns à história das restantes ilhas dos Açores (donataria, capitánias-mores, municípios com as suas regalias a cada passo coarctadas pelos capitães gerais e pelo governo central, sismos, inundações, fomes, incursões de piratas mouros e corsários, abusos de vasos de guerra de nações beligerantes), cujo relato, não interessando à índole deste trabalho, o alongaria sem proveito.

---

(a) — José Cândido da Silveira Avelar, *Ilha de S. Jorge*, Pags. 7 e 340.

(b) — Cit. Arquivo dos Açores, Vol. I, Pags. 331 a 334.

(c) — Padre Manuel d'Azevedo da Cunha, *Papeis velhos*, jornal *O Insulano*, do Topo, n.º 158; José Cândido da Silveira Avelar, obra cit., pags. 7 e 340; J. Duarte de Sousa, *Ilha de S. Jorge*, pag. 40.

(d) — *Aparência*, no sentido de hábito externo.

(e) — *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXVII, Pag. 510.

Limitar-me-ei, portanto, a referir-me oportunamente àqueles que, pelo seu carácter particular e possível conteúdo etnológico, podem de algum modo ter contribuído para dar ao povo de S. Jorge uma fisionomia própria.

Administrativamente, a ilha está dividida em dois concelhos — Velas e Calheta, compreendendo: o primeiro, as freguesias de Velas (constituída pela vila das Velas e povoação da Beira), Rosais, Santo Amaro (constituída pelas povoações de Santo Amaro, Fajã e Toledo), Urzelina (constituída pelas povoações de Urzelina e Ribeira do Nabo), Manadas (constituída pelas povoações de Manadas e Terreiros) e Norte Grande (constituída pelas povoações de Norte Grande, Santo António e Ribeira da Areia); o segundo, as freguesias, da Calheta (constituída pela vila da Calheta e povoação dos Biscoitos), Ribeira Seca (constituída pelas povoações de Ribeira Seca, Lourais, Fajã dos Vimes, Fajã dos Cubres, Caldeira de Santo Cristo, Fajã Redonda e Sanguinhal), Santo Antão (constituída pelas povoações de Santo Antão, São Tomé, Fajã de S. João e Entre-Ribeiras), Topo e Norte Pequeno.

Com excepção da Urzelina, das Manadas e da Calheta, situadas ao sul, e do Norte Grande e Norte Pequeno, situadas ao norte, — as freguesias estendem-se de uma a outra costa, mas com as suas principais povoações do lado meridional. No lado setentrional, sòmente demoram o Toledo, a Fajã dos Cubres, a Caldeira de Santo Cristo, a Fajã Redonda, o Sanguinhal e Entre-Ribeiras.

A freguesia do Topo (então vila do Topo) foi capital dum terceiro concelho, a que pertencia a freguesia de Santo Antão, o qual veio a ser extinto e anexado o seu território ao concelho da Calheta, por Decreto de 24 de Outubro de 1855.

A Comarca da Ilha de S. Jorge, criada por Decreto de 7 de Janeiro de 1841, abrange toda a ilha, havendo um julgado municipal (Julgado Municipal da Calheta), com sede na vila da Calheta, a cuja jurisdição pertence o concelho do mesmo nome.

Eclesiásticamente, S. Jorge faz parte da Diocese de Angra.

Segundo o último censo (1950), o número de habitantes era de 16.557, assim distribuídos:

Concelho da Calheta

Freguesia da Calheta.....	1.764
Dita do Norte Pequeno.....	428
Dita da Ribeira Seca.....	2.677
Dita de Santo Antão.....	2.000
Dita do Topo.....	858
Total do concelho.....	<u>7.727</u>

Concelho das Velas

Freguesia das Manadas.....	972
Dita do Norte Grande.....	1.523
Dita dos Rosais.....	1.457
Dita de Santo Amaro.....	1.261
Dita da Urzelina.....	1.294
Dita de Velas.....	<u>2.323</u>
Total do concelho.....	<u>8.830</u>

A vila das Velas, cabeça da comarca e sede da delegação marítima, é a mais importante localidade da ilha, bem como, a despeito do que se tem afirmado até em publicações dignas do maior crédito pela categoria dos nomes que as garantem <sup>(a)</sup>, é também a sua mais antiga vila <sup>(b)</sup>, provávelmente ainda o seu primeiro povoamento de certo vulto.

Situada ao fundo da baía que tem dela o nome (um dos melhores portos naturais do Arquipélago), estende-se, em suave

(<sup>a</sup>) — *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXVII, pag. 510.

(<sup>b</sup>) — A criação da vila das Velas remonta ao ano de 1500, tendo as vilas do Topo e da Calheta sido criadas, respectivamente, em 12 de Outubro de 1510 e 3 de Junho de 1534 — José Cândido da Silveira Avelar, obra cit., pags. 230, 340 e 321. O município das Velas, porém, já devia existir em 1490, como se infere dum certificado da vereação, de 5 de Janeiro de 1591, do qual consta, «*que o concelho estava de posse de certas terras há mais de 100 anos*» — mesma obra, cit. pag. 230.

anfiteatro, desde a beira-mar aos pendores dos Degraus, onde as casas escalonadas na íngreme ladeira, lembram, sobretudo durante a noite, a exótica Nagasaki, descrita por Pierre Loti (a).

Ao contrário do que sucede com algumas das vilas açorianas que quase não se distinguem topograticamente de qualquer povoação rural, - as Velas (Fot. n.º 15), pelo número de ruas, jardim público e densidade dos edificios, é uma miniatura de cidade (de cidade provinciana em que ainda não se remediou, sob o ponto de vista de urbanismo, as liberdades de construção de que os nossos avós fruíam).

O nome «Velas» constitui um problema de toponímia que considero interessante abordar.

Desconhece-se a origem de tal nome, tendo-se formulado conjecturas várias, algumas repelidas pelo simples senso comum (b) :

- 1.ª De *vela* no sentido de *navio*, por existir na povoação um ou mais estaleiros onde se construíam embarcações, incluindo caravelas;
- 2.ª De *vela* com o significado de *vigia*;
- 3.ª De *Vela* designação de qualquer localidade, pátria de primitivos colonos (no continente português há várias aldeias assim denominadas);
- 4.ª Transformação de *Belas* em *Velas* (*Belas*, lugar próximo de Lisboa, ou — pura fantasia regionalista — *belas* adjectivo sugerido pela formosura das suas mulheres);
- 5.ª *Vellas*, antigo sinónimo de *velhas* (c).

Esta última conjectura tem a apoiá-la os dois *ll* durante séculos empregados na ortografia da palavra e ser *velhas* o topónimo que figura no mapa de Valentim Fernandes, elaborado em 1507.

(a) — *Madame Chrysanthème*.

(b) — José Cândido da Silveira Avelar, obra cit. pags. 230 a 232: transcrição dum eserito do Dr. João Teixeira.

(c) — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Eduardo de Faria, 2.ª ed., Vol. IV, pag. 782; H. Brunswiek, *Dicionário da antiga linguagem portuguesa*, pag. 320.

O que não há, como objecta o Dr. João Teixeira (loc. cit.) é motivo razoável para semelhante designação <sup>(a)</sup>.

Por mim, baseada nas minhas observações pessoais e no que a outras pessoas tenho ouvido, inclino-me para a 1.<sup>a</sup> conjectura (*vela* no sentido de *navio*), atribuindo, porém, a aplicação desse nome à circunstância de, um pouco a leste da baía, apresentar a costa, a quem a observa do mar, duas manchas claras com o recorte e a tonalidade de duas embarcações à vela, e não à aduzida existência de estaleiros cujo estabelecimento decerto seria posterior à denominação da localidade.

Gozando duma situação privilegiada, pois fica pouco menos que equidistante das duas freguesias extremas de Rosais e Topo, a vila da Calheta, apesar de possuir um certo número de bons edifícios, não pode comparar-se à vila das Velas, conquanto no sector associativo e cultural não lhe haja sido inferior e por vezes a excedesse.

Desenrola-se (Fot. n.º 16) por uma enseada que oferece regular fundeadouro a embarcações de qualquer tonelagem.

O *Monte*, crista, povoada de casas, da encosta que se ergue pouco menos que a pique sobre o fundo da enseada e parte da vila, é uma das mais representativas particularidades da paisagem jorgense.

É na localidade do Topo, assente em planura relativamente elevada, a cerca de 1 quilómetro dos pouco abrigados portos *Novo* e *Velho*, que subsistem, embora já arruinados, os mais provecos edifícios de S. Jorge e ali havia também abundância de móveis antigos que têm sido adquiridos, em grande quantidade, por coleccionadores doutras ilhas e do Continente. A existência desses edifícios e móveis, de molde a tomar-se como argumento de primazia daquela localidade na ordem cronológica da colonização, mas insuficiente para destruir as decisivas provas documentais em contrário, -- não será razoável levá-la à conta dos hábitos de

---

(<sup>a</sup>) — ... denominar das «Velhas» uma colónia, para onde naturalmente só deveriam emigrar pessoas novas, não é factó mui plausível.

conforto (impondo boas casas com recheio de certo requinte) próprios de emigrados dum país desenvolvidíssimo como era a Flandres do século XV (\*), que os colonos fixados a oeste, gente oriunda das aldeias portuguesas, membros da plebe ou inclusivamente da pequena nobreza, estavam longe de possuir ?

Há também no Topo — peculiaridade sem congénere no resto da ilha e até do Arquipélago — as chamadas *casas da vila*, velhos edifícios de rez-do-chão e primeiro andar, (Fot. n.º 17), situados junto do «império», dos quais cada compartimento pertence a uma família da periferia da própria freguesia ou da freguesia de Santo Antão, que dele se utilizava para assistir às «festas do Espírito Santo».

Ao contrário do que acontecia em outras ilhas, muitas das principais famílias de S. Jorge residiam nas povoações rurais, especialmente em Fajã de Santo Amaro, Urzelina, Terreiros e Ribeira Seca, encontrando-se, por isso, nessas povoações, moradias não inferiores às melhores das vilas. A maioria denota construção pós-pombalina.

Contudo, como valores arquitectónicos dignos de particular menção, em toda a ilha sòmente conheço os Paços do Concelho, na Vila das Velas, e a igreja de Santa Bárbara (Manadas), construída no século XVIII e considerada imóvel de interesse público (b).

A construção dos Paços do Concelho teve lugar entre os anos de 1719 e 1744 (c), filiando-se o seu estilo no barroco português. Principalmente pelas colunas ornamentais da entrada, lembra a frontaria da capela de Nossa Senhora do Desterro, em Alcoça. O tecto, em caixotões, do salão nobre, depois de ter jazido largos anos oculto por um estuque subjacente, está agora a ser restaurado.

---

(a) — Jacques Pirene, *As Grandes Correntes da História Universal*, trad. de Adolfo Casais Monteiro, Vol. II, pág. 186.

(b) — Decreto n.º 37.728, de 5 de Janeiro de 1950, no Diário do Governo, I Série, n.º 4.

(c) — José Cândido da Silveira Avelar, obra cit., pags. 250 e 251.

A Igreja Matriz, da mesma vila, erigida, durante a segunda metade do século XVII, no local da igreja de S. Jorge mencionada no testamento do Infante (a), foi objecto de tão bárbaras obras de grandes reparações e *melhoramentos*, que, pelo menos no exterior, nada resta da primitiva traça. Segundo a opinião do erudito jorgense Dr. João Teixeira, o retábulo da capela-mór é aquele de que el-rei D. Sebastião fizera mercê ao povo das Velas e a que alude um documento municipal de 12 Agosto de 1570 (b).

Até há trinta anos, entre Topo, Calheta e Velas, a dificuldade de comunicações terrestres, restritas a caminhos que apenas permitiam, em distâncias de léguas, o trânsito de peões, cavaleiros, gado e carros de bois, impunha a essas três zonas um isolamento entre elas, que, para muitas pessoas e para cargas de maior volume, só era quebrado pelo recurso à via marítima, com o emprego exclusivo de pequenas embarcações a remos e vela, enquanto não apareceram (a partir da primeira década deste século) as lanchas de propulsão mecânica. E, em virtude da proximidade das ilhas vizinhas, desde que se tinha de usar de tal via, era quase indiferente em muitas circunstâncias utilizá-la em navegação costeira ou na travessia dos «canais». Por isso, os habitantes do Topo e Santo Antão visitavam com grande frequência a cidade de Angra, na ilha Terceira, sendo, quanto aos indivíduos dessas freguesias, provavelmente maior o número dos que tinham estado na referida cidade do que o daqueles que conheciam *de visu* a vila das Velas. Ainda hoje se diz, no Topo e em Santo Antão, «vou à cidade», para significar uma viagem à Terceira.

Assíduas eram também e continuam a ser as relações entre os povos do sul do concelho das Velas, em especial de Rosais, Beira e Santo Amaro, e os do concelho de S. Roque, da ilha do Pico.

A povoação do Norte Grande, ligada às Velas por péssimos troços de estrada a que serviam de troços de união leitos de torrentes, ora escabrosos, ora lamacentos, tinha as suas relações com

---

(a) — José Cândido da Silveira Avelar, obra cit., pags. 254 e 255.

(b) — José Cândido da Silveira Avelar, obra cit., pag. 255.

essa vila limitadas ao absolutamente indispensável, mantendo mais assíduo contacto com a vila da Calheta, cujo acesso lhe era menos difficil.

Hoje, mercê dos trabalhos de grande reparação, correcção, alargamento e pavimentação realizados nas estradas do norte e do sul, que tornaram possível o uso de veículos automóveis ligeiros e pesados e o estabelecimento de carreiras diárias de camionetas de transporte colectivo de passageiros, apenas algumas «fajãs» continuam sofrendo de certo grau de isolamento.

A economia de S. Jorge tem sempre por principal base a agricultura e a criação de gado, sobretudo de vacas leiteiras.

Desde o início da colonização e até à primeira metade do século XIX, foi a vinha, cultivada nos terrenos baixos e pedregosos que se estendem da Queimada a Santa Rita (Manadas), e em todas as «fajãs» e «rochas» do sul e do norte, a mais apreciável fonte de receita. O vinho produzido era exportado, não só para as outras ilhas do Arquipélago, mas também para o Continente Português e países estrangeiros (à frente destes a Inglaterra), atingindo normalmente as colheitas a cifra de 10.000 pipas (quatro milhões e oitocentos mil litros).

A importância que se ligava a esta exportação comprovam-na as severas providências tomadas a contar de, pelo menos, o ano de 1612, com o fim de evitar adulterações e especulações que a prejudicassem, invocando-se como fundamento duma dessas providências (25 de Maio de 1737), *ser o vinho de que se faziam carregações o único fruto com que os moradores se remediavam* <sup>(a)</sup>. E, em 1801, ainda o capitão general dos Açores ordenava, por provisão de 9 de Março, *que as pipas em que se recolhesse vinho para embarque tivessem a marca «S. Jorge»* <sup>(b)</sup>.

Deve igualmente remontar ao início da colonização o fabrico caseiro de queijos que, conforme consta dos registos municipais, já em 1574 se exportavam para a Terceira, S. Miguel e Faial.

---

(a) — José Cândido da Silveira Avelar, obra cit., pag. 148.

(b) — Mesma obra, pag. 149.

O pastel e a urzela, origem dos nomes dum sítio da freguesia das Velas («Pasteis») e da freguesia da Urzelina (primitivamente «Urzelinha»), também foram cultivados para exportação, enquanto a tinturaria, a que se destinavam, os não dispensou.

Diffícil, todavia, há-de ter sido a vida das classes pobres, até à introdução da cultura do milho (últimas décadas do século XVII), porque as áreas susceptíveis de produzir trigo são muito limitadas e uma parte apreciável da colheita desse cereal pertencia a senhorios de fora da ilha, que a faziam exportar.

Era certamente o inhame, cultivado nas «fajãs» e «rochas», que supria a falta do pão, assim se explicando a revolta conhecida por *Um motim na Calheta*, a que deu lugar, em 1694, a cobrança do dízimo imposto àqueles tubérculos.

Teve ainda notável incremento, no fim do século XVIII e primeiro quartel do século XIX, a cultura e exportação da laranja que era carregada nos próprios portos da ilha pelos navios que a conduziam à Inglaterra.

Vítimas, porém, os vinhedos e os laranjais de implacáveis parasitas, os jorgenses foram obrigados a concentrar a sua actividade na exploração das vacas leiteiras.

Instalaram-se fábricas de queijo e manteiga, nas localidades de Manadas, Santo Amaro e Beira.

Os terrenos elevados, anteriormente adstritos, com fraquíssimo rendimento, a culturas cerealíferas, foram convertidos em pastagens, passando estas a abranger, da freguesia de Velas à da Calheta, toda a parte alta do sul da ilha, até ao Baldio Municipal (Serra), e a parte norte, em muitos pontos, desde as «bordas das rochas» ao dito Baldio.

À cultura de cereais (trigo e milho), cuja produção não excede o consumo, ficaram unicamente vinculadas, em área digna de consideração, as terras da orla sul de Rosais, Beira e Santo Amaro.

Pelo que respeita ao sector da vinicultura, desapareceram de todo, das importantes regiões vitícolas que apontei, as castas nobres de uva branca (*verdelho e tarrantez*), substituídas, aliás em limitadíssima escala, pelas videiras de «uva de cheiro» e outras de inferior qualidade, de modo que esse tão apreciado vinho de

S. Jorge apenas subsiste em escassas dúzias de garrafas reservadas por previdentes apreciadores.

Os períodos de carestia mundial de lacticínios, originados pelas duas grandes guerras, motivando animadora alta de preços desses produtos, mais intensificaram a criação de vacas e determinaram, paralelamente, a instalação de novas fábricas e do posto de desnatação. Não há hoje povoado de certa importância que não tenha pelo menos um desses estabelecimentos. O fabrico caseiro manteve-se durante anos no Toledo, Norte Grande, Ribeira da Areia e Norte Pequeno, mas acabou por extinguir-se, só há pouco tendo reaparecido sob a modalidade de «trabalho familiar autónomo» que talvez ressurja o genuíno *queijo de S. Jorge* obliterado na industrialização.

Presentemente e a contar de há cem anos, isto é, desde a decadência da vinha e dos laranjais, são os lacticínios e o gado bovino, destinado a matadouros de Lisboa, as únicas exportações que, pelo interesse generalizado, pela continuidade e pelo volume influem decisivamente na economia da ilha.

Sobre a questão agrícola, é, outrossim, de consignar um fenómeno particularíssimo de S. Jorge. Ao inverso do que acontece em quase todo o mundo após a Idade Média, a propriedade rústica em vez de seguir o caminho de progressivo parcelamento, tendeu, devido à confluência de vínculos, para a concentração, atingindo esta o seu auge no século XIX<sup>(a)</sup>. Ainda hoje é avultado o número de grandes proprietários e raro o camponês que não seja rendeiro, em condições que, geralmente, lhe deixam reduzidíssima margem de lucro.

A pesca vulgar é praticada, tanto ao sul como ao norte, por embarcações dos portos das Velas, da Calheta do Topo e de muitos outros situados nas duas costas (Queimada, Urzelina, Terreiros, Manadas, Fajã dos Vimes, Fajã de S. João, Fajã de João Dias e Fajã do Ouvidor). Desta pesca e da «pesca da baleia», tratarei adiante.

---

(a) — José Cândido da Silveira Avelar, obra cit. pag. 66.

Além da indústria de lacticínios, confinada, por enquanto, à produção de manteiga e queijo, e de algumas moagens que se limitam a satisfazer as necessidades locais, somente há duas fábricas de conserva de peixe instaladas há poucos anos na Vila da Calheta.

A curtimenta, cuja matéria prima era fornecida pelo gado abatido na ilha, deve ter tido certo desenvolvimento nos primeiros séculos seguintes à colonização, mas os cabedais do continente e do estrangeiro, introduzidos pelo comércio, extinguiram essa indústria, sem que as tentativas empenhadas nos últimos tempos para a restabelecer surtisse resultado animador, não obstante a quantidade de couros verdes que se exporta, assegurar a razoável laboração de, pelo menos, uma fábrica.

Outra indústria, reduzida pela importação a proporções insignificantes de simples actividade caseira, foi a tecelagem.

A emigração, que tão notavelmente actuou e actua nos costumes e na psicologia do povo jorgense, também veio a exercer considerável influência na economia dele.

Principiou a desenvolver-se na primeira metade do século XVIII, para o Brasil, facilitada pelo Governo <sup>(a)</sup> e encaminhada para a ilha de Santa Catarina, onde, efectivamente, muitos jorgenses se devem ter fixado, constituindo importante núcleo da grande colónia açoriana estabelecida nessa ilha e de que lá restam abundantes testemunhas.

Esta emigração, porém, a qual não parece ter criado aos emigrantes situações risonhas e não trouxe a S. Jorge proveito digno de apreço <sup>(b)</sup>, estancou logo que o vertiginoso progresso da República Norte-Americana chamou para esse país a atenção dos espíritos aventureiros que o Mar infinito, horizonte sempre presente aos olhos dos ilhéus, não intimidava.

---

(a) — Carta de el-rei D. João V — cit. *Arquivo dos Açores*, Vol. XI, pags. 526 e 527.

(b) — José Cândido da Silveira Avelar, obra cit., pag. 93.

Foi após a descoberta das minas da Califórnia (1849) que o número de emigrantes de S. Jorge, com destino á referida República, ganhou relevo. Até então, estava limitado aos que conseguiam partir em navios baleeiros que demandavam a ilha para refrescar (\*), daí advindo de certo o emprego, ainda hoje usual na linguagem popular jorgense, do vocábulo «baleeiro» no sentido de «emigrante».

Semelhante emigração, apesar do seu volume sempre crescente, era feita, até ao fim do século passado, quase toda clandestinamente, pelos portos das «Fajãs», cujo isolamento e multiplicidade não permitiam vigilância eficaz.

Continuado tal movimento na primeira década do presente século, embora já com observância das leis portuguesas applicáveis, — a percentagem de jorgenses que iam por uma, duas e mesmo mais vezes procurar à América os meios de adquirir na pátria certa independência económica era elevadíssima na altura em que a Guerra de 1914 — 1918 e depois as medidas restritivas tomadas pelo Governo de Washington a reduziram, reduzindo correlativamente as repatriações, pelo receio criado nos que desejariam repatriar-se de que os seus filhos não possam depois emigrar.

Tão evidentes foram sempre os benefícios da emigração para a América do Norte e tão raros os casos de insucesso, que, a despeito de todas as dificuldades presentes, não há homem ou mulher, nas populações rurais de S. Jorge, que não procure, mesmo sujeitando-se aos maiores sacrificios, embarcar para esse país.

Realmente, não é possível ter-se contacto com os habitantes da ilha e até com a paisagem dela, sem que se manifeste flagrante, nas pessoas como nas cousas, a acção salutar dos dólares ganhos do outro lado do Atlântico.

---

(a) — José Cândido da Silveira Avelar, obra cit., pag. 95.

## PARTE I

# Etnografia

## CAPITULO I

# O Homem

1

## O Homem em Geral

«Os jorgenses são altos e bem proporcionados, sagazes e dotados de boas qualidades próprias às ciências: eles se distinguem pela pureza dos seus bons costumes», — diz João Soares d'Albergaria, no seu livro *Corografia Açórica*, publicado em 1822 <sup>(a)</sup>.

Este conceito, apesar de formulado por um jorgense <sup>(b)</sup>, não enferma, particularmente no que respeita aos predicados intellectuais, de qualquer exagero.

Na verdade o povo de São Jorge — resultado talvez da contribuição genésica flamenga e da influência da civilização Norte-

---

(a) — Pag. 95.

(b) — João Soares d'Albergaria, nasceu na Vila das Velas, em 16 de Janeiro de 1796. Tendo sido condenado pelos miguelistas e sofrido longa prisão, foi deputado na Legislatura de 1837-1838. Seu irmão José Soares d'Albergaria, nascido na mesma Vila, em 3 de Fevereiro de 1805, tomou parte, como official, nas campanhas liberais, desde a batalha da Praia até ao termo delas, merecendo as mais honrosas condecorações. Ver José Cândido da Silveira Avelar, obra cit., pags. 394 a 396.

-Americana — possui faculdades de inteligência e de adaptação, uma curiosidade (\*) e uma independência de critério (embora limitada, nas suas manifestações ostensivas, pelo imperativo económico) que não se encontram, difundidas em tão larga escala, nos naturais das outras ilhas, onde o prestígio da ascendência, de classe ou de dinheiro continua a subjugar as camadas reputadas inferiores, impedindo-lhes toda a reacção. E, o que é deveras surpreendente, tais faculdades, curiosidade e independência revelam-se com maior intensidade em alguns dos lugares mais isolados e até de mais baixo índice demográfico.

A propósito e em abono deste último facto, que eu própria tive frequentes ocasiões de verificar durante os inquéritos a que procedi para este trabalho, citarei diversos casos cujo conhecimento me adveio de fontes fidedignas.

Na assembleia que funcionava no Norte Grande, os antigos actos eleitorais diferiam impressionantemente do que sucedia em todas as outras assembleias rurais e mesmo nas de muitas vilas açorianas. Por maior que fosse o poder de que estivessem investidos os chefes políticos ou a influência pessoal deles, os eleitores discutiam os antecedentes dos candidatos riscando os nomes dos que não lhes mereciam confiança e acompanhando com todo o interesse o sufrágio, isto é, atitude diametralmente oposta à passividade bovina dos eleitores campezinos, registada por Júlio Diniz, num trecho cintilante de verdade que, de per si só, bastaria para consagrar um escritor (b).

À noite, no Toledo (c), os homens reúnem-se no pequeno estabelecimento de venda que lá há, lendo com notável discernimento as *Seleções do Reader's Digest*.

Certa rapariga do mesmo povoado, de 16 ou 17 anos, pobríssima, sem outras habilitações literárias, além das obtidas no posto de ensino, pediu a uma pessoa da Vila das Velas, a casa de quem

---

(a) — No sentido de *desejo de saber*.

(b) — *A Morgadinha dos Canaviaes*, cap. XXX.

(c) — Lugarejo constituído por um punhado de casas dispersas em plena pastagem de elevada cota, grande parte do ano envolto em denso nevoeiro.

ia vender queijos de cabra e agriões, que lhe emprestasse um livro, pois gostava muito de ler. Essa pessoa facultou-lhe *O Bem e o Mal*, de Camilo. Dias depois, quando foi restituir o livro, a dita rapariga (que, até então, só devia ter conhecido produções em voga de Delly e Max du Veuzit, enlevo de tantas meninas com o curso dos liceus e selecta convivência) declarou, *que nunca lera outro de que tanto gostasse*.

Durante a última guerra, apareciam com frequência no escritório de meu pai pastores dos «nortes», de barba hirsuta e grosseiros fatos de «lã da terra», solicitando-lhe publicações da propaganda inglesa e as últimas notícias das operações militares.

A música e o teatro são, desde há muito, cultivados, não só nas vilas <sup>(a)</sup>, como em várias povoações rurais, algumas destas dispondo agora de sociedades de recreio, com filarmónica <sup>(b)</sup> e salão para espectáculos, instalados em edifícios próprios, construídos propositadamente. A craveira dos curiosos é não raro bastante elevada, conforme tem sido reconhecido por profissionais e em excursões a outras ilhas, incluindo a de S. Miguel.

Numerosos foram também os jornais que se publicaram, alguns deles dispondo de selecta colaboração. O 1.º número do mais antigo — *O Jorgense* — tem a data de 15 de Fevereiro de 1871.

Dos jorgenses que se distinguiram nas letras, nas artes, ou pela sua invulgar cultura (entre os quais alguns autodidactas de grande merecimento), aludirei apenas a dois — Dr. João Teixeira Soares de Sousa e Francisco de Lacerda, sem dúvida os mais

---

(a) — O Teatro Velense foi inaugurado em 2 de Fevereiro de 1865 — José Cândido da Silveira Avelar, e o Salão de espectáculos da Sociedade Estimulo, da Vila da Calheta, em 10 de Agosto de 1902 — Padre Manuel d'Azevedo da Cunha, *Notas Históricas*, pag. 486.

(b) — A primeira filarmónica que existiu em S. Jorge constituiu-se na freguesia da Ribeira Seca, em 1855 — Padre Cunha, cit. obra *Notas Históricas*, pag. 464.

proeminentes, devendo considerar-se o último, pela magnificência e extensão da sua obra e vastidão do campo em que ela se desenrolou, um lídimo valor europeu.

### Dr. João Teixeira

O Dr. João Teixeira nasceu nos Terreiros (Quinta de Santa Rita — Fot. n.º 18), em 12 de Setembro de 1827, e formou-se em Filosofia, na Universidade de Coimbra.

Deputado na legislatura de 1865, regressou a S. Jorge após a dissolução da Câmara. Dedicou-se então, na sua casa da Fajã de Santo Amaro (Quinta da Ribeira — Fot. n.º 19) ao estudo da história do Arquipélago dos Açores e das velhas crónicas portuguesas, fazendo, ao mesmo tempo, a recolha na ilha do abundantíssimo material folclórico que facultou ao seu amigo Teófilo Braga e que foi por este utilizado no livro *Cantos Populares do Arquipélago Açoreano*. (a)

Nos jornais *O Jorgense* e *O Velense* publicou vários dos seus trabalhos históricos e, no último, uma série de interessantes folhetins sob o título de *Cousas Camoneanas*.

O seu falecimento, ocorrido na cidade de Ponta Delgada, a 1 de Julho de 1882, deu lugar a manifestações na imprensa de Lisboa, de elevado apreço, e à publicação, pelo *Arquivo dos Açores*, dum artigo sob a epígrafe «À memória do Dr. João Teixeira Soares de Sousa, erudito jorgense, benemérito açoreano, que por suas virtudes, ciência e carácter honrou o nome português».

Deve ter deixado preciosos escritos inéditos, infelizmente desaparecidos.

### Francisco de Lacerda

Transposta ao rumo E. a enseada da Calheta e dobrada a *Ponta da Forcada*, encontra-se, rente ao mar, uma pequena «rocha» — o *Canto da Fragueira* ou simplesmente *Fragueira* — que goza de condições climatéricas singularíssimas, patentes na sua exube-

---

(a) — Leite de Vasconcelos, cit. obra *Mês de Sonho*, pag. 187.

rante vegetação entre a qual figuram, desenvolvendo-se ao ar livre, espécies tropicais, como o cafézeiro e o ananás. Sob o pendor da abrupta encosta, uma única casa de habitação existia, hoje deploravelmente arruinada (Fot. n.º 20). Nessa casa nasceu, no dia 11 de Maio de 1869, Francisco de Lacerda, o futuro organista da igreja de S. Sulpício, de Paris, professor da «Schola Cantorum», da mesma cidade, chefe da Orquestra dos Grandes Concertos Clássicos de Marselha e conferencista da Sorbona.

Seu pai, João Caetano de Sousa e Lacerda, poeta e jornalista — «inteligência privilegiada, excelente humanista, escritor correcto e assaz elegante», conforme diz o Padre Cunha (a) — devia ser, até pela persistência da sua moradia no ermo da Fragueira, dotado de forte personalidade e requintado gosto pouco comum, sendo tradição que tinha por autores predilectos Virgílio e Horácio, cujas obras, na língua original, mantinha sobre a mesa-de-cabeceira. Duma família em que a música era de longa data cultivada com assiduidade e talento e musico também, foi ele que encaminhou, nessa arte, os primeiros passos do futuro insigne maestro (b).

Inserindo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (c) larga e bem documentada notícia biográfica de Francisco de Lacerda, ocioso seria repetir o que ali vem relatado. Circunscrevome, por isso, a falar do período (1914-1921) durante o qual, suspendendo em pleno fastígio a sua carreira, fixou residência na Urzelina, ambiente de tranquilidade que o seduzia (d).

Decorridos quatro anos de repouso (e), que não passaria talvez de aparente, e depois de se haver prestado a fazer parte, como pianista, duma orquestra de curiosos, num espectáculo dado no

(a) — *Notas Históricas*, pag. 18.

(b) — «... un vrai directeur de musique...» — E. Ansermet, na revista francesa *Le Courier Musical*, 14.º ano, n.º 13.

(c) — Vol. XIV, pags. 505 a 507.

(d) — «A vida só é possível em grandes meios como Paris ou Marselha, ou numa aldeia, como a Urzelina», afirmava ele.

(e) — Anotação exarada pelo seu punho num exemplar do citado número de *Le Courier Musical*: 1913-1914, Direction des Grands Concerts Symphoniques de Marseille; 1914 - 1918 — O —.

Teatro Velense, onde manifestou a admiração que lhe causava o mérito de alguns dos executantes, — planeou constituir com elementos jorgenses, uma organização de arte, compreendendo música, teatro e bailados, que irradiaria em digressões pelas capitais açorianas, possivelmente mesmo até às cidades do Funchal e Lisboa.

Como princípio de execução de tal plano, chegaram a realizar-se reuniões na sua residência e na vila da Calheta. Porém, certa frase leviana proferida numa dessas reuniões, levou-o a desistir do que teria representado, para S. Jorge e para o Arquipélago, ocasião, que jamais se oferecerá, de quebrar, em belo voo de pura espiritualidade, o prosaísmo quotidiano.

Contudo, aproveitando alguns desses elementos que reunira, fez executar sob a sua direcção, na igreja de S. Mateus (Urzelina) uma missa com a estreia dum Salutarío da autoria dele, mais tarde cantado em vários templos de Lisboa e do estrangeiro.

Em 1921, foi viver para Lisboa, lançando-se de novo numa exhaustiva actividade mantida, a despeito da grave doença que o minava, até quase à data da sua morte (18 de Julho de 1934).

Pelo que concerne a religião, nas vilas como nos meios rurais, há uma grande fé (todavia sem excessos de fanatismo ou intolerância), sendo assídua a assistência aos actos do culto.

Os sacerdotes gozam de bastante prestígio, sem que, no entanto, escapem àquela liberdade de crítica a que atrás me referi.

## 2

### Agricultores e Pastores

Consequência natural da base económica da ilha, a grande maioria da população de S. Jorge está vinculada à cultura da terra e à pecuária.

Sobretudo no elemento masculino, predomina, porém, o gosto pela última e, particularmente pela criação das vacas leiteiras, quase sempre praticada com preterição e prejuízo dos trabalhos agrícolas, não obstante o sistema de arrendamento das pastagens, adoptado há cerca de 40 anos, fazer com que tal ramo de activi-

dade — que exige empate apreciável de capital e importante dispêndio de tempo e de energia — muitas vezes não proporcionar qualquer lucro e chegar até a acarretar sérias dificuldades de pagamento.

Reconhecendo todos que assim é, poucos são todavia os que se resignam a renunciar às vacas, privando-se da abalada matutina para o pasto e da meia hora de cavaco na fábrica onde se vai levar o leite.

Outra paixão que desvia do trabalho lucrativo certo número de agricultores, levando alguns à ruína, são os negócios de gado, complicada sequência de trocas, compras a prazo e transferências de créditos e dívidas, realizada em demoradas deslocações de um extremo a outro da ilha.

Nas suas relações com a família, embora respeitado o chefe dela não se atribui tirânica autoridade discricionária. Ouve a mulher e os filhos crescidos, quando tem de tomar resolução de maior importância, deixando àquela, que é geralmente quem guarda o dinheiro, plena liberdade no governo da casa.

Em matéria de casamento, raros são os casos de oposição intransigente dos pais à vontade manifestada pelos rapazes e raparigas, mesmo quando ocorrem diferenças sensíveis de posição e haveres.

As mulheres, além do desempenho dos serviços domésticos, auxiliam os homens nos trabalhos agrícolas e no tratamento do gado, desempenhando, porém, as tarefas menos pesadas.

Na doença, a assistência clínica é logo procurada; e, nos casos graves em que isso se torna necessário, procurada fora da ilha, embora à custa dos maiores sacrifícios.

As donas de casa, inclusivamente as pouco remedeadas, não deixam de socorrer o pobre que lhes bate à porta pedindo esmola.

A hospitalidade é considerada um dever: nunca se recusa agasalho ao forasteiro que o impetere.

Os criados, se os há, são tratados como as pessoas da família.

## 3

**Os Marítimos**

O número de indivíduos que só se dedicam à pesca é representado apenas por alguns habitantes das vilas de Velas e Calheta. Constituem excepções, pois a regra é o exercício dessa profissão paralelamente com o de algum ofício ou da agricultura.

Hoje, devido ao desenvolvimento e melhores condições da pesca da baleia, a situação económica desses poucos que não dispõem doutra fonte de receita além do mar, melhorou bastante, ainda que sempre comprometida, algumas vezes pelo abuso das bebidas por parte dos homens, muitas outras pelas pretensões de luxo e desgoverno das mulheres.

Quanto a perfcia e audácia profissionais, encontram-se por toda a ilha elementos de real valor.

## 4

**Os Emigrantes**

Os emigrantes jorgenses para a América do Norte estabeleciam-se e continuam a estabelecer-se de preferência no Estado da Califórnia e, dentro deste, no Vale de S. Joaquim, ocupando-se — alguns sempre como assalariados («à soldada»); a maior parte deles acabando por adquirir a qualidade de associados ou proprietários — nas mesmas actividades que exerciam na pátria, isto é, na agricultura e na exploração de vacas leiteiras.

Até à segunda década deste século, uma grande percentagem desses emigrantes repatriava-se, conforme já deixei dito, readaptando-se sem dificuldade os que a compunham ao desconforto e à mesquinhez do meio em que a sua existência decorrera antes da emigração, porque, isolados no «rancho» e fiéis ao propósito de amealhar, à parte a melhoria de habitação, de comida e de vestuário, não participavam do superior nível de vida Norte-Americana.

Posteriormente, porém, as repatriações rarearam e os que voltam, embora só de visita, ou pouco demoram, ou realizam, nas casas em que têm de habitar, grandes melhoramentos que vão até à instalação de quarto de banho, luz eléctrica com geradores privados e frigorífico.

Mas, por muito longa que seja a sua ausência, raro é aquele que esquece os parentes de S. Jorge e não lhes envia presentes de dinheiro e de roupas, valendo-lhes com avultadas somas em momentos de aflição.

Contribuem, também, com generosos donativos para fins de interesse público, em especial de carácter religioso e de assistência (a).

É de notar, haver, conquanto excepcionalmente, emigrantes jorgenses que, saídos de recônditas povoações e apenas possuindo escassos rudimentos de leitura e escrita, se têm empenhado com êxito, no complexo ambiente fabril da maior organização económico-financeira do mundo, em empresas industriais e comerciais estranhas à agricultura e à pecuária. Um, conheço eu, da Fajã dos Vimes, que é concessionário, na mais rica e populosa região da Califórnia, de carreiras de transportes em veículos automóveis, de valor de milhões de dólares.

(a) — João Inácio de Sousa, natural da freguesia de Santo Amaro, legou cem mil dolares à Santa Casa da Misericórdia da Vila das Velas e igual quantia ao Asilo de Mendicidade da mesma Vila, na qual lhe foi, por essas instituições, erigido um monumento.

## CAPÍTULO II

# Vida Rural

### 1

#### Habitação

As casas para habitação, térreas, de paredes de pedra e cobertas de palha triga, existentes ainda em muitos povoados, embora, já no princípio deste século, em reduzido número, encontram-se hoje ampliadas e com tectos cobertos de telha. Com cobertura de palha só perduram algumas *adegas* nas *rochas* e algumas *abregoarias* e *palheiros* (Fot. n.º 21).

Não se pode subordinar a um tipo único as casas populares actualmente espalhadas pelas numerosas freguesias da Ilha. Limite-me a destacar o género de casa mais característico e abundante.

A casa com dois ou três compartimentos, além da cozinha, (formando esta, em geral, corpo independente) umas vezes constituída apenas por rez-do-chão, quando muito com uma cave sobre o compartimento do lado oposto ao da cozinha (Fotos n.ºs 22, 23); outras vezes por rez-do-chão e primeiro andar, dando acesso a este uma escada exterior que conduz a um pequeno terraço descoberto, chamado *balcão*. Para esse *balcão* abre a porta principal. O rez-do-chão é, quase sempre, destinado à estabulação

dos bois e, quando as suas dimensões o permitem, lá está instalada a *atafona*. As casas com rez-do-chão e primeiro andar denominam-se *casas de alto e baixo* (Fot. n.º 24).

Muitas destas casas têm o curral do porco ou a *rua* (pátio), à frente da fachada principal. É vulgar, também, ver-se a empena da casa voltada para o caminho e, muitas vezes, em plano inferior a este.

O interior está reduzido, como disse, a dois ou três compartimentos além da cozinha. Estes são divididos por frontal de madeira (Fot. n.º 25), quase sempre com os tectos desferrados, vendo-se a descoberto os tirantes.

A cozinha, sem chaminé, deixa escapar o fumo através do tecto de telha vã.

O mobiliário da casa é, quase sempre, limitado ao indispensável e de acordo com a vida do lavrador.

Nos quartos de cama, a *barra* ou *barras* (Fot. n.º 25), dispensando-se, na maioria delas, a *menistra* e as cadeiras. Em seu lugar um *caixão* ou *barrica* para guardar o milho ou o trigo.

Na sala do meio, a que dá acesso a porta principal, uma mesa encostada, geralmente, à parede oposta à porta, sobre a qual sobressai um oratório e, em volta dele, um amontoado de fotografias (quase todas de parentes ausentes na América) e as mais variadas bugigangas. Encostados, também às paredes ou frontais, *caixas* ou *baús*, vindos da América, onde se *encontra arrecadada a roupa que não anda a trânsio*, e, perto da janela, quase sempre com cortinas, uma ou outra *jardineira* com plantas de estufa. Nas paredes, quadros de santos à mistura com vistas panorâmicas recortadas de calendários americanos.

O quarto de jantar, quando existe, nada mais tem que uma mesa, um banco (Des. n.º 3) e um *arquibanco* (Fot. n.º 26).

A cozinha é o quarto mais movimentado da casa. É ali que o lavrador toma as suas refeições, sentado numa *banca*, nem sempre necessitando da mesa, embora ela exista, em regra, a um canto da cozinha. Preso à parede, um *loiceiro* (Des. n.º 2), onde se põem a escorrer, após serem lavados, os pratos e tigelas, e donde só voltam a retirar-se à hora de nova refeição. A um dos cantos,

o *talhão* (Des. n.º 1), reservatório da água acarretada do chafariz em *potes* ou *latas* (Fot. n.º 30), à cabeça das mulheres. Às vezes um lava-mãos ou uma simples bacia de esmalte encaixada num suporte de madeira preso à parede. Sobre a lareira, as *tempres* e os *caldeirões*, e, ao lado daquela, a *amassaria*, também de pedra, ou substituída por uma mesa tosca e baixa. Em boa arrumação e muito asseio, encontramos igualmente neste compartimento, *pu-cros*, *alguidares* ou *celhas* de amassar o pão, *barças*, (Fot. n.º 27), onde se conserva salgada a carne de porco, *joeiros* e *balaios* de vários tamanhos (Fot. n.º 28), etc.

Dos tirantes dos quartos, exceptuando o do meio, pendem as *cambadas* ou *cambulhões* de milho (Fot. n.º 25). Os queijos, *conduto* apreciadíssimo do camponês, vêem-se, também, expostos em tábuas suspensas dos ditos tirantes.

A iluminação eléctrica está limitada às vilas. No campo usa-se a *luz de vidro* (candeeiro de petróleo) e a *alamparinha* (nas cozinhas) também chamada *jacinta* (Fot. n.º 29). Na rua o *alampião americano* (lâmpião). A *alinterna* (lanterna) já hoje é pouco usada (Fot. n.º 29).

## 2

### Alimentação

A alimentação do lavrador é, duma maneira geral, superior ao seu nível de habitação. Rara será a casa onde se não acende o lume para *guisar*; que não tenha o seu *conduto* e não coza, todas as semanas, uma fornada de *pão de milho*.

Como base da alimentação estão os produtos da Ilha, muitos deles cultivados pelo próprio lavrador. Comem batatas — tanto a *batata doce* como a *batata da terra* —, feijão, couves, inhames, mogangos, leite, pão de milho, carne (sobretudo de porco), queijo, etc..

As refeições ou *de-comeres* são em número de três: o almoço, de manhã, entre as 7 e as 9 horas solares; o jantar, ao meio-dia, e a ceia, à noitinha. Não costumam *merendar*, salvo numa ou noutra tarde de verão e, quando tal acontece, geralmente em dia de

ceifa ou de *sacho e aterro* dos milhos em que as mulheres vão levar às terras *biscoito, rosquilhas* ou pão e queijo com café ou vinho.

Comem habitualmente caldo de *coivas*, de nabos, de mogango ou de funchos temperado com *toicinho* de porco e batatas; *açorda* acompanhada com *uma peixa serrobalhada nas brasas* (assada) ou com qualquer *conduto* de porco; *moilha de fajão* ou de peixe; sopas de leite, e, no tempo das abóboras e batatas doces, frequentemente *caldo mouco*.

Muitas vezes, ainda noite, a mulher *ergue-se* da cama para fazer a *açorda* ou o caldo que o marido almoçará antes de ir para o trabalho ou logo que *venha das vacas*. É costume os pastores levarem, quando saiem, ao romper do dia, para o pasto, um pedaço de pão de milho para *cubragem o jijum* com o leite da vaca mungido directamente para a boca.

Perto do meio-dia a mulher volta a preparar um *caldo, açorda* ou *môlha* que se destina ao jantar. É ela própria ou algum dos filhos que vai levar *de jantar à terra ao hóme*, mesmo que este esteja longe de casa a trabalhar. Bebem, em geral, por cima do jantar, um *cope* de vinho ou de café de cevada com pão e queijo.

À ceia, voltam a repetir um desses pratos, embora usem também, muito frequetemente, reduzir essa refeição a café com pão e queijo.

Em toda a ilha, mas sobretudo na parte norte, por haver maior abundância, comem muitos inhames cozidos, com leite ou com peixe.

O único pão que consomem diáriamente é o de milho. O pão de trigo apenas em dias festivos.

A carne de porco, conservada salgada em *barças*, é o conduto mais usado e apreciado, bem como os *terresmos* e a *linguiça* durante o inverno, em que há maiores faltas e o peixe é pouco.

Lavradores mais abastados, uma vez por outra, associando-se matam uma *rês*, distribuindo entre eles a carne que salgam. Mas, em boa verdade, a carne de vaca só aparece com abundância pelas festas do Espírito Santo, assim como a carne de galinha. Todavia, galinhas também se matam para os jantares de casamento (quando, para tal fim, não é abatida propositadamente uma *rês*), nas matanças de porco ou no dia da festa religiosa da freguesia.

## Vestuário

Podemos dizer que, presentemente, não há em toda a Ilha um traje típico especial.

De há 30 anos a esta parte, nota-se uma grande modificação na maneira de vestir, sobretudo na das mulheres, pela tendência, cada vez maior, de se modernizarem e pela influência das roupas vindas da América.

Anteriormente, até pelo menos, à última década do século passado, usavam homens e mulheres alguns trajes típicos. Deles, apenas subsistiu (caído presentemente em desuso) a *carapuça de rabuça de lã da terra* (Fot. n.º 31), que os homens punham como agasalho na ida ao pasto e, em épocas mais remotas, levavam à missa e aos enterros e usavam quando de luto. O *xaldre*, posto pela cabeça, mal deixando ver os olhos (Fot. n.º 30) é ainda dos nossos dias, usado pelas mulheres de certa idade e por uma ou outra rapariga menos modernizada.

Habitualmente a mulher <sup>(\*)</sup> veste uma saia e blusa ou simples vestido; lenço de lã e xaile preto de *ponta* (pela cabeça) ou *quadrado* (pelos ombros); calça galochas, sandálias, *trelicas*, sem meias ou com meias de algodão; ou anda descalça. As raparigas raramente já põem xaile, aparecendo simplesmente de lenço e, as mais das vezes, em cabelo. Os homens, em geral, com umas calças de cotim ou calça e casaco pretos de *baêta* e um colete de igual tecido ou feito na *farpa*, por cima duma *blusa* (camisa), de riscado. Nos pés, os *tamancos* (Fot. n.º 32), muito usados em certas freguesias, ou os *coturnos*. Descalços, geralmente, só os rapazes. Também costumam usar as *albárcas* (como na ilha do Pico) quando têm de *roçar silvado*.

---

(\*) — Refiro-me, em especial, à mulher casada até certa idade ou à rapariga solteira, pois que as mais idosas e velhinhas continuam a usar, em regra, o lenço e o xaile, não saindo de casa nos dias de festa.

Distinguem o domingo e, em especial, a cerimónia da missa, com uma maneira de vestir muito cuidada. Nas raparigas, o xaile desaparece substituído por um *sute* ou casaco grande ou por um vestido leve, no verão; em vez de galochas, sapatos, calçados com meias de seda, e, na cabeça, um véu de tulle. Só as mais pobres ou mais modestas mantêm o xaile ou o lenço. As mulheres, em regra, apenas substituem as galochas por sapatos.

Mas, é no dia da festa religiosa da freguesia e nos domingos do Espírito Santo e Santíssima Trindade que o vestuário requer maiores cuidados. Há preocupação de que a roupa seja toda ou quase toda nova. Aparecem então os vestidos comprados nas *lojes* à mistura com os chegados nas *sacas da América*; sapatos novos; meias de seda, mala, e, para complemento, um chapéu, algumas vezes na mesma cabeça que, pela semana, se cobre de lenço e xaile.

Não dão nas vistas pelos adornos, pois que não têm por costume adquirir grandes cordões ou brincos de ouro. Um simples fio, um anel ou uns brincos, mesmo de fantasia, as satisfazem.

Os homens, esses vestem fatos de casimira pretos ou azul escuro, sapatos, chapéu e gravata. Nos moços casadoiros, vistosa gravata e vistoso lenço branco a sair da algibeira da lapela.

#### 4

### Casamento

O casamento efectua-se, geralmente, pelas nove horas, seguindo-se-lhe missa.

Todos os convidados se reúnem em casa da noiva, onde se vem juntar também o noivo, muito perto da hora marcada. Noivos e convidados seguem a pé, em cortejo, para a igreja: à frente, no meio do pai e madrinha, caminha a noiva, de vestido branco até aos pés, véu branco, flores de laranjeira e, na mão, um grande ramo. Junto dela uma criança de vestido branco comprido leva as alianças. Logo atrás, o noivo, de fato preto, também ao lado do pai ou padrinhos, e, por último, os convidados.

No regresso, o cortejo abre com o par à frente, de braço dado.

Em alguns *portais*, por onde os noivos vão passando e, sobretudo, à entrada da casa, raparigas vêm *botar trigo aos noivos*, isto é, atirar-lhes com trigo, arroz ou pétalas de flores, ao mesmo tempo que vão dizendo: *muntos parabéns; que seja por muntos anos e buns; que sejam munto fortuneiros*.

Em casa dos pais da noiva foram postas duas ou três mesas cobertas de alvas toalhas de linho de fabrico caseiro. Na mesa considerada de honra sentam-se os noivos, padre, padrinhos e pessoas de *cortesia* (de mais cerimónia). Durante o jantar, que decorre muito lentamente, servem-se em terrinas e travessas, os tradicionais pratos todos de carne: primeiro, a *sopa* (feita como a do Espírito Santo); carne cozida com *toicinho, choiriço*, etc.; *alcatra* e, por vezes, também, carne assada ou galinha com *debulho*. Espalhadas em grande abundância sobre as mesas fatias de *pão alvo* (pão de trigo) e de biscoito (espécie de massa *sevada* ou pão leve, com ovos e açúcar). À sobremesa, *papas de arroz*. Tudo isto regado com vinho branco ou de *cheiro* (vinho da própria ilha).

Findo o jantar, a dona da casa oferece a cada convidado uma grande *rosquilha* ou *argola* que muitos trazem enfiada no braço.

Os recém-casados são, em seguida, acompanhados, também em cortejo, até à sua nova morada. Ali brindam os convidados com *bubidas finas* (licor, angelica, aniz) e alguns doces, previamente deixados em bandejas sobre a mesa. Mostram-lhes toda a casa e as ofertas dispostas sobre a cama. Em seguida, os convidados despedem-se.

Os pais não costumam dar dote à noiva, salvo um ou outro lavrador mais abastado que dê à filha um *bocado de terra*, casa ou algum dinheiro. Fazem a despesa da boda e dão quase todos os arranjos de casa. Os pais do noivo, porque em geral, os filhos trabalham para eles até ao dia de saírem de casa, não amealhando qualquer quantia, presenteiam-no, então, à data de casarem, com os bois, guechos ou vaca e a *novidade* (milho, batatas, etc.), necessária para se manterem até à nova colheita.

Por *inxuvalho*, entendem apenas o vestido de casamento e acessórios. Ao referirem-se ao enxoval, propriamente dito, usam expressões como: *a noiva leva um bum ou rõi pruparu* ou *ela vai mal ou bem rigada*. É curioso também notar-se o sentido que dão

à palavra *noivos*, limitada apenas ao tempo que medeia, desde o dia do casamento, até se efectuar novo casamento na freguesia. Diz-se fulana *está pedida* (quando noiva) e a *noiva* já após o casamento. Têm por hábito as recém-casadas aparecerem na primeira festa religiosa, em seguida ao casamento, com o seu vestido de noivado. Últimamente, quase sempre encurtecido; mas, até há poucos anos. mesmo comprido.

## 6

## Morte

A *écia* é armada no meio da casa e forrada com um lençol. Colocam quatro *velas* (círios) no chão, dois de cada lado do morto e, atrás, numa pequena mesa, de toalha branca, o *crucifício*, entre outros dois círios e alguns *santinhos*.

O *cadáver* está permanentemente acompanhado por pessoas de fora, enquanto, no quarto contíguo, os parentes *anojados* recebem os *sintimentos*.

Em casa, fecham-se as portadas das janelas e não se volta a acender o lume enquanto não se assiste à *missa dos anojados*, geralmente no dia seguinte ao do *interro*. Os parentes e amigos é que se encarregam de lhes levar alguma coisa para comerem.

Ao enterro, sempre religioso, vai o padre e o sacristão com uma cruz, além do acompanhamento, só constituído por homens. Dos parentes do morto, apenas o acompanham algum sobrinho ou primo.

No cemitério, o *oficial da igreja* (o sacristão), junto à cova, espera em silêncio a chegada do féretro.

A *missa da cova* ou do *desanojo* assistem, por assim dizer, a maioria das pessoas da freguesia. Reunem-se em casa dos *anojados* e, tanto à ida como à vinda da igreja, formam cortejo, que obedece à ordem seguinte: à frente, os homens geralmente formando alas, depois os *anojados*, atrás destes as mulheres e, por último, as *anojadas*.

Em algumas freguesias é uso, no regresso, quando o acompa-

nhamento chega à porta da casa, uma das pessoas mais importantes do local fazer um *discurso*, isto é, dirigir algumas palavras de conforto aos enlutados e de agradecimento às pessoas presentes.

## 6

## Relações Sociais

Procurarei, em síntese, dar uma ideia das várias formas de tratamento, agradecimento e despedida que o povo usa em família e no convívio exterior.

(a) — *Fórmulas de tratamento*

Os filhos, ao chamarem os pais, avós ou tios, limitam-se a dizer :

*Ó pai, ó avó, ó tio . . .*

E quando se lhes dirigem directamente :

*O pai quiere comer ?*

*O tio pr'onde vai ?*

*Avó venha cá.*

Mas, referindo-se a eles, já dizem :

*O mê pai hoje é que foi às vacas.*

*O mê tio já há muito que nã no vejo.*

Os pais, os tios e os avós tratam os seus filhos, sobrinhos e netos quase sempre por *tu*. No entanto, para o filho, quando atinge uma certa idade ou já é casado, empregam muitas vezes a terceira pessoa precedida de *hóme*:

*hóme pr'onde vai hoje trabalhar ?*

Falando com outrem, em referência aos filhos:

*A nossa Maria* ou *Maria já casou.*

Os avós e tios, esses dirão:

*A minha neta Maria* ou a *Minha sobrinha...*

Os irmãos tratam-se sempre por *tu* sem distinção de idades e desconhecem a designação de *mano* ou *mana*.

Na ausência, referindo-se uns aos outros, dizem, por exemplo:

*Fui à festa mais T'resa* ou *nossa T'resa.*

*Nosso João* ou *João hoje não foi dar dia p'ra fora.*

O tratamento entre cunhados varia entre *tu*, *vós* ou a própria designação de *cunhado*, consoante a idade e intimidade que haja entre eles.

*Vós ides mais eu.*

*O cunhado venha e mais eu.*

Os sogros dirigem-se aos genros e noras um pouco mediante também a intimidade já existente antes do casamento, havendo muito o hábito de tratar a nora por *menina*, seguida de *vós*.

*Menina, vocês pr'onde ides?*

Quanto às noras e aos genros, tratam os sogros por *pais*, na presença, e por *sogros* na ausência.

Os enteados, o mais vulgar é tratarem por *padrinho* ou *pai*, se ainda crianças, o padrasto. E este por *tu* ou por *enteado*:

*O enteado venha comigo.*

Entre rapazes e raparigas da mesma idade o tratamento é *tu cá tu lá*, mesmo que não haja intimidade. O tratamento por *você*

não se usa e é considerado ainda pela maioria, como ofensivo ou depreciativo. Daí, quando fiz a pergunta, ter obtido dum informador a resposta :

*O sinhóra, c'ando a gente im conversa chega a tratar-se por você é sinal c'os ânímos já nã tão bús.*

Quando um homem ou mulher já de certa idade fala com outro da mesma condição e idade, se são íntimos, tratam-se por tu, de contrário, por *vós* ou *sinhôr*, e, se são de condição social superior sempre por *sinhôr*. Falando com um doutor é vulgar não fazer acompanhar o *sinhôr* de *doutor*. Dizem por exemplo :

*Sim, sinhôr e não sim, sinhôr doutor.*

É usual darem o tratamento de *tio* e *tia* a pessoas mais idosas, mesmo sem haver qualquer grau de parentesco ou intimidade :

*Vi hoje o ti André.*

*A ti Ana tá doente.*

Ouve-se com frequência, quando conversam homens da mesma condição tratarem-se, também, por *hóme* e, se algum se refere, por exemplo, ao pai do outro dizer :

*Pai d'hóme como vai ?*

*Pai d'hóme era uma bela criatura.*

Quando têm de dar resposta afirmativa ou negativa a uma senhora, raramente, usam a forma feminina, mas :

*Sim sinhôr ou nã sinhôr por sim sinhóra ou nã sinhóra.*

Entre marido e mulher, embora o *tu* se vá generalizando, ainda é vulgar tratarem-se pelo diminutivo, seguido de *vós* :

*Joãezinho leva a porta cunvosco* (fecha a porta ao passares).

*Rosinha, vós que ides fazer ?*

O homem referindo-se à companheira :

*A mulher tá im casa.*

e ela :

*O mê hôme ou o hôme...*

Quando se refere ao marido e filhos varões não faz distinção :

*Os nossos hômes...*

A resposta ao chamamento, feito por pessoa mais velha, por pais ou parentes é sempre : *sinhôr* ou *sinhóra*. Para iguais : *qui é ?* ou *qui é que queres ?* ou ainda : *an ?*

#### (b) — *Saudação*

As fórmulas mais vulgares de saudação são : *bom dia (bum dia)*, *boa tarde (bũa tarde)* e *boa noite (bũa noite)*, de parte a parte. O plural *boas tardes*, etc. raramente se ouve na Ilha.

Ao passarem por pessoas desconhecidas costumam levar a mão ao *barrete* e saudar : *bũa tarde* ou *bũ dia, sinhôr*.

Na freguesia, entre pessoas muito conhecidas, um simples : *adeus* ao que respondem com o mesmo *adeus*.

Sempre que falam com pessoa de categoria superior ou a quem o respeito e os anos o imponha, conservam o boné na mão. Se o pai ou pessoa mais velha chama pelo rapaz, este desbarreta-se imediatamente. Em casa está-se em cabelo.

Os filhos quando encontram os pais pela primeira vez no dia, levam a mão à boca e pedem a benção. O mesmo fazem se encontram os tios, avós ou padrinhos. Se estes são de condição superior à deles, dão-lhes um beijo na mão ao mesmo tempo que pedem a benção.

Assim :

*Padrinho, a sua bēsa.*

A resposta é sempre :

*Dês t'abençoi.*

Era costume beijar a mão ao padre, quando o encontravam, mas últimamente apenas o fazem as crianças da catequese.

Ao entrarem em casa de amigo ou parente é muito vulgar a saudação :

*Dês' teja.*

Resposta :

*Dês venha.*

É também frequente esta mesma saudação quando se chega a uma reunião de pessoas ou ao chafariz.

(c) — *Despedida*

A forma de despedida varia bastante, sendo, contudo, as mais vulgares :

*Até logo (inté logo) ; até amanhã (inté amanhã) ; até outro dia se Deus quiser (inté oitro dia se Dês quijer).*

São muito usuais, também, formas de despedida como esta :

*Adeus.*

*Adeus que já me vou.*

*Adeus, inté a um dia c'a gente se torne a vêr.*

*Ó sinhôr, bũa tarde e até mais se Dês quijer.*

(d) — *Agradecimento*

São também bastante variadas as formas de agradecer : ao lado do *muito obrigado (munto obrigado)*, surgem formas como :

*Munto agradecido.*

*Seja pela sua intenção.*

*Seja pela intenção do sinhôr e dos seus...*  
*Seja pelas almas do pregatório.*  
*Seja pelo amor de Deus.*  
*Seja in loivor de Nossa Sinhôra.*  
*Seja pelas cinco chagas de Nosso Sinhôr.*  
*Seja apresentado na mesa do Céu.*

ao que se responde, em geral:

*Não tem que agradecer.*  
*Nanja por isso.*  
*Nã foi grande coisa.*  
*Nã tem de quê.*  
*Assim seja.*

Quando se dá qualquer coisa a uma criança, é costume esta, antes de lhe pegar, beijar a mão, mas, se o não faz, logo a mãe ou a pessoa presente lhe dirá:

*Anda, beija a tua mãezinha.*

## CAPITULO III

# Actividade Agrícola - Pecuária

### 1

#### O Gado

Na Ilha, como já anteriormente disse, abunda o gado *vacum* que constitui uma das suas maiores fontes de riqueza. O gado ovelhum, equídeo e caprino também existem mas em menos quantidade e de somenos importância.

Tentarei, neste capítulo, dar uma ideia, embora um pouco esquemática, da criação, vida e utilidade destas diferentes espécies de gado.

#### (a) — *Bovino*

Os bois começam a ser utilizados nos trabalhos agrícolas com a idade de ano e meio e trabalham até aos oito ou dez anos, altura em que são engordados e, quase sempre, exportados para Lisboa a fim de serem abatidos para carne.

Nos serviços agrícolas são utilizados para o transporte de lenhas, forragens, estrumes, alfaias agrícolas, etc.; para as operações de cultura (lavar, *escrepar*, gradar, *claveirar*) e ainda na debulha, atrelados ao trilho, ou para moer na atafona.

Dão-se-lhes várias designações consoante a idade :

- bezerro* — a cria da vaca enquanto mama.  
*guêcho de sobrano* — de ano e meio até aos dois anos.  
*toiros ou novilhos* — enquanto não fazem os três anos.  
*bois* — depois dos três anos.

Segundo as cores e malhas da pelagem tanto os bois como as vacas têm denominações próprias, as quais, em regra, lhes servem de nome :

- lagarto* — malhas brancas e amarelas ou pretas e amarelas.  
*picardo* — as mesmas malhas mas mais miúdas.  
*chapado* — preto com uma malhinha branca num dos lados.  
*vilhuda* — os de cor *vrumelha* (nome por que designam um tom de amarelo torrado).  
*estrela* — com uma malha branca na testa.  
*calçado* — preto com todas as patas brancas ou só algumas.  
*mascarado* — testa e focinho brancos.  
*salgueiro* — mesclado de preto e branco dando um tom acinzentado «de dois cabelos».  
*roseiro* — cor dumas rosas avermelhadas.  
*riscado* — amarelo apertado com risquinhas de amarelo mais claro *contra as vazias*.

etc.

Também são de uso corrente os seguintes nomes, dependentes da distribuição das malhas e cores das mesmas, embora talvez mais usados nos que são todos duma cor :

- amado, fidalgo, mimoso, damasco, fremoso, danil, donul, truvisco, travesso, doirado, rosado, amante, brilhante, moreno, roibano, cupido, etc..*

Os bois vivem geralmente em regime de estabulação. No verão, durante os meses de Junho, Julho e meados de Agosto, são

postos no *pasto* e, nos restantes meses, *invernados à porta*, isto é, junto das habitações ou nas *lojes* e *palheiros* (Fot. n.º 33). O lavrador gosta que os bois sejam estabulados nas lojas, porque, no dizer deles, *fica a casa mais quentinha e é bum p'ra saúde*.

A alimentação *à porta* consta sobretudo de *milho basto* (semeado de propósito para esse fim), maçarocas, rama de batata doce ou a própria batata doce, palha seca, *gamelada* (farinha e água), *cana*, *folha*, *verdura* (forragem de trigo, favas, tremoço, cevada, centeio), etc..

É digna de menção a maneira verbal como os pastores mandam ou conduzem os bois, com frases interrompidas em que a última sílaba de cada palavra é prolongada :

Para recuarem :

*Ô... ô! arria boi pa trás!*

Para se ageitarem :

*Cuncerta-te calçado, ai...! í...!*

*Bás trás riscado, pa trás, ai...! í...! chapado, vem c'o outro! Ô...ô! quê...do!*

Para caminharem :

*Êi...e!*

Chamamento :

*Vêi...cá!*

Para se cangarem :

*Vêi...cá chapado pa canga, anda dai..., calçado!*

As vacas são, por assim dizer, aproveitadas só para leite, excepto numa ou noutra freguesia, onde também as cangam (N. G., S. A.).

Vivem em regime de pastagem, salvo alguma *vaca de mão* (tratada em casa). Na pastagem são ainda *ajudadas* na alimentação

com *milho basto*, *cana*, rama de batata doce, etc. que o lavrador lhes leva quando as vai ordenhar. Bebem água em *pias*, feitas nas pastagens, ao lado dos tanques. A água não é de origem artesiana, pela natureza do solo, pouco permeável, não o permitir. Provém das enxurradas, sendo canalizada para os tanques por meio de regos. Em pastos de tamanho reduzido usam *celhas*, cuja água é levada pelos próprios pastores. O chafariz serve também de bebedouro.

Durante os meses, sobretudo Março e Abril, as vacas são *postas à corda* na *lucerna* ou *erva da casta*.

Os nomes que lhes dão, mediante a idade, variam um pouco dos do boi:

*bezerra* — enquanto mama.

*guêcha de sobrano* — de ano e meio a dois anos.

*guêcha da primeira vez* — quando tem a primeira cria (dos dois para os três anos).

*vaca da segunda vez* — *da terceira vez*, etc.

São conservadas mais anos do que os bois, vivendo até aos 12, 15 ou mais anos. Em geral só abatem com pouca idade as *vacas de grande* (que ficaram sem bezerro); as que *não prestam* (que por natureza dão pouco leite), ou ainda aquelas que *levam mau caminho* (que contraem qualquer doença que lhes prejudica a qualidade ou quantidade do leite).

As vacas são *ordinhadas* de manhã, mas, desde a época de parição até Agosto, voltam a ser mungidas à tardinha — *inchiq ueirar* ou *apoiar às vacas*. Dantes ordenhavam-nas com bezerro conservado no pasto dentro do *inchiq ueirador* (pequeno recinto demurado, construído junto do portal denominado *portal das vacas*, por ali se reunirem as vacas para a ordenha). Hoje já não usam o bezerro, salvo para alguma *vaca malina* (que se não deixa mungir sem ele). Estes, quando nascem, são geralmente mortos, aproveitando-se deles apenas a pele. O pastor reúne as vacas no *portal* por simples chamamento, auxiliado, quase sempre, por um *cão de gado*. O seu grito de chamamento é:

*Êi cá, vá...! Eich! Ui!*

Senta-se num *banco* (simples assento de madeira com um pé ao meio para espetar na terra), e, para que a vaca afaste a perna, pondo-se em boa posição de ordenhar, diz-lhe, afagando-a:

*Peuga-te vaca*

Usava-se, e ainda hoje se usa, para a mungição o *tarro* (Des. n.º 4), embora, ultimamente, utilizem mais para esse fim as latas de pretrólio, de preço acessível e que, com o auxílio dum funil, satisfaz à mesma. O leite é conduzido para a fábrica em *barris* (Des. N.º 5) ou em *latas* (Des. n.º 5), que, quando em pequena quantidade vai às costas (Fot. n.º 34) e, quando em maior quantidade, a dorso de solípedes (Fot. n.º 35). Também se usam, mas raramente, as cabaças (Des. n.º 7).

b) — *Ovelhum*

Dos carneiros e ovelhas apenas se aproveita a lã e, a carne, quando abatidos.

São, normalmente, criados nas sobras dos caminhos municipais (*beiradas*) e em terrenos baldios, geralmente em pequenos rebanhos de cinco ou seis cabeças. É frequente também andarem juntos com as vacas e bois. Quando é um só que, permanentemente, acompanha os bois, até no próprio trabalho, dá-se-lhe a designação curiosa de *carneiro ninho* ou *ovelha ninha* (Fot. n.º 36).

c) — *Equideo*

No sul da Ilha o solípede mais empregado é o cavalo, no norte são os muares e, em toda a ilha, os pequenos criadores empregam, por vezes, os jumentos (Fot. N.º 37).

A sua alimentação não é muito cuidada. Comem, em regra, cana, palha, erva nas pastagens, sobras dos caminhos e, uma vez por outra, *reção de milho*. Só muito raramente se empregam na lavoira. São, sobretudo montados pelo homem e utilizados no transporte de cargas (Fot. n.º 37). Os cavalos também se atrelam a carros (*carros de bestas*), utilizados para condução de pessoas.

d) -- *Caprino*

O gado caprino que, pela designação de «Cabreiros», dada ainda hoje depreciativamente aos habitantes da Ilha, parece indicar que aqui existia outrora, em abundância, essa espécie, por ventura em estado selvagem, nas *rochas* inacessíveis, é, nos nossos dias, de somenos importância e bastante reduzido.

As cabras, quando existem na casa do lavrador, são postas à corda, ao lado das vacas, na erva; *piadas*, pelos baldios, ou *criadas à mão*, e nunca em número superior a três.

Delas utilizam o leite para consumo próprio e para o fabrico de queijo fresco que vendem pelas portas, nas vilas, ou colocam, para esse fim, em estabelecimentos.

## 2

## A Terra

## (Sua preparação e principais culturas)

a) — *O milho*

O milho é *samiado*, em regra, nas terras que, no ano anterior *tiveram de trigo* e, onde o gado, depois da ceifa, é posto a comer na *erva da resteva* ou de *restolho*.

Em Setembro, Outubro e ainda pelo mês de Novembro semeiam, nessas terras, *lucerna (erva da casta* ou simplesmente *erva)* que é, quase sempre, uma mistura de erva da casta com trevo e que se destina à *comedia* das vacas, à corda, durante os meses de Março, Abril e Maio.

Comida a erva, dá-se início ao *siminteiro*:

Primeiramente a terra é *imborcada* com o *arado d'Amerca*, deixando-a com a *leiva virada*, durante uns dias. É frequente, no acto da *imborcadura*, espalharem pela terra *esterco* ou então adubá-la com *buana*.

Findos esses dias é gradada *de dentes* e *de costas* tantas vezes quantas as precisas até desfazer os *torrões (garanhotos — S. A.)* e ficar *mansa* (Fot. N.º 36).

Seguidamente é atalhada com o *arado de ferro* ou *de pau* e de novo gradada. O número destas *lavreiras* varia consoante *as terras carecem de mais ou menos arados*.

Por fim é *samiada* com o *arado de pau* que marca o rego em que, geralmente, uma ou duas mulheres vão *botando o milho* (Fot. N.º 38). A *marcadeira* também é usada para este fim, mas, por não se adaptar a todos os terrenos, não tem uso geral na Ilha. Em Rosais, por exemplo, é pouco empregada e em Santo Antão e Topo nem a há.

Atingida a idade de mês e meio o milho é gradado e, então, é vê-lo, de dia para dia *a reinar* e *àleitoar*!

Durante o restante tempo de crescimento *claveira-se* várias vezes e sacha-se duas: à primeira sacha chamam *sachar o milho*, operação feita com o *sacho* (*aterradeira* — S. A.) e à segunda, *ater-rar* ou *abarbar o milho*. Há lugares, sobretudo em S. A. e Topo em que, da última vez que o claveiram, usam *as pazes de abarbar* (quatro pás colocadas na claveira, em lugar das sachas).

Passados 6 meses, *desde da entrada de Oitubro até à fim*, procede-se à *apanha dos milhos*. Nesta tarefa as mulheres e crianças também têm lugar. Ali há trabalho para todos!

Começam uns por *apanhar* (*derrocar* — S. A.) as *maçarocas*, enquanto outros as vão juntando aos montes pela terra e outros ainda cortando, com foices, a *cana*. Esta, ou a *botam à parede* com os *tocos para o ar* e a *espiga para o chão*, trazendo-a para casa ao cabo de seis ou sete dias (processo mais usado na B. e R.), ou a *imaçanicam* (*imaçaricam* — N. G.), formando com ela uns *maçanicos* (*maçaricos* — N. G.; *picotas* — S. A.), deixados dispersos pela terra durante um mês ou mais, até secarem.

As *maçarocas*, no próprio dia da colheita, são *carreadas* para casa em carros de bois com *seve*.

Segue-se a *esfolha* (*escasca* — N. G. e S. A.), à noite, nas *lojes* ou nos palheiros. Se a esfolha é grande reúnem-se, além dos diferentes membros da família, vizinhos e amigos, mesmo sem convite, recebendo por única remuneração igual ajuda na sua desfolha. Não é, na Ilha, uma festa característica e alegre como em certos locais do Continente, não passando de um trabalho mais a acrescentar à longa canseira que o milho traz!

Durante a desfolhada vão sendo separadas as maçarocas que se destinam a milho de *simente* e fazendo com elas *cambadas* ou *cambulhões* de seis maçarocas cada, atadas umas às outras pela própria *folha*.

O trabalho penoso da *seca dos milhos*, que a humidade do clima impõe, cabe inteiramente às mulheres. As maçarocas vão todas ao forno que se vai *aquentando* sempre que necessário e são ali *mexidas* com um *encinho de madeira* feito só para esse fim (Des. n.º 53)

As *burras* (Fot. n.º 39), apenas as têm os lavradores abastados, pois que o milho assim conservado é quase só para o gado. O pão feito com ele endurece muito.

A folha é atada em *molinhos* e guardada no palheiro ou na *loje*, juntamente com a cana, servindo, bem como esta, para alimentação do gado durante o inverno.

#### b — O trigo

O trigo semeia-se nas terras onde se fez a apanha dos milhos, as quais costumam ser *oitoadas*, isto é, lavradas e *samiadas de tramoço*, geralmente durante o mês de Outubro. Em fins de Março e princípios de Abril o tramoço é *arrincado à mão* ou *roçado* com a *foice americana*, *imborcando-se*, em seguida, a terra com o *arado d'America*. Esta fica *abafada* e só ao cabo de 3 semanas ou um mês, quando já *curtida*, é que se lhe dá nova *lavreira*, semeando-se em seguida. O trigo é espalhado pela terra, à mão, e coberto com a *claveira* ou, mais frequentemente, com a *grade*. Em regra o trigo, durante todo o seu crescimento, até completa maturação, só é *mundado* das *ervas más* (sobretudo *negrita* e *seramago*) uma vez. Há, no entanto, quem o *grade* com cerca de 7 semanas, mas isto não constitui regra geral.

Chegando Julho são as ceifas. Dia da ceifa é dia alegre! Acorem às terras, logo pela manhã, homens e mulheres! Os homens, cada um com sua *foice*, deitam-se ao trabalho da ceifa (Fot. n.º 40), enquanto as mulheres, atrás, vão, umas *respigando*, outras *ingavelando*, isto é, formando com o trigo pequenos molinhos —

as *gavelas* (Fot. n.º 41). Em tendo quatro gavelas, fazem um *feixe* ou *gavelão* (Fot. n.º 41) que atam com uma *filaça*.

Acabada a ceifa, formam com os *feixes* uma *meda*, disposta na terra, ao comprido, e que permanece ali até ao dia da debulha. Também é vulgar trazerem o trigo para casa no próprio dia da ceifa, em carros de bois.

### c) — A «*batata da terra*»

A terra que se destina ao cultivo deste tubérculo *lavra-se a cozer*, em Janeiro e Fevereiro, isto é, fica sem se lhe tocar durante uns 15 dias até *matar* (secar) as *mondas* que o arado revolveu. Depois, grada-se e *lavra-se cortada*, só lhe voltando a passar a grade se ficar com *torrões*. Semeiam-se as batatas com o *arado de pau* ou com o *alvião*. Em regra, preferem semeá-las com o *alvião* para evitar que os bois as *apertem* (pisem), estragando-as.

Nos regos abertos põem primeiro extrume coberto com um pouco de terra e em seguida é que colocam as *batatas de semente*, dispostas em linha. Quando já grandinhas, são *chachadas* e *aterradas* umas duas ou três vezes.

Apanham-se sempre com o *alvião*.

As qualidades de *batata da terra* mais usadas na Ilha são: a *batata roxa*, a *batata branca*, a *de olho fundo*, a *rata* e a *alemôa*.

### d) — A *batata doce*

*Pranta-se* em Maio e Junho. Depois de espalhar *estêrco* pela terra, vira-se esta com o *arado d'America* ou com o de ferro. Passa-se-lhe a grade de dentes e de costas e *pranta-se com um alvião a pranta da batata*.

Sacha-se, em geral, duas vezes.

Quando a terra está *fechada de rama*, monda-se e *viram-se os baraços para trás*. No fim de 4 ou 6 meses consoante são *bata-*

*tas de 4 meses* ou de *6 meses*, corta-se-lhes a rama para o gado comer e apanham-se com o alvião, em seguida. Também se usa apanhá-las com o arado de pau, mas com este, embora seja mais rápido, tem o inconveniente de *partir munta batata*.

A planta da batata é germinada em *canteiros*.

Pelo mês de Janeiro fazem com alvião e pá um *valado* de cerca de 8 metros de comprimento por 2 de largura. Deita-se-lhe *estêrco*, coberto com um pouco de terra, e, sobre esta, dispõem-se as batatas, tapando-as, em seguida, com a terra que se tirara para formar o valado.

Uma outra maneira de plantar as batatas doces é por meio de *belgas* ou *velgas*. O processo de *imbelgar as terras* consiste no seguinte: lavram-se com o *arado de ferro* de modo a ficar um espaço de cerca de um metro entre cada rego e, seguidamente, pelo mesmo rego passam o *arado de madeira* para *soltar mais a terra*. Nas *belgas* (espaço entre os regos) espalham esterco que cobrem por meio da pá com a terra há pouco lavrada. Sobre ela plantam as batatas. Também usam *imbelgá-las* com o alvião, quando em pequena quantidade.

### 3

## Alfaias e Instrumentos Agrícolas

### a) — *Arados*

#### 1° — Arado de pau

O arado de pau também conhecido por *arado de marcar* é muito antigo e tudo parece indicar ter sido o primeiro existente na Ilha e o único possuído. Hoje, se bem que de emprego mais restrito, continua a ser pertença de todo o lavrador.

A excepção do *ferro*, é todo construído de madeira e consta das seguintes partes (Des. n.º 9):

- a — rabo
- b — rabiça
- c — aiveca
- d — muxil ou mexil
- e — ferro
- f — pescazes
- g — teiró
- h — timão
- i — chavêlha.

### 2.º — «Arado d'America»

O *arado d'America* ou *arado americano* é o nome por que designam, devido a ter sido importado da América, uma espécie de charrua quase toda de ferro. Conta já mais de 100 anos na Ilha. Empregam-no, sobretudo, para alqueivar as terras, devido ao seu material e proporções mais sólidas.

A sua nomenclatura é mais completa (Des. n.º 10):

- a — rabos
- b — gancho
- c — aiveca
- d — chia
- e — teiró ou ateiró
- f — timão
- g — navalhão (também facão ou faca)
- h — orêlhas (aspras — N. G., gaihas — N. P.)
- i — rôla (roda — S. A.)
- j — clêva
- k — gancho (onde atrela a corrente).

### 3.º — Arado de ferro

Êste arado, chamado também *arado de gancho* ou simplesmente *gancho*, é muito recente, não tendo ainda 10 anos de existência. Foi um modelo começado a construir na Vila das Velas,

ao que parece para obter um arado mais resistente do que o de pau. Na verdade, apenas tem de madeira os *rabos* e a *roda*. Ainda não é usado em toda a Ilha. Mais usado em Rosais e Beira, principalmente para *atalhar as terras*. No norte, o seu emprego é limitado e em Santo Antão e Topo nem existe.

Tanto este arado como o *d'America* são atrelados aos bois pela *corrente* (Des. n.º 11). As designações são idênticas às antecedentes (Des. n.º 12):

- a — rabos
- b — rabiça
- c — aivecas
- d — muxil ou mexil
- e — dente
- f — teiró ou ateiró
- g — timão
- h — orêlhas (aspras — N. G., galhas — N. P.)
- i — rôla
- j — línguas
- k — gancho ou argola.

#### b) — «*Marcadeira*»

A *marcadeira* — tipo semeador — utiliza-se para *marcar os regos* e daí advém o seu nome.

Não tem um emprego geral na Ilha, por não se adaptar a todas as qualidades de terras. Em Santo Antão e Topo não a usam.

É toda construída de madeira e de formato muito semelhante ao da grade, dando-se-lhes, como a esta, os nomes de *vansos* e *cabiceiras*, respectivamente aos lados maiores e menores do rectângulo por que é formada. Aos dois braços, *rabos*, como no arado. Num dos *vansos*, onde se ligam os *rabos*, estão dispostas quatro *sachas* e no outro, perpendicularmente a estas, quatro *dentes* de madeira, como os da *grade*.

c) — «*Claveira*»

*Claveira* ou *cliveira* (Fot. n.º 42) é o nome pelo qual é, na Ilha, conhecido o *sachador*. Foi importado da América e daí lhe darem a designação inglesa deturpada, desconhecendo em absoluto o correspondente em português.

É geralmente puxada só por um animal — cavalo ou boi, podendo também ser atrelada a um jugo.

As diferentes partes por que é constituída, exceptuando as *sachas* e as *pazes*, atribuem os mesmos nomes que aos arados: *rabos*, *teirozes*, *rôla*, *orêlhas* e *gancho*.

d) — «*Escrepa*»

A escrepa (ingl. scraper) é mais um utensílio de lavoira a acrescentar aos que foram importados da América. É o correspondente da *pata de cavalo* (Des. n.º 13).

Nomes das diferentes partes:

- a — rabos
- b — asas dos rabos
- c — gancho
- d — arco
- e — fundo
- f — lados
- g — argola ou gancho.

e) — «*Grade*»

As grades são todas do mesmo tipo e sensivelmente do mesmo tamanho. A única diferença é terem algumas quatro *vansos* mais estreitos em lugar de três e os dentes serem de ferro ou de madeira.

Nomes por que designam as diferentes partes (Des. n.º 14):

- a — cabeças (B., R.), cabeçotes (N. G.) e cabiceiras (S. A.)
- b — vansos
- c — corda de rabiar
- d — dentes
- e — corda de puxar no gancho que liga ao boi.

f) — *Carro de bois*

O mesmo tipo de *carro de bois* se estende por toda a Ilha, apenas variando um pouco nas dimensões, sendo, contudo, os carros de S. Antão e Topo os únicos que se tornam notórios por mais pequenos. Isto para facilitar o peso aos bois que, nesta parte da Ilha, são menos corpulentos, e também para poderem andar nos estreitos e íngremes atalhos das Fajãs.

Não usam o carro só de um boi, como se vê muito frequentemente noutras ilhas.

Através dos diferentes desenhos, veremos os nomes atribuídos às várias partes que compõem o *carro propriamente dito, o eixo e o rodeiro* :

(Des. n.º 15)

- a — arcavão (arcavã — N. G.)
- b — soalho
- c — cabeçalho
- d — sedeiros (B., R.); chadeiro (S. A.); chideiros (N. G.)
- e — línguas
- f — lugar do machado.

(Des. n.º 16)

- a — cadilhas (cadeias — S. A.)
- b — furos dos fogueiros.

(Des. n.º 17)

- a — coicães (côacães — S. A.; cacões — N. P.)
- b — chamaceiras ou achamaceiras
- c — moenda
- d — chave ou cadilha
- e — chavêlha.

(Des. n.º 18) — *Éxe do carro*

- a — imeicha (imécha — R., mécha — S. A.)
- b — paredes do releixe ou relexe

- c — releixe ou relexe
- d — vão do éxe
- e — cantoneira.

(Des. n.º 19) — Roda do carro

- a — câmbias (cambas — N. G., cãibas — S. A.)
- b — ovideiras (oividos — B., N. G.; gola — S. A.)
- c — mião.

(Des. n.º 20)

- a — chapa da roda (ferro da roda — R.; ferrage da roda — S. A.).

(Des. n.º 21)

- a — chavêlha.

A designação de *leite do carro* abrange toda a sua parte superior.

Os acessórios do carro, usados consoante a necessidade dos fins para que se utilizem são:

- os fogueiros* (Fot. n.º 43);
- a seve* (feita de vime e tapada atrás pelo *sevête*), (F. n.º 44);
- aguilhada* (de faia da Índia, nespereira ou *negrucho*);
- arrôxo* (pequenos paus delgados e curvos, geralmente de urze, munidos duma arça de cordel e que se utilizam para apertar as *correias* e *travaduras* do carro de bois) (Des. n.º 25);
- travaduras* (cordas que servem para prender as cargas transportadas pelo carro);
- correias* (tiras de coiro compridas que desempenham as mesmas funções das *travaduras*);
- pau de sôis* (pau munido duma corda, também de faia ou nespereira, com que atrelam mais uma ou duas juntas de bois à que está atrelada directamente ao carro) (Des. n.º 26).

g) — *Canga*

*As cangas de cangar e as cangas de lavrar* a única diferença que apresentam é nas dimensões.

Nas de cangar temos: *a canga de carro* comum a todas as freguesias, excepto em S. A. e Topo, onde usam uma canga um pouco mais curta e estreita, exigida pelo tamanho do carro, também de dimensões mais reduzidas; *a canga de rilheira* tendo como única particularidade ser mais comprida do que a canga normal de carro, de maneira a que o jugo possa seguir, nos atalhos de difícil passagem, pela *rilheira* (lugar já gasto pelas rodas dos carros).

Às *cangas de lavrar* dão os nomes de: *canga de lavrar* ou *canga de rego* (mais curta cerca dum palmo e menos cheia do bojo do que a *de carro*); *canga de ladeira* (mais comprida do que a anterior e usada em terras *empinadas*, de forma a que possa dar *folga aos bois*). É também utilizada quando se claveira o milho por o seu maior comprimento dar espaço a que cada boi siga pelos *camalhães* das lados, enquanto a claveira vai pelo do meio, evitando assim que os bois pisem o milho.

A canga de só um boi (Des. n.º 23) é utilizada, sobretudo, para moer na atafona ou claveirar.

Assenta sobre o cachaço dos bois.

Cá na Ilha são desprovidas de qualquer ornato o que já não acontece na Terceira onde, sobretudo pelas festas do Espírito Santo, aparecem cangas adornadas com desenhos geométricos, à semelhança do que se vê em algumas do Norte de Portugal (ª).

(Des. n.º 22) — *canga de cangar*:

a — canga (bojo da canga — S. A.)

b, b<sub>1</sub>, b<sub>2</sub> — camalhães (também malhêtes na B.) da canga

b — camalhão do meio

b<sub>3</sub>, e b<sub>4</sub> — camalhães do canzil

---

(ª) — Rev. Açoreana, Vol. II, pag. 29.

- c — cangueira
- d — cãezil ou canzil
- e — brocha
- f — mossas.

(Des. n.º 24) — *tamoeiro*

#### h) — *Ferramentas*

São vários os tipos de ferramentas utilizadas pelo lavrador :  
*sacho* ou *chacho* (*atarradeira* — S. A.), empregado sobretudo para sachar, (Des. n.º 27) ;

*alvião* — enxada estreita e munida de bico, (Des. n.º 28)

*foice* — destinada à ceifa do trigo ou da *comedia* para o gado, (Des. n.º 29) ;

*foice d'Amerca* ou *Amaricana* — espécie de gadanha importada dos U. S. A. e muito utilizada na roçadura de monda, tremoço, erva da casta, etc. ;

*alvião d'Amerca*, também chamado *alvião de arrencar lenha* ou *márica* (N. G.). Como o próprio nome indica, foi também importação americana ;

*garfo* — empregado sobretudo para *carriar, descarriar* e espalhar estrumes, mondas, etc. ;

*foicinhos* — (Des. n.ºs 33 e 34). Ambos utilizados para fins idênticos (roçar silvados, apanhar lenha, etc), mas o primeiro, mais resistente, é quase só reservado para cortar.

Uma outra variante de foice de roçar é a que mostra o des. n.º 35, antiga no Norte da Ilha, usam-na ao lado da *foice d'Amerca*.

#### 4

#### Aparelhação de Solípedes

Os equídeos da Ilha de S. Jorge são, na maior parte, constituídos por mulas, machos e burros *granhões* ou *anões* que se empregam, principalmente, no transporte de cargas.

Para tal, põem-lhes sobre a albarda as *cangalhas*, armação de ferro de forma curva ou as *andilhas* (*paquecelas* no Norte da Ilha), armação de madeira mais usada para o transporte das latas de leite e colocada *por cima d'ua saca cheia de palha p'ra nã pisar os animais*.

Os cavalos e muares, além de empregados nos transportes, também *claveiram* (bastas vezes), *trilham e moiem na atafona*.

Os *carros de bestas*, já pouco usados, apenas se utilizam para transporte de pessoas.

Dão o nome de *provimento dos burros* a tudo o que diz respeito à aparelhação destes animais e reservam a designação de *ar-reios* para o conjunto dos apetrechos dos carros de bestas.

## 5

## Debulha e Instrumentos Empregados

## a) — O trigo

A debulha do trigo com a *debulhadeira* é muito recente (a primeira que apareceu na Ilha foi há dez anos). Dada a rapidez que oferece a debulha com tal máquina, o lavrador depressa começou a abandonar a eira e o velho processo de debulha. São, presentemente, apenas duas as debulhadoras que lá existem, mas que vão pelas freguesias, na época das debulhas, demorando-se, em cada uma, o tempo necessário.

Contudo, ainda um ou outro lavrador continua a debulhar o seu trigo na eira. Estas são de formato redondo, sendo o seu solo constituído por uma argamassa de barro, terra e água amassada pelos bois atrelados à grade, *sempre de dentes*, e circundadas por uma fiada de pedras, meio enterradas no solo — *os combros da eira*.

Os *fexes* ou *gavelões* de trigo são trazidos para ali em carros de bois, e estendidos à volta da eira, sempre com o *trôço* voltado para os *combros* e a espiga para o centro. Depois de todos estendidos, cortam-se-lhes as *prisões* para soltar a palha. Em seguida, bois (raramente bestas) arrastam, à volta da eira, em movimento

contínuo, o *trilho* (Des. n.º 36 e 37; Fot. n.º 45) ligado à canga pelo *pau do trilho* (Des. n.º 38). Sobre o trilho, caminha o lavrador que conduz os bois, de *aguilhada* na mão, acompanhado de qualquer mulher ou crianças. Simultaneamente o trigo está sendo *forquilhado* (revolvido) com uma *forquilha* (Des. n.º 41 e 42).

De tempos a tempos param-se os bois para *se dar uma volta ao trigo*, isto é, virá-lo tanto quanto possível debaixo para cima. Durante a debulha dão-se três ou quatro voltas destas, consoante a necessidade.

Por fim, debulhado o trigo, a palha aglomera-se com o *enchno* (Des. n.º 39) pela eira e dali é levada para os carros de bois que a transportarão ao *palheiro*.

O trigo que ficou na eira *roda-se*, isto é, junta-se com o *rôdo* (Des. n.º 40), a formar uma *serra* (monte de trigo ao comprido) *escolhida ao vento*. Amontoado ali, é primeiramente forquilhado para o vento separar a *muinha* do grão, e, a seguir, atirado ao ar com a pá (Des. n.º 43), ao que se chama *padejar* ou *coanhar o trigo* (Fot. n.º 46). Enquanto se *forquilha* e *coanha*, mulheres vão varrendo para as extremidades da *serra* (as *cabiceiras*), o *cacho* que vai caindo sobre aquela, à medida que se *padeja*.

Seguidamente é *aventejado* (atirado ao ar) com as mãos ou com *balaios* e, finalmente, *joeirado*. Nesta operação aparece ainda trigo com *casule* (que não chegou a ser debulhado) que é aproveitado para alimento das galinhas.

O trigo enche-se para dentro de *sacas*, com os balaios e traz-se para casa. É seco ao sol, em *esteiras*, excepto nos raros anos de muito calor, e novamente *joeirado* com *joeiro* de junco ou de ferro.

Como o lavrador só reserva o necessário para o *pão alvo* das festas, para o *biscoito*, e para os *bolos de véspra*, o restante é vendido, geralmente, aos celeiros.

#### b) — O milho

A debulha deste cereal faz-se num engenho chamado *ingenho de debulhar milho* (Fot. n.º 47) importado da América. Não se usa o processo das malhas, desconhecido mesmo antes da existência

deste engenho, em que o milho era debulhado à mão, geralmente com a ajuda dum *sabugo* a friccionar contra o grão da maçaroca, de maneira a fazê-lo cair, ou então a *roçar* a massaroca numa *pedra lisa*.

### c) — O tremoço

O *mangoal* (Fot. n.º 48, Des. n.º 44), talvez pelo seu emprego restrito, apenas formado por dois paus de faia ou incenseiro, um mais comprido e delgado — a *mão*; outro mais grosso, mas mais curto — a *cabeça* (Des. n.º 44, a), ligados entre si por uma corda de filaça (Des. n.º 44, b).

Usa-se apenas para *bater* ou *malhar tremoço*, havendo também quem o utilize para *debulhar a erva da casta*.

## 6

### A Atafona

A velha *atafona de moer* (Fot. n.º 49) continua a ser um dos processos mais usados pelo lavrador, sobretudo na parte norte da Ilha. É geralmente construída numa das lojas da casa — a *atafona* — e movida por um animal (boi, guecho ou qualquer solípede).

Os moinhos de vento com velas de pano ainda subsistem no sul da Ilha (Fot. n.º 50), mas tendem a desaparecer para darem lugar aos moinhos de palheta, mais económicos, embora quebrando o encanto que os magestosos moinhos de vela davam à paisagem.

Nas Vilas e numa ou noutra freguesia há moagens que, a tornarem-se mais numerosas, por certo acabarão por mergulhar no esquecimento mais estas relíquias do passado — a *atafona* e o *moinho de vento*.

A atafona compõe-se de variadíssimas partes, cada uma com designação própria:

(Des. n.º 45)

- a — pião
- b — almanjarra
- c — canga
- d — moega
- e — calha (peça que conduz o grão da moega às mós)
- f — pinhão (peça ligada à moega e que no seu movimento contínuo, regula a queda do milho)
- g — pedras (as mós)
- h — tramunhado (caixa onde cai a farinha).

(Des. n.º 46) — *Cartel ou carritel* (peça de ferro onde se exerce a acção dos dentes da roda):

- a — veio
- b — cepas (dois discos de madeira)
- c — fuseis (de ferro).

(Des. n.º 47):

- a — buraco do veio
- b — sigurêlha.

(Des. n.º 48) — *Roda da atafona*:

- a — dentes
- b — lanços
- c — espias
- d — cunhas.

Além destas partes, que os desenhos mostram, ainda há a considerar:

*dromentes* ou *dormentes*;

*agulhas* — duas pedras meio enterradas no solo sobre, que assenta a *luvadoira*;

*nina* — peça de madeira onde rola o cartel;

*alqueire* — pedra que serve de apoio ao pião;

*agulhão* — ferro grosso por cima do *alqueire* e onde se finca o *pião* ;

*assentadoiro* — parte superior da atafona onde se sentam ou colocam qualquer coisa em cima.

## CAPÍTULO IV

# Actividades Domésticas

### 1

#### Fabrico do Pão de Milho

Peneira-se a farinha para dentro dum *alguidar de barro* ou *celha de pau* e *iscalda-se* com *água a fruver* temperada de sal. Deixa-se arrefecer e, quando já meia fria, amassa-se com água morna. Em estando em boa consistência deita-se o *frumento*, a *deçura* ou *mistura* (que é uma *mãezinha* de farinha de trigo) e continua a amassar-se até ficar em *bũ timpêro*. Terminada a *amassadura*, faz-se uma cruz sobre a massa acompanhada das palavras : *Dês te creça* e deixam-na a *levedar*.

Os pães são tendidos numa *tigela* e levados ao forno com a pá (Des. n.º 52).

O aquecimento do forno faz-se da seguinte maneira : *Bota-se* a lenha (em geral lenha do mato), a arder no forno e, de *padaço a padaço*, vai-se mexendo *c'um mixidoiro* (Des. n.º 49). Depois do forno quente, puxam-se as brasas com um *rodo* (Des. n.º 50), *barrendo-se* em seguida com um *barridoiro* (Des. n.º 51), feito de matas ou ervas verdes amarradas na ponta do próprio *mixidoiro*.

## 2

## INDUSTRIAS CASEIRAS

a) — *Fabrico do queijo*1.º — *Queijo curado*

O fabrico caseiro do queijo de vaca é hoje diminuto, especialmente no que respeita à venda ao público, devido à concorrência das fábricas de lacticínios, existentes na Ilha. Todavia, ainda o continuam a fabricar em casa para consumo próprio.

O leite *bũ*, isto é, sem ser desnatado, amorna-se e *bota-se numa panela*, misturando-se-lhe o coalho, *desinsolvido* (dissolvido) com uma *gotinha d'auga*, e mexe-se tudo bem, tapando em seguida. Quando já *coalhado*, parte-se o conteúdo com uma colher ou *palmadeira* (espécie de pá de madeira) e espreme-se com as mãos, até que o *almeice* venha à *decima*, ficando no fundo a *coalhada*. Esta deita-se num *cincho* de folha sobre uma *francela*, acalca-se com as mãos e depois de se lhe deitar sal, tapa-se com uma tábua, colocando-se em cima uma pedra. Deixa-se assim durante cerca de oito dias, tendo o cuidado de o ir voltando dum lado e doutro, de vez em quando.

Findo este tempo, coalha-se uma *pinguinha de leite* (conforme a porção) e com a coalhada obtida unta-se muito bem todo o queijo — *faciar o queijo*, embrulhando-o em seguida num pano branco, onde fica uns dias.

Os queijos são postos a *curar* geralmente em cima dumas tábuas suspensas dos tirantes por uma *bêta* e ali ficam até *amadurecerem*.

O coalho de fabrico caseiro é ainda empregado, embora se faça maior uso do que se *merca de fora*. O coalho *feito em casa* é extraído do *bucho* dum bezerro ou cabrito morto logo ao nascer e sem chegar a mamar. Deita-se-lhe *pela boca abaixo leite bũ* e

mata-se logo em seguida. Tira-se-lhe o buxo e deita-se dentro uma *melagueta*, uma *pinguinha de vinaigre* e uma colher de sal. Amarram-se os dois *biquinhos do buxo* e introduz-se dentro numa panela tapada, durante dois ou três dias, findos os quais está pronto o coalho. Este pode ir-se renovando sempre.

## 2.º — Queijo fresco

Ao lado do queijo de vaca que só se come *curado*, fabricam-se os queijinhos de cabra para comer frescos. O processo usado é idêntico ao dos primeiros com a diferença de que os últimos são talhados em cinchos que não vão além de 10 a 12 centímetros de diâmetro.

### b) — *Tecelagem*

A indústria popular de tecidos, nas Ilhas, data dos primeiros tempos da sua colonização, imposta pelas necessidades económicas de então.

Longe do Continente, os tecidos ficavam por preços demasiado elevados para que a população pudesse obtê-los.

Mas hoje, apesar dos modernos processos da indústria fabril, em algumas freguesias das ilhas açorianas, ainda continuam a usar-se os primitivos teares.

Na certeza de que os tecidos de lã das suas ovelhas, assim fabricados, melhor satisfazem o rigor do frio, chuva e vento a que a vida do camponês está sujeita, que os panos de cozinha, toalhas, sacas de linho, e aventais são mais duradoiros, e que as *colchas de lã* e as *mantas de retalhos* melhor os agazalham, dão por bem empregado o trabalho assaz penoso do cultivo e preparação do linho e da lã, bem como da urdidura da teia e da tecelagem da mesma.

Dantes, toda a matéria prima empregada era originária da Ilha: o linho, a lã e os próprios corantes.

Ultimamente a venda comercial de algodões para urdir, descurou bastante o cultivo do linho. Todavia, ainda se cultiva com abundância na Beira, Rosais, Santo Amaro e São Tomé, onde também a indústria de tecelagem é mais activa.

As anilinas, por sua vez, vieram substituir as colorações feitas pela própria tecedeira por meio da cozedura de certas plantas, embora ainda haja uma ou outra tecedeira que recorra a elas.

### 1.º — Cultura e preparação do linho

Lavrada a terra lança-se nela a semente do linho — a linhaça. Durante uns oito dias, até que o linho nasça, *costuma-se a vigiar* a terra por *mode do pinto* não comer a semente. Ouvem-se, então, nesses dias, batidas de latas e mulheres e crianças gritando:

rĩ, canário !  
lá fora . . .  
xi . . .

Quando já meio crescido, é *mundado* para o livrar da *gorga* e mondas que crescem juntamente com ele, prejudicando-o no crescimento.

Estando maduro, isto é, de cor amarelada, apanha-se, iniciando-se então as várias fases de preparação até ser empregado na tecelagem.

No dia da colheita, feita por homens e mulheres, é *ripado* com um *ripanso* (Des. n.º 54) que se *fanca* na própria terra.

A *baganha* é exposta ao sol, numa eira, durante algum tempo, até abrir e deixar cair a linhaça. O linho, por seu turno, *imolha-se* em molinhos pequenos e é *botado* de molho numa poça do *calhau do mar*, durante três dias, altura em que é retirado e estendido ao sol e à chuva até lhe sair o *salitre*. Em estando *inxuto*, *imolha-se* novamente e leva-se ao forno pouco quente.

No dia seguinte maça-se (Fot. n.º 51), em cima duma pedra, com a maça, até ficar *mole e branco*. Depois, *p'ra qu'ele agarre chuva e calma*, estende-se num pasto, durante um mês, findo o qual é mais uma vez *imolhado*, e levado ao forno num *calor brandinho*.

Seguidamente *alimpa-se da aresta*, isto é, grama-se com a *grama* (Fot. n.º 52) para então ser *tasquinado* às *mãezinhas* nas costas

duma cadeira, com a *tasquinha* (Fot. n.º 53), feita de tábua ou osso, caindo assim mais *aresta*. Volta uma terceira vez ao forno, mas basta-lhe também o calor solar.

Por fim, o linho é sedado no sedeiro (Fot. n.º 54) que o desembaraça de quaisquer asperezas e o separa da *estopa de sedeiro*, mais fina do que a *estopa de sacas*, obtida quando se *tasquinha*. Depois de *estripado* fica pronto a ser fiado.

Presentemente a *roca* é pouco usada, embora se encontre ainda uma ou outra velhota que continua a servir-se dela.

Usa-se o *engenho de fiar* (Foto. n.º 55), cuja origem nas ilhas parece remontar longe <sup>(\*)</sup>, para fiar quer o linho quer a lã.

Dada a pequena difusão do engenho no Continente e a pouca semelhança com o açoriano, sobretudo o mais antigo com a roda manual ou então com ela abaixo do banco (mesa) entre os quatro pés, é possível admitir-se a sua importação de algum país do norte da Europa, onde tinha largo uso; facto muito possível, sabendo-se as estreitas relações comerciais que, nos séculos XVI e XVII tinha, sobretudo a Terceira, com a Inglaterra, França, Espanha e Flandres, e, nos começos do século XIX, a vinda de navios ingleses às ilhas para carregar laranjas.

Fiado o linho, *insarilha-se* este *im miadas*, no *sarilho de cana* (Des. n.º 55), as quais são primeiramente molhadas e muito bem batidas num *penede de pedra*, em seguida metidas numa celha com água e cinza e por fim levadas ao forno logo que se tira o pão de milho, dentro de uma *caçarola* ou *pucra* bem *tapada*.

No dia seguinte, lavam-se todas essas meadas muito bem (geralmente no chafariz), até ficarem limpas da cinza. Enfiam-se depois pelo *crystal* num pau, e ficam a enxugar sobre uma parede, sendo depois dobadas na *dobadoura* (Des. n.º 56).

Antes do linho ir para o tear *orde-se* a teia, na *ordideira* (Des. n.º 57) pregada quase sempre, num *frontal*. Na urdidura servem-se do *casal* (Des. n.º 69), onde estão os novelos, e da *espadilha*

---

(\*) — Ribeiro, Dr. Luis da Silva — *Etnografia terceirense*, Rev. Açoreana, vol. V, pág. 143.

(Des. n.º 58), régua por onde passam os fios dos doze novelos, amarrados depois à urdideira. Quando a teia se tira da urdideira, *incasála-se* (faz-se uma espécie de trança com eja), ficando depois pronta a ser *botada no tear*, operação que se faz com o auxílio do *restelo* (Des. n.º 59), que segura os fios da teia à medida que vão sendo enrolados no *órgo do fiado*, sempre à mesma distância.

## 2.º — Preparação da lâ

A lâ empregada na tecelagem é oriunda da própria Ilha e ali tosquiada e arranjada.

O dia da tosquia não é acontecimento notado, escolhendo o lavrador apenas um dia que tenha mais disponível para tal.

Cabe às mulheres o trabalho de *prepararem* a lâ:

Primeiramente deitam-lhe por cima *auga a fruver*, em seguida lavam-na dentro duma *adorna* com água fria e estendem-na ao sol. Quando seca, é *vardascada* sobre uma esteira, com a *vara*, até ficar *meia aberta*; *cramiada* (para abrir completamente e tirar as mondas) e depois *azeitada* (orvalhada com uma vassoura embebida em azeite). Por último cardada e a seguir fiada num engenho de fiar (Fot. n.º 55).

## 3.º — O tear

O tipo do tear açoriano é o mesmo do do Continente <sup>(a)</sup>.

Feito com pranchas toscas, sem qualquer ornamento, arma-se num dos compartimentos da casa, seguro por travessas aos tirantes.

Existem teares de três dimensões: uns muito largos que tecem cobertores e colchas só dum *ramo*; outros de tamanho médio (os mais usados), para *teia de lâ*, *cobertores de dois ramos*, etc., e ainda uns outros mais pequenos que apenas tecem *panos de loiça*, *sacas*, isto é, *teias estreitas*. Estes são pouco usados e

<sup>(a)</sup> — Ribêiro, Dr. Luiz — Rev. Açoreana, Vol. I. *A Indústria popular de Tecidos no Distrito de Angra do Heroísmo*.

têm como única vantagem ocuparem menos espaço, pois o tear de tamanho médio executa as mesmas tecelagens.

Últimamente têm alterado um pouco a construção do tear, usando uns mais pequenos e mais aperfeiçoados, com madeiras alisadas e de ângulos rectos. Contudo o modelo é sensivelmente o mesmo. Para os distinguir chamam aos primeiros *teares antigos* e a estes *teares modernos*.

Passo a esquematizar as várias partes de que o tear se compõe e os acessórios necessários à tecelagem :

pés

travessas

mesas

órgus (órgãos)

queixas

liços — (Des. n.º 60) constituídos por :

a — liceiras

b — anéis

c — cadeia ;

cabritos — (Des. n.º 61) pequenos paus para segurar as liceiras ;

pente — (Des. n.º 62) composto de :

a — frimal

b — puas ;

assedeira — prancha existente nos teares antigos, fixa horizontalmente, dum lado ao outro do tear, que serve de assento à tecedeira ;

prumedeira ou premedeiras — (Des. n.º 66) peça em que a tecedeira apoia os pés para fazer subir ou descer os liços ;

compostórios ou prexadas — (Des. n.º 64) régua de madeira, por meio da qual se ligam as extremidades da teia aos *órgãos* ;

- trampeiros ou tanfeiros — (Des. n.º 63) com que se estica o pano que se vai tecendo ;
- carretas ou prolises -- (Des. n.º 65) espécie de roldanas, onde passam os fios de suspensão dos liços ;
- cruzeiras — cana metida na urdidura, atrás do pente, para facilitar o cruzamento da mesma ;
- alçaadeira — (Des. n.º 67) ;
- canela — (Des. n.º 68), constituído por um pequeno canudo de cana a que serve de eixo um pedacinho de pau.

#### 4.º — Tecidos produzidos

Os produtos manufacturados pelo tear são variados, dependendo sobretudo do material empregado e do fim a que se destinam.

##### *Tipos de pano de lã :*

- a) — urdido e tapado com lã :  
*cobertores ;*  
*inxêrga* ou *baiêta* — com que se fazem casacos e calças aos homens e saias às mulheres ;
- b) — urdido com algodão ou linho e tapado com lã :  
*colchas de lã* — muito originaes, policromadas e que, conforme os pontos em que são tecidas, se designam por *colchas de fios puxados*, de *ladrilho*, de *maganuchos* e de *lançaadeira ;*  
*mantas ;*  
*tendais* — cobertas para cobrir pão.

*Tipos de pano de linho :*

*toalhas de repasso*  
*lençóis*  
*sacas*  
*panos de cozinha.*

*Tipos de pano de estopa de saco e de sedeiro :*

*sacas* — para cereal ;  
*panos de cozinha* (menos resistentes e considerados  
 mais ordinários).

*Cobertores de fios* (retalhos desfiados).

*Mantas de trapos.*

c) — *Trabalhos de vime, junco, etc.*

Os vimes empregados na confecção de *cestos*, *açafates*, *balaios*, *sebes*, etc., são os rebentos duma planta chamada *vimieiro*, depois de submetidos a várias podas. Estando *maduros*, são cortados.

Uns destinam-se ao fabrico de *cestos brancos* e esses são então *enrodilhados* dentro dum caldeirão e postos a cozer por um *bocadinho*. Seguidamente *escasca-se co'a unha* até ficarem bem limpos. Estão prontos a ser empregados.

Os outros, que se empregam para fazer as *sebes p'ros carros* e os *cestos de carroto* não são submetidos a cozedura, porque não se torna necessário tirar-lhes a casca.

O vime empregado nos balaios é um vime meio verde que se *racha* em várias partes, se *iscasca* e se lhe tira o miolo, ficando cada parte reduzida a *ũa fitazinha branca muito finina* — a *liaça*. Esta *liaça* vai-se *enrolando* (encanastrando) em *palha de trigo trocida*, até fazer o balαιο.

Os juncos, empregados na confecção das *esteiras* e *joeiras*, são apanhados nos pastos e postos a *murchar* (secar) ao sol. Depois de secos maçam-se com uma *maça de pau* e ficam prontos a ser empregados.

A *peteira* (N. G.), *corriola* (N. P.), conhecida também por *filaça* ou espadana, utiliza-se depois de prèviamente preparada, para fazer *tapetes* (passadeiras).

Com a *folha* (camisa) do milho confeccionam-se *capachos*.

Todas estas indústrias caseiras são mais intensas no Norte da Ilha.

## CAPÍTULO V

# Actividade Piscatória

### 1

#### Pesca pròpriamente dita

As embarcações mais usadas são os *botes* e as *chatas* havendo, também os *batéis*, cujo emprego se encontra quase restrito aos Portos da parte leste da Ilha.

Os *botes* (Fot. n.º 56) são de *popa traçada* e, em regra armando quatro remos. De vela aparelham com um pequeno latino quadrangular.

Os *batéis* (Fot. n.º 57) são maiores que os antecedentes e de *duas proas*, isto é com a popa semelhante à proa (tipo de baleeira). Armam, também, quatro remos e de vela usam a mesma aparelhação.

As *chatas* (Fot. n.º 58), têm a popa cortada e fundo chato, usando-se normalmente nas pescas que se realizam perto da costa e a pouca distância do porto em que estacionam.

Os nomes dados às principais partes destas embarcações são :

quilha

painel da popa

roda de proa  
 cavernas  
 costado  
 escoa  
 adragas — (Glos. n.º 696 e 678)  
 tilhas — (cit. Glos. n.º 725)  
 leito de popa — (Des. n.º 70-a)  
 banco d'antarré ou da boga — (Des. n.º 70-b)  
 banco do meio — (Des. n.º 70-c)  
 banco d'entavante — (Des. n.º 70-d)  
 leito de proa — (Des. n.º 70-e)  
 curvas — (Des. n.º 70-f)  
 tolête — (Des. n.º 73-a)  
 chamaceira — (Des. n.º 73-b)  
 corrimão — a borda do bote (Des. n.º 73-c).

A palamenta (*aparelhage*) é a mesma para todos. Consta de :

remos — (Des. n.ºs 71 e 72) :

- a — punho
- b — sacho (Des. n.º 71)
- c — cágado
- d — costas
- e — pá (Des. n.º 72) ;

mastro — (Des. n.º 74-A) :

- a — brandais
- b — adriça da boca
- c — adriça do pique ;

vara ou bombo — (Des. n.º 74-B) ;

pique ou carangueja — (Des. n.º 74-C) ;

pano — (Des. n.º 74-D) :

- a ' — boca do pano
- b ' — esteira

c' — paluma  
 d' — envêrgos  
 e' — arcos  
 f' — rizes;

escôta — (Des. n.º 74-E);

Fazem ainda parte da palamenta :

gibre

lême — constituído por leme pròpriamente dito e *cana*  
 bartadoure — igual ao dos botes baleeiros (Des. n.º 99)

balde — (Des. n.º 78)

cordas — (Glos. n.º 693)

poitas de pedra — (Des. n.º 79)

escoas — (Des. n.º 75)

paus de varar — (Des. n.º 76):

a — cama.

Ao conjunto dos *paus de varar* chamam *madeira*.

Diferentes tipos de pesca e aparelhos empregados :

### *Pesca do chicharro*

Pesca-se o chicharro, sobretudo aos *serões da manhã* (ao amanhecer) ou, de noite, com o emprego de candeio. Utilizam o *inxelavar* (Fot. n.º 59, Glos. n.º 705) e o *camaroeiro* (Fot. n.º 60).

O *ingôdo* (substâncias que se lançam ao mar para atrair o peixe) é o próprio chicharro, ou cavala, etc., moído numa máquina de pisar carne igual à que se usa nas cozinhas.

### *Pescaria do fundo ou do alto*

Faz-se tanto de dia como de noite. Os aparelhos empregados variam consoante os peixes a que se destinam.

Para *abróteas*, bocas negras, bagres, etc., usam a *quebrada* (Des. n.º 87); para os chernes, o *cangalho* (Des. n.º 85) e para congros, moreias e meros, a *jogada* (Des. n.º 88) ou o *trinca-fiado* (semelhante à jogada mas com um só anzol) (Glos. n.º 786). A *gorazeira* (Des. n.º 86) é empregada na pesca dos gorazes e dos pargos.

Para levar ao fundo os *anzóis* lastram os aparelhos (*quebrada*, *cangalho* e *gorazeira* — Des. n.ºs 85, 86 e 87) com uma pedra a que chamam o *padulho*. A *jogada* é lastrada com a *chumbada* (folha de chumbo enrolada em volta do arame, acima da arça).

O *ingôdo*, geralmente *roama* (designação dada ao peixe miúdo), *peixe salgado*, etc., é picado com o *navalhão* (Des. n.º 82) em cima do *picadeiro* (Des. n.º 84), toro de madeira dura.

Levam o *ingôdo* ao fundo (em alturas de linha e meia a duas linhas), dentro duma meia ou peúga — a *manga* — que se amarra ao arame do aparelho e que depois se esvasia sacudindo este.

Nesta pesca encaixam, na borda do bote, para protegerem esta, uma peça de madeira a que dão a designação de *lasca* (Des. n.º 77), sobre a qual deslisa o arame do aparelho.

Para ajudar a meter o peixe dentro usa-se: a *tanaz* (Des. n.º 81) para os congros, moreias e meros que matam depois com o *cacete* ou *porrête* (Des. n.º 83); o *bucheiro* (Des. n.º 80) para todos os peixes grandes e ainda na pesca do alfafaz, os *atracadores*, grandes anzóis presos a pedaços de corda.

### *Pesca do peixe-rei*

Nesta pesca apanham-se, além dos peixes-reis, bodiões, garoupas, ranhetas, verdugos, etc..

Realiza-se com um *inxelavar* (*inxelavar dos peixes-reis*), de reduzidas dimensões, munido de lastro e da *enfiada* (Glos. n.º 703).

Também se usa para a mesma pesca o *tambique* (composto de *chumbada* e *pombos* e preso à *agulheira* — Des. n.º 89); a *cana* e o *caniço*.

A isca é geralmente *minhoca*.

*Pescaria de pau ou de peixe vivo*

Primeiramente fazem *pexinho*, isto é, apanhar com o *inxelavar roama* ou *chicharro*, que vão deitando na *canoa* (Fot. n.º 61), conservada sempre na água a fim de que o peixe possa ser empregado vivo como isca e *ingôdo*. Utilizam-se *vardejães* (grandes paus) ou *canas* (bambus), aparelhados com arame e um *inzol* sem *chumbada*.

Pescam, duma maneira geral, todo o peixe graúdo de *cima d'auga*: bonitos, serras, bicudas, lírios, doirados, alvacórias, etc..

*Pescaria da cavala*

*Faz-se pexinho* como para a *pescaria de pau*, mas que não tem de ser conservado vivo, servindo apenas, para o *ingôdo*.

É pescada de *agulheira* ou *cana* e a isca é da própria cavala. Efectua-se, ordinariamente, de manhã, nas *mareas* (Glos. n.º 713).

*Pesca de corrico*

Designam por *corricar* ou *pescar de corrico* a pesca com a embarcação em movimento (a motor ou a remos), rebocando as *linhas*, compostas de *agulheira* (com 25 a 30 braças), do *louro* (aramé com 10 a 12 braças) e do *inzol* e *gigo* (negaça).

Quando se utiliza o anzol é colocado neste uma isca, a *rabada* (Glos. n.º 722).

De corrico tomam-se bicudas, serras, *inxoivas* e, por vezes, dourados e lírios.

Sendo estes peixes de grandes proporções metem-se dentro com a *graveta* (Glos. n.º 701).

*Lagosta e camarão*

Pescam as lagostas e *camarões* (estes em número reduzido) com o *inxelavar de peixes-reis* ou mais comumente com o *cofre* (Fot. n.º 62), armadilha de madeira e rede que é posta no fundo, durante a noite, ligada a um cabo, cujo extremo oposto prende à *bóia*. Dentro do *cofre* colocam duas pedras para servirem de lastro e a *amostra* (peixe ou pedaços de peixe suspensos de arames).

*Pesca da sardinha*

A pesca da sardinha não é das mais frequentes e importantes. Usam para ela a *rede* com que as cercam, apanhando-as depois por meio de *inxelavar*.

## 2

**Pesca da Baleia (a)**

Esta pesca, que há muito era praticada no sul da ilha do Pico (Lages e Ribeiras), onde fora introduzida e se desenvolvera com o concurso de emigrantes repatriados, os quais haviam exercido nas costas do Pacífico e possivelmente no Ártico, em navios americanos (b), — só tomou incremento em S. Jorge, no porto das Velas, em 1885 (c).

No entanto, entre 1920 e 1930, os marítimos jorgenses eram considerados, dos insulares, os mais peritos nela, conforme registou o Dr. Leite de Vasconcelos (d).

---

(a) — A espécie pescada nos Açores é o cachalote, exclusivamente.

(b) — Confirma-o a abundância, na tecnologia de tal pesca, de vocábulos da língua inglesa deturpados.

(c) — José Cândido da Silveira Avelar, *Obra cit.* pág. 154. Uma tentativa anterior de estabelecê-la no Topo, não obtivera sucesso — mesma obra, dita pág.

(d) — Citada obra *Mês de Sonho*, pág. 65.

Inicialmente, era feita apenas pelos *botes*, em área, portanto, bastante reduzida e exigindo, ainda assim, tremendo esforço físico das companhias, quer para se atingir, na falta de vento ou contra este, o local em que se encontravam os cetáceos, quer na perseguição deles, nas por vezes prolongadíssimas manobras de matá-los e no sequente reboque para o porto.

Mais tarde (1912) passaram os *botes* a ter o apoio de lanchas a motor que os levavam até perto do objectivo e os auxiliavam nas operações de pesca, rebocando depois os produtos desta.

O *bote* (Fot. n.º 63 e 64) é uma embarcação do tipo baleeira, de comprimento que presentemente oscila entre 9,<sup>m</sup>50 e 10,<sup>m</sup>50, accionado por seis remos e dispondo, para aproveitamento do vento (cit. Fot. n.º 63) de duas velas latinas, uma trapezoidal (*pano*), outra triangular (*gibrão*), e duma giba (*gibra*) raras vezes usada.

A popa do *bote* (Des. n.º 90) caracteriza-se pelas seguintes particularidades :

a — O *remo de esparrela*, indispensável, nas manobras de motor, para imprimir rapidamente à embarcação os movimentos necessários e de que em muitos casos dependem a integridade dela e as vidas dos tripulantes, e usado também, como órgão da direcção, na navegação a remos ;

b — O leme, disposto de forma a poder ser de pronto retirado das fêmeas e levado à posição em que mostra o desenho, para se utilizar o *remo de esparrela* ;

c — O *lagaita*, onde se passa a *linha* com uma, duas ou três voltas, a fim de retardar-se o desenrolar dela ;

d — A *faca* para, em caso de emergência, se cortar a *linha* (Des. n.º 103, letra A) e a respectiva bainha (dito Des. n.º 103, letra B) ;

e — O *estanuó*, cabo que, funcionando como forquilha, serve de apoio ao *remo de esparrela* ;

f — Os *cunhos*, tacos de madeira com uma chanfradura no extremo voltado para a ré, usado para se passar a escota do *pano* e amarrar a retenida com que se leva o leme a prolongar com a borda.

À proa (Des. n.º 91) há de particular:

a — O *choque*, chanfradura no topo da roda, por onde corre a *linha*;

b — Os *cunhos*, semelhantes aos da popa, mas maiores e com a chanfradura voltada para vante, servem para reter a *linha*, quando esta sai do *choque* e desliza pela borda;

c — A *faca*, com a mesma aplicação da da popa.

Os bancos dos remadores e respectivos remos denominam-se, a partir de vante para ré: banco e remo 1, ou do *trancador*; banco e remo 2 ou do *baó*; banco e remo 3; banco e remo 4; banco e remo 5, e banco e remo 6 ou da *boga*. A cada banco corresponde (Des. n.º 92), na borda (letra c), a *chamaceira* (letra d), com respectivo *raloque* (letra a).

A palamenta (*equipage*) é constituída, além do *lême*, do *rêmo de esparrela* (Des. n.º 93), do mastro e velas, por 6 remos (Des. n.º 94), em cada um dos quais há a distinguir a pá (letra a) e o punho (letra b); 6 pás (Des. n.º 95) usadas para aumentar a carreira em navegação à vela e que são manejadas pelos marinheiros e *trancador* sentados na borda, de frente para a prôa; o balde (Des. n.º 98); o *bartedoure* (Des. n.º 99) e o *pinguinho* (Des. n.º 100), para esgoto; a caixa (Des. n.º 101) em que se levam os víveres; o *grapelim* (fateixa de 3 unhas — Des. n.º 102), especialmente destinado a *pescar a linha*, no caso de ter sido cortada ou levada toda pela baleia; a *machada* (Des. n.º 104 — letra A) com o seu fiel (letra B); 2 *celhas de linha* (Des. n.º 105); 4 arpões (Des. n.º 106); 3 lanças (Des. n.º 107); a *espelha* (Des. n.º 108), com que se fazem no cetáceo os cortes precisos para amarração do cabo de reboque; 4 *lansuótes* (fiéis da lança), cabos delgados de 8 a 10 braças de comprimento; 2 *chôtuópes*, pedaços de linha de 5 braças, destinados a *aguçar* um segundo arpão, e 3 bandeiras.

A enora (Des. n.ºs 96 e 97 e Fot. n.º 65) fica por vante do banco de *baó* (letra A), ligada a este por dobradiças para facilitar a manobra de pôr e tirar o mastro, o qual, (cit. Des. n.º 96) é guarnecido com 2 brandais e 3 adriças (da *boca*, do *pique* e do *gibrão*). O pano (mesmo Des. n.º 96 — letra F) tem na estura (b'') o *bombo* ou *vara* (retranca — letra D) e em cima o *pique* ou caran-

gueja (letra E), aos quais o prendem os *envergos* (d''); a boca (a'') é munida dos *arcos* (e'') que abraçam o mastro, e no *bombo* amarra a escota (letra G); a parte oposta à *boca* denominam-na *paluma* (c''). O *gibrão* (Des. ref. — letra I) prende também com *envergos* à respectiva *vara* (letra H) a qual tem perto dum dos extremos o *fiel* que a firma à roda de proa e no outro a competente escota (letra J). No *pano* há ainda os rizes (primeiros — f' e segundos — ff'') que servem para diminuir, com ventos rijos, a superfície dele.

A *linha* (letra A) é *apanhada* (colhida) na celha (letra B), pela forma indicada no Des. n.º 105. As celhas (Fot. n.º 65) estão colocadas paralelamente à quilha, com a *ponta da linha* de vante *aguçada* (presa) à *arça* da de ré, de modo às duas poderem desenrolar sem embaraço, a começar pela última (a de ré).

O arpão (Des. n.º 106) compreende: o arpão pròpriamente dito (A) constituído pelo alvado (letra b), *canelo* (letra a) e *caixa* (letra c); o *cabo* (B), e o *estropo* (C), com a *arça* (a') e os *fiéis* (b'). A *caixa* é ligada ao *canelo* por um eixo que permite ela abrir depois de penetrar no cetáceo e assim segurá-lo melhor. Conserva-se fechada para o acto de *trancar* por meio do *pinho*, delgada cavilha de madeira, fàcilmente fracturável.

A lança (Des. n.º 107) compreende também: a parte de ferro (A), com alvado (letra a) e *canelo* (letra b); o *cabo* (B), e o *estropo* (C).

Os arpões e as lanças (cit. Fot. n.º 65) vão à proa, arrimados às amuradas.

As bandeiras — *azul*, *branca* e *vermelha* — têm haste de madeira de 1,<sup>m</sup>50 de comprimento e empregam-se: a *azul* para chamar uma embarcação da mesma armação; a *branca* para solicitar o auxílio de embarcação doutra armação concedendo a esta *sociedade* no produto da pesca; a *vermelha* como sinal de perigo e pedido de socorro urgente. Também se usam para colocar em cetáceos mortos que tenham de ser temporariamente abandonados.

A tripulação do *bote* é composta por *oficial* (mestre ou patrão), *trancador* (Fot. n.º 66) e cinco marinheiros (remadores) dos quais o mais experimentado ocupa o banco do *baó*.

As embarcações de apoio dão os nomes genéricos de *lanchas* ou *gasolinas*. Os nomes próprios delas e dos botes são, em geral, de origem religiosa: «Senhora de Fátima», «S. Pedro Gonçalves», «Espírito Santo», «S. Mateus».

Em consequência do elevadíssimo preço que o óleo de baleia alcançou após a última guerra, as condições em que a pesca era feita foram bastante aperfeiçoadas pela aquisição de lanchas a motor de maior tonelagem e superior velocidade e pelo emprego de radiofonia que substituiu os sinais ópticos restritos a reduzido número de indicações sumárias e circunscritos a distâncias muito inferiores àquelas em que actualmente as embarcações com frequência operam.

Também, por efeito sobretudo dos recentes diplomas reguladores de tal pesca, desapareceu a concorrência e concomitante rivalidade que apaixonava não só os interessados como grande parte da população local.

Logo que algum dos *vigias* (indivíduos estabelecidos em lugares elevados e munidos de bons binóculos, bem como, agora, de um emissor radiofónico) transmite a notícia de «baleia à vista», *arriam-se* (lançam-se ao mar) as lanchas e botes, manobra esta, que, no tempo das extintas rivalidades, adquiria excepcional animação, atraindo ao varadouro (Areia dos Barcos) centenas de pessoas.

Os botes são rebocados pelas lanchas (Fot. n.º 67) ao rumo indicado da *vigia* <sup>(\*)</sup>. Antes do emprego da radiofonia, a indicação era dada pela forma seguinte: o *vigia* estendia um lençol e a lancha da frente, diminuída a velocidade, ia rodando até que o lençol era retirado, sendo a direcção em que ela tinha nesse momento a proa o rumo a seguir. Este sinal repetia-se sempre que a deslocação do objectivo tornava necessária a mudança de semelhante rumo, e, quando a distância já não permitia divisar-se o lençol, substituiu-se este por fumo que se empregava também para comunicar a presença dos cetáceos à superfície.

---

(\*) — A palavra *vigia* designa a função e o local em que é exercida.

Presumida a proximidade destes, as tripulações, de pé, perscrutam o horizonte, até que o grito *bló!* e um braço estendido anunciam o repuxo branco dos *bufos*.

Havendo vento, embora fraco, imediatamente nos botes *se põe o mastro no ar* e os *trancadores aparelham a proa, aguçando o arpão*, que colocam a estibordo, e colhendo sobre o leito <sup>(a)</sup> vinte braças de *linha*. Em seguida, são largados e recolhidos à lancha os cabos de reboque, e *faz-se de vela*. Na falta de vento, armam-se os remos, empenhando os remadores o máximo esforço, incitados pelas palavras «*água duro!*», «*água duro!*», que o oficial, à popa, um pé tincado em cada lado do costado, mãos no remo de esparrela, o corpo a acompanhar o ritmo das remadas, profere, com tanto maior insistência, quanto mais a embarcação se aproxima do apetecido alvo.

A manobra de *trancar* executa-se entrando o bote obliquamente, pelo lado da cauda do cetáceo, ou *cabeça com cabeça* (quando o cetáceo se desloca em direcção oposta à do bote).

Se o bote vai a remos, o oficial, no momento oportuno, faz um sinal ao *trancador* que *apunha* (leva) o remo e salta para o espaço compreendido entre o seu banco e o leito de proa, lançando mão do arpão.

Indo o bote à vela, o trancador normalmente conserva-se de pé, sobre a borda de barlavento, segurando-se ao brandal, até ao momento de tomar posição à proa.

Tranca-se arremessando o arpão, conforme as circunstâncias objectivas e as possibilidades subjectivas do trancador, a uma distância que pode atingir duas ou três braças, e, algumas vezes, cravando sem o chegar a largar (*à moleta*).

Efectuada esta manobra, se ela resultou eficaz, o trancador, lança ao mar as vinte braças de *linha* da proa, *apunham-se* os remos ou arria-se o pano, substituindo-se então o leme pelo remo

---

(\*) — *Leito (de proa)* e *leito de popa* — estrados que há à proa e à popa das embarcações miúdas, pouco abaixo da borda (Des. n.ºs 90 e 91). Conquanto não se encontre nos dicionários e enciclopédias que consultei a palavra *leito* com semelhante significação, as designações referidas são de uso geral em todo o arquipélago dos Açores

de esparrela, e passa-se a *linha* no *lagaiete* para que corra de vagar. Em geral, o cetáceo mergulha, chegando, com frequência, a levar toda a linha das duas celhas. Quando isso acontece, *aguça-se à arça* da última celha a linha doutro bote próximo, ou à das celhas que as lanchas trazem de reserva.

Tratando-se de cetáceo de grande volume e isolado, se fica à superfície ou assim que a ela volta, é quase sempre, para maior segurança, de novo arpoado por outro bote da mesma armação (*retrancado*).

A manobra de *trancar* de vela, *cabeça com cabeça* e com vento rijo e de feição, é a mais espectacular e a que exige maior perícia, sangue frio e coragem, principalmente se há ondulação. O bote, para obviar à contingência de desvio do cetáceo para barlavento, tem de conservar-se na direcção da cabeça dele que emerge temerosa, cada vez que a pequena e frágil embarcação desce ao cavado das vagas. O trancador tem debaixo do pé a *adriça do pique*, a fim de *aliviá-la* se for preciso diminuir a velocidade da carreira, e, se vai também içado o *gibrão*, para cortar o fiel deste (antes ou logo que *tranque*), a faca presa nos dentes. Arremessado o arpão, o pano tem de ser imediatamente arriado, bem como, muitas vezes, o mastro *deitado em baixo*, operações melindrosas pelo risco de enrascar-se a *linha*.

A morte é dada com uma lança aguçada no *lansuópe*. Antigamente matar, era função do *oficial* que passava para a proa, sendo substituído no *remo de esparrela* pelo trancador. Hoje, salvo raras excepções, é este quem mata.

Sempre que o cetáceo se apresenta à superfície e a pouca distância, o bote aproxima-se dele, com o auxílio de três ou quatro remos (cit. Fot. n.º 64 e Fot. n.º 68). A *linha*, entretanto, é manejada pelo marinheiro do remo 2, que a ala ou alivia, consoante a necessidade. É o que se chama *fazer baó*.

A lança é arremessada como o arpão (procurando, porém, atingir-se os pulmões) e recolhida por meio do *lansuópe*. A eficiência das lançadas indica-a o avermelhar do *bufo* que, na agonia, passa a ser exclusivamente de sangue.

As lanchas auxiliam os botes (Fot. n.º 69), evoluçionando de modo a evitar que o cetáceo se afaste deles, ou, quando emerge a

maior distância, obrigando-o a mergulhar para que não faça provisão de ar que lhe permita prolongada imersão.

A faina de matar, com frequência bastante longa, é, pelo perigo sempre eminente que oferece <sup>(a)</sup> e pelas circunstâncias em que decorre, a mais angustiosa e dura da pesca da baleia. Como a tendência dos cachalotes é deslocarem-se na direcção do vento, basta que o mar esteja um tanto encrespado para que os tripulantes do bote, molhados dos pés à cabeça, tenham de esgotá-lo constantemente da água que entra pela proa.

Concluída a pesca, os cetáceos mortos são rebocados pelas lanchas, bem como os botes.

Até há pouco, o aproveitamento era feito nas Velas, por processos rudimentares.

Com o cetáceo encostado ao cais, o toucinho do tronco era separado dos tecidos subjacentes por meio das *espêlhas* e retirado, em grandes talhadas, com o emprego do guindaste e dos *togles* (Glos. n.º 772). Depois de *isquinado* (dito Glos. n.º 744), reduzia-se a *pices*, utilizando-se para isso a *faca de maciar* (mesmo Glos. n.º 762 e 745). As cabeças, se pequenas, eram postas sobre o cais, também com emprego do guindaste; se grandes, encahadas no varadouro. Delas se extraía o *janque* e o *queice* (Gols. cit. n.ºs 754 e 765). Derretendo-se os *pices* e o *janque* e fervendo-se o *queice* em grandes caldeirões de ferro (os *caldeiros*), obtinha-se o óleo (*azeite*) que seria passado para os tanques com a *bela*. Os resíduos (*torresmos*) retiravam-se com a *iscrima* (ref. Glos., n.ºs 731 e 752).

Actualmente, os cetáceos pescados são conduzidos ao porto do Cais do Pico e entregues, para o aproveitamento, à importante Fábrica ali instalada.

O regime adoptado entre armadores e companhias é o de parceria, com modalidades variáveis.

O âmbar, substância que se encontra acidentalmente nos cachalotes, teve, até à primeira Grande Guerra, preço elevadíssimo.

---

(a) — A despeito da proverbial timidez das baleias, há cachalotes que atacam decididamente os botes, com a cauda e com a boca.

A pesca da baleia vem sendo, desde a terceira década deste século, também praticada por embarcações com base no Topo, primeiro destacadas para ali, no verão, pelas armações das Velas, depois pelas mesmas e pelas duma armação de lá.

A narração que fiz desta pesca sensacional não passa de breve e descolorido esquema.

Os episódios dramáticos, em que o amor próprio e a consciência da responsabilidade a cada passo sobrelevam o interesse material da soldada, invocá-los a todos e sobretudo descrevê-los exigiria longas páginas e o talento (melhor talvez, génio) que tão longe estou de possuir.

Porque meu pai foi sócio e gerente de armações, participando assiduamente na pesca a bordo das lanchas de apoio e um dos meus irmãos, levado pelo seu entusiasmo por tudo o que respeitava à vida do mar, fez parte, como remador, da tripulação de *botes* e, mais tarde, trancou e matou baleias, — conheço de perto esses episódios, senti-lhes intensamente o conteúdo de heroísmo e de sofrimento: os *botes* que reviram no momento de *trancar* e espalham à sua volta, num quadro de apavorante beleza, a *paia-menta* e os homens cada um perante a perspectiva horrível de ser arrebatado pela *linha* que o cetáceo arpoado desenrola; o momento em que, imposta pelo engrossar das ondas a necessidade de cortar aquela, o *trancador* atira a lança para o lado e, deixando ao marinheiro de *baó* a execução da ordem, abandona a proa, num gesto que lembra o quebrar da espada de cavaleiro medieval ou de mosqueteiro de Luiz XIII forçado a render-se; as noites de mau tempo, sem notícias, em que as mulheres, as filhas, as mães e noivas dos marítimos, xailes esvoaçantes aos sopros do vento que crescia, crianças ao colo ou agarradas às saias, percorriam o litoral da vila, gritando imprecações, implorando a misericórdia divina, formulando promessas à Virgem e aos Santos, até que as luzes tranquilizadoras se divisavam; as «*varagens*» difíceis, com o mar *a correr*, quando as companhas, metidas na água, quase cobertas pelas vagas espumantes, põem a segurança das embarcações que não são suas acima da própria segurança, como

naquela noite em que vi o velho *Salvaró* prestes a deixar-se esmagar para que uma lancha não arrombasse.

Heróis obscuros! aos vivos — um deles o meu informador *Manuel de Rosa* — com que prazer os vejo! aos mortos — esse velho *Salvaró*, o Viegas, o Manuel Cabral — com que profunda saudade os lembro!

## PARTE II

# Linguagem

## ALFABETO FONÉTICO

- ą — vogal neutra aberta, quer na sílaba tónica principal, quer na sílaba tónica secundária, no ditongo *ai* e em crase (fonética sintáctica).
- a — vogal média fechada átona, entre *a* e *e*, em sílaba pretónica, em final de palavra ou no ditongo fechado tónico.
- ȧ — vogal fechada tónica oral.
- ã — vogal nasal, no ditongo *ãi* (escrito *em*).
- ā — vogal nasal, tónica ou átona, simples ou em ditongo.
- b — bilabial oclusiva sonora.
- ḃ — bilabial fricativa sonora.
- d — dental (ou línguo-dental) oclusiva sonora.
- ḏ — dental fricativa sonora (por vezes ciciada).
- e — palatal aberta
- ē — palatal fechada tónica.
- ue — vogal precedida de uma labialização, resultante da lábio-dental ou da bilabial.
- ə — *e* mudo.
- ẽ — vogal nasal.
- f — lábio-dental fricativa surda.
- g — velar oclusiva sonora.
- ḡ — velar fricativa sonora.
- i — palatal fechada tónica.

- ĩ — semi vogal, medial ou final.
- ĩ — vogal nasal.
- ž — palatal fricativa sonora.
- k — velar oclusiva surda.
- l — alveolar lateral sonora.
- l̥ — pospalatal ou velar lateral sonora.
- l̥ — fonema palatal «molhado».
- m — bilabial oclusiva nasal sonora.
- n — alveolar nasal.
- ñ — palatal nasal «molhada».
- o — vogal aberta.
- o̥ — vogal fechada.
- õ — vogal nasal.
- p — bilabial oclusiva surda ou áfona.
- r — alveolar vibrante simples.
- r̥ — alveolar vibrante múltiplo.
- s — alveolar fricativa surda.
- t — dental oclusiva surda ou áfona.
- u — vogal átona medial ou final, com um timbre próximo de o.
- u̥ — semi-vogal em ditongo decrescente ou crescente.
- ũ — vogal nasal.
- v — lábio-dental fricativa sonora.
- š — palatal fricativa surda.
- f — palatal surda, no final de palavra e antes de pausa, mais branda que o ž.
- z — alveolar fricativa sonora.

### OBSERVAÇÕES

1 — O *acento agudo* marca só a sílaba tónica, não abre a vogal. Não se acentuam as palavras monossilábicas, nem as graves.

2 — O sinal de *nasalação* devia abranger as duas vogais do ditongo. Por comodidade topográfica e para facilitar a marcação do acento seria preferível pôr o til nas duas vogais. Como, porém, a nasalação da segunda vogal é mais fraca, julgámos dispensável marcá-la. Escrever-se-á portanto : ạ̃ụ.

## CAPÍTULO I

# Fonética

### A — VOCALISMO

#### I — *Vogais tónicas.*

Em consequência de, sobre estas vogais, incidir o acento predominante ou tónico, a sua conservação é, naturalmente, muito mais estável do que nas átonas. Todavia, ainda se verificam algumas particularidades.

#### A

1. *A* oral ditonga-se em *ai* na seguinte palavra:

vinaj̣igrə (vinagre).

2. a) *A* nasal ditonga-se em *ãi*:

sãj̣igrə (sangue)

tãj̣ikə (tanque)

b) **A** nasal passa a *i* nasal :

adiētō (adiante).

E

1. **E** nasal pronuncia-se *ẽ* quando seguido da consoante *ñ* :

lãña (lenha)  
vãñu (venho).

O

1. **O** oral fechado emudece, passando a *u* :

gumu*f* (gomos)

2. **O** nasal soa *ũ* em :

bũ (bom).

U

1. **U** oral mantém a forma arcaica nasalizada em :

lũa (lua).

## II — *Vogais átonas.*

As vogais átonas, contrariamente ao que se dá com as tónicas, sofrem profundas alterações, desde o seu enfraquecimento e mudanças de timbre, até à sua completa elisão.

O destino destas vogais depende sobretudo do lugar que ocupam na palavra e em relação ao acento tónico. Daí, termos adoptado, no seu estudo, a divisão em: *vogais iniciais* (absolutas e em sílaba inicial), *vogais mediais* (incluindo as pretónicas e pos-tónicas) e *vogais finais*.

## A) INICIAIS

A<sub>1</sub> — *Iniciais absolutas*

## A

1. **A** nasal permuta com *e* ou *i*, também nasais, nos seguintes exemplos:

ēžina (*angina*)  
 ip̄aru (*amparo*)  
 izól (*anzol*).

## E

1. a) **E** nasal passa a *ĩ*. Fenómeno geral e semelhante ao que se passa na pronúncia normal em que *e* átono oral, nesta mesma posição, soa *i* (*ifm̄ola* — *esmola*).

išér (*encher*)  
 ĩtr̄it̄o (*entrite*)

etc.

- b) **E** nasal passa a **a** nasal, por vezes:

ãt̄ãũ (*então*)  
 ãtr̄ár (*entrar*).

## O

1. **O** oral (pronunciado *u*) abre o timbre em:

okaziãũ (*ocasião*).

## U

1. *U* oral passa a *a* em :

atēsíliu<sub>f</sub> (*utensílios*)

2. *U* nasal passa a *i* nasal, na seguinte palavra :

ibigu (*umbigo*).

*A*<sub>2</sub> — *Em sílaba inicial*

## A

1. a) *A* oral passa frequentemente a *e* mudo :

šəminé (*chaminé*)

rəzã<sub>u</sub> (*razão*)

žənela (*janela*)

etc.

b) Aparece ditongado em :

flaj<sub>ne</sub>la (*flanela*).

2. *A* nasal sofre esporadicamente as seguintes transformações :

a) Desnasalisa-se em :

mažadoj<sub>ra</sub> (*manjedeira*)

b) passa a *u* nasal :

rūkór (*rancor*).

## E

1. *E* oral passa a *a*, *i* ou *u*, sendo, no entanto, o fenómeno da passagem a *i* muito mais frequente.

a) *E* - > a -

sařađu (*serrado*)  
tramosu (*tremoço*)  
sabuľĩnu (*cebolinho*)

etc.

b) *E* - > i -

bizořru (*besouro*)  
pisigajru (*pessegueiro*)  
řigulár (*regular*)  
viludu (*veludo*)

etc.

c) *E* - > u -

prunarár (*preparar*)  
puvídia (*pevide*)  
kubrár (*quebrar*)  
suvada (*cevada*)

etc.

2. a) *E* nasal transforma-se frequentemente em *a* nasal:

ľabrár (*lembrar*)  
māđigu (*mendigo*)  
řāđajru (*reindeiro*)  
vātár (*ventar*)

etc.

b) Mas a passagem a *ĩ* é que está por assim dizer, generalizada:

mītira (*mentira*)  
 sītaĵu (*centeio*)  
 sītír (*sentir*)  
 vītura (*ventura*)  
 žītíl (*gentil*)

etc.

I

1. a) *I* oral passa com frequência a *e* mudo:

řobāsaĵra (*řibanceira*)  
 səđađə (*cidade*)  
 đəraĵtu (*direito*)

etc.

b) *I* oral passa a *u* em:

prumajru (*primeiro*)

2. a) *I* nasal passa a *e* nasal:

vėdima (*vindima*)

b) *I* nasal a *ĩ*:

fākár (*fincar*).

## O

1. O nasal fecha o timbre na maioria dos casos:

kūpāñia (*companhia*)

būđāđə (*bondade*)

mūtāñia (*montanha*)

rūdár (*rondar*)

vūtāđə (*vontade*)

etc.

## U

1. a) U oral (gràficamente *u* ou *o*) passa a *e* mudo. Fenómeno muito frequente.

kətəvelu (*cotovelo*)

rəmaria (*romaria*)

žədé (*José*)

žəmətu (*jumento*)

etc.

b) Passa a *a*, por dissimilação:

marmurár (*murmurar*)

salusu (*solução*)

kakurutu (*cocuruto*)

etc.

c) E a *o* aberto em:

vəlgár (*vulgar*)

## B) MEDIAIS

B<sub>1</sub> — *Pretónicas*

## A

1. **A** oral passa a *e* mudo em:

fātəzia (*fantasia*)

2. a) **A** nasal soa *i* nasal em:

alítorna (*lanterna*)

b) **E** *e* também nasal:

orfēđaðə (*orfanidade*).

## E

1. a) **E** oral soa *a*, com frequência junto de *r*:

mizarəblə (*miserável*)

amarikanu (*americano*)

isařár (*encerrar*)

etc.

b) Passa a *i*:

atripadór (*trepador*)

pəsigajru (*pessegueiro*)

etc.

c) E a *u* muito frequentemente :

*ɨʃtruvaria* (estrebaria)  
*alprukaʃtaʃ* (alpercatas)  
*iluvãða* (elevada)

etc.

d) *E* mudo soa aberto em :

*kõpletár* (completar)

2. *E* nasal passa frequentemente a *ĩ* e a *ã* nasais :

a) — e — > — *ĩ* — :

*urdiñár* (ordenhar)  
*dəzibarkar* (desembarcar)

etc.

b) — *ẽ* — > — *ã* — :

*asãtár* (assentar)  
*difrãsar* (diferençar)  
*aãbãtár* (arrebentar)

etc. .

○

1. *O* oral aberto fecha o seu timbre em *u* :

*dəʃkuraða* (descorada)

2. *E O* nasal soa *ũ* em :

*rəʃpũdér* (responder).

## U

1. a) *U* oral (grafado *u* ou *o*) passa a *e* mudo:

ątəmɔvɫə (autómovel)

kudərníf (codorniz)

etc.

b) Soa aberto em:

səpɔłtura (sepultura)

c) E transforma-se em *a* no seguinte exemplo:

kakarutu (cocaruto).

## I

1. a) *I* oral passa a *e* mudo:

i/krətóriɥ (escritório)

pənətēsia (penitência)

etc.

b) Soa *u* no vocábulo:

alumētu (alimento).

1. A síncope de vogais pretónicas é muito frequente, sobretudo quando precedidas de determinadas consoantes com que formam grupo:

vr̥āɥ (verão)

gr̥āžāɥ (garajau)

pr̥igɔza (perigosa)

nu/praɥra (nespereira)

kr̥apusāða (carapuçada)

etc..

B<sub>2</sub> — *Postónicas*

## A

1. a) **A** oral passa frequentemente a *e* mudo :

iftáməgu (estômago)  
sábəðu (sábado)

etc.

b) São também frequentes os exemplos da sua passagem a *u* também oral :

amídula (amígdala)  
Bárbura (Bárbara)

etc..

## E

1. **E** oral soa *i* em :

kósigaf (cócegas).

## U

1. **U** oral passa a *e* mudo em :

gládɔlaf (glândulas).

## C) FINAIS

## A

1. *A* oral reduz-se, por vezes, a *e* mudo:

ēživə (gengiva)

ivežə (inveja).

## E

1. a) *E* nasal perde frequentemente a nasalização, emudecendo:

fəruža (ferrugem)

hɔmə (homem)

virža (virgem)

etc.

- b) O *e* final resultante da desnasalização passa, por vezes, a *a*:

baža (vagem)

fəruža (ferrugem)

etc.

## O

1. Apenas há a notar *o* oral que se reduz a *e* mudo:

kələ (calo)

azilə (azilo)

etc.

1. A síncope das postónicas dá-se com frequência em especial nas proparoxítonas pela tendência natural da linguagem em as evitar :

abɔbra (abóbora)  
 pukru (púcaro)  
 baḡru (bácoro)

etc..

### III — *Hiato*

#### A — *Vogais tónicas em hiato*

Alguns dos grupos vocálicos acentuados sofrem alterações dignas de registo.

#### 1. Orais

a) No grupo vocálico *oa*, o *o* fechado passa a *u* em :

lagua (lagoa)

b) O mesmo grupo soa *ũa* em :

bũa (boa)

c) O grupo *ua* reduz-se a *a* :

kaḡə (quase)  
 gaḡda-ḡuva (guarda-chuva).

#### 2. Nasais

a) *uã* simplifica-se :

kãdu (quando)  
 kãtu (quanto)  
 mīgãtə (minguante)

etc.

b) *uê* passa a *ẽ* :

agêta (*aguenta*)

## B – Vogais átonas em hiato

À semelhança do que se deu nas vogais átonas, as modificações nos grupos destas vogais, são também bastante mais apreciáveis.

### 1. Orais

a) O grupo *ua* reduz-se a *a* :

gardár (*guardar*)

b) **A** *u* :

kurefma (*quaresma*)

kurêta (*quarenta*)

c) E soa com *o* aberto em :

kõlidadõ (*qualidade*)

d) *io* no final de certas palavras aparece reduzido a simples *e* mudo :

rêlqzõ (*relógio*)

pêtrqlõ (*petrólio*)

etc..

### 2. Nasais

a) Como único exemplo a passagem de *uã* a *ũ* :

kũtia (*quantia*)

IV — *Ditongos*

## A — Tónicos

1. a) O ditongo *ai* oral monotonga-se com certa frequência quando precedido de consoante palatal:

dubaşu (debaixo)  
başu (baixo)

etc.

b) Em *eu* nota-se a passagem a *ê*:

Def (*Deus*)

me, te, se (*meu, teu, seu*), quando em próclise;

c) O ditongo *ou* soa sempre *oi*, mesmo nas palavras em que, na língua literária, não alterna com *oi*:

roipa (*roupa*)  
sirojaf (*ceroulas*)  
toika (*touca*)

etc.

d) O ditongo *ui* soa *ũ* em:

mũtu (*muito*).

2. a) Nos ditongos nasais há a observar: *ãõ* que aparece sempre monotongado, em próclise, na partícula *nãõ* e em *Sãõ* seguido de nome próprio começado por consoante:

Sã <sup>˘</sup>Zorzə (*Sãõ Jorge*)  
Sã Migéi (*Sãõ Miguel*)  
Sã Gusşãtu (*Sãõ Gonçalo*)

etc.

E sempre no vocábulo :

kəʃtã́ (questão)

B — Átonos

1. a) O ditongo oral *au* passa a *a* aberto :

atəmóvələ (automóvel)

b) *ei* reduz-se a *a* :

fažãu (feijão)

c) *ou* é sempre *oi*, tal como o mesmo ditongo em posição tónica :

poipár (poupar)

oĩrisu (ouriço)

oĩtubru (outubro)

etc.

d) *ui* soa *u* :

kuđár (cuidar)

uvár (uivar)

e) Esporadicamente *ui* passa a *oi* :

koĩdađu (cuidado)

2. a) O ditongo nasal *ãõ* reduz-se a *ã* desprovido de nasalização, no final da palavra :

běsa (bêncãõ)

b) O mesmo ditongo, também em posição final simplifica-se em *u* no seguinte caso:

oꝛgu (órgão)

c) A passagem de *ã*o a *ã*e generalizou-se nos diminutivos em — *inho* dos vocábulos que, no positivo terminam em — *ã*o:

irmãjzĩũ (irmãozinho)

limãjzĩũ (limãozinho)

kãjzĩũ (cãozinho)

etc..

## B — CONSONANTISMO

### I — *Consoantes simples*

#### A) OCLUSIVAS

##### 1. Bilabiais

##### B

a) Das consoantes bilabiais apenas o *b* alterna com *v*, mas este fenómeno está limitado a um pequeno número de palavras:

fevrə (febre)

gavár (gabar)

i/trivu (estribo)

valkãũ (balcão)

vəluza (blsa)

kõvinasãũ (combinação)

pruivida (proibida)

etc..

## 2. Velares

## C

a) Só esporadicamente se sonoriza :

gabana (cabana)

## G

a) Passa à oclusiva velar surda *c* em :

kafãñotu (gafanhoto)

## B) LÍQUIDAS

## L

a) A consoante líquida *l* tem marcada tendência para se palatalizar junto de *i* :

paḷitu (paḷito)

aziḷə (asiḷo)

viḷa (viḷa)

etc.

b) Duma maneira geral podemos dizer que o *l* em toda a ilha, sempre que junto de *i* tem a pronúncia pré-dorso palatal e não ápico-alveolar. Na freguesia do Norte Pequeno notei que o *l* tem esta mesma pronúncia pré-dorso palatal seguido de qualquer outra vogal, sobretudo quando em posição inicial :

ḷavár (lavar)

ḷapaʃ (lapas)

ḷevár (levar)

etc.

## R

a) A pronúncia de *r* velar <sup>(a)</sup> é bastante frequente na ilha e em algumas regiões, como no Topo, é mesmo a única corrente:

raṛtu (*rato*)

kaṛu (*carro*)

etc.

b) Passa, por dissimilação a *l* num reduzido número de palavras:

raṛtu (*raro*)

ḷmáriu (*armário*)

ḷmazãḷ (*armazém*)

c) Sincopa-se em:

própiu (*próprio*).

## C) NASAIS

## 1. Bilabiais

## M

a) *M* permuta com a oclusiva bilabial sonora *b*:

bḷlãsia (*melancia*)

bugãgu (*mogango*)

---

(<sup>a</sup>) — Símbolo fonético:  $r_{\text{v}}$

## 2. Alveolares

## N

a) Alterna com a alveolar lateral sonora no começo de palavra em :

liñajru (*ninheiro*)  
lumiãda (*nomeada*).

## D) FRICATIVAS

## 1. Lábio-dentais

## V

a) A substituição desta consoante pela bilabial oclusiva sonora *b* é fenómeno puramente esporádico, pois apenas se dá num número limitado de palavras :

basõira (*vassoura*)  
bañõõiru (*varredoiro*)  
brãba (*brava*)  
bõtuʃ (*votos*)

etc.

b) Só esporadicamente permuta, também, com a velar oclusiva sonora *g* :

gumitár (*vomitar*)

c) Aparece substituído pela dental oclusiva sonora em :

Adə Maria (*Avé-Maria*)

## E) SIBILANTES

## 1. Alveolares

Z

a) Z soa palatalizado em:

kižér quiser)

etc..

## 2. Palatais

S

a) S passa à palatal fricativa surda *x* no verbo *dizer*:

dišə (disse)

etc..

J

a) Permuta com a alveolar sonora *z* no exemplo seguinte:

Žɔrɜə (Jorge).

II — *Grupos Consonânticos*

Os grupos consonânticos conservam-se, por assim dizer, inalteráveis no falar do povo, sendo de carácter meramente esporádico as alterações que se verificam.

M'R

a) O grupo *m'r* (nasal e líquida), desenvolve a consoante oclusiva bilabial sonora *b*, passando o *m* a simples ressonância nasal:

Kābra (Câmara).

## M B

a) Neste grupo o *b* é absorvido pela nasal em:

tamãĩ (*também*).

## P L

a) No grupo *pr* por *pl* temos nos casos seguintes, exemplos de conservação do grupo arcaico:

prãtár (*plantar*)  
prãta (*planta*)

etc..

## P T

a) *pt* passa a *ut* por vocalização do *p* em *u*:

bařtizu (*baptismo*)

b) Este mesmo grupo sofre várias alterações na palavra *eucalipto*:

kalitə (*eucalipto*)  
kalipə     »  
kalipsu    »

## B R

a) Passa a *vr*, por vezes:

puvreza (*pobreza*)  
pəvrə (*pobre*)

etc..

## CL

a) Não obstante o papel dissimilatório este grupo conserva, todavia, a forma arcaica :

kramár (*clamar*).

b) Mas em *cl* por *cr* já essa tendência se evidencia :

sakláriu (*sacrário*).

## ST

a) Simplifica-se em *t* nos vários tempos do verbo *estar* :

tã (*está*)  
tivø (*estive*)

etc..

## GN

a) Palataliza-se em :

pørsifñava (*persignava*).

## SC

a) Reduz-se a *s* :

nasér (*nascer*)  
kræsér (*crescer*)

etc..

## C — FENÓMENOS FONÉTICOS GERAIS

I — *Assimilação*

## 1. Vogal mais vogal :

baža (vagem)  
 pastana (pestana)  
 sařađu (serrado)

etc.

## 2. Consoante mais consoante :

úrsæra (úlçera)

etc.

Também nos casos de assimilação total (Vid. grupo *SC*).

## 3. Labialização. Fenómeno muito frequente :

luvár (levar)  
 bubér (beber)  
 kubrár (quebrar)  
 iřprumér (espremer)

etc.

## 4. Palatalização. Muito vulgar em casos como :

miļór (melhor)  
 tiļađu (telhado)  
 siñór (senhor)

etc..

II — *Desnasalização*

Fenómeno muito frequente (Vid. vogais átonas finais: — *em*)

Viržə (Virgem)

etc.

iʃtātə (instante).

III — *Despalatalização*

*Lhe* despalataliza-se frequentemente:

lə (*lhe*).

IV — *Dissimilação*

É um dos fenómenos mais comuns.

## 1. Vocálica:

rəsãũ (ração)  
 səlãða (salada)  
 səkõũ (socorro)  
 kəʃtumə (costume)  
 salusu (solução)  
 šikulãtə (chocolate)  
 barbuleta (borboleta)  
 sãbəðu (sábado)  
 bébəðu (bebido)  
 ikómãðu (incómodo)

etc. .

## 2. Consonântica :

## a) Incompleta

almáriu (armário)

pírula (pílula)

lumiár (nomear)

etc.

## b) Completa

própiu (próprio)

Fedriku (Frederico).

V — *Metátese*1. Simples. É frequentíssima com o *r* :

frumiga (formiga)

br̄esu (berço)

kravãu (carvão)

vrumeļu (vermelho)

etc.

## 2. Recíproca

sizunitō (sinosite)

d̄əřəmuĩñu (redemoinho)

etc.

3. **Atracção.** Esta originada pela intensidade do acento tónico que atrai a semi-vogal formando com ela ditongo :

aṽga (água)

ruzaṽru (rosário)

Ātoṽnu (António)

etc. .

VI — *Nasalização*

a) *I* (grafado *e*) em sílaba inicial absoluta nasaliza-se em certas palavras :

ĩzamə (exame)  
 ĩzēplu (exemplo)  
 iləgāsia (elegância)

etc.

b) Fenómeno idêntico se dá com *a* inicial em :

ĩté (até).

VII — *Acrescentamento de sons*

## 1. Prótese

a) *A* protético é muito frequente, sobretudo nos verbos :

alābrár (lembrar)  
 aṙəʃpōdér (responder)  
 aṙumédár (remendar)  
 asubír (subir)  
 aṙaṙsa (raça)  
 arā (rã)

etc.

## 2. Aglutinação

alagosta (lagosta)  
 alāparĩña (lamparina)  
 alĩterna (lanterna)

etc.

## 3. Epêntese

a) De *r*. Esta é a mais frequente :

i/tra<sup>ç</sup>lár (estalar)

sefr<sup>ç</sup>o (chefe)

bun<sup>ç</sup>ekra (boneca)

triã<sup>ç</sup>tru (teatro)

etc.

b) De *g*. Apenas notei um exemplo :

fugaj<sup>ç</sup>ru (tueiro)

c) De *b* (Vid. consoantes simples — *b*)

nũ<sup>ç</sup>bru (número)

d) De *s* :

de/fpó<sup>ç</sup>jf (depois)

de/fhrusár (debruçar)

etc.

## 4. Anaptixe

a) De *i*. Apesar da tendência da linguagem popular para reduzir as vogais em hiato, no entanto ele surge, talvez analogicamente, em formas como :

lĩã<sup>ç</sup>ásia (linhaça)

alfiã<sup>ç</sup>ia (alface)

ô<sup>ç</sup>dia (onda)

duã<sup>ç</sup>radísia (dobradice)

etc.

b) De *u*. Por vocalização do elemento explosivo duma consoante desenvolve-se, por vezes, a vogal *u*, embora não seja ouvida duma maneira absolutamente distinta :

bu<sup>f</sup>kuár (buscar)

kuātár (cantar)

kumuér (comer)

vuĩũu (vinho)

kuãĩ (quem)

etc.

## 5. Paragoge

a) Acrescentamento de *s* adverbial em :

prōtəf (pronto)

sɔmẽtəf (sómente)

etc..

## VIII — *Supressão de sons*

1. Aférese. É um fenómeno bastante repetido abrangendo grande número de exemplos.

a) De *a* :

nədɔta (anedota)

vãja (aveia)

b) De *d*. Muito vulgar :

ĩftribuír (distribuir)

ĩfkəfkár (descascar)

etc.

c) De *e*:

zəripela (erisipela)

d) De *g*:

əživa (gengiva)

2. Síncope. Surge facilmente, devido à síncope das vogais pré e postónicas (Vid. pré e postónicas):

rúftiu (rústico)

baḡru (bácoro)

etc..

## D — FENÓMENOS PSICOLÓGICOS

### I — *Analogia*

Divinaḡu (divinal). Analogia com os participios em — *ado*.

### II — *Contaminação*

dizavətura (des + aventura)

krusəffsiu (cruz + sacrificio)

barāsaḡra (barranco + eira)

kubarḡaria (acobardar + ia)

žəzūnár (jejum + ar)

brākunia (branco + melancolia)

etc.

### III — *Etimologia popular*

išuvaḡu (enxoval)

səreža (sereias)

mulḡta (malato)

etc.

## E — FONÉTICA SINTÁCTICA

e ũ ɔmɔ tã ɮũ kɔ nã ʃaʒɔ nãda kɔ nã mɔ de kɔta (É um homem tão bom que não faz nada que não me dê conta).

nãjza ke sojbesɔ (Não que eu soubesse).

eɮ diʒɔ-me kɔ la kria luvár (Ele disse-me que lha queria levar),

etc.

(Vid. Parte III — B).

## F — ACENTUAÇÃO

O acento tónico mantém-se. Num único exemplo notei a sua deslocação: puéziaf (poesias).

Grande número de esdrúxulas passam a graves. (Vid. vogais postónicas). Em alguns casos esta natural tendência da linguagem para evitar as proparoxítonas manifesta-se pela redução no corpo da própria palavra: arvɔ (árvore); rɔlɔʒɔ (relógio),

etc..

## G — ENTOAÇÃO

O jorgense articula com lentidão, comumente em voz forte e grave e notável prolongamento da última tónica da frase.

## CAPÍTULO II

# Morfologia

### A — ARTIGOS

#### 1. — *Artigo definido*

a) O artigo masculino tanto no singular como no plural combinado com as preposições *a* e *para* toma as formas :

*a* + *o* (s) pronuncia-se *ó* (s)

*ufrəser* *o* *məñnu* (oferecer ao menino)

*paz* *os* *oməf* (paz aos homens)

*para* + *o* (s) passa a *pó*(s), e mais raramente a *p'ró* (s)

*elə* *ta* *pó* *paftu* (ele está para o pasto)

*para* + *a* (s) soa *pa* (s) e *pá* quando seguido de vogal

*e* *vo-mə* *pa* *kaza*; *e* *vo-mə* *pa* *iskola* (eu vou para casa ; eu vou para a escola).

b) A semelhança do que se passa com os pronomes pessoais *o, a, os, as*, diante da bilabial nasal *m*, os artigos *o, a, os, as*, nessa mesma posição, apresentam as formas *no, na, nos, nas* :

vierã<sub>c</sub>u-nuf fi<sub>l</sub>uf (vieram os filhos)

žã šogarã<sub>c</sub>u-nuf oməf (já chegaram os homens)

## 2. — *Artigo indefinido*

a) As formas femininas do singular e plural são sempre :

ũa (uma)

ũaf (umas)

E mantém a mesma pronúncia mesmo quando associadas a elementos prepositivos :

nũa (numa)

nĩũa (nenhuma).

## B — SUBSTANTIVOS E ADJECTIVOS QUALIFICATIVOS

### 1. — *Número*

a) O plural dos nomes terminados em *-al*, é sempre *-ães*. O povo parece nem ter consciência da existência doutra forma de plural :

ladrã<sub>n</sub>íf (ladrões)

orasã<sub>n</sub>íf (orações)

arpã<sub>n</sub>íf (arpões)

etc.

b) Palavras terminadas em *-el*, *-ol*, tónicas, aparecem, por vezes, com o plural regularizado pelo acrescentamento de *-es*:

*papel<sup>e</sup>f* (papéis)  
*Manuel<sup>e</sup>f* (Manuéis)  
*terço<sup>e</sup>f* (terçóis)

etc.

c) Hesitam, por vezes, na formação de certos plurais:

*pe<sup>e</sup>f* (pés)  
*marmel<sup>e</sup>f* (marmelos)  
*re<sup>e</sup>f* (reis)  
*pós<sup>e</sup>f* (pós)

etc.

d) Os plurais que apresentam as formas:

*pe<sup>e</sup>liaf* (peles)  
*puví<sup>e</sup>diaf* (pevides)

etc.,

podemos, dentro da psicologia do povo, considerá-los regulares, atendendo a que os respectivos singulares são:

*pe<sup>e</sup>lia*, *puví<sup>e</sup>dia*.

2. — *Género*

a) Para o povo, as desinências - *o* e - *a* é que, fundamentalmente, caracterizam o género. Tudo parece encaminhar-se, pois, para que seja essa tendência que o leva a alterar as desinências de certas palavras sentidas como femininas:

pé<sub>c</sub>ia (pele)  
fə<sub>c</sub>ruža (ferrugem)  
fás<sub>c</sub>ia (face)

etc.

b) Sofreram mudança de género, passando a masculinos:

u na<sub>c</sub>fšē<sub>c</sub>tə (a nascente)  
u brū<sub>c</sub>kitə (a bronquite)  
u gri<sub>c</sub>pə (a gripe)  
u i<sub>c</sub>vežu (a inveja)

etc.

c) Mantém-se a forma arcaica feminina em:

a fi (o fim)

3. — *Graus dos adjectivos*

a) Os comparativos: *melhor*, *pior*, *maior*, são tratados como positivos:

ma<sub>c</sub>if mi<sub>c</sub>lór  
ma<sub>c</sub>if ma<sub>c</sub>iór  
ma<sub>c</sub>if pi<sub>c</sub>ór

ou

ma<sub>c</sub>if i<sub>c</sub>ōi

b) O comparativo de *mau* é: ma<sub>c</sub>if ma<sub>c</sub>u ou rō<sub>c</sub>i;  
o comparativo de *bom*: ma<sub>c</sub>if bñ;  
o comparativo de *pequeno*: ma<sub>c</sub>if pi<sub>c</sub>ķenu;

c) Usa-se sempre o advérbio *tanto* em vez de *tão*, em frases como :

e tātu bunitu, tātu līdu  
 e  
 ou  
 tātu fajū

d) *Muito* com a forma de mūtu.

e) A partícula *do*, reduz-se em regra, a *de* :

ela e majf bunita də kə kera  
 e e  
 ou  
 də kə kia

(ela é mais bonita do que era  
 ou  
 do que ia)

f) Esquemáticamente :

tātu... kumu (tão... como)  
 majf... də kə (mais do que)  
 nāu e tātu .. kumu (menos... do que).

## C — NUMERAIS

### 1. — *Cardinais*

ũa (uma)  
 kurēta (quarenta).

### 2. — *Ordinais*

prumajru (primeiro)  
 sigūdu (segundo)  
 trəsajru (terceiro).

## D — PRONOMES

1. — *Pessoais*

a) As formas pronominais *o*, *a*, *os*, *as*, sofrem as mesmas alterações que indiquei para os artigos:

ē mōrta kē bāi na vi (é morta que eu bem a vi)  
 ē bāi nu vi (eu bem o vi)  
 nā nā tōrnu a vēr (não a torno a ver)

b) *Lhe* e *lhes* em posição proclítica são, em regra, despala-  
 talizados na linguagem popular:

ē bāi lə disə (eu bem lhe disse)

c) O pronome pessoal sujeito *eu* passa a *ê* (fenómeno geral);

d) *Nós* é substituído por *a gente*.

2. — *Demonstrativos*

Como única particularidade a pronúncia de:

mēmu (mesmo)  
 ou  
 mēmuʃ (mesmos).

3. — *Indefinidos*

ātgũa (alguma)  
 ũa (uma)  
 nĩnũ ou nānũ (nenhum)  
 nĩnũa ou nānũa (nenhuma)  
 kākér (qualquer)  
 ũ qmā (no sentido de *on* francês):  
 ũ qmā nā gũa nāda (um homem não ganha nada)  
 tōdōluʃ (todos).

4. — *Pronomes relativos e interrogativos*

kəɫ, kəɫf (qual, quais)

que + vogal:

kəf kuɫtru ɔɾaf (que às 4 horas)

kə kə tivesə (que eu estivesse)

kə deɫa? (que é dela?)

kəðə? (que há de?)

etc..

5. — *Adjectivos possessivos*

Os adjectivos *meu, teu, seu*, tomam a forma *mê, tê, sê*, em posição proclítica.

## E — VERBOS (1)

1. — *Verbos regulares*

a) Segunda pessoa do singular:

Pret. Perf. Ind.

A segunda pessoa do singular termina em — s, por analogia com as outras pessoas tanto nos verbos regulares como irregulares. Porém, este fenómeno ainda se encontra restrito à linguagem do povo unicamente:

*fugistes* (fugiste)

*fostes* (foste)

etc..

---

(1) — Nesta parte, exemplificativa da conjugação verbal, achámos desnecessário empregar o alfabeto fonético.

b) Primeira pessoa do plural :

Pres. Ind.

Os verbos terminados em — *ar* apresentam a primeira pessoa do plural em — *emos* e não — *amos*, possivelmente sob a influência das formas *temos* e *havemos* de emprego muito frequente na conjugação perifrástica :

*usemos* (usamos)  
*cantemos* (cantamos)

etc. .

Pret. Perf. Ind.

Em todas as conjugações, quer nos verbos regulares quer nos irregulares é muito frequente a terminação — *rmos* por — *ámos*, tendo, possivelmente, como origem o mais-que-perfeito :

*ficarmos* (ficámos)  
*sairmos* (saímos)  
*formos* (fomos)

etc. .

Pres. Conj.

O acento recua, por vezes, para a sílaba anterior, em verbos regulares e também em alguns irregulares, por analogia com a primeira pessoa :

*fújamos* (fujamos)  
*séjamos* (sejamos)

etc. .

## c) Terceira pessoa do plural:

Na terceira pessoa do plural dos verbos — *am* soa sempre *u* e — *em* soa — *i*; tanto um como outro com ligeira nasalização, por vezes:

*eles ando* (eles andam)  
*eles andaro* (eles andaram)  
*eles foro* (eles foram)  
*eles parti* (eles partem)  
*eles dizi* (eles dizem)

etc..

Fut. Ind.

Simplificam-no, em geral:

*querão* (quererão).

Imperativo

As formas deste tempo apresentam algumas divergências:

*abrei-vos* (abri-vos)  
*cal-te* (cala-te).

Mas, o mais vulgar é ouvir-se a forma correcta, talvez porque a segunda pessoa do plural é uma das que o povo pronuncia com mais exactidão,

Particípio

Apresenta, com frequência, formas regularizadas:

*descobrido* (descoberto)  
*matado* (morto)  
*pagado* (pago)  
*escrevido* (escrito)

etc..

2. — *Verbos irregulares*

## a) dar

Pres. Conj.

*qu'ê deia* (que eu dê)*que tu deias* (que tu dê)*qu'ele deia* (que ele dê)

...

*qu'eles dãe* (que eles dêem).

## b) estar

O infinitivo deste verbo é *'tar* e todos os seus tempos se conjugam a partir desta forma:

Pres. Ind.

*tou, tás, tá*

etc..

## c) dizer

Pret. Perf. Ind.

*dixe* (disse)*dixestes* (disseste)*dixe* (disse)*dixemos* (dissemos)*dixestes* (dissestes)*dixero* (disseram).

E da mesma maneira: *dixeram*; *dixesse*; *dixer*.

d) haver

Pres. Ind.

*hei-de* (hei-de)  
*há-des* (hás-de)  
*há-de* (há-de)  
*hamos* (havemos)  
*haveis* (haveis)  
*hande* (hão)

Imperf. Ind.

*havera* (havia)  
*haveras* (haviás)

etc.

Particípio passado

*havisto* (havido).

e) perder

Pres. Ind.

*pêrco* ou *pêrdo* (perco).

f) pôr

Pres. Ind.

...  
*vós pundes* (vós pondes)  
*eles põe* (eles põem)

g) querer

Pres. Ind.

...

*qu'remos* (queremos)*qu'reis* (quereis)*queri* (querem).

Pret. Perf. Ind.

*quije* (quis)*quijeste* (quiseste)*quije* (quis)*quijermos* (quisemos)*quijestes* (quisestes)*quijero* (quiseram).

h) saber

Pret. Perf. Ind.

*sube* ou *suibe* (soube)*soibestes* (soubeste)*soibe* (soube)*soibermos* (soubemos)*soibestes* (soubestes)*soibero* (souberam)com o mesmo ditongo *oi*: *soibesse*; *soibera*; *soiber*, etc..

i) ser

Pres. Ind.

...

*samos* (somos) analogia com *estamos**sōis* (sois)

...

Assim também: *sarei* (seria); *saria* (seria), etc..

j) ter

Pres. Ind.

*tanho* (tenho)

...

*tindes* (tendes)*tem* (têm).

k) trazer

Pres. Ind.

*traigo* (trago)

...

*trazamos* (trazemos)

...

*trazi* (trazem).

Pret. Perf. Ind.

*truve, truíve, truxe* ou *truíxe* (trouxe)*troivestes* ou *troixestes* (trouxe)ste)*troive* ou *troixe* (trouxe)*troivermos* ou *troixeramos* (trouxemos)*troivestes* ou *troixestes* (trouxestes)*troivero* ou *troixero* (trouxeram).

Pres. Conj.

*traiga* (traga)

etc. .

l) ir

Pres. Ind.

...

*vás* (vais)

...

Pres. Conj.

...  
*vaia* (vá)  
 ...

m) ouvir

Conjugado sempre com o ditongo *oi*.

Pres. Ind.

*oiço*  
*oives* (ouves)

etc. .

Part. Passado

*oivisto* (ouvido)

n) vir

Pres. Ind.

*vanho* (venho)  
 ...  
*vinhais* (vindes)  
*vem* (vêm)

Pret. Perf. Ind.

*vim*  
*vinhestes* (vieste)  
*veio*  
*vinhermos* (viemos)  
*vinhestes* (viestes)  
*viero* (vieram).

## F — ADVERBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS

## a) de lugar :

i (aí)  
 adōdə (aonde)  
 prādə (para onde)  
 it̃e li (até ali)  
 řřiba (em cima)  
 pur li (por ali)  
 pur ki (por aqui)

## b) de modo :

ētəf (antes)  
 imētəf (enquanto)  
 kumu (como)  
 řbçra (embora)  
 rōř (mau)  
 a mçdə də (pronto a)  
 řf presař (à pressa)  
 kə nāř (como)  
 də mçdəř (de modo)  
 i prōtəř (e pronto)  
 tamāř (também)  
 pur via də (por causa de)  
 ř ātigamētə (à antiga)

## c) de negação :

nā (não). Em próclise  
 nāřa (não)

d) de quantidade:

mūtu (muito)  
 kažə (quase)  
 kātəf kajra (muitas)  
 ū pudér də (grande quantidade)  
 pudērəf (grande quantidade)

e) de tempo:

ātāu (então)  
 itāu (então)  
 ida (ainda)  
 etōsəf (então)  
 ategora (ainda agora, há pouco)  
 atəfdōtə (ante-ontem)  
 ātiōtə (ante-ontem)  
 otə (ontem)  
 trazātōtə (atrás de ante-ontem)  
 aivezəf (às vezes)  
 a žaitu də (por volta de)  
 pur dəradajru (por último).

## G — PREPOSIÇÕES E LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

i (em)  
 kū (com)  
 ité (até)  
 dō sutə (de repente).

## H — CONJUNÇÕES

a) Temporais:

kādu (quando)  
 ikātu (enquanto)  
 imētəf (enquanto)  
 kabātə fajtu (logo que).

## I — INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTIVAS

## a) Admiração :

ā́dǎ! (N. G., usada no princípio das frases)

ā ?!

eṽ ?!

baj kredǎ!

baj kruzǎf!

lojivađtu seža Dǎṽf!

u! baj kredu!

baj kredu, kǎṽ fǎdurǎtu!

kruzǎf, sīṽra!

ǒ ǒmǎ, kredu!

## b) Súplica :

ǎi ki delrǎi!

ǎi žazúf!

## J — FORMAÇÃO DE PALAVRAS

## a) Prefixação

des —

dǎzīfǎlǎf (infeliz ; desinfeliz)

dǎzīkietu (inquieto ; desinquieto)

etc. .

es —

i/faləsér (desfalecer)  
 i/fuĵár (desfolhar; esfolhar)  
 i/kaskár (descascar)

etc. .

a —

akupár (ocupar)  
 alābrár (lembrar)  
 marguĵár (mergulhar)

etc. .

## b) Sufixação.

- inho (o único empregado, salvo raras excepções)
- ito (muito usado em Santo Antão).

## c) Colectivos.

mōtə (de rapazes, de figos, etc.)  
 māšaja (idem)  
 rāšu (de porcos, de gado, de rapazes, etc.)  
 magoṭə (idem)

etc.

## CAPÍTULO III

# Sintaxe e Estilo

1. — Consequência em parte dos fenómenos fonéticos já referidos, particularmente a desnasalização das vogais — *e* e — *a* finais nas diversas flexões e da transformação desta última em — *u*, são muito usuais os casos de silepse:

*də/póijf du fɔnu kɛtə, puʃu-sə əf brəzəf i aməru-sə əf mətəf vɛrdəf... i bəɾə-sə əf brəzəf...* (depois do forno quente, puxam-se as brasas e amarram-se as matas verdes... e varrem-se as brasas...)

2. — Emprego da terceira pessoa (sobretudo do Pret. Perf. Simples) pela primeira pessoa:

*kādu ɛ tava na rua ɛ kə m'alābróu* (quando eu estava na rua é que me lembrei).

3. — Em substituição do Pret. mais-que-perf. usam, por vezes, empregar o Pres. Conj:

*e mũtu sertu kɛ diga* (é muito certo que eu tenha dito).

4. — Verbos conjugados reflexamente :

fuj-mə a žaneła (fui à janela)

5. — O verbo sempre que precedido de *a gente* emprega-se no plural :

a žətə íamuſ... (a gente ia...)

6. — Uso da preposição *a* em certos verbos :

kuſtuma-sə a vižiár (costuma-se vigiar)

7. — Preposição *de* em certos verbos de movimento :

kuməsóu də šuvér (começou a chover)

8. — Abuso do gerúndio :

íſtótóu žātādu (estou a jantar)  
elə vaji saídu (ele vai a sair)

9. — Hesitações no discernimento das palavras flexíveis e inflexíveis :

íſtu e fajtu na meſma ſiſtēma (isto é feito no mesmo sistema)  
partəſ duſ qməſ (parte dos homens)

10. — O complemento directo é frequentemente desdobrado :

də-mə isu a mī (dá-me isso)

11. — Emprego único de *seu* referido não só à pessoa com quem se fala, mas também de quem se fala :

foi u se paj kə mə disə isu (foi o pai dele que me disse isso)

12. — Abuso da copulativa *e*.

A linguagem do povo, cheia de expressão e simplicidade, é a tradução da sua vida e da sua alma.

Abundam expressões metafóricas, imagens, comparações:

fuisse-me da cabeça como a aḡga que corre pela folha do inhame.

A cada passo, na conversa, surgem provérbios e ditos:

Pur sãḡ martiñu samaḡa u te sabuliñu (por S. Martinho, semeia o teu cebolinho).

Frases próprias mas que lhes dizem muito:

fɔftə nũ kreḡu (foste num instante).

Não usam termos de calão, tidos como falta de educação.

Para exprimir termos de carinho servem-se do diminutivo — *inho*.

Há no estilo e na maneira de construir as frases um certo ar antiquado (evidente nas formas de tratamento), ajudado pelo emprego bastante abundante de arcaísmos:

a fi (o fim)  
 kōpəsár (começar)  
 frajma (desgosto)  
 lũa (lua)

etc..

## PARTE III

# Folclore

## I

### INTRODUÇÃO

Em todas as localidades, fontes de inquérito (excepção feita a Santo Antão por falta de tempo), procurei fazer uma recolha folclórica.

Pela importância que julguei dever atribuir aos romances, foi essencialmente sobre eles que debrucei a minha atenção. Entretanto, notei que estes cantos populares, de que há cerca de cem anos o Dr. João Teixeira fez uma abundante recolha na Ilha (refiro-me a este facto na Introdução), estão, por assim dizer, na época presente, restritos à memória duma ou outra velhinha que a morte ainda não ceifou. Encontrei, é certo, algumas raparigas que me recitaram, ouvidas das avós, a *história* de «D. Silveste» (B.) e de «D. Inês» (N. P.), mas os romances são já sentidos como antiquados e daí dizerem a cada passo: «já há pouco quem saiba e se importe com essas histórias velhas».

Mas, pelo que tive ocasião de observar na conversa com as velhotas, minhas informadoras (uma delas vê-se a fiar na Fot. n.º 55), os romances transmitidos de boca em boca, de mães a filhas: ditos aos serões; em noites de desfolhada; cantados à viola nos dias de matança, — na mocidade delas estavam bem vivos, na memória de todos que os sentiam e com eles se como-

viam como se fossem realidade. Uma destas velhinhas vi eu chorar no episódio da «D. Silvana» em que a mulher do «conde» se despede dos filhos.

Anotei, também, algumas orações, colóquios, chacotas e letras de bailes regionais. Dei preferência às composições mais antigas e às que me pareceram mais típicas.

Por fim, alguns textos em prosa, tal como os ouvi contados pela informadora da Beira, na sua linguagem puramente local.

Das festas que se realizam na Ilha, apenas descrevo sumariamente as do Espírito Santo.

Exceptuando estas, resta ao povo como divertimento, as festas do Santo orago da freguesia, os *balhos* (bailes) com que terminam quase sempre as matanças dos porcos, as romarias à Fajã de Santo Cristo, no primeiro domingo de Setembro, e, ao Bom Jesus, na Ilha do Pico, no dia 21 do mesmo mês.

II

COMPOSIÇÕES EM VERSO

A — ROMANCES («HISTÓRIAS»)

**D. Silvana**

(Versão de Rosais)

Chorava a Dona Silvana,  
Chorava, que *razon* tinha  
Acordou seu pai da cama  
O pranto qu'ela fazia.  
— Tu que tens Dona Silvana,  
Tu que tens, ó filha minha?  
— Todas casam no *mê* tempo,  
Tambem *ê* casar me queria.  
— *Ê nã* conheço marido  
Que te dê, ó minha filha,  
Se não o Conde d'Alemanha  
*Qui* é casado e tem família.  
— Co' esse, *mê* pai co'esse  
Co'esse, *mê* pai, queria  
Mande-o *mê* pai chamar  
Da sua parte e da minha  
P'ra lhe pôr *ũa prêmática*  
Lá *im* meio da comida.

— Quero que mates *cundessa*  
P'ra casar *cum* minha filha.  
— *Cundessa* não matarei,  
Minha real *cumpanhia*.  
— Mata-a conde, mata-a conde,  
Tempo *dũa Ave Maria*,  
E traze-me a cabeça dela  
Nesta doirada bacia.  
O Conde voltou p'ra casa  
Todo cheio d'agonia ;  
Mandou fechar o portão  
Coisa que nunca fazia ;  
Mandara pôr o jantar  
Para fazer que comia :  
As lágrimas eram tantas  
Qu'até os pratos *inchia*.  
— Conta-me tu, ó bom conde,  
Qual é a tua agonía ?  
— *Ê* se te fosse *cuntar*  
Tal pena te causaria :  
O rei manda-te matar  
P'ra dar honra à sua filha.  
— Manda-me deitar ó mar  
*D'ande* gente me não via.  
— Não *cundessa*, não *cundessa*,  
C'o rei logo saberia,  
Ele quer a tua cabeça  
Nesta maldita bacia.  
— Pois deixa-me dar um passeio  
Da sala para o jardim.  
Adeus cravos, adeus rosas,  
Adeus flor do alecrim.  
Deixa-me dar um passeio  
Da sala para o quintal.  
Adeus cravos, adeus rosas,  
Adeus flor do laranjal.  
Deixa-me dar um passeio

Da sala para a cozinha.  
Adeus criados e criadas,  
Que bem me *tindes* servido ;  
E deixa-me ver os *mês* filhos  
Qu'ê quero-os *abinçoar*,  
Deixa-me ver o mais moço  
Qu'ê quero-lhe dar de mamar ;  
Mama, mama, *mê* menino,  
Neste leite d'agonia,  
*C'àmanhã* por estas horas  
Já estou na terra fria.  
Mama, mama, *mê* menino  
Neste leite derradeiro,  
Vós nunca haveis d'achar  
*Ūa* mãe *cóme* a primeira.  
Mama, mama, *mê* menino  
Neste leite amargurado,  
*C'àmanhã* por estas horas  
*Tê* pai já é rei *c'roado*.  
Tocam-se sinos na corte,  
Minh'alma, quem morreria ?  
Respondeu o menino de seis meses,  
Ainda falar não sabia :  
— Morreu a Dona Silvana  
*Pêla* traição que fazia,  
*Discasar* os bem casados,  
Coisa que Deus *nã* queria.

## D. Silveste

(Versão da Beira)

Chorava Dona *Silveste*,  
Chorava que *razon* tinha,  
Seu pai s'erguia da cama  
Ao pranto qu'ela fazia ;  
— O que *tindes*, Dona *Silveste*,  
O que *tindes*, ó filha minha ?  
— Todas por aí 'tão casadas  
E eu também casar me queria.  
— Ó filha *nã* tenho quem te queira,  
Nem na corte quem te *rija*,  
Só se o Conde d'Alemanha  
*Qui* é casado e tem família.  
— Com esse meu pai, com esse,  
Com esse é que eu me queria,  
Mande-'o meu pai chamar  
À sua mesa um dia.  
As palavras não eram ditas  
E o conde à porta batia.  
— Vossa Alteza o que me quer  
Qu'eu *ind'âgora* daqui saía ?  
— Eu quero que mateis condessa  
Para dar honras à minha filha.  
— Ó condessa da minh'alma  
*Qui* ela a morte *nã* merecia.  
— Mata conde, mata conde,

No tempo *dãa* Avé Maria,  
E trouxe-me a cabeça dela  
Nesta dourada bacia.  
O conde *chigou* a casa,  
Coisa que nunca fazia  
Mandou *tingir* os portões  
De luto à morgadia  
E mandou tirar o jantar  
Para fazer que comia,  
Mas as lágrimas eram tantas  
*C'até* os pratos *enchia*.  
— *Cuntai* conde, *cuntai* conde,  
*Cuntai-me* a vossa agonia.  
— O rei vos manda matar  
P'ra dar honras à sua filha  
E *mande* que eu lhe leve a cabeça  
Naquela maldita bacia.  
— Deixai-me dar um passeio  
Da sala para o jardim.  
Adeus cravo e adeus rosas  
E adeus flores do alecrim.  
— Deixai-me dar um passeio  
Da sala para a cozinha.  
Adeus moços, adeus moças,  
A quem eu tanto queria;  
E deixai-me vir vosso filho  
Mais velho qu'eu o quero *acunsilhar*,  
Que palavras de madrasta  
Vos *ande* *iscandalizar*.  
Vós haveis de pedir pão,  
Ela há-de dizer: não o tenho.  
Vós haveis de lhe pedir *auga*,  
Ela há-de dizer: *vaia* *buscar*.  
E deixai-me ver o vosso filho mais moço  
Qu'eu lhe quero dar de mamar.  
— Mama, mama, meu menino,  
Este leite agoniado,

*C'amanhã* por esta hora  
Vosso pai será rei *c'roado*.  
Mama, mama, meu menino,  
Este leite d'amargura,  
*C'amanhã* por esta hora  
O *mê* corpo está na sepultura.  
Tocam sinos na corte,  
Ó! Meu Deus! Quem morreria?  
O menino de sete meses,  
*C'ainda* falar não sabia:  
— Foi Dona *Silveste*  
Pelas traições que fazia,  
Descasar os *bũs* casais,  
Coisa que Deus não queria.  
Já *morreu* os bem casados  
Já lá vão a *interrar*  
Um *interrou-se* à gradinha  
Outro ao pé do altar.  
D'um nasceu *ũa* oliveira  
D'outro um grande oliveiral  
D'um nasceu *ũa* pomba  
D'outro um pombo real.  
Um voou, outro voou  
Ambos ao céu foram parar.

## D. Silvana

(Versão do Norte Pequeno)

Passeava Dona Silvana  
Pelo corredor acima,  
Acordou seu pai da cama  
Os estrondos que fazia.  
— Que tens tu, Dona Silvana?  
Que tens tu, Dona Maria?  
— Todos casam no *mê* tempo  
Também *ê* me casar queria.  
— *Conduzelo* fazer casado,  
é casado, tem família.  
— *Mandi-o mê* pai chamar  
Da sua parte e da minha.  
— O Senhor Conde *tá im* casa?  
O rei o manda chamar.  
— *Ind'âgora* venho da corte,  
P'ra lá vou-me tornar,  
Isto não é p'ra *mê* bem,  
De-certo será p'ró *mê* mal.  
Entrando pela corte dentro,  
Fazendo mil cortesias:  
— Bejo a mão a Vossa Alteza  
Que quer V. *Sinhoria*?  
— Quero que mates a condessa,  
P'ra casar com Dona Maria.  
— A condessa *nã* na mato,

Minha doce *cumpanhia*.  
 — Quero que *traigas* a cabeça  
 Nesta doirada bacia.  
 Vai o Conde para casa,  
 Triste como nunca ia,  
 Mandou fechar os portões,  
 Coisa que nunca fazia ;  
 Mandou vestir os moços  
 De luto, à *moiraria*.  
 Sentaram-se ambos à mesa,  
 Nem um, nem outro comia,  
 As lágrimas eram tantas  
*C'até* os pratos enchiam.  
 — Conta-me marido meu,  
 Conta-me a tua agonia.  
 — *É* se vo-la contasse  
 Mais paixão vos causaria,  
 O rei vos manda matar  
 P'ra eu casar com D. Maria  
 E manda *levá-la* cabeça  
 Nesta maldita bacia.  
 'tavam nestas falas  
 Caixeiro à porta batia :  
*S'a* condessa era morta,  
 Senão *qui* a matar queria.  
 — A condessa não é morta  
 Mas 'tá nessa agonia.  
 — Mata, mata, Condiano,  
 No tempo *d'ũa* Avé Maria.  
 — Venha cá *ũa* toalha  
 Dessas mais finas qu'houver,  
*P'r' àpertar* a garganta,  
 Já c'o rei assim quer.  
 — Deixem-me dar um passeio  
 Da sala p'ró jardim.  
 Adeus cravos, adeus rosas,  
 Adeus *auç a* d'alecrim

Adeus espelho da sala  
D'onde eu me ia vestir ;  
Adeus moças, adeus moços  
A quem eu tanto queria,  
Até agora me serviram  
Agora servirão outra  
De mais alta cortesia.  
Venham cá os *mês* filhinhos,  
Também os quero *aconsilhar* :  
Conselhos de madrasta  
*Serve de iscandelizar.*  
Venha cá esse mais moço,  
Qu'ê quero-lhe dar de mamar.  
Mama, mama, *mê*, menino,  
Neste leite d'amargura,  
Amanhã por estas horas  
Vossa mãe na sepultura ;  
Mama, mama, *mê* menino,  
Neste leite amargurado,  
Amanhã por estas horas  
Vosso pai é rei coroado.  
Tocam *n'os* sinos na torre :  
Ai Jesus! quem morreria?  
— Foi a filha do rei Conde,  
Chamada D. Maria,  
Porque queria descasar um casal  
Que Deus ainda não queria.

## D. Jorze

(Versão de Rosais)

A caçar se vai Dom *Jorze*  
A caçar como *s'êle ia* <sup>(a)</sup>  
Levava os *sês* cães cansados,  
*Sês valcões* perdidos havia.  
Anoitecera na serra,  
*Nũa* mais alta *muntilha*.  
Vira lá 'star um pinheiro  
Mais alto, à maravilha.  
No pé *le* teria o oiro,  
Nos galhos a prata fina,  
No derradeiro dos galhos  
Vira estar *ũa* menina,  
*C'um* pente d'oiro na mão,  
Que *pintiar-se* queria.  
— Que fazes aí, menina,  
Que fazes aí, donzela?  
— Sete fadas me fadaram,  
Nos braços *d'ũa* mãe minha,  
Que '*tivesse* aqui *seti* anos,  
*Seti* anos e mais um dia.  
*Hoji s'incerra* os anos,  
*Amanhã s'incerra* o dia,

---

(<sup>a</sup>) — Solia.

Leva-me tu, cavaleiro,  
 Para a tua *cumpanhia*.  
*Nã* me leves por mulher,  
 Nem tão pouco por amiga,  
 Leva-me por tua serva,  
 Por tua negra cativa,  
*Qu'ê* sou filha d'*ũa* *mulata* <sup>(a)</sup>  
 Da maior *mulataria* <sup>(a)</sup>,  
 Quem no *mê* corpo tocar  
*Mulato* se tornaria.  
 — Só se queres ir nas ancas,  
 Pois na sela não cabias.  
 Indo mais para *diente*  
 A donzela se sorria.  
 — De que vos *riais* donzela  
 De que vos *riais*, menina?  
 — *Nã* me rio do cavalo,  
 Nem da sua selaria,  
 Rio-me é dum estorninho  
 Que pelo ar vai zunindo.  
 Indo mais para *diente*  
 A donzela se sorria.  
 — De que vos *riais*, donzela?  
 De que vos *riais*, menina?  
 — *Nã* me rio do cavalo,  
 Nem da sua selaria,  
 Rio-*m'ê* do cavaleiro  
 Mais da sua cobardia.  
 — Volta *pa'* trás, *mê* cavalo,  
*Q'a* espora é perdida.  
 — Ó tirano, ó tirano,  
 Não faças tal tirania  
 Que, s'a espora era prata,

---

(\*) — *Malato, Malataria* — Estado intermediário à escravidão e liberdade, do tempo das classes servas da Península.

*Mê* pai d'oiro t'a daria.

*Mê* pai lavrava no oiro,

Minha mãe na prata fina.

Sou filha do rei de França,

Da rainha *Custantina*.

— Valha-me Deus, Deus me valha,

Valha-me a Virgem Maria!

Cuidei que trazia amores,

*Traigo ãa* irmã minha.

# História da Donzela

(Versão da Beira)

Caçador que vai à caça,  
Da caça como solia,  
Escurecera na serra,  
Numa escuridão montiva.  
*Incstou-se* ao arvoredó,  
O arvoredó tenia:  
O pé tenia a oiro,  
A rama a prata fina,  
No mais alto ramo dele  
Devia estar *ũa* menina,  
*C'um penti* d'oiro na mão,  
Que *pintiar* se queria.  
O cabelo na cabeça  
O arvoredó cobria,  
Os dentes da sua boca  
Lindo marfim *parecia*  
Os olhos da sua face  
Todo o mundo *liumbriga*.  
— Que fazes aí donzela,  
Que fazes aí *dunzila*?  
— Sete fadas me fadaram,  
Nos braços *dũa* mãe minha,  
*Qu'ê 'tivesse* aqui *seti* anos,  
*Seti* anos e um dia.  
Já lá vão os *seti* anos  
Hoje *si inçarra* o dia.

Bem podias cavaleiro  
 Levar-me na tua guia,  
 Nas ancas do *tê* cavalo,  
 Que na sela não cabia.  
*Inde im* meio da serra,  
 D'amores s'acometia.  
 — Trota, trota, cavaleiro,  
 Não faças tal tirania.  
*Ê* sou filha dum *mulato*,  
 Da maior *mulataria*,  
 Quem no *mê* corpo tocar,  
*Mulato* se tornaria.  
 — Volta *pa* trás, cavalo, *mê* cavalo,  
*C'as* esporas são perdidas.  
 — Trota, trota, cavaleiro  
 Não faças tal tirania.  
 Se tua espora é prata  
*Mê* pai d'oiro *t'a* daria.  
*Mê* pai lavra *im* oiros,  
 Minha mãe *im* prata fina.  
 Indo mais p'ra diante  
 A donzela se sorria  
 — De que vos rides, donzela  
 De que vos rides, *dunzila*?  
 — Não me rio do cavalo,  
 Nem da sua selaria,  
 Rio-me do cavaleiro  
 Pela sua cobardia.  
 — Dize-me tu, ó donzela!  
 Dize-me tu, de quem és filha?  
 — Sou filha d'el-rei de França,  
 Da rainha *Custantina*.  
 — Valha-me Deus,  
 Deus me valha,  
 Valha-me a *Virge* Maria,  
 Penso que *traigo* mulher,  
*Traigo ãa* mana minha.

# História da Donzela

(Versão do Norte Grande)

Sete fadas me fadaram,  
Nos braços *d'ũa* mãe minha,  
Por set'anos e um dia.  
Hande-se completos os anos  
E hoje se completa o dia.  
Bem podia, cavaleiro,  
Levar-me na vossa guia,  
Se não quisesses na sela,  
Nas ancas, por cortezia,  
Que sou filha *d'ũa mulata*  
Da maior *mulataria*,  
Quem em mim me tocar  
Em *mulato* se tornaria.  
Iam *pêla* serra além  
E a donzela se ria.  
— De que te sorris, menina?  
De que te sorris, *dunzila*?  
— Não me sorrio do cavalo,  
Nem da sua selaria,  
Sorrio-me *d'ũas àvinhas*  
Que *pêlo* ar vão *zunia*.  
Iam pela praça além  
E a donzela *inda* se ria.  
— De que te sorris, menina?  
De que te sorris, *dunzila*?

— Não me sorrio do cavalo,  
Nem da sua selaria.  
Sorrio-me do cavaleiro,  
Da sua *cobardaria*.  
— Volta atrás, ó *mê* cavalo,  
*C'a* espora é perdida,  
Na fonte d'onde *bebermos*,  
Ela lá nos ficaria.  
— Segue, segue, cavaleiro,  
Não taças tal tirania,  
*S'a* espora era de prata,  
*Mê* pai d'oiro *t'a* daria.  
Sou filha do rei de França,  
Da maior fidalgaria,  
Sou filha do rei Ambrósio,  
Da rainha Constantina.  
— Valha-me Jesus do Céu,  
Valha-me Santa Maria,  
Pensei que levava mulher  
Levo *ũa* irmã minha.

# Inominado

(Versão da Beira)

— Francisquinha diligente,  
Vosso corpo bem *gintil*,  
**A**abri essas vossas portas  
A quem costumais abrir.  
-- Não *aibro* as minhas portas  
A tais horas de dormir.  
— Abri aos vossos amores,  
A quem costumais abrir.  
Ela, quando tal ouviu,  
Descalça veio abrir ;  
Quando abriu a porta  
Apagou-se o *canediu*.  
*Le* pegara pelo braço,  
O *luvava* ao jardim,  
Lavara-lhe pés e mãos  
*Co'a* água do alecrim ;  
*Le* pegara pelo braço,  
O deitara a par de si.  
— Era meia noite dada,  
Outra meia para vir,  
Sem tu, D. Flores Bento,  
Te virares para mim.  
Se temes os *mês* irmãos  
*On*te à noite *forum* d'aqui ;  
Se temes minhas vizinhas

Elas *nã* m'hão-d'aqui vir ;  
 Se temes o *mê* marido  
 Longe terras '*tá* d'aqui,  
 Má *adegado o passim*  
 E as novas venham a mim.  
 — Eu não quero os teus irmãos,  
*Hómes* que nunca temí,  
 Nem também tuas vizinhas,  
 Mulheres qu'*é* nunca vi,  
 Nem também o *tê* marido  
 Que o tens a par de ti.  
 — Mata, mata, *mê* marido,  
 C'a morte *tê* mereci

. . .

Quando viu carnes tão belas  
 E o *saingue* pelo chão,  
 Minha mãe logo me disse :  
 — Filho *nã* na mates não.  
 — *P'r'ãnde vás* tu, cavaleiro,  
 Que tão prestes vais *im* ti?  
 — Vou-me ver a minha dama  
 C'*á* muito *nã na* vi  
 — Tua dama já é morta,  
 É morta qu'*é* bem *na* vi,  
 Aqui levo pá e *inchada*  
*Cum* que terra a cobri.  
 — Abre-te *campia sarrada*  
 Quero ver quem está *im* ti.  
 — *Veve, veve*, cavaleiro,  
*Veve* tu, qu'*é* já morri,  
 Olhos com que te mirava  
 Já de terra os cobri,  
 Boca *cum* que te beijava,  
 Já de terra a *inchi*,  
 Braços com que t'abraçava,  
 Já força *nã tem im* si.

*Veve, veve*, cavaleiro,  
*Veve* tu, qu'ê já morri.  
Eu te peço, cavaleiro,  
Que te cases a caminho.  
A mulher com quem casares  
Não lhe queiras mais *c'a* mim;  
Filha que dela tiveres  
Põe-*le* um nome *cóm'a* mim,  
*Cando* chamares por ela  
Te *alembrares* de mim;  
Filho que dela tiveres  
Não lhe ponhas *cóm'a* ti,  
Que *nã* se *percum* mulheres  
*Cum'*eu perdi por ti.

# Cravo Rosado

(Versão do Norte Grande) <sup>(a)</sup>

Alecrim bateu à porta.  
*Manjanera*: — Quem *t'á* aí?  
— É o cravo Rosado,  
*Sinhôra*, mandai-lhe abrir.  
— *Si* ele é o cravo Rosado,  
*Discalça* lhe vou abrir.  
*A Sinhôra* se *discalçada 'tava*,  
*Discalça* lhe foi abrir  
E lhe pegou pela mão  
E o levou ao seu *candil*.  
E era meia noite dada,  
Outra meia está p'ra vir,  
E sem o cravo Rosado  
Rumor *ninhum* dar de si.  
— Ó! *mê* cravo Rosado!  
Vira-te cá p'ra mim,  
Não temas a minha mãe  
*Qui* ela não vem aqui,  
Nem temas os *mês* criados  
Que não passam por aqui,  
Nem temas o *mê* marido

---

(<sup>a</sup>) — A informadora disse estar esquecida de parte desta «história».

Que longes terras está d'aqui.  
— Não temo a tua Mãe,  
Qu'eu já com ela vivi,  
E nem temo os teus criados,  
Os teus criados são de mim.  
Nem temo o *tê* marido  
*Qui* o tens a par de ti.  
— Mas s'isto é o *mê* marido,  
Que novas o trazem aqui  
É ele que me traz a mim?  
— *Traigo-te* vestido de seda,  
Manto de clamesim,  
E *traigo-te* punhal d'oiro  
Que foi feito para ti.  
Manda avisar tua Mãe  
Que venha punir por ti,  
Manda avisar *t'isoireiro*  
Que toque sinal por ti,  
Manda avisar o coveiro  
Que *t'aibra* a cova *sergida*.  
Quatro frades a levaram,  
Num esquife de marfim,  
Os círios *qui àlumiavam*  
Eram d'oiro d'alfenim(?). . .

# A Bela Infanta

(Versão de Rosais)

Estando a bela infanta,  
No seu jardim assentada,  
*Cum* pente d'ouro na mão  
Seu cabelo pentiava.  
Quando olhou para o mar  
Viu vir tão linda armada.  
Capitão que nela vinha,  
Tanto bem a dominava:  
— Dize-me tu, capitão,  
Dize-me tu, pela tua alma,  
Marido que Deus me deu  
Se o trazes na tua armada?  
— Não o vi, nem o conheço,  
Dê-me os sinais que *lুবou*.  
— *Lুবou* o seu burro branco  
Com sua sela amarela,  
Na ponta da sua espada  
*Úa* bandeira de guerra.  
— Bem *n'ó* vi, bem *n'ó* conheço,  
Lá ficou morto na guerra,  
Duzentas e mil facadas,  
**A** mais pequenina delas  
A cabeça *le* cortava.  
— Ai de mim? Triste viúva?

Ai de mim! Triste coitada!  
Três filhinhas que eu tenho  
Sem *nenhã* estar casada.  
— Que daríeis vós, *sinhóra*,  
A quem vo-lo trouxesse aqui?  
— Dava-lhe tanto dinheiro  
Que a contar não tem fim.  
— *Ê nã* quero o vosso dinheiro  
Que *nã* me convém a mim,  
*Qu'ê* sou soldado, sirvo o rei,  
Não habito por aqui.  
Que daríeis mais, *sinhóra*,  
A quem vo-lo trouxesse aqui?  
— As telhas do *mê* telhado  
Que são oiro e marfim.  
— Que daríeis mais *sinhóra*  
A quem vo-lo trouxesse aqui?  
— Três filhinhas que eu tenho,  
Todas três vo-las daria.  
— *Nã* quero as vossas filhas,  
Que me *nã* convém a mim  
*Qu'ê* sou soldado, sirvo o rei  
Não habito por aqui.  
— *Nã* tenho mais que vos dar,  
Nem vós mais que me pedir.  
— Vós tendes mais que me dar  
E eu tenho mais que vos pedir:  
O vosso corpo gentil  
Para com ele dormir.  
— O mancebo que tal diz  
*Deve de* ser amarrado  
Numa corrente de ferro  
Ao rabo do *mê* cavallo.  
Ó! Criados! Ó! Criados!  
Assim *vinhais* fazer,  
Pelas ruas da cidade  
*C'o* ele haveis de correr.

-- E o anel de sete pedras  
Que eu ao meio te parti,  
Mostra-me a tua *métade*  
*C'a* minha tenho-a *àqui*.  
-- Se tu és o *mê* marido  
Que me vens *ixprumentar*:  
*Si* eu te mereci a morte  
Manda-me agora matar.  
— Tu *nã* me mereceste a morte  
Sempre me foste leal.

# A Bela Infanta

(Versão da Beira)

*'tando* uma bela Infanta  
No *sê* jardim assentada  
Olhava para *diente*.  
Vira vir tão linda armada.  
Capitão que nela vinha,  
Que tão bem a comandava...  
— Senhor, senhor Capitão,  
*D'ande* vem a sua armada?  
— Minh'armada vem da guerra  
E p'ra lá torna a *garriar*.  
— Viu por lá meu marido?  
*Mê* marido lá andava.  
— Não o vi, não o conheço,  
Dê-me os sinais que *lucava*.  
— Leva *sê* cavalo branco,  
Sela de prata dourada,  
Na ponta da sua lança  
Sinais de guerra levava.  
Na copa do seu chapéu  
Um cristo d'oiro levava.  
— Bem o vi, bem o conheço,  
Lá ficou morto na armada,  
*Cum* vinte e quatro feridas,  
Outras tantas estocadas,

A mais *pequeninha* delas  
Era a cabeça cortada.  
— Ai de mim, pobre viúva!  
De mim infeliz coitada!  
Três filhas que Deus me deu  
Sem *ninhã* ser casada.  
— Vós que *darís, sinhóra,*  
A quem o trouxesse aqui?  
— Daria tanto dinheiro  
Que *cuntado* não tem fim.  
— Não quero o vosso dinheiro  
Qu'ê ele não é para mim.  
Sou capitão, vou p'r'á guerra,  
Não habito por aqui.  
Que *darís* mais, *sinhóra,*  
A quem o trouxesse aqui?  
— Três filhas que Deus me deu,  
Todas três *ê le* daria,  
*Ûa* para o vestir,  
Outra para o calçar,  
A mais formosa de todas  
Para *c'o* ela casar.  
— *Nã* quero as vossas filhas,  
Deus vo-las deixe gozar,  
Sou Capitão, vou p'r'á guerra,  
Aqui não quero morar.  
Que *darís* mais, *sinhóra,*  
A quem o *trovesse* aqui?  
— *Nã* tenho mais que vos dar,  
Nem vós mais que me pedir.  
— *Tindes* muito que me dar,  
Muito mais *qu'ê* vos pedir,  
O vosso corpo *¿intil*  
Para comigo dormir.  
— O ladrão que tal disse  
Merecia de o *matarim,*

Também de o *arrastarim*  
*Cum* corrente de ferro  
À roda do *mê* jardim,  
Ó rabo do *mê* cavalo.  
Ó *mês péros* saí cá fora,  
Moços meus venham aqui,  
***Matim-me*** aquele vilão  
Que 'tá defronte de mim.  
— Ó *mês péros* não me mates  
*Qu'ê* dei dinheiro por *ti*,  
Vem cá *péros*, vem cá *péros*,  
Largai o cutelo no chão,  
*Qu'ê* já fui vosso *sinhor*,  
Já vos cortei a *ração*.  
— Se tu és o *mê* marido,  
Para que zombas comigo?  
— Vós *nã* vos lembrais, *sinhóra*,  
Quando m'apartei daqui  
Que vós, *sinhóra*, dissestes:  
Não *t'isqueças* de mim.  
E o anel de sete pedras  
Que nós, *sinhóra*, partimos,  
Mostrai-me a vossa metade  
A minha *traigo-a* aqui.

# Dona Infanta

(Versão do Norte Grande)

Dona Clara, Dona Infanta  
Estava no *sê* jardim  
Penteando tranças d'oiro  
Com o *sê* pente de marfim,  
Sentada *nũa* almofada  
De *viludo* carmesim.  
Deitou os olhos ao mar,  
Avistou *f'romosa* armada.  
Capitão *qui* a governava  
E que bem a traz preparada  
Vem saudar a Dona Infanta  
Que assim triste lhe falou:  
— *Vistes* tu o *mê* marido  
*Qui* há tanto tempo me deixou?  
— Teu marido não conheço,  
Diz-me que sinais levou?  
— Levou seu cavalo branco  
Com sua sela dourada,  
Na ponta da sua lança  
*Ūa* fita *incarnada*.  
Se porém tu o não *vis'tes*,  
Cavaleiro da cruzada,  
Ai triste de mim, viúva,  
Ai triste de mim, coitada,

Com três filhas que eu tenho  
Sem *ninhã* ser casada.

— Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi,  
Mas quanto dareis, *sinhóra*,  
A quem o trazer aqui?

— Das três filhas que eu tenho  
Eu *t'as* dera a escolher  
São formosas como a Lua,  
Como o Sol *àmanhacer*.

— *Ê nã* quero as tuas filhas,  
*Nã* me podem pertencer,  
Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi.

Mas quanto deras, *sinhóra*,  
A quem o trazer aqui?

— Dar-*ti*-ei tanto dinheiro  
Que não tem conta, nem fim,  
E as telhas do *mê* telhado  
Que são *dí* oiro e marfim.

— *Ê nã* quero oiro, nem dinheiro,  
Que não me pertence a mim,  
Sou soldado, ando na guerra  
Nunca teu marido vi,

Mas quanto deras, *sinhóra*,  
A quem o trazer aqui?

— Não tenho mais que te dar,  
Nem tu mais que me pedir.

— Ainda tens mais que me dares,  
Não m'estejas a *mintir*,  
Tens teu leito de oiro fino  
Aonde eu quisera dormir.

— Cavaleiro que tal diz  
Merece ser arrastado  
À roda do *mê* jardim,  
Aos pés de um cavalo atado.  
Vinde cá, criados meus,

Castigar este soldado.  
— Não chames os teus criados  
Que os criados são de mim.  
— Então se és o *mê* marido  
Porque me falavas assim?  
— Para ver se me eras leal  
É que eu disfarçado vim.  
Não te lembras, oh! Dona Infanta!  
Quando eu daqui saí?  
O anel de sete pedras  
Que eu contigo reparti,  
Se as tuas já as perdestes  
As minhas ei-las aqui.  
— Vinde cá, óh! filhas minhas!  
Vosso pai já é chegado.  
**Abrei**-vos, portão de jaspe,  
Que há tanto tempo ereis fechado.  
Dansai, dansai, meus vassalos,  
Que o Dom Infante *é* ao meu lado.

# História da Dona Inês

(Versão de Rosais)

Em França havia um Castelo ;  
À custa d'um rei se fez,  
Lá morava uma donzela  
Chamada Dona Inês.  
Seu pai não a queria dar  
Nem a Conde, nem a Marquês,  
Nem pelo dinheiro todo  
Que se contava no mês.  
Veio um filho de altos francos  
Negócio fazer à terra  
E roubou a Dona Inês  
Pelo lado da janela.  
Iam pela serra além,  
Sentaram-se a descansar,  
Olhou para a Dona Inês  
Estava disposta a chorar.  
— Que tens, ó Dona Inês,  
E porque estás a chorar ?  
Se choras por pai ou mãe  
Eu já os mandei matar.  
— Não choro por pai ou mãe,  
Nem por manos todos três,  
Choro pela má ventura  
Que destes à Dona Inês.

Empresta-me o teu punhal,  
O teu punhal de Marquês,  
Quero romper prantos duros  
Que meu pai amado me fez.  
Estando ele inocente,  
O seu punhal emprestou,  
Sendo ela tão cruel  
No peito lho encravou.  
— Vinguei-me de pai e mãe  
E de manos todos três,  
Vou agora *p'ró* Castelo  
Ser do papá outra vez.

# Nau Catrineta

(Versão de Rosais)

Lá vem a nau Catrineta  
Que traz *munto* que *cuntar* :  
Set'anos e mais um dia  
*Sube las ondias* do mar,  
Sem ter nada de comer,  
Nem *tã* pouco de manjar,  
Deitaram sola de molho  
P'ra no outro dia jantar,  
A sola era *munto* dura  
Não a puderam tragar,  
Deitaram sortes, à *Vintura*,  
*C'al* haviam de matar.  
As sortes todas caíram  
No capitão general.  
— Assuba, assuba, gageiro,  
Àquele mastro real,  
Olha se vês nossas terras,  
Ou reinos de Portugal.  
— *Ê nã* vejo nossas terras,  
Nem reinos de Portugal,  
Vejo três espadas nuas  
*P'râ* cabeça te cortar.  
Tornou a deitar sortes,  
*C'al* haviam de matar,  
As sortes caíram no capitão general.

— Assuba, assuba, gageiro,  
 Àquele mastro real,  
 Olha se vês nossas terras,  
 Ou reinos de Portugal.  
 — *Alvríssias*, ó *mê* tenente,  
*Mê* capitão general,  
 Já vejo terras d'Esanha  
 E reinos de Portugal.  
 E tambem vejo três meninas,  
 Debaixo d'um laranjal:  
*Õa* está lavrando oiro,  
 A outra prata real,  
 E a mais mocinha delas  
 Procurando o *sê didal*.  
 — Isso são as minhas filhas,  
 Todas três te quero dar.  
 — *Nã* quero as vossas filhas  
 Que vos custaram a criar.  
 — Dou-te o *mê* cavalo branco  
 Que não há outro igual.  
 — *Nã* quero o vosso cavalo  
 Que vos custou a *insinar*.  
 — Agora *nã* tenho mais que vos dar.  
 — Capitão, quero a tua alma  
 Para comigo *luvar*.  
 — Arrenego de ti, demónio,  
 Que m'estais *àtentar*,  
 A minh'alma dou-a a *Dês*  
 E o *mê* corpo dou-o ao mar.  
*Vinheram* os anjos dos Céus,  
 Não o deixaram afogar.  
 Às quatro horas da tarde  
 Catrineta estava a varar.

# Inominado

(Versão do Norte Grande)

- Deus *'teja* com minhas tias,  
Sentadinhas a fiar.  
— Deus venha com meu sobrinho,  
*S'é* que nos vem visitar.  
— *Qu'é* do meu cavalo branco  
*Qu'é* deixei aqui ficar?  
— Vosso cavalo branco  
Na serra *dévi* andar.  
— *C'hade* a minha rica esposa  
*Qu'é* deixei aqui ficar?  
— Vossa rica esposa foi-se embora,  
Não quis aqui estar.  
Hoje se lhe faz a boda,  
Amanhã se vai casar.  
— *Andi, andi*, minhas tias,  
*Andi, vem-me* ensinar,  
Qu'ela era minha prima,  
Quero-a ir visitar.  
Entrando por cortinas dentro...  
Cadeiras p'ra s'assentar...  
— *Nã* me quero assentar,  
Nem nada d'aqui gostar.  
*Sinkor* noivo, dá licença,  
À noiva quero falar.  
— Toma lá este vestido

Deus te deixe lograr,  
C'outros melhores tinhas,  
*Nã nos soibeste* ganhar.  
— *Ai quédélrei* quem *m'acode*!  
Justiça neste lugar!  
C'os meus primeiros amores  
*Ê* nunca os hei-de deixar.  
— Andei por lá longe,  
Por terras de Maranhão,  
*Tomaste* outros amores  
Pois agora dá-lhe a mão.

# História da Condessa

(Versão da Beira) <sup>(a)</sup>

A condessa teve um filho,  
Teve um e *nã* teve mais,  
Foi of'recê-lo ao rei  
P'ra saber e valer mais.  
S'o rei muito lhe queria,  
A rainha muito mais,  
S'o rei lhe dava o vestido,  
A rainha o calçava.  
Mandavam-no passear  
Com cavaleiros fidalgos.  
Os vassallos *cum inveje*  
Ao rei foram acusar,  
qu'êle *tava* e a rainha,  
Debaixo d'um laranjal,  
qu'êle *tava im* calção branco  
E ela *im* branco saial.

. . . . .

O rei assim que tal *soibe*  
As mãos lhe mandou cortar,  
Mandou-o deitar na praça,  
Mandou-o *espedrejar*.

---

(\*) — Com falta de algumas passagens, conforme declaração da informadora.

. . . . .

*Traigo*-vos novas, *sinhóra*,  
 Bem custosas de vir dar,  
*C'o* vosso filho, *sinhóra*,  
 Está p'ra se casar.

— Diga-me o *Sinhor*, menino,  
 Que tal é a qualidade,  
 S'ela é filha d'algum duque  
 Dos reinos de Portugal?

— É filha d'um carniceiro,  
 Neta *d'um* que talha carne.  
 Ela assim que tal ouviu  
 Começou *de* caminhar,  
 Os criados atrás d'ela,  
 Sem a poder alcançar.

*C'ando* passou *pola* praça,  
 Ali viu *'tar* um pobre,  
 Meteu a mão n'algibeira  
 P'ra *ũa* esmola lhe dar.

— Não quero vossa esmola,  
 Não a posso aceitar,  
*Luvai*-me essa mão à boca,  
 Eu vo-la quero beijar.

— Pois se tu és o *mê* filho  
 Quem te fez tamanho mal?

— Foram os vassalos do rei  
 Caminho foram acusar,  
 qu'eu estava mais a rainha  
 Debaixo d'um laranja.

Qu'estava em calção branco,  
 Ela em branco saial.

— Fica-te *imbora*, *mê* filho,  
 Tua senha vou vingar.

*Fôra-se* a casa do rei,  
 Ele a mandara entrar.

— *Sinhor* rei *qu'ê* do *mê* filho  
*Qu'ê* o venho visitar?

— Vosso filho foi à caça,  
Aqui não pode tardar.  
— *Nã* me sofre o coração  
*Qu'ê nã* torne a *preguntar*:  
*Sinhor* rei, *c'háde* o *mê* filho  
Que o quero abraçar?  
— Vosso filho foi à caça,  
Aqui não pode tardar.

.....

Pegara no seu cutelo,  
Logo ali o matara.  
— Fica-te *imbora* rainha,  
Manda-o agora *interrar*,  
Aí te fica o *mê* filho  
P'ra *c'o* ele casar (es).  
Adeus, *mê* filho, adeus,  
Tua senha vai vingada,  
Vou corrida da fortuna  
Da justiça rodeada.

# A Bela Aninha

(Versão da Beira) <sup>(a)</sup>

— Vós que *tindes*, bela Aninha,  
Que *'tais* tão *descurada*?  
— Foi um copo *d'auga* fria  
Que *bubi* de madrugada.  
Foram-se chamar as primas  
P'ra vir *consoltar*,  
Viram-na em tal estado,  
*Ninhã* pode falar.  
Respondera a mais moça,  
Por ser mais *desembargada*:  
— Bela Aninha *'tais* doente,  
Vós não o podeis negar.  
— Já não há primo nem prima  
Que se doia do *mê* mal.  
*Fôra*-se p'ra uma janela,  
A escrever e a chorar.  
Queria escrever duas regras  
A João de *Gibaltar*.  
Passara um cavaleiro  
Que *la* qu'ria levar.  
*S'era viage* d'um dia

---

<sup>(a)</sup> — Com falta de algumas passagens, conforme declaração da informadora.

Antes dum' hora ia dar.  
Quando ele *chigou* lá  
'*Tavum* p'ra ir jantar.  
— *Arrume*-se os cadeirados  
P'ra este *sinhor* se sentar  
Aqui está prato e sopa  
E tambem o *sé* lugar.  
— Só quero dar esta carta  
A João de *Gibaltar*.  
Começou a ler a carta,  
Começara a chorar,  
Bela Aninha, já '*tá* presa  
E o pai a manda matar.  
Já '*tá* o *tratro* feito,  
P'rá mandar degolar.  
— Se *le* podes dar remédio,  
Anda filho, vai-*lo* dar :  
Veste-*ti im traje* de frade  
Para a ires *cunfessar*.  
*C'ando* ele *chigou* lá,  
'*tavum* p'rá ir matar.  
— *Párim* lá, *sinhores* carrascos,  
Qu'ela não vai a matar,  
Ela é menina e moça,  
Tem muito que *cunfessar*.  
Debaixo de *penetência*  
*Ê* vos quero *preguntar*,  
A quem *devis* amar ?  
— Primeiro a Deus do Céu  
A João de *Gibaltar*.  
— A menina dê-me um beijo  
Qu'então não vai a matar.  
— *Ê* o beijo não o dou,  
Antes que vá a matar,  
Onde puser os *mês* beijos  
Sempre *a* hei-de guardar.  
— Menina, dê-me um abraço,

*Qu'então* não vai a matar.  
-- O abraço não o dou,  
*Entes qu'ê* vá a matar,  
*Ande* puser os *mês* braços  
Sempre os hei-de guardar.  
— Toda a filha da Fortuna  
Que se queira *imbarcar*  
*Viste-se* e ande comigo  
Qu'ê vou *pa' Gibaltar*.  
Por *milaigre* de Jesus,  
O cavalinho falara:  
Aperta-me bem a sela  
E *tãobém* o peitoral,  
Ê quero ver *si* a venço  
A fora do arraial.  
*Sinhor* pai, *sinhóra* mãe,  
A mão vos quero beijar,  
Ficai-vos *imbora* sogro,  
Sogro, qu'ela já cá vai.

# O Ladrão

(Colhido em Rosais)

Caminhou o ladrão  
*Dixe* que ia p'rá vila.  
*Ê caminhei-me* atrás dele,  
Ver ele para onde ia.  
Vi-o entrar para casa d'amiga,  
E os beijos que ele lhe dava  
Na rua se ouvia;  
Os abraços que *le* dava,  
Os braços lhe *rengia*;  
E virei-me p'a trás,  
Mais triste *c'ó qu'ia*,  
Fechei minha porta  
Dormir não podia.  
Era(m) onze horas,  
O galante batia,  
Era meia noite  
Quando o ladrão veio,  
Bateu três pancadas  
À porta do meio.  
— Abre lá a porta,  
Abre lá *Minvuida*,  
Que venho cançado  
De *rundar* na vila.  
— Mentos, *mintiroso*,  
Que vens de casa d'amiga,

Os beijos que *le* davas  
É na rua ouvia ;  
Os abraços que *le* davas  
Os braços te *rengiam*.  
— Abre lá a porta,  
Abre lá que chove,  
A capa é curta  
Nada me *incobre*.  
Já os estudantes  
Vão para os estudos  
Cũ meias de seda  
Calças de *viludo*,  
Fivelas d'oiro,  
E já os *marrachins*,  
Pelas faias cantam,  
E já os *mês* vizinhos  
Por'qui s'alevantam.  
— Se tu vens doente,  
Entra cá p'ra dentro,  
C'a tranca da porta  
Serve d'*ingoente*.

## Fragmento

(Colhido em Rosais)

- Suba, suba, cavaleiro,  
Lá p'ra cima, p'ró salão,  
Meu marido foi p'rá caça  
P'ra campos do *Adragão*.  
Ele foi matar os moiros,  
Os moiros o matarão.  
Palavras não eram ditas,  
Meu marido ò portão.
- Qu'espada nova é aquela  
Qu'está na nossa janela?  
— Aquela espada é vossa,  
P'ra vós vencerdes a guerra.
- Que cavalo branco é aquele  
Qu'está no nosso *sagão*?  
— Aquele cavalo é vosso,  
Vosso pai vo-lo mandou.
- Que cavaleiro é aquele  
Qu'está no *mê* dormitório?  
— Aquele cavaleiro,  
Mano meu, cunhado vosso.
- S'ele é o teu irmão,  
Porque me não vem falar?  
Pegara(m) no *sê* punhal,  
Logo o fora a matar.
- *Nã n'ó* mates, ó, marido!

*Nã n'õ* mates, ó, João!  
*Entes* me mates a mim  
*Qui tl* ando com traição.  
Pegara no *sê* punhal  
Metê-*lo* no coração.  
Quando *oiviu* derramar  
Carnes belas pelo chão,  
Eu as mandei juntar  
Com dor no *mê* coração,  
Eu as mandei *interrar*  
Ao pé do manjaricão.

# Fragmento

(Colhido no Norte Grande)

Estando no meu tear  
Tecendo seda amarela,  
Veio o Conde d'Alemanha,  
Três fios me *clubrou* nela.

.....

— Deixa o Conde, deixa o Conde,  
Deixa o conde, deixa andar,  
Deixa o Conde d'Alemanha,  
*Cá manhã* vai a *inforçar*

.....

— Amaldiçoada filha,  
Mais o leite que mamaste,  
Ele era um conde tão belo  
Sua morte lhe causaste.

— Calemo-nos minha mãe,  
*Cum* artes de cortesia,  
Coisas que se *mê* pai *soibesse*,  
Muito peor vos faria...

.....

B — LENDAS

## Natal

(Colhida no Norte Grande)

*Sã* José e mais a *Virge*,  
Na posse de melhor bem,  
Fizeram *ũa* romaria  
À cidade de Belém.

Chegou-se *ũa* tarde então,  
Já era noite *sarrada*,  
Ninguém teve compaixão,  
Ninguém lhe quis dar poisada.

— Ali está *ũa* *gavana*,  
Disse a *Virge* a *Sã* José,  
Ali estão dois animais,  
Um deitado, outro *im* pé.

Aqui entraremos, *sinhor*,  
C'outro remédio não há,  
Nós aqui descançaremos,  
Tomara que fora já.

Quando *Sã* José entrou  
A *gabana* p'ra dentro,  
Grandes suspiros *isoltou*  
Chorando de sentimento.

Vendo o novo nascido  
Em tão triste habitação,  
Era um Menino tão querido,  
Que lhe partia o coração.

O Menino chora, chora,  
C'a *majadoira* era dura,  
É porque êle agora entra  
Neste mundo d'amargura.

A *Virge* o abraçou,  
Com grande amor e ternura :  
— Vem cá, Querido Infante,  
*Partente* da *f'rumusura*.

Levou suas mãos à cabeça,  
Sua mantilha tirou,  
*Párti-a* em dois pedaços  
No seu *Jasus* a *imbrulhou*.

Cantava *lh'ũa* cantiga :  
— Meu *Jasus*, que *tê* farei,  
Nem cama, nem berço tenho,  
Nos braços te criarei.

Co'as lágrimas dos olhos,  
Meu *Jasus*, te lavarei.  
Co'a mantilha do meu rosto,  
*Mê Jasus* *t'enfacharei*.

Vieram-n'os anjos do céu  
Pr'ó Menino *luvar*,  
*Intão* disseram-n'os pastores:  
— Vamos nós visitá-los.

Os pastores correm todos,  
Com ofertas *im* gratidão.  
Vão oferecer ò Menino  
Seu sincero coração.

— *Traigo* novas de alegria  
*P'r'ós* vossos *corações*,  
Hoje *im* Belém é nascido  
O Salvador das *Nações*.

Glória nos Céus te dão  
E por toda a eternidade,  
E na terra paz òs *hómes*,  
*Munto* de *bãa vuntade*.

— Lindo dia de Natal!  
Dia de tanta alegria!  
*Acabou-se* os nossos males,  
Nasceu *Jasus* de Maria.

## C – ORAÇÕES

### Orações da Noute

(Rosais)

Na minha cama me venho deitar,  
Com Nossa *Sinhóra* quero falar,  
Três coisas *le* quero pedir:  
A primeira a confissão,  
A segunda a *solvição*,  
A terceira os auxílios da luz.  
Acompanhai-nos, Senhor Jesus.

Jesus vivo, Jesus nado,  
Jesus Cristo resuscitado,  
Sangue de Cristo, leite da Virgem,  
Por esta casa derramado.

## Virgem Santa do «Rosairo»

(Norte Grande)

Virgem Santa do *Rosairo*,  
Jardim de toda a açucena,  
*Sondes* a alegria do mundo  
C'aliviais toda a pena.  
Peço, minha *Sinhóra*,  
Que sereis o meu *imparo*,  
P'ra eu ser a vossa serva  
Do vosso Santo *Rosairo*.

Virgem Santa do *Rosairo*,  
*Oivi* minha petição:  
*Alembrai*-vos da minh'alma,  
*Pundi-a* da vossa mão.  
Até *gora* andei errada,  
Sem nunca atinar caminho.  
Virgem, *nã quererais* qu'ê perca  
Glórias para que nasci.  
Até à morte dai-me sorte,  
Dai-me coração bem forte,  
P'ra qu'ê possa guardar  
Vossos Santos Mandamentos.

# Louvores do Senhor «Espírito» Santo

(Rosais)

Ó Senhor *Espírito* Santo,  
A vós rogamos com clamor:  
Mandai *aprimir* a terra,  
Que não haja mais tremores.

Sois Pai de *Mesericórdia*  
Livrai-nos de todo o mal,  
Não nos mateis com tremores,  
Nesta Ilha d'*orfandade*.

Não desprezeis a Fé Grande  
Qu'è ò que nós recorremos,  
Fazei como Pai Divino,  
Não é por nós o *mercermos*.

Meus pecados são a causa  
Da terra tanto tremer,  
*Agora vos pormitamos*  
Nunca mais vos ofender.

Rogai com affectos d'alma,  
Ó, *Espírito* Santo Divino!  
Do céu descei sobre nós  
Os excelsos d'amor mais fino.

Glória seja o Pai,  
Ao Filho que nos criou,  
Ao Senhor *Espirto* Santo  
Que de graças nos cobriu.

Vós, Santíssima Trindade,  
Sois Esposa, Mãe e Filha,  
A vós pedimos *Mesericórdia*  
Para toda esta Ilha.

A vossa *Mesericórdia*,  
Que no Céu quereis gozar,  
Não nos mateis com tremores  
Nesta ilha d'*orfendade*.

Toda a nossa esperança  
Ponhamos em vós, *Sinhór*,  
Ó Senhor *Espirto* Santo,  
Ouvi a quem vos adora.

Da vossa *Mesericórdia*  
Esperamos o perdão:  
Deitai-nos a vossa benção.  
A todos os que aqui estão.

## Oração a Santa «Barba»

(Rosais)

Santa *Barba Virge*  
Esposa de Santo Cristo,  
Livrai-nos dos *trovões*  
Mais da pedra do *corisco*.

## Oração a Santa «Barbra»

(Beira)

Santa *Barbra*, *Lurdevina*,  
Pérola tão estimada,  
*C'ando nascestes* no mundo  
Logo foste *lumiada*.  
*C'o* filho de Deus falastes,  
*C'o* ele vos saudastes.  
Vosso pai, como gentio,  
Mal sinal que dizia  
Santa *Barbra* era Santa,  
Só ao céu *assubiria*,  
*Nã le* queria dar lugar,  
Sem ela de seu gozar.  
Vem um anjo, *cum* cuidado :  
— Obedece, obedece, Santa *Barbra*.  
Logo no *prumeiro* trovão  
Santa *Barbra* foi *c'roadada*.  
Veio um raio de fogo  
Logo a *sê* pai abrasava.  
Santa *Barbra*, *Lurdevina*,  
Ouvi nossa oração,  
Desta vida p'rá Glória  
E a minh'alma descance  
*Cum* paz e quietação.

## Oração a Santa «Barba»

(Norte Grande)

Santa *Barba*, *Lurdevina*,  
Pérola tão estimada,  
Logo quando nascestes  
C'o filho de Deus falastes,  
C'o êle vos saudastes.  
Vosso pai, qu'era gentio,  
Ressonava e dizia,  
Que *Barba qui* era Santa,  
*Qui* ao Céu assubiria.  
P'ra *nã* lhe dar o *gôzo*  
Dela o céu gozar,  
Mandou-a fechar *nã* sala  
Nem sol, nem lua a mirava.  
Ô cabo de nove dias  
*L'iria preguntar* :  
— Dize-me tu, filha minha,  
Com quem andas esposada?  
Liberalmente *le* disse :  
— Com *Jasus*, pai da minh'alma.  
Daquela hora e *móimento*  
A quisera degolar.  
*Barba*, como era Santa,  
*Nã* quis obedecer,  
Sem do céu vir *imbaixada* :

— Ó *Barba* Santa, padece  
O degolo divinal,  
Quando fores deste mundo  
*Jasus ti* há-de salvar.  
*Truvães* e *faichos* de fogo  
O *tê* pai há-de abrasar.  
Logo do primeiro trovão  
Santa *Barba* foi *c'roada*.  
Ó *Sinhóra* Santa *Barba*,  
*Ouvei* nossa oração:  
Neste mundo dai-nos graça  
No outro a salvação.

D - COLÓQUIOS

## Teresa Moleira

(Rosais)

*Sinhóra* mãe,  
Deixe-me ir à festa,  
Lá não há *ninhã*  
Mais linda do qu'esta.

Arcos e fogo, música  
E arraial tão lindo,  
Moços e moças  
Conversando e rindo.

Ir lá *tãobem* posso,  
Já não sou *piquêna*,  
Sou da mesma idade  
Da Rita Morena.

Já *'tou* *crecida*,  
Sou da *mêma* altura  
Da Rosa *qui, im* breve,  
Casa o *sinhor* cura.

Já sei *moliar*  
Como um bom moleiro,  
No moinho do milho  
E lá no *alveiro*.

Dê-me chapéu novo  
E *roipa assiada*.  
Lá *nã* devo ir  
*Mũto infarinhada*.

Hei-de ir de chinelas  
E meias de linha,  
Camisa *môî* branca,  
Mas não de farinha.

Para que *nã* se ria  
De mim todo o povo.  
Dê-me saia verde,  
Dê-me um gibão novo,

Para se *preguntarem*,  
Quem é a gaiteira,  
Saibam, pois, *qui* é filha  
Da Teresa Moleira.

## A Conversada da Fonte

(Rosais)

Entre Canas e Silvares  
*Augas* devem de haver.  
— Menina, que está na fonte,  
Dê-me *auga*, quero *buber*.

— Meu pucarinho vidrado,  
Tocadinho do amor,  
Por ditosa me achava  
A dar *auga* a um tal *sinhor*.

— Ela é clara e corredia,  
Corre debaixo do chão,  
Por ditoso me achava  
*Bubê*-la da vossa mão.

— Diga o menino a que veio?  
— Eu o digo, na verdade,  
Vim para passar *mê* tempo,  
Isto é na mocidade.

— *C'o* caminho está seguido,  
*Ê* bem no vejo d'aqui,  
Mas espero de *luvar*  
Esta rosa *a* pé de mim.

— A rosa não *louvreis*  
Qu'ela é d'outro e não é vossa  
.....

— Ela é doutro não é minha,  
Ainda pode vir a ser,  
Menina, diga a seu pai  
Que nos mande receber.

— Isso é *nã* lhe direi,  
São palavras escusadas,  
Volte por cá outro dia,  
Resposta se lhe dará.

— *Nã* venho cá outro dia,  
*Nã* gasto solas debalde,  
*Nã* quero coisas à força,  
*Descontra* a vossa vontade.

— *Entes* quero ser pastora  
Do *mê* pai, olhar o gado,  
Do que *ũa* moça *tal* gentil  
Com tão baixo namorado.

— Eu antes quero ser cravo  
*Inxertado* na raiz,  
Do que ser namorado  
Duma porca que tal diz.

# Inominado

(Versão do Norte Grande)

Dá-me licença, menina,  
Qu'ê note vossas feições?  
Começarei da cabeça  
Aos pés irei acabar :

Vosso cabelo da testa  
É que lhe *dão* toda a graça,  
Parecem meadas d'oiro  
Em que o sol *si* embaraça ;

Vossa testa é claro sol,  
D'oiro são vossas *pastanas*,  
*Fazim* perder os *sintidos*  
A criaturas humanas.

Óh! que lindas duas morenas  
Tendes debaixo da testa?  
*Im* cada morena um arco,  
Cada arco *sua* seta.

Vossas faces luminosas  
De rosto *incantador*,  
É que *faz cum* que *tê* tenha  
Tanta... , tanto amor.

Os teus olhos são dois raios,  
Daqueles mais penetrantes,  
Vós com eles penetrais,  
No coração dos amantes.

As vossas maçãs do rosto,  
Como a rosa alexandria,  
Dão tanta luz de noite  
Como o próprio claro dia.

Oh! que tão lindo nariz,  
Oh! que tão lindo *cundão*,  
Quando olho para ele  
*Condano* o *mê* coração.

*Tindes* os beiços vermelhos  
Como o *saingue* do nariz,  
'*tais* corrente no amar  
Como a *auga* no chafariz.

Tendes os dentes miúdos  
Que nem pedrinhas de sal,  
*Sondes ciosa* na fala  
Para mais graça *te* dar.

Oh! que linda covinha  
Tendes na ponta da barba,  
Quando olho para ela,  
Lá se *m'interra* a minh'alma.

A *graganta* tira a vida  
Quem por ela a vida der,  
*Dês* me dera ter mil vidas  
Qu'ê por tal *graganta* dera.

Abaixo dessa *graganta*  
Duas rosas de cristal,  
S'ê fosse pequerruchinho  
N'elas m'havia de criar.

Vossa cintura delgada,  
Delgada como uma cana,  
Qual será o venturoso  
Que logre tão linda dama?!

*Tindes* o pé pequenino,  
Do tamanho dum vintém,  
Bem pode calçar de prata  
Quem o pequeno pé tem.

Fica-te *imbora* sisuda,  
Fica-te *imbora*, qu'ê noite,  
As passadas *forum* minhas,  
O proveito será d'outro.

# Inominado

(Norte Grande)

Fui creada numa aldeia,  
Na companhia de *mês* pais.  
Nós não éramos ricos,  
Mas eu andava como as mais.

Já me *nã* faltava muito  
P'ra dezoito anos completar,  
Sem ainda haver ninguém  
Que me falasse p'ra casar.

Como nada conseguia,  
Vivia e tinha pesar,  
Mas não havia remédio,  
Se não sofrer e calar.

Mas um dia, muito triste,  
*Preguntei* a minha mãe:  
— Porque diabo será,  
Que me *nã* caso *tãobém*?

Pois minha mãe *nã* vê  
Já se casou Florinda,  
Era mais nova do que eu,  
Mas não era tanto linda.

-- Tu *nã* sabes, minha filha,  
Porque ela se casou?  
Era muito trabalhadeira,  
O esposo a *ingraçou*.

Mas as que são como tu,  
Só andam a mexericar,  
São umas preguiçosas  
Que se não podem casar.

Quantas, quantas vezes,  
Com *nago to* vou dizer,  
Não te ergues da cama  
Se não à hora do comer?

Mal acabas de comer,  
Logo te largas de vela,  
P'ra casa das vizinhas  
P'ra dares à *tramela*.

Os rapazes que já sabem  
Essa tua *profissão*,  
Quando às vezes te *incontram*  
Nem os *bũs* dias te dão.

— Pois então, dessa maneira,  
Considero-me infeliz,  
Vou falar com o *papai*,  
Ver o que ele me diz.

Oh! Caro pai da minh'alma.  
Estou muito desgostosa,  
Porque a *mamãe* me diz  
Que sou muito preguiçosa.

— O mesmo qu'ela te disse,  
O mesmo eu te digo também:  
Que Deus manda obedecer  
Primeiro a pai e mãe.

Quando a mãe duma filha  
Isso lhe chega a dizer,  
É porque de todo *im* todo  
Já *nã na* pode sofrer.

E — BAILES REGIONAIS (LETRA)

## Lira

Morte que *matastes* Lira,  
Mata-me a mim que eu sou teu,  
Mata-me com os mesmos ferros  
Que a minha Lira morreu.

Assim como as flores nascem,  
A minha Lira nasceu;  
Assim como as flores morrem,  
A minha Lira morreu.

Da Serra veio um pastor  
À minha porta bateu,  
Trazia carta cerrada:  
A minha Lira morreu.

O céu vestiu o seu luto,  
A própria terra tremeu,  
Tudo isto são sinais  
Que a minha Lira morreu.

Ó Lira vem cá, comigo,  
A casa do retratista,  
Quero-te tirar o retrato  
Para te ter à minha vista.

## **P è z i n h o**

Ponh'aqui o seu pèzinho.  
Ponh'aqui ao pé do meu,  
Ao tirar o seu pèzinho  
Cada um fica *c'o* seu.

## São Gonçalo (Segunçalo)

*Segunçal* d'Amarante,  
Casamenteiro das velhas,  
Porque não casas as novas,  
Que mal vos fizeram elas?

Se fores a *Sangunçalo*  
Dai-lhe *cum* pau pelas pernas,  
Ele é Santo, guarda as moças,  
Também desvie as canelas.

*Segunçal* me chamou  
Pela porta da cozinha,  
Qu'ê fosse jantar mais ele,  
Recheado de galinha.

*Segunçal* prometeu  
De me dar uma tigela,  
Mas não tem senão uma,  
Para *m'a* dar fica sem ela.

*Segunçal* já é velho,  
É velho já não tem dentes,  
*Morrê-lhe* a sua velhinha,  
Que lhe dava as papas quentes.

## Sapateia

Ó sapateia, meu bem,  
Ó meu par ajusta aqui,  
Eu quero morrer beijando,  
Já que chorando nasci.

Ó sapateia meu bem,  
Ó sapateia vem ver,  
Vem ver os peixes no mar  
Com a maré a correr.

S'o padre cura soubesse  
O que o sapateia tem,  
Deixava de dizer missa,  
Sapateava também.

Ó sapateia, meu bem,  
Sapateia de cadeia,  
Sapateia mais por cima,  
Olha que a maré 'tá cheia.

## Tirana

Tirana, linda Tirana,  
Tirana do *sintimento*,  
Abre-me a porta, Tirana,  
Quero entrar p'ra dentro.

Atiraste-me com um cravo  
Com uma folha me *feristes*,  
Viste-me correr o sangue  
Tirana não me *acudistes*.

Atira, Tirana, atira,  
Atira e torna *àtirar*.  
Mata-me aquela pombinha  
Qu'está no meio do mar.

A Tirana já morreu,  
Já morreu, já s'enterrou,  
Já lá vai pelo mar fora  
Quem a Tirana matou.

Tirana, linda Tirana,  
Tirana eu vi, eu vi,  
Eu vi passar tanta gente  
Só não vi, Tirana, a ti.

## F — CHACOTAS

Os da Ponta são *randediros*  
Devem *n'ó* arrendamento,  
Não pagam a renda ao dono,  
Tão *cum* pé fora e outro dentro.

Os de Rosais são lavradores,  
Lavram nas suas fazendas,  
*Partes* deles também pagam  
Os seus *būs mões* de renda.

Os da Ribeira do Belo,  
Freguesia num *oiteiro*,  
O maior sustento deles  
É de carne de carneiro.

A Serroa e Àssumada,  
É um lugar retirado,  
As moças que lá *tão*  
Tem dois e três namorados.

Os das Figueiras são *pimpães*,  
Prezados de lavradores,  
*Inda* o terreno não dá  
P'ra pagar *òs dividoiros*.

Os de Santo Amaro  
São fadistas em geral,  
Metem a mão na algibeira  
Não acham nem um real.

Os da Fajã são vinhateiros,  
Prezam-se que *tem* vinho *bũ*  
Passamos na sua adega  
*Nã* deita cheiro nenhum.

Urzelina são rendeiros,  
*Nã* tem mais a que *chigar*,  
Já perderam n'as *urelhas*,  
*Nã* tem mais qu'*ixprimentar*.

As Manadas são *sinhores*,  
Vem dos reinos estrangeiros,  
Tratados por *sinhorios*,  
*Partes* deles marinheiros.

A Calheta e Biscoito  
É terreno que não liga,  
Eles morrem a sachar  
E o milho nunca espiga.

A Ribeira Seca, *sinhores*,  
*Tãobém* tem seus estudantes,  
P'ra passarem a vida  
Deram em negociantes.

Os do Topo são magrinhos,  
Erguem-se fora das horas,  
Andam *arrebentadinhos*  
P'ra *poipar* as *sinhóras*.

Os da Vila são *ladrões*,  
*Veem* do nosso trabalho,  
Vão arder p'ró Inferno  
*Com'as* cartas dum baralho.

Os da Beira são *queijeiros*,  
Mesmo assim *lhe* convém,  
Mas não provam pingo de leite,  
P'ra ganharem um vintém.

O Toledo são uns pobres,  
Nem sequer no *vrão* faz pó,  
Tanto campo que *s'avista*,  
*Nã* se vê *ũa* queiró.

Santo António são vaqueiros,  
São prezados de valentes,  
O maior serviço deles  
É só *buber augardente*.

Os do Norte Grande são burriqueiros  
Cada qual *c'o* seu burrinho,  
P'ra ganharem um vintém  
Andam sempre no caminho.

Ribeira d'Areia, Cabreiros,  
É coisa que *tá* à vista,  
*Inté* os galos de lá  
São *remuchados* da vista.

Os do Norte Pequeno são inhameiros,  
*Sê nã* visse *nã* dizia:  
*C'ando* eles vão *p'ró* gado  
Já é perto do *mei-dia*.

## G — CANTIGAS

*De Rosais :*

Se vires o meu amor,  
Na eira do pai trilhando,  
Dizei-lhe que cá me *vistes*,  
Na do *mê* pai, joeirando.

Cristo finou-se, na cruz,  
Meigo fitando os espaços!  
Quem me dera a mim morrer,  
Crucificado em teus braços.

Eu queria morrer da morte  
Que morreu o *Bum* Jesus:  
Os teus dedos fossem cravos,  
Os teus braços a minha cruz.

Quem me dera ser o linho,  
Que vós menina fiais,  
Quem me dera tantos beijos  
Como vós no linho dais.

Amava-te eternamente,  
Se eterno pudesse ser,  
Mas como não sou eterno,  
Hei-d'amar-t'até morrer.

*Prèguntei* à saudade,  
Qual era a dor mais sentida?  
Ela me disse em voz alta:  
O apartamento da vida.

Saudade, triste palavra,  
Que tanto me faz sofrer,  
Companheira da minh'alma,  
Só morres quando eu morrer.

Rapariga tola, louca,  
Quem te ama não tem brio.  
Tu és como a *lavandeira*  
Que a todos dá seu *chulrio*.

P'ra *ti* amar deixei Deus,  
Por teu amor me perdi,  
Agora vejo-me só,  
Sem Deus, sem amor, sem ti.

*Vinheste* ser o meu par,  
Mas não foi do teu contento.  
Deus te ponha em meu lugar  
Quem tu tens no pensamento.

Toda a vida ouvi dizer  
Ò lavrador da *cedade*:  
Quem *sameia* a melhor terra  
Tem a melhor *novidade*.

O ingrato deste mundo  
Foi o *mê* primeiro bem,  
Foi ele que m'*insinou*  
A ser ingrata também.

O sapato *mi* aperta  
E a meia me faz calor,  
*Mê* coração arrebenta,  
Se me *nã* falais, amor.

O amor é *ũa* albarda  
Que se põe em quem quer bem,  
Eu p'ra não ser albardado,  
Não quero bem a ninguém.

Deus me dera um caminho  
Por debaixo desse chão,  
Qu'eu falasse ao meu amor  
Sem haver *mormuração*.

*Si* eu quisesse bem podia  
Escrever tua lindeza,  
Tenho a pena na mão  
O papel sobre a mesa.

*Si* eu quiser dar um viva  
Ninguém me pode quitar:  
Viva eu e vivam todos,  
Viva também o meu par.

Tenho dentro do meu peito,  
Ao lado do coração,  
Duas letrinhas que dizem:  
Morrer sim, deixar-te não.

Beijos dados com amor  
Quanta doçura contém?  
Ninguém dá real valor  
Aos beijos da nossa mãe.

Tenho na alma um pecado  
Que jamais esquecerei :  
*D'à* minha mãe ter roubado  
O grande amor que te dei.

Adeus casa do meu pai  
Que tão cedo te deixei :  
Foi a primeira facada  
Que no *mê* coração dei.

— Minha Mãe, quem é aquela  
Que lá está ao pé da cruz ?  
— É Maria Madalena  
Que pede perdão a Jesus.

Este mundo é uma vinha,  
*Keda* casa uma latada :  
Vem a morte faz *vendima*,  
Fica à vinha *vendimada*.

Eu queria ter *ũa* mãe,  
Antes que fosse *ũa* silva :  
Antes que ela me picasse,  
É sempre era a sua filha.

Tua boca é um tinteiro,  
A língua pena aparada,  
Os dentes letra miúda,  
Os beiços carta cerrada.

O homem que mata *oitro*  
Dos céus fica *desirdado*,  
Fica filho do inferno  
E do mundo excomungado.

Eu vim aqui descalço  
Não foi por não ter sapatos,  
Tenho vinte pares deles  
Todos roídos dos ratos.

Desenrola o teu cabelo,  
Não o tragas enrolado,  
Desengana o teu amor  
Que o trazes enganado.

Se tu passares pelo adro,  
No dia do meu enterro,  
Pede à terra que não coma  
As tranças do meu cabelo.

Ê tenho p'rá minha ceia  
Bolo quente *cum toicinho*  
*Arrenêgo* de mulher  
Que tem barbas no focinho.

*E prèguntei* ò suspiro  
Qual era a melhor feição :  
S'era amar a boniteza,  
*S'um bum* firme coração ?

Suspiro me respondeu,  
Por ter descrição maior :  
*Qu'amasse* um coração firme  
*Qu'im* tudo *m'era* *milhor*.

*E* sei que me tens amor,  
Embora digas que não :  
Os olhos nem sempre dizem  
O que sente o coração.

Ó noqueira *'tás* ouvindo  
Ó damasco escutai,  
Ó jartim tomai alento,  
Ó cravo roxo falai.

Alegre *ê* venho das vacas,  
Alegre das vacas venho,  
Alegre *ê* venho sem leite,  
Alegre sem leite venho.

*De Beira:*

Manjarico, manjarico,  
Já *mê* peito foi *tê* vaso.  
Eu amo outro amor,  
Já de ti *nã* faço caso.

Coitado quem é *piqueno*  
Que *nã* *le* rende o andar.  
Caminhei ontem de tarde  
Para bem d'aqui chegar.

Sabia tanta cantiga,  
Todas o vento levou.  
Só a do meu amorsinho  
No *sintido* me ficou.

*De Norte Grande:*

Os olhos do meu amor  
São *grães* de trigo na eira  
*Samiados* aos domingos  
E nados à *sigunda*-feira.

À minha porta *'tá* lama,  
À tua fica lameiro :  
Quem quiser falar de mim,  
Há-d'olhar p'ra si *prumeiro*.

Tenho um amor, tenho dois,  
Tenho três, *nã* quero mais.  
De que me servem amores  
S'eles me *nã* são leais ?

Quem casa *cum* mulher gorda  
*Qui* a mande falquejar :  
Fica-lhe o amor bonito  
E lenha para queimar.

*Nã* te lembra aquele dia  
Que m'apertaste a mão,  
Que parecia a dizer-me  
É teu o meu coração ?

Os olhos requerem olhos,  
Os *coraçãis, coraçãis,*  
Também *n'as* laranjas doces  
Requerem os seus *limães*.

A *prumeira* vez que te vi,  
Dos teus olhos m'agradei.  
Foi a *prumeira* facada  
Que no meu coração dei.

Ó coração retraído,  
Ó casa cheia d'enganos.  
*C'hade* o pago que me destes  
*D'ê* t'amar há tantos anos ?

É amei-te, é adorei-te,  
Como mar adora a terra.  
*Sube* c'amavas a outra,  
Retirei-me não fiz guerra.

Não sei que me quer *Amerca*  
Que p'ra lá me 'tá chamando!  
Hei-de-me deitar ó mar  
E as *ondias* m'irão levando.

S'eu *intrasse* no teu peito  
Sabia o teu interior:  
Mas como eu lá não entro,  
Não sei se me tens amor.

O cravo tem vinte folhas  
E a rosa tem vinte e uma:  
Anda o cravo à demanda  
Pela rosa ter mais uma.

Já te quis, já te *nã* quero,  
Já t'amei, já te não amo,  
Já te dei minha resposta,  
Dou-t'agora o desengano.

O tempo que *ti* amei,  
Esse tempo *si* acabou:  
Se eu ainda p'ra ti olho,  
Foi geito que me ficou.

Os peixes no frio mar,  
Lá por baixo, pelo fundo,  
*Tãobém* tem os seus amores,  
Com'a gente cá no mundo.

A viola quer qu'ê cante,  
 As cordas qu'eu espaireça,  
 E o ladrão do meu amor  
 Por força quer qu'ê padeça.

Eu vou por *qui* abaixo  
 Apanhar as nove rosas,  
 Três brancas e três vermelhas,  
 Três amarelas, cheirosas.

Esta terra não é minha,  
 Esta terra minha será:  
 Se eu nela tomar amores,  
 Minha terra ficará.

O vinho é coisa santa,  
 Que se dá na cepa torta:  
 A uns faz perder o tino,  
 A outros errar com a porta.

Ó minha bela menina,  
*Matarmos* (hoje) a nossa porca:  
 Chorai agora leitões,  
*C'a* vossa mãe já é morta.

Rosa branca desfolhada,  
 Quem foi que te desfolhou?  
 — Foi o vento d'abalada,  
*C'ando* por ela passou.

Saudades te *persigum*  
 Que *nã* te possa valer  
 Qu'ê p'ra que saibas, ingrata,  
*C'anto* custa o bem querer.

Olha para mim e ri-te,  
Amor, de quando em quando,  
A modos que ninguém veja  
Que nos'tamos namorando.

Antes qu'ê casado seja  
*Nã* me percas o respeito :  
Casado viuvarei  
E serei o teu sujeito.

As *cerejas* c'ando cantam,  
Cantam no *pego* do mar :  
Quantos navios se perdem  
Pelo seu lindo cantar.

Sou filha de gente *povre*,  
*Povreza* não é afronta,  
Este *mêmo* c'aqui vedes,  
Da rica nunca fez conta.

Aqui d'ond'ê 'tou, bem vejo,  
Olhos que me 'tãõ matando,  
Que contas darão a Deus  
De penas que me 'tãõ dando.

Escrevi *tê* lindo nome  
Na branca areia do mar,  
*Vinheram* as brancas *ônduas*  
*Tê* lindo nome apagar.

H — ADIVINHAS ( " ADEVINHAÇÃO " )

*Nã* tem pernas, tem asas,  
Mas é *pássero* que voa,  
Voa por cima das casas,  
*C'ando* quer *ũa* pessoa,  
Em gaiola não se prende,  
Prende-se é *c'ando* se solta,  
*Entes c'altu* s'alevante,  
Preso vai e preso volta.

(Papagaio)

Sou torto, mas assim torto,  
Roubo a vida ao mar direito:  
Estando preso, mato,  
Estando solto, *nã* faço mal.

( " Inzol " - Anzol )

## I — CANTARES DOS FOLIÕES (FESTAS DO ESPÍRITO SANTO)

Senhor Espírito Santo,  
Divino consolador,  
Consolai-me esta minha alma  
Qu'ela é de Nosso Senhor.

Não há festas mais alegres  
Do que as do Espírito Santo :  
Sai o rico, sai o pobre,  
Sai o preto, sai o branco.

Ó Senhor Espírito Santo,  
A vossa capela cheira :  
Cheira a cravos, cheira a rosas,  
Cheira a flor da laranjeira.

Esta rua cheira a cravos,  
Cheira a rosas que recende :  
É o manto da Senhora  
Que à janela se estende.

Ó Senhor Espírito Santo !  
Ó Senhor de ceptro e *c'roa* !  
Vós na Terra sois Pombinha,  
No Céu Divina Pessoa.

## J — ADÁGIOS

### a) *Relativos aos meses*

De Rosais :

Janeiro  
Nunca deu capa a marinheiro.

Fev'reiro quente,  
Traz o diabo no ventre.

Março, Marçagão :  
*Pula* manhã focinho de cão,  
Ao meio-dia calmeirão,  
E à tarde dia de *v'irão*.

Da Beira :

Janeiro,  
Musgão inteiro.

Fevereiro,  
Traz o diabo no ventre.

Abril,  
A velha vai p'ro covil.

Maio,  
C'and'a velha sacode o balaio.

Junho,  
A velha aperta o punho.

Julho,  
Já há bagulho (grão).

Agosto,  
Toda a fruta tem gosto.

Setembro,  
Milho tenro.

Outubro,  
Milho duro.

Novembro,  
Inverno natural.

Dezembro,  
Mês do Natal.

Do Norte Grande :

Janeiro.  
É o salto de carneiro.

*Im Fevereiro,*  
Já mete obreiro.

Março,  
É igualhaço.

Abril,  
Vai a velha *p'r'onde* quer,  
E vem p'ro covil,  
E queima a canga e o canzil.

Maio,  
Sacode o balaio.

Julho,  
Aperta o punho.

Novembro,  
Inverno natural.

Dezembro,  
Mês do Natal.

Do Norte Pequeno :

Março marçagão  
P'la manhã focinho de cão  
Ao meio-dia um calmão  
E tarde de verão.

Abril,  
Vai o *home* onde quer :  
E torna p'ro seu *redilhe*.

Abril,  
Abre-me o portal  
E deixa-m'ir.

b) *Vários.*

Quem tem três e gasta quatro,  
Não tem bolsa nem saco.

Hoje um, amanhã dois, no outro dia quatro,  
Em breve chegas ao fundo do saco.

Mais vale a quem Deus ajuda,  
Do que quem muito madruga.

Fevereiro quente  
Traz o diabo no ventre.

Santa Catarina ao Natal  
É inverno natural.

Por São Martinho,  
*Sameia* o teu *sabolinho*.

Por São João,  
Ergue as uvas do chão  
E apronta a *roipa* ao ceifão.

A poda de Março  
Vai ao camarço  
E a d'Abril  
Vai ao funil.

Quem poda em março,  
Vindima no regaço.

Janeiro fora  
O dia cresce uma hora.

### III

#### TEXTOS EM PROSA

#### A — ORAÇÕES

*Do Norte Grande:*

### **Oração da Manhã**

«Santas, Graças e Loivores, sejam dados a nosso Senhor Jesus Cristo, por tantas mercês e caridades e esmolas que o Senhor nos tem feito e tem para nos fazer, cum'a pai de Mesicórdia que se queira alembrar, com'a coisa sua que samos. Bendita seja a luz do dia, bendito seja quem n'a invia, bendito seja o Santo ou Santinho que reza hoje deste dia. Incomendo-me a Deus e à Virge Maria, à cruz do monte Calvário que me livre do home morto e do home vivo, de má incontro e do mau p'riço, incomendo-me a vós, anjo sagrado, primeiro foste Santo que foste nado, São Gabriel fostes visitado do Esprito Santo, foste saudado, se por mim alguma má sintonça contra o mê corpo ò contra a minh'alma, por vós ela seja quita, por vosso filho revogada, c'o mê corpo se nã perca e a minh'alma se salve».

B — NARRATIVAS (*da informadora da Beira*)**Matança do Porco**

«De manhãezinha chega a gente que se cunvidou p'ra matança, brinda-se cum augardente e figos passados e ao despois de 'tár o povo todo junto, mete-se o porco num banco, já se sabe, apara-se o saingue nũa tijela ou num alguidar e depois almóçum pão de trigo e queijo e café; há pessoas que dão outras coisas: inhames, molho de peixe, mas é milaigre fazer-se. E ao despois vai mêtade dos hômes samuscar o porco cum lenha de giestra verde, qu'é metida no forno, na véspra do dia, a secar. É rapado cũ'as facas, a lixa preta (a modo dũa cáspia que tem dubaixo do cabelo), despois é lavado e esfregado c'ũas pedras e sabão as orêlhas e o bico e algũa malha que nã largue bem o cabelo; é escaldado dentro das orêlhas cum auga a fruver e despois barbiado c'ũas navalhas de barba ou ãas barbiadeiras que são feitas próprias. C'ando se 'tá a samuscar o porco e c'ando ele se vira e c'ando ele se 'tá a lavar, brindo-se os hômes cum vinho quente e açucre e rosquilas. Ábri-lhe o peito, tiro-lhe os fíguedos e os bofes e o coração que se chôma a ferçura e lava-se bem lavado im auga o saingue c'o porco tem junto no peito e despois é pundurado p'los péis num tirante, na cozinha, cum chamberil, e despois é aberto por diente a barriga p'ra se tirar as tripas e despois abre-se por detrás, o toicinho e o lombo do porco. Despois espequeia-se o toicinho c'ũa cana p'ra ele ficar aberto e espequeia-se a barriga do porco p'ra se ver as banhas. E fica ali todo o dia inté o outro dia da manhã.

C'ando acabo de pundurar o porco, os hômes vão jantar sopas de caldo de carne, de vaca ou de galinha, com'a tem, e bébi vinho e pão de trigo. Inq'anto os hômes lavo o porco e samusco, as mulheres pico as çabolas e inq'anto os hômes janto, as mulheres escangalho as tripas e vão-nas lavar. Brindum-nas à mêma que

brindaro nos hómes. Depois de lavar as tripas vão jantar o mêmo qu'os hómes comero. E os hómes que queri 'tár o resto do dia, jógo às cartas e os que queri ir, vão-se imborra. As mulheres depois de jantari vão incher as morcelas, amassar a çabola c'os timperos — canela, namuscada, pimenta, jamaica, cravinho, cominhos, arroz, o saingue do porco, sal, um cope ou dois d'augardente ou vinho, o véu picado miúdo e o ressol —.

Depois das morcelas cheias e amarradas òs cambulhãezinhos, infio-se uns vimes nos cordões das morcelas e boto-se nũs caldeirões grandes que 'tão no lume cum auga a fruver temp'rada de sal e fervi-se um pedacinho e depois tiro-se p'ra fora, p'ra dentro dum alguidar ou d'ũa cêlha e furo-se cum espetinho de pau delgadinho p'ra le tirar o ar. Boto-se no caldeirão outra vez e fervi-se três horas. Ao depois tiro-se e punduro-se num pau. À ceia, ajunta-se o pessoal todo p'ra ciar ãa môlha de ferçura do porco, c'os bofes, coração e figuedo e boto-lhe arroz e põe na mesa chá, café de suvada e vinho e queijo p'ra esse que quer. O resto da noite, balho ou jogo as cartas e, de padaço a padaço, brindo-nos cum vinho ou augardente ou ingelica.

«No outro dia, escangalho-no porco só com o matador e as pessoas de casa. Salga-se nas barças ãa parte do porco — o toicinho e os osses. A carne dos quartos, as aduelas e o lombo é p'ra de vinha d'alhos, p'ràs linguças. Toicinho — dois bocados do mais alto, p'rò pôr ao fumo e mais as faceiras; e derrete-se a gordura branca, que é a banha de porco; entregostos; entrebanhas e também alguns bocados de toicinho.

A gordura ou graxa que se vai derretendo mede-se às canadas e depois vai-se gastando na comida».

## «Reizes Magos»

«Um rancho de rapazes a tocar violão, rebecca, violão, bando-lim e ferrinhos. Adiente dois rapazes vestidos d'anjo, três reizes, mêmo c'ũa c'roa e capa: um leva incenso, outro mirra e um ãa caixinha a imitar qu'é oiro. Atrás dos reizes, vão três rapazes de

pastor, vestidos à antigamente, c'úas calças velhas arrumendadas, camisola de lã alta do pescoço e albarcas e ãa cabaça ao ombro e um cajado na mão, ãa barreta de lã na cabeça c'ũa bolota munto cumprida e ãa ovilhinha feita de pélia d'ovelha, p'ra infringir que vão of'recer ao Menino.

Vão cantar pulas casas todos e, em jaral, dão-lhe figos, augardente e dinheiro que vai p'rà Igreja».

## IV

### FESTAS DO ESPÍRITO SANTO

O culto do Espírito Santo nos Açores remonta, como parece indubitável, aos primeiros dias da colonização <sup>(a)</sup>.

Em São Jorge, como nas outras ilhas, esse culto está profundamente radicado, mas as suas manifestações externas são as mais dispendiosas do Arquipélago <sup>(b)</sup>, talvez também as mais características e as que menos se têm afastado da tradição <sup>(c)</sup>.

Tais manifestações compreendem, nas freguesias rurais, o *bodo* e os *jantares* ou *domingas* <sup>(d)</sup>.

(a) — *Breve notícia das festas do Imperador e vodo do Divino Espírito Santo*, do Padre Alberto Pereira Rey, publicação de 1753, transcrita no *Arquivo dos Açores*, vol. III, págs. 285 a 300.

(b) — *Um jantar* custa alguns milhares de escudos e *um bodo* nunca menos de dez a doze contos.

(c) — Oferecem, por isso, material histórico e folclórico de per si só suficiente para extenso e interessante trabalho.

(d) — Refiro-me em particular, ao ritual e respectiva terminologia da Beira, por ser a povoação em que esse ritual tem maior complexidade e se observa com todo o rigor.

Os *bodos* realizam-se nos domingos de Pentecostes e da Santíssima Trindade, compreendendo:

A distribuição de *bolos*, (glos. n.º 814) tremoços e vinho às pessoas que se encontram nos caminhos e casas da localidade, pertencendo a direcção e execução desta parte da festa ao *cabeça* e aos *mordomos* (glos., n.ºs 815 e 829) instalados na *copeira* (mesmo glos. n.º 820 e Fot. 70);

A oferta de sopa e carne cozida, enviada de manhã a todos os domicílios da dita localidade, e o jantar servido no *império* (glos. n.º 824 e Fots. n.ºs 71 e 72) aos convidados e a quantos estacionam nas imediações dele, bem como o cortejo em que as insígnias (coroa, bandeira e varas — Fot. n.º 73) são conduzidas à Igreja e dali, após a missa, ao *império* referido, — actos estes que constituem encargo do *imperador*.

Os *jantares* têm lugar nos domingos que decorrem desde o de Pascoela até ao último antes do de Pentecostes, consistindo no cortejo à Igreja, com as *insígnias* e jantar em casa do *Imperador* <sup>(a)</sup>, limitado a convidados.

Tanto os *bodos* como os *jantares* representam, normalmente, promessas feitas por motivo de doenças ou em outros momentos de aflicção.

Nos *bodos*, o serviço do jantar, no *império*, é feito pelo *cavaleiro* e *ajudantes* (glos. n.ºs 818, 819 e 810), vestidos como mostram as Fots. n.ºs 71, 74 e 75, os quais, acompanhados pelo tambor e cânticos dos foliões (cit. Fots.), precedem de pitorescas evoluções pela *ramada* (glos. n.º 831) a apresentação do pão, de cada prato e do vinho. Este serviço inicia-se com a entrega dos *castelos* (glos. n.º 817).

Nos simples *jantares* é o indivíduo que conduziu a badeira quem serve as mesas, observando-se cerimonial semelhante (conquanto restrito à exiguidade dos aposentos) ao que se observa no *império*.

As mulheres que desempenham as funções de cozinheiras, em *bodos* e *jantares* (*mestra* e *moraomas* — glos. n.ºs 827 e 828), desem-

(a) — Assim se designa também aquele que dá um *jantar* (glos. n.º 823).

penham-no gratuitamente, por convite. Ser *mestra* é uma posição considerada muito honrosa.

Nas tardes dos sábados, véspera dos bodos, saiem a percorrer os caminhos da povoação, carros adornados com ramas verdes e lenços multicores à guisa de bandeiras — *os carros das bandeiras* (Fot. n.º 76) que, principalmente vistos de longe, recortados em certos fundos, apresentam surpreendentes aspectos.

PARTE IV

**Glossário**

**Expressões locais**

**Índice Alfabético do Glossário**

GLOSSÁRIO

1

O Universo

A—O CÉU E A ATMOSFERA

a) *Os corpos celestes*

- 1 + ARABISA, B., s. f. Ursa Maior.
- 2 + ARADINHO, R., s. m. Ursa Maior.
- 3 + CARREIRO DE SANTIAGO, s. m. Via Láctea.
- 4 + ESTRELA DA MANHÃ, R., N. G., s. f. Planeta Vénus.
- 5 + ESTRELA DO PASTOR, B., R., ou DOS PASTORES, N. G., s. f. Planeta Vénus.

- 6 + LŪA, s. f. (arc.) Lua.  
 7 + LŪA REDONDA, s. f. Lua Cheia.  
 8 † QUARTO MINGANTE, s. m. Quarto minguante.  
 9 + SETISTRELA, S. A., † SETISTRELAS, N. G., s. f., e  
 † SETISTRELOS, s. m. Plêiades.

b) *O tempo e os ventos*

- 10 + ANO ALAGADO, s. m. Ano de chuva.  
 11 + ARAGE, s. f. Aragem.  
 12 ARCO-CELESTE, B., R, s. m. Arco-íris.  
 13 † ARCO-D'ALIANÇA, N. G., s. m. Arco-íris.  
 14 † ARCO - DA - SANTÍSSIMA - TRINDADE, S. A., s. m.  
 Arco-íris.  
 15 ARCO-DA-VELHA (ant.) B., N. G., s. m. Arco-íris.  
 16 + ARCO-DA-VIRGE ou † ARCO - VIRZE, R., ou ainda  
 † ARCO-VIRGES, N. G., s. m. Arco-íris,  
 17 + ARCO-IRIGE, B., N. G., N. P., s. m. Arco-íris.  
 18 + ARES, s. m. A atmosfera duma maneira geral: *ares*  
*enfuscados*.  
 19 x ARREGALAR, v. i. Quando, depois dum período de  
 céu coberto, aparece o sol numa abertura das nuvens.  
 20 AUGA, s. f. Chuva.  
 21 AUGAS, s. f. Chuva abundante: *isto é que são augas*.  
 22 + AGUACEIRAS, s. f. Chuva grossa: *isto é que são*  
*aguaceiras*.  
 23 † AUGACEIRO, S. A.; † AUACEIRO, N. P.; s. m. Agua-  
 ceiro.  
 24 x CALMA, s. f. Muito sol.  
 25 x CALMARIA, s. f. Muito sol: *tal calmaria, que ninguém*  
*pára*.  
 26 + CHUVA COPIOSA, S. António, s. f. Chuva abundante.  
 27 x ENFUSCADO, s. m. Tempo enevoadado.  
 28 x ESTEADO, adj. m. Em que deixou de chover: *já tá*  
*esteado*, ou *já esteou*.  
 29 † FACHIAR, S. A., v. l. Trovejar: *tá a fachiar*.

- 30 x FACHO, S. A., N. P., s. m. Relâmpago.  
Vid. RELÂMPIEDE e TERRAMOTO.
- 31 x GEADA, s. f. O mesmo mas menos usado do que  
CHERÊNÔ.
- 32 † MALHA-D'AUGA, B., s. m. Chuveiro.
- 33 x MANGA-D'AUGA, B., R., s. f. Aguaceiro anunciado  
por nuvens muito carregadas (nimbos).  
Possivelmente aplicação por analogia de *Manga-de-água*  
no sentido de *tromba-de-água*.
- 34 x OLHADA, s. f. Aparecimento transitório do sol numa  
aberta de céu nevoento: *quando vem uma olhada de*  
*calma*.
- 35 x OLHO-DE-BOI, R., s. m. Arco-íris.
- 36 x ORVALHO, s. m. Chuva miúda.
- 37 † RELÂMPIEDE, B.; RELAMPO, R., S. A.; † RELÂM-  
PEDO, N. G.; m. Relâmpago.  
Vid. TERRAMOTO e FACHO.
- 38 † REMUINHO (ou † DERRUMUNHO, S. A.), s. m. Vento  
em espiral.
- 39 † SARRAÇÃO, s. f. Nevoeiro denso.
- 40 † SENÔ (ingl. *snow*), s. m. Neve.  
Nos Açores é raro nevar, sendo apenas frequente a  
queda de granizo, que é designado no Arguipélago por  
*neve*.  
Os emigrados para os E. U. A. N., que se repatriavam,  
tendo visto naquele país a neve, que era diferente do  
que conheciam por tal nome, adoptaram o vocábulo  
inglês (depois deturpado pelo povo) convencidos que  
ele não tinha equivalência em português.
- 41 † CHERÊNÔ (mais usado do que GEADA), s. m.  
Orvalho.
- 42 † «SULIÑU», s. m. Sol de inverno, agradável e tépido:  
*que rico "suliñu"*.
- 43 x TERRAMOTO, R., S. A., s. m. Relâmpago.  
Vid. RELÂMPIEDE e FACHO.
- 44 † TREVÃO, R. ou † TURVÃO, N. P., s. m. Trovão.
- 45 TREVOADA, s. f. Trovoada.

- 46 + TRUVÃES, s. m. Trovejar : *tá a fazer truvães.*  
 47 TRUVUAR, s. f. Trovejar : *tá a truvuar.*  
 48 + TURISCO, B., s. m. Fâisca eléctrica.  
 49 + VARDASCADA D'AUGA, R., s. f. Aguaceiros : *forte vardascada d'auga.*  
 50 + VENTO DA BANDA DA VILA, N. G., s. m. Vento Oeste.  
 51 + VENTO DA PONTA DO PICO, R., B., s. m. Vento Sueste.  
 52 + VENTO DA TERCEIRA, S. A., s. m. Vento Nordeste.  
 53 † VENTO DE CIMA DAS FONTES, R., s. m. Vento Norte.  
 54 + VENTO DE CIMA DA TERCEIRA, R., N. G., s. m. Vento Leste.  
 55 + VENTO DE RIBA DOS ROSAIS (ou DA PONTA DA TERRA), S. A., s. m. Vento Oesnoroeste.  
 56 + VENTO-DE-TRAS, S. A., s. m. Vento Oeste.  
 57 + VENTO-DE-TRAS DA GRACIOSA, S. A., s. m. Vento Nornordeste.  
 58 + VENTO DO FAIAL, S. A., s. m. Vento Sudoeste.

## B — A TERRA

### a) *A configuração e o aspecto*

- 59 x ALGAR, s. m. Fenda no solo, geralmente profunda, originada por erupções vulcânicas.  
 60 x BAGACINAS, s. f. Pedra queimada, solta, magma vulcânica.  
 61 x BARCA, s. f. Depressão de terreno, entre colinas ou montes, de configuração elipsoidal, onde se acumulam águas pluviais para lá encaminhadas. Pastagem, não muito extensa, de configuração e situação idênticas às acima referidas.  
 Vid. LEVADAS.  
 62 BARRANCEIRA, s. f. Vid. REBANCEIRA.

- 63 BISCOITO, s. m. Tracto de lava em via de desagregação, anterior ao reconhecimento do Arquipélago e apto para a cultura da vinha e para o plantio de figueiras e nespereiras, produzindo, sem necessidade da intervenção do homem, faias, incenseiros, pinheiros e urze. Vid. INVERNADOUROS e ROEDORES.
- 64 + BORDA-DA-ROCHA, s. f. Linha cimeira duma encosta sobranceira ao mar.
- 65 BREJO, s. m. Terreno de silvado e urze.
- 66 + BURGALHAU, s. m. Pedra miúda misturada com a terra.
- 67 x CABEÇO, S. A., s. m. Montanha.
- 68 x CALDEIRA, s. f. Cratera de vulcão extinto.
- 69 x CALHAU (ou CALHAU DO MAR), s. m. A zona confinante com o mar, quer seja de enrocamento, de penedia ou de seixo rolado.
- 70 x CANADA, s. f. Caminho entre muros de vedação, estreito mas susceptível de dar passagem a um carro de bois.
- 71 + CANADINHA, s. f. Canada cuja largura só permite a passagem de gado e peões.
- 72 FAJÃ, s. f. Terreno plano ou em declive não muito acentuado, subjacente a uma encosta em geral abrupta.
- 73 FONTE, s. f. Nascente de água potável, a pequena profundidade nos terrenos mais ou menos planos e brotando em cascata, ou jorro quando nas encostas abruptas. A água é empregada para abeberar o gado e para usos domésticos.
- 74 x GROTA, s. f. Leito normalmente estreito, que recebe, por ocasião de chuvas abundantes, as águas dos terrenos sobrejacentes, conduzindo-as ao mar ou a alguma ribeira.
- 75 x JUNCAL, s. m. Pastagem elevada, em geral confinante com a «Serra» e onde quase sempre vegeta o junco espontâneamente.
- 76 + LAGUA, s. f. Lagoa.
- 77 x LEVADA, s. f. Acumulação de águas pluviais em cami-

nhos de reduzido declive, que são dirigidas, com o emprego de diques mais ou menos rudimentares para uma ribeira ou para uma depressão de terreno onde são absorvidas.

Vid. BARCA.

- 78 MISTÉRIO, s. m. Tracto de terreno coberto de lavas provenientes de erupções posteriores à colonização e que apresenta ainda os vestígios dos estragos que tais erupções causaram.
- 79 x OITEIRO, s. m. Pequena elevação rochosa, em terrenos de cultura.
- 80 † PEDRA MOLE, s. f. Tufo vulcânico
- 81 x PICO, s. m. Montanha
- 82 x POIO, s. m. Aglomeração basáltica, nas «rochas», normalmente arredondada na sua parte superior.
- 83 QUEBRADA (ou † CUBRADA, S. A., N. P.), s. f. Lanço de terra que caíu.
- 84 x QUEIMADA, s. f. O mesmo que MISTÉRIO.
- 85 † REBANCEIRA, s. f. Pendor pouco elevado mas de declive pronunciadíssimo.
- 86 x ROCHA, s. f. Todo o espaço compreendido entre a linha cimeira da encosta sobrejacente e o «calhau» (orla marítima). «Fajã» formada por estreitos socalcos. «Fajã» que não tem habitantes permanentes.

## C — O MAR

- 87 † CORRER À PEDRA. O mesmo que LAVADIAS.
- 88 † LAVADIAS, s. f. Agitação do mar ao longo da costa, estando ele tranquilo ao largo. Na costa de S. Jorge é fenómeno peculiar, no Verão.
- 89 † MAR ABERTO, e. m. Mar cavado.
- 90 † MARÉ DE CABEÇA, e. f. Maré de novilúnio e do plenilúnio, especialmente o preia-mar.
- 91 † ÔNDUA, † ÔNDIA ou † ÚNDIA, s. f. Onda do Mar.

92 x ZOADA, s. f. Ruído produzido na costa pelo mar agitado.

## D — AS PLANTAS

### a) *As árvores*

#### 1.º Generalidades

- 93 † ARVE, s. f. Árvore.  
 94 † ARVEREDE, N. P., s. m. Arvoredo.  
 95 ALVOREDO, s. m. Arvoredo.

#### 2.º Florestais

- 96 † ALMO, s. m. Alamo.  
 97 † BASSOIRA, s. f. Urze.  
 98 † CALITRE, B. † CALIPE, R. † CALIPSO, N. G. † CALITE  
 S. A. † CALITRO, N. P., s. m. Eucalipto.  
 99 † CRAVALHEIRO, S. A., s. m. Carvalho.  
 100 † CRAVALHO, s. m. Carvalho.  
 101 † FAIA DA ÍNDIA, s. f. Buxo.  
 102 † FAIA DO NORTE, s. f. Incenso.  
 103 † FOLHA DO PINHO, B, s. f. Agulhas secas.  
 104 INCENSEIRO, s. m. Incenso.  
 105 LOIRO, s. m. Loireiro.  
 106 † MAÇAROCA DE PINHO, S. A., s. f. Pinha.  
 107 MATO, s. m. Urze.  
 108 † ÔCALIPE, B., s. m. Eucalipto.  
 109 x PINHO, N. G., s. m. Pinha.  
 110 † PUVÍDIA DO PINHEIRO, S. A., s. f. Pinhão.  
 111 † RAMA DE PINHO, S. A., s. f. Agulhas secas.  
 112 † RAMA DE PINHEIRO, N. G., R., s. f. Agulhas secas.  
 113 † RAMOS DO PINHEIRO, N. P. s. m. Agulhas secas.  
 114 † SANGUIM, s. m. Sanguinho.  
 115 † SIMENTE DO PINHEIRO, B., s. f. Pinhão.

## 3.º Árvores de fruto.

- 116 † MASSEGUEIRA, S. A., † MASSIGUEIRA, N. P., s. f. Macieira.
- 117 † NUSPREIRA, S. A, s. f. Nespereira.
- 118 † PESSIGUEIRO, S. A., † PISSIGUEIRO, R., s. m. Pessegueiro.

b) *Arbustos e herbáceas*

## 1.º Cereais

- 119 † MILHO BRANCO, s. m. Alto, grado da maçaroca e dos mais cultivados na Ilha.
- 120 † MILHO DE SIMENTE ALTA, s. m. Amarelo e branco. Cultivado nas terras de menor elevação e menos batidas pelos ventos.
- 121 † MILHO DE SIMENTE BAIXA, s. m. Milho cultivado nos lugares altos mais expostos ao vento.
- 122 † MILHO D'ISTRALAR, s. m. Milho próprio para se comer assado e que submetido a essa operação produz as *freiras*.
- 123 † MILHO DO TOLEDO, s. m. Da semente que só é produzida no Toledo. Próprio para a cultura em terras altas.
- 124 † MILHO GIGANTE, s. m. Muito grosso da espiga (maçaroca) e favado do grão, segundo os informadores.
- 125 † MILHO RAFEIRO, s. m. «Mais granador e suporta melhor o alforro, mas pouco usado por ser rijo de moer», segundo o informador.
- 126 † SINTEIO (ou † SANTEIO, S. A.), s. m. Genteio.
- 127 † SUVADA, S. A, s. f. Cevada.
- 128 † TRAMOÇO, s. m. Tremoceiro.
- 129 † TRIGO BRANCO, B., N. G., s. m. Mais grado do que o *mantão*, segundo os informadores.
- 130 † TRIGO DA TERRA ou RÚSTIU, R., s. m. Trigo que

era o único cultivado até há poucos anos na Ilha, com emprego de sementes produzidas na mesma.

- 131 + TRIGO DE FORA, s. m. Designação dada ao trigo que é importado para semente.  
Vid. TRIGO BRANCO, TRIGO DO EGIPTO, TRIGO MANTÃO (ou MANTANO).
- 132 + TRIGO DO EGIPTO, B., s. m. Negro, segundo os informadores.
- 133 + TRIGO MANTÃO (ou MANTANO, R.), s. m. Redondo e grado, segundo os informadores.
- 134 + VEIA, s. f. Aveia.

2.º Hortícolas (legumes, etc.)

- 135 ABOBRA, s. f. Abóbora.
- 136 + ABOBRA CHILRA, R., N. G., N. P., + ABOBRA CHÍBIA, B., s. f. Abóbora Chila.
- 137 + ABOBRA MULHER, B., s. f. Subespécie de abóbora.
- 138 + BAJE, B., R + BAJA, N. G., S. A., VAGE, N. P., s. f. Vagem.
- 139 + BATARRAL, B., + BETERRAL, R, N. G., S. A., + BATERRAL, N P., s. m. Beterraba.
- 140 + BATATA ALEMÔA, s. f. Variedade da batateira.
- 141 + BATATA BRANCA, s. f. Variedade da batateira.
- 142 + BATATA DA TERRA, s. f. Batateira. Os respectivos tubérculos. Denominada, pelos eruditos autóctones, *batata inglesa*, como no Brasil.
- 143 + BATATA DE OLHO FUNDO, s. f. Variedade da batateira.
- 144 + BATATA RATA, s. f. Variedade da batata doce.
- 145 + BATATA ROXA, s. f. Variedade da batateira.
- 146 BELANCIA, s. f. Melancia.
- 147 + BITE, s. m. Beterraba.
- 148 + BUGANGO, s. m. Mogango.
- 149 + COIVA, s. f. Couve.
- 150 + FAJÃO, s. m. Feijão.
- 151 + FAJÃO D'ATRIPAR ou + FAJÃO ATRIPADOR, s. m. Feijão de trepar.

- 152 † MELAGUETA, s. f. Malagueta.  
 153 † RAPOLHO, s. m. Repolho.  
 154 † SABOLA, s. f. Cebola.  
 155 † SABULINHO, s. m. Cebolinho.

### 3.º Forraginosas

- 156 † ERVA DA CASTA, s. f. Luzerna.  
 157 x LUCERNA, s. f. Luzerna.

### 4.º Ervas das pastagens

- 158 † ERVA DO CHÃO, s. f. Erva que brota espontâneamente nos terrenos de pastagem.  
 159 † TREVINHA, s. f. Trevina.

### 5.º Industriais

- 160 † CARRIOLA (ou † GUERRIOLA), s. f. Espadana.  
 161 † FILHAÇA, s. f. Espadana.  
 162 † PETEIRA, s. f. Espadana.

### 6.º Medicinais

- 163 BORRACHA, s. f. Borragem.  
 164 † ERVA DIABÊLHA, s. f. Erva-abellia.  
 165 FEL-DA-TERRA, s. c. Centáurea menor.  
 166 JARVÃO, s. m. Planta verbenácea.  
 167 LIMONETE, s. f. Lúcia Lima.  
 168 † MANTRASTO, s. m. Mentrasto.  
 169 MARCELA, s. f. Macela.

### 7.º Ornamentais

- 170 † AZEVINO, s. m. Azevinho. Arbusto espinhoso.  
 171 x MADRUGADA, s. f. Petúnia.  
 172 x JAPÃO, s. m. Camélia.  
 173 x JAPONEIRA, s. f. Camélia.  
 174 † JARROCA, s. f. Flor de jarro.  
 175 † ORVALHO DE SANTA TRESINHA, s. m. Gipsófila.  
 176 PAPAGAIO, s. m. Melindre.  
 177 † RAILUQUES, s. m. Rainúnculos.

178 x SOLTEIRA, s. f. Gerânio ou Sardinheira.

179 † SUCÊNA, s. f. Açucena.

8.º Daninhas

180 † CHAPÉU-DE-CANÊTE, S. A., s. m. Cogumelo.

181 CHAPÉU-DE-FEITICEIRA, N. P., s. m. Cogumelo.

182 † CHAPÉU-DE-FRADE, N. G., s. m. Cogumelo.

183 † GARDA-SOL-DE-FEITICEIRA, B., R., s. m. Cogumelo.

184 GORGA, s. f. Planta herbácea que nasce nos trigais e linhares.

185 JUNÇA, s. f. JUNÇA.

186 † JUNCILHO, s. m. O mesmo que JUNÇA.

187 MOLARINHA, s. f. Fumária.

188 NEGRITA, s. f. Negrinha.

189 † PAMPOILHA BRABA, s. f. Papoila ou Papoula.

190 † RODINHA, s. f. Erva de folhas estreitas e rijas que abunda nas terras de sementeira e pastagens.

191 † SERAMAGO, s. m. Saramago.

192 SILVADO, s. m. Silva das amoras ou qualquer outra silva.

E - OS ANIMAIS

a) *Quadrúpedes*

1.º Generalidades

193 x TROMBA, s. f. Focinho de burro.

194 x VENTA, s. f. Focinho do boi e vaca.

195 x BICO, s. m. Focinho do cão, gato, ovelha e cabra.

196 x MOVER, v. i. Abortar (unicamente com referência aos quadrúpedes).

2.º Domésticos

197 BÁCORA, s. f. Fêmea do bácoro.

198 BACORINHO, s. m. Leitão.

199 BACRO, s. m. Bácoro.

- 200 + BESTA MULAR, s. f. Muar.  
 201 + BURRO ANÃO, s. m. O mesmo que GRANHÃO.  
 202 + GEMENTO, s. m. O mesmo que GRANHÃO.  
 203 + GRANHÃO, s. m. Burro pouco corpulento.

### 3.º Gado.

- 204 x BEZERRO, s. m. A cria da vaca enquanto mama.  
 205 x GUÊCHO, s. m. Novilho desde os seis meses até aos dois anos de idade.  
 206 + GUÊCHO DE SOBRANO, s. m. Novilho desde os seis meses até um ano de idade.  
 207 + OVÊLHA NINHA, s. f. Ovelha que é criada com uma junta de bois ou com as vacas dum criação e que continua, mesmo depois de adulta, a viver com aquela ou com estas, acompanhando uma ou outras para toda a parte, inclusivamente a junta de bois no próprio trabalho e ficando com ela no estábulo.  
 208 x TOIRO, s. m. Novilho dos dois aos três anos de idade.

### b) Aves

#### 1.º Generalidades

- 209 x AVE, s. f. Ave abrangendo qualquer ave alada que pela sua maior corpulência, não seja compreendida na denominação *pássaros*.  
 210 + AVE ESTRANGEIRA, s. f. Ave de arribação.

#### 2.º De Capoeira

- 211 BICO, s. m. Designação dada às aves de capoeira: *nã sei o qu'ei-de dar a tantos bicos*.  
 212 + BRINZUNGADA, N. P., s. f. Ração das galinhas: *vai deitar a brinzungada às galinhas*.  
 213 + CHOQUINHAR, (ou + CHOCANHAR), v. i. Quando a galinha apresenta os primeiros sintomas do choco.  
 214 + INLINHEIRAR, v. t. Aninhar-se com os pintos (as galinhas).

- 215 x LINHEIRO, s. m. Ninho das galinhas.  
 216 PIRÚM, s. m. Perú.

## 3.º De caça

- 217 + CORDENIZ, B, + CORDERNIZ, R., + CODERNIZ, R., N. G., N. P., S. A., s. f. Codorniz.  
 218 x MARRECA, s. f. Galinhola.  
 219 + PEDRIZ, B., s. f. Codorniz.  
 Em S Jorge não há a perdiz, tendo falhado todas as tentativas de aclimação até agora empreendidas.

## 4.º Pássaros

- 220 + CANAIRO, B., s. m. O mesmo que PRAGA. Canário pròpriamente dito.  
 221 x CANÁRIOS, ou +CANAIROS, S. A., s. m. O mesmo que PINTOS DO AR.  
 222 + CHICHILRA ou +CHILRA, N. G., s. f. Espécie do género toutinegra. Plumagem no peito vermelha alaranjada e no resto do corpo cinzenta.  
 223 + FERFOLHA ou + FROFOLHA, s. f. Forfolha.  
 224 + LABANDEIRA (ou +LAMBANDEIRA, N. G., S. A.), s. f. Alvéola.  
 225 + MELROS, S. A., s. m. O mesmo que PINTOS DO AR.  
 226 + MELRO PRETO, s. m. Melro.  
 227 + PINTOS DO AR, B., s. m. Designação genérica dos pássaros.  
 228 PRAGA, s. f. Pássaros que dão prejuízos nas sementeiras e nas frutas: *inxutar a praga*.  
 229 + TOITO, s. m. Espécie do género toutinegra. Plumagem avermelhada no papo, cinzenta nas asas, cauda e pescoço, e negra, formando poupa, na cabeça.  
 230 x VINAGREIRA, s. f. Espécie do género toutinegra. O mesmo que + CHICHILRA.

## 5.º Aquáticas

- 231 † CAGARRO, s. m. Palmípede noctívago.  
 232 † GANHÔA, s. f. Gaivota.  
 233 x GARÇA, R., N. G., s. f. Gaivota.  
 234 GRAJAU, s. m. Andorinha do mar.

## 6.º De rapina

- 235 BILHAFRE, N. G., s. m. Milhafre.  
 236 † BILHANO, s. m. Milhafre.

c) *Peixes*

- 237 x BAGRE, s. m. Cântaro.  
 238 CARAPAU, s. m. Peixe miúdo semelhante ao goraz mas que não excede 8<sup>cm</sup> de comprimento. Em S. Jorge denomina-se chicharro, tanto o grado como o miúdo, conhecido no continente por carapau.  
 239 x COÇA, s. m. Rocaz pequeno.  
 240 † CRONGO, s. m. Congro.  
 241 x MARRAXO, s. m. Esqualo cuja dimensão longitudinal oscila, entre 1.<sup>m</sup> e 1. 80  
 242 x PRUMBETA, s. f. Cabra.  
 243 † ROAMA, s. c. Peixe miúdo da superfície que é tomado com enchelevar para servir de engodo e isca.

d) *Cetáceos*

- 244 x BALEIA, s. f. Cachalote.

e) *Anfibios*

- 245 † ÀRRÃ, s. f. Rã.

f) *Répteis*

- 246 + LAGARTISTA, B., R., s. f. Lagartixa.  
 247 + LARGARTO ou + LARGATO, s. m. Lagartixa.

g) *Moluscos*

- 248 + CLÂMES, s. m. Amêijoas.

h) *Crustáceos*

- 249 x ALAGOSTA, s. f. Lagosta.

i) *Insectos*

- 250 + BARBOLETA, s. f. Borboleta.  
 251 + BAREJEIRA, s. f. Vareja (mosca).  
 252 + BICHARVÃO ou + BICHO JARVÃO, s. m. Larva da batata doce.  
 253 + BISOIRO, s. m. Besouro.  
 254 + CAFANHOTO, s. m. Gafanhoto.

## II

## O Homem

## A — O HOMEM SER FÍSICO

a) *Corpo e funções*

- 255 + AMÍDULAS, N. P., s. f. Amígdalas.  
 256 + ARCAS, s. f. Costelas.  
 257 BARBA, B., R., N. G., S. A., s. f. Queixo.  
 258 + BEIÇO-DE-BAIXO, s. m. Lábio inferior.  
 259 + BEIÇO-DE-RIBA, s. f. Lábio superior.

- 260 BOCHECHA, s. f. Face.
- 261 † BURACOS-DO-NARIZ, B., s. m. Fossas nasais.
- 262 † CACURUTO, B., N. G., N. P., (ou † CACARUTO, S. A.), s. m. o mesmo que CASCO.
- 263 CAMPAINHA, s. f. Úvula.
- 264 x CAPELA, s. f. Pestana.
- 265 † CARNÉU, N. G., s. m. O mesmo que CASCO.
- 266 x CARRIL, s. m. Maxilar.
- 267 x CARRINHO, N. G., N. P., S. A., s. m. Queixo.
- 268 CASCO, R., s. m. Cocoruto da cabeça.
- 269 † ENGINAS, S. A., s. f. Amígdalas.
- 270 † ENGIVRE, B., † ENGIVE, R., ENGIVA, N. P., s. f. Gengiva.
- 271 † ESTÂMEGO, ou † ESTÂMAGO, s. m. Estômago.
- 272 † FÁCIA, S. A., s. f. Face.
- 273 FÔLGO, (TOMAR -- ou PILHAR -- ), s. m. Respirar :  
*ête já nem pilha o fôlgo, tá cáge a morrer.*
- 274 † GINGIVRA, S. A., s. f. Gengiva.
- 275 † GLÂNDELAS, N. G., s. f. Amígdalas.
- 276 GORGOMILO, s. m. Garganta.
- 277 † GRAGANTA, s. f. Garganta.
- 278 † INGIVA, N. G., s. f. Gengiva.
- 279 MÃO CANHOTA, s. f. Mão esquerda.
- 280 † NARIZES, N. G., N. P., s. m. Fossas nasais.
- 281 † NÓ DA GUELA, S. A., s. m. Pomo-de-Adão.
- 282 † NOUCO DA GRAGANTA (ou da GUELA, N. G.), s. m. Pomo-de-Adão.
- 283 † PÉLIA, s. f. Pele.
- 284 † QUETEVELO, B., R., e † QUETOVELO, N. G., s. m. Cotovelo.
- 285 † SAINGUE, s. m. Sangue.
- 286 VAZIA, s. f. Ilharga.
- 287 VENTAS, R., S. A., N. P., s. f. Fossas nasais.

b) *Doenças e deformidades*

- 288 + ARRÔJO DE FEBRE, s. m. Espécie de tumor. No dizer do informador: inchaço muito vermelho que *cria* e precisa em geral ser aberto e é motivado pelos frios.
- 289 + BEXIGAS LOICAS, s. m. Varicela.
- 290 + BEXIGAS VADIAS, s. f. Varicela.
- 291 + BRANCONIA, s. f. Melancolia (vitiligem).
- 292 + CALES, s. m. Calos.
- 293 + CALUMBRO, S. A., s. m. e adj. Corcunda.
- 294 + DIARREIRA, s. f. Diarreia.
- 295 + ENGINA, s. f. Angina.
- 296 PERIGO, s. m. Aborto.
- 297 FROIVA, s. f. Frieira.
- 298 + FROMIGUEIRO, s. m. Prurido.
- 299 + GIGA, s. f. Giba.
- 300 + GIGUENTO, N. G, N. P., s. m. e adj. Corcunda.
- 301 + GIGUINHO, B., N. G, s. m. e adj. Corcunda.
- 302 + GODILHÃO, s. m. Íngua.
- 303 + GUERGUTILHO (ou GURGUTILHO, N. P.), s. m. Garrotinho.
- 304 + GUMITAR, R., N. P., s. m. Vomitar.
- 305 + INTRITE, s. f. Enterite.
- 306 + INTRÍZIA, N. P., s. f. Icterícia.
- 307 + IRZEPELA ou + ISERPELA, s. f. Erisipela.
- 308 LANÇAR, s. f. Vomitar.
- 309 + LOICENÇO, s. m. Furúnculo.
- 310 x MAL, s. m. Apoplexia: *deu-lhe um mal*.
- 311 x MANQUEIRA, s. f. Lesões nos pés que determinam claudicação.
- 312 MATÉRIA, s. f. Pus.
- 313 + MELANQUINA, N. P., s. f. Melancolia.
- 314 MIRÔLHO, s. m. Vesgo.
- 315 PEITOGUEIRA, s. f. Tosse cavernosa.
- 316 + REMATISMO, s. m. Reumatismo.
- 317 + RENDEDURA, s. m. Hérnia.

- 318 SALUÇAR, v. i, Emitir soluços ; chorar.  
 319 SALUÇO, s. m. Solução.  
 320 SOLTURA, s. f. Diarreia.  
 321 + SISUNITE, s. f. Sinusite.  
 322 x TABARDILHO, N. G., s. m. Varíola.  
 323 + TIFE (FEVRE DE), s. f. Tifoide ou paratifoide.  
 324 + TOSSE DE GUINCHO, s. f. Tosse convulsa.  
 325 † TREBECULOSE, s. f. Tuberculose.  
 326 † TREÇOL ou + TRUÇOL, s. m. Terçol.  
 327 TRÍZIA s. f. Icterícia  
 328 UNHEIRO, s. m. Panarício.  
 329 + ZERIPELA, S. A., s. f. Erisipela.

### c) Alimentação

#### 1.<sup>a</sup> Refeição.

- 330 ALMOÇO, s. m. Entre as 8 h. e as 10 h..  
 331 BRINDAR, v. t. Oferecer vinho ou qualquer outra bebida alcoólica, fora das horas das refeições, em geral com acompanhamento de biscoitos.  
 332 CEIA, s. f. Entre as 18 h. e as 21 h..  
 333 + DECOMER, s. m. Designação genérica de refeição.  
 334 JANTAR, s. m. Entre o meio-dia e as 14 h .  
 335 † QUEBRAR O JEJUM, s. m. Por quebrar o jejum se diz uma refeição ligeira anterior ao almoço que quando se trata de pastores é feita na pastagem e constituída por pão de milho acompanhado de leite mungido directamente para a boca.

#### 2.º Alimentos

- 336 AÇORDA, s. f. Refogado de cebola e banha de porco que se deita numa tigela sobre migas de pão de milho.  
 337 x ALCATRA, s. f. Carne de vaca assada numa caçarola

de barro com bastante linguiça, toucinho de fumo, vinho e abundantemente condimentada.

Como se infere do próprio nome, a carne empregada é a «alcatra».

- 338 + CAÇOILHA, s. f. Guisado parecido com alcatra mas mais simples.
- 339 CALDO, s. m. Sopa com couves, nabos, ou funcho, batatas e toucinho.
- 340 + CALDO MOUCO, s. m. Caldo feito com abóbora, batata doce ou batata comum e couve.
- 341 CONDUCTO, s. f. Carne, paixe ou toucinho que se come acompanhado de pão ou sopa de migas.
- 342 GORDURA, s. f. Banha.
- 343 GRAXA, s. f. Banha.
- 344 x INHAMES, s. m. Refeição constituída por inhames cozidos, migados em leite.
- 345 LINGUIÇA, s. f. Espécie de chouriço delgado.
- 346 x MÔLHA, s. f. Molho.
- 347 + MOLHO DE FAJÃO, s. m. Feijão cozido e depois guisado com um refogado.
- 348 + PAPAS D'ARROZ, s. f. Arroz doce.
- 349 + SOPA D'ESPÍRITO SANTO, s. f. Caldo de carne de vaca (variada e abundante), língua, fígado, coração, toucinho, linguiça e condimentos que é lançado a ferver sobre grossas fatias de pão de trigo.
- 350 + SOPA DE FUNÇÃO, s. f. Caldo de galinhas, toucinho, linguiça e condimentos, que é engrossado com gemas de ovos batidas e temperado com vinagre. Como para a sopa anteriormente descrita, este caldo é lançado a ferver sobre fatias de pão.
- 351 + SOPAS DE LEITE, s. m. Migas de pão de milho sobre o qual é deitado leite a ferver.

d) *O Vestuário*

## 1.º Generalidades

- 352 † ARÇA, s. f. Alça.  
 353 † BAIÊTA, s. f. O mesmo que INXÊRGA.  
 354 † FLAINELA, s. f. Flanela.  
 355 † GARDA-SOL, s. m. Indiferentemente aplicado ao chapéu de sol e de chuva.  
 356 † INXÊRGA, s. f. Tecido de lã de fabrico caseiro, aplicado principalmente a fatos de homem.  
 357 † LENÇO-DA-MÃO, s. m. Lenço para assoar.  
 358 QUEDA, s. f. Salto do sapato.  
 359 † TRÂNSIO (ROUPA DE), s. m. Roupas de uso quotidiano.

## 2.º Do homem

- 360 † ABEIRO, s. m. Chapéu de palha de aba larga.  
 361 † ALBARCA, s. f. Espécie de calçado em que a sola se ajusta ao pé por meio de tiras de coiro.  
 362 † ALVACOTE, (ingl. over coat), s. m. Sobretudo.  
 363 † ALVAROSES, (overall), s. m. Fato inteiro de trabalho.  
 364 x BARRETE, s. m. Boné.  
 365 x BRAGAS, s. f. Ceroulas.  
 366 † CARAPUÇA DE RABUÇA, s. f. Carapuço de pano, provido duma pala em bico, com o vértice voltado para cima e continuado por uma romeira. O tecido empregado era ordinariamente *baiêta* preta, tecida na ilha. Caíu em desuso desde alguns anos a esta parte.  
 367 † CATURNO, N. P., s. m. Espécie de bota com sola de borracha.  
 368 † CIROILAS, s. f. Ceroulas.  
 369 † FROCA (ingl. frock), s. f. Samarra.  
 370 † SUÉRA (ingl. sweater), s. f. Camisola de malha.  
 371 TAMANCO, s. m. Botas de sola de pau.

## 3.º Da mulher

- 372 + ALPROCATAS, s. f. Espécie de sapato de trança de filaça e a parte superior de pano.
- 373 + AVANTAL, N. G., N. P., s. m. Avental.
- 374 + CHELÊPA (ingl. *slippers*), s. f. Espécie de chinela.
- 375 x COTÃO, s. m. Corpete.
- 376 + CUMBINAÇÃO, (+ CONVINACÃO, N. P.), s. f, Combinação.
- 377 GALOCHA, s. f. Espécie de calçado com rasto de madeira. Usado também no norte da Ilha pelos homens que trabalham nas fábricas de lacticínios.
- 378 + INXUVALHO (DA NOIVA), s. m. A roupa exterior e interior que a noiva leva à cerimónia do casamento religioso.
- 379 + NAITEGÃO (ingl. *night-gown*), s. m. Camisa de noite.
- 380 + SETINGOL, s. m. Cotão.
- 381 + SUTE ou SUTO (ingl. *new suit*). Fato de saia e casaco.
- 382 + TERLICA, s. f. Espécie de calçado semelhante à sandália mas com sola de pau.
- 383 + VANTAL, s. m. Avental.
- 384 + VELUSA, s. f. Belusa.
- 385 + XALDRE ou XALDE, s. f. Xaile.

## 4.º Da criança

- 386 + DAIPAS, s. f. Fraldas.
- 387 + INXUVALHO DO MENINO, s. m. A roupa que se prepara para o nascituro.
- 388 MANTÉU, s. m. Cueiro.
- 389 + ROIPINHA DA CRIANÇA, s. f. O mesmo que INXUVALHO DO MENINO.
- 390 x SÀIOTE, s. m. Cueiro.

e) *Habitação*

## 1.º A casa

- 391 ALIZAR, s. m. Rodapé.
- 392 + ALPISTER (ingl. *upstairs*), s. f. Os andares superiores da casa.
- 393 x BEIRA, s. f. BEIRAL.
- 394 + CHEMINÉ, s. f. Chaminé.
- 395 + CUMO DA CASA, s. f. Espigão.
- 396 + ENCHAMEZ, s. m. Tabique.
- 397 GUARDA-VASSOIRA, s. m. Rodapé.
- 398 + JENELA, s. f. Janela.
- 399 + MEIO-DA-CASA, s. m. Quarto por onde se entra e que serve de sala de receber.
- 400 + PORTA D'ANTRADA, s. f. Porta principal da casa.
- 401 PICA-PORTE, s. f. Aldabra.
- 402 PORTÃO. s. m. Entrada para o pátio da casa ou para uma quinta.
- 403 x RUA, s. f. Pátio em frente, em volta ou atrás da casa.
- 404 + SÓTE, s. m. Espaço assoalhado acima dos tirantes, a que normalmente dá acesso uma escada de mão.
- 405 x SAGÃO, s. m. Vestíbulo.
- 406 x SOLETA, s. f. Soleira.
- 407 + FIADA DO CUME, s. f. Espigão.
- 408 + VARA DO CUME, s. f. Espigão.
- 409 + VALCÃO ou BALCÃO, s. m. Patamar no cimo da escada exterior da habitação.

## 2.º Mobílias e utensílios.

- 410 + ALAMPIÃO, s. m. Lanterna de petróleo, de modelo americano.
- 411 + ALINTERNA, s. f. Lanterna.
- 412 + ALMAIRO, s. m. Armário.

- 413 AMASSARIA, s. f. Geralmente uma lage que se segue à lareira, mais baixa do que esta, e que serve de mesa para os trabalhos de cozinha.
- 414 + ARTIBANCO ou ARQUIBANCO, s. m. Banco grande cujo assento é ao mesmo tempo tampa da arca.
- 415 x BANCA, s. f. Mocho tosco constituído muitas vezes unicamente por um pedaço circular ou rectangular de madeira grossa, que serve de assento, com três ou quatro furos, em que entram os pés, sendo estes simples toros de varas de incenso ou faia.
- 416 x BANCO, s. m. Construção semelhante à da banca mas com a tábua que serve de assento bastante comprida de modo a comportar duas ou mais pessoas.
- 417 x BARÇA, s. f. Salgadeira.
- 418 BARRA, s. f. Cama.
- 419 + BREÇO, s. m. Berço.
- 420 CABEÇAL, s. m. Travesseiro.
- 421 x CALDEIRÃO, s. m. Recipiente de ferro fundido, bojudo, de base esferoidal, assente em três pés, que, posto sobre a trempe serve para cozinhar os alimentos, ferver leite, etc..
- 422 + DISPENSAL, s. m. Saco para levar a comida quando vão trabalhar ou quando se deslocam para qualquer localidade.
- 423 x FRUTEIRO, s. m. Toalhas de renda de dimensões variadas, que se aplicam na ornamentação dos compartimentos onde se arma o altar do Espírito Santo, utilizando-se ainda os maiores como cortinas.
- 424 x GRÊLHA, s. f. Trempe.
- 425 + LAMPARINHA, s. f. Recipiente cónico de lata em que se coloca petróleo e em cujo vértice há um tubo por onde passa uma torcida de algodão que se acende sem que a chama seja produzida por qualquer globo ou manga. É usada nas cozinhas.
- 426 LAR, s. m. Lareira.
- 427 x LOICEIRO, s. m. Prateleira gradeada, onde se põe a escorrer a loiça acabada de lavar.

- 428 + LUZ DE VIDRO, s. m. Pequeno candieiro.  
 429 POTE, s. m. Vasilha de madeira, arquiada, com a forma de cone truncado e asa de ferro, usada para ir buscar água ao chafariz e às fontes.  
 430 + PUCRO, s. m. Púcaro de barro, de lata ou de madeira.  
 431 + MENISTRA, s. f. Mesa de cabeceira.  
 432 + RIGUE, s. m. Recheio da casa.  
 433 TÀLHÃO, s. m. Recipiente de barro de grande bojo, que se utiliza normalmente para depósito, nas cozinhas, de água necessária a uso doméstico.  
 434 x TAPA, s. f. Tampa.  
 435 + TEMPRA ou + TEMPRE, s. f. Trempe.  
 436 + TRAVISSEIRO, s. m. Travesseiro.

## B — O HOMEM NO TRABALHO

### a) *Vida agrícola*

#### 1.º Criação de gado

- 437 x BARDO, s. m. Sebe viva, de hortênsia e urze ou de hortênsias, urze, e silvas, com que são vedadas as pastagens.  
 Vid. CACHOPA.  
 438 x BARRIL, s. m. Barrica, comprida e de reduzido diâmetro, com asa lateral de ferro, empregada no transporte de leite e também no de vinho das Rochas. É própria para ser levada às costas ou a dorso.  
 Vid. CANGALHAS.  
 439 x BURRA, s. f. Armação de madeirã em forma de pirâmide quadrangular, destinada a conservar ao ar livre o milho ainda em maçaroca. Este milho utiliza-se na alimentação do gado.  
 440 x CACHOPA, s. f. Hortênsia..

- 441 x CHEIA, s. f. Grávida, referindo-se à fêmea dos animais domésticos e gados.
- 442 x CHIQUEIRO, s. m. Abrigo onde o porco dorme.
- 443 + COMEDIA, s. f. São os subprodutos agrícolas destinados à alimentação do gado (cana, palha, rama de batata doce, etc, e a própria erva que nasce espontaneamente após as colheitas).
- 444 + COMEDORIA, s. f. O mesmo que COMEDIA.
- 445 + DE GRANDE, Vaca que não está grávida.
- 446 + FORRAGE, s. f. O mesmo que COMEDIA.
- 447 + INCHIQUEIRADOR, s. m. Pequeno recinto demurado nas pastagens, onde se conservam os bezerros destinados a auxiliar a operação da ordenha.
- 448 + INCHIQUEIRAR, v. i. Ordenhar as vacas à tarde.
- 449 x INVERNADOIRO, s. m. Prédio com lenhas e arvoredos, normalmente ao sul onde as vacas são postas a pastar durante os meses mais frios do inverno.
- 450 x INVERNAR, s. f. Acto de transferir o gado, durante o inverno, para os *invernadoiros*, *roidoiros* e *rochas* ou para *a porta*.  
Vid. PORTA.
- 451 x LATA, s. f. Recipiente de lata, com asa, de capacidade variável, para transporte de leite.
- 452 + NOVEDADE, s. f. Cereais.
- 453 ORDENHAR, v. t. Mungir.
- 454 + PORTA (TRAZER PARA A, CRIAR À), Acto de conservar o gado junto de casa.
- 455 + REÇÃO, s. f. Ração. Geralmente aplicada aos equídeos: *bota de comer aos bois e leva a reção à égua ou burro*.
- 456 + ROIDOIRO, s. m. Prédios de biscoito que, geralmente situados ao norte, servem de *invernadoiro*.
- 457 TARRO, s. m. Vaso em que se recolhe o leite quando este se ordenha.

## 2.º Cultura da terra

- 458 x ABARBAR (O MILHO), v. t. Última vez que se sachá o milho.
- 459 x AGASALHAR (O MILHO OU O TRIGO), Cobrir a semente espalhada na terra com a grade.
- 460 + ALFÔRRO, s. m. Alforra.
- 461 + ARRENCAR, v. t. Arrancar.
- 462 + ATALHAR A TERRA. Lavoura ou lavouras que se seguem ao alqueive.
- 463 x ATERRAR (O MILHO). Nome dado à segunda sachá do milho.
- 464 BELGA, s. f. Cada um dos espaços que fica entre os regos quando se IMBELGA A TERRA.
- 465 + BUANA, s. m. Adubo.
- 466 x CAMBADA (DE MAÇAROCAS ou DE MILHO), s. f. Grupo de 6 maçarocas amarradas umas às outras pela própria camisa. Utilizado para milho de semente.
- 467 CANA, s. f. O pé do milho depois de tiradas as maçarocas, cortado 12 a 15<sup>cm</sup> acima do terreno.
- 468 CASCA (sobretudo no N. G. e S. A.), s. f. O mesmo que FÔLHA.
- 469 + CASEIRAL, s. m. Terreno plantado de melancias, melões, abóboras e pepinos.
- 470 + CHACHAR, v. t. Sachar.
- 471 DESCASCAR (O MILHO), N. P., v. t. Escamisar.
- 472 x ESBICHAR, v. t. Limpar a maçaroca dos grãos podres: *esbichar o milho*.
- 473 + ESCASCA, S. A., s. f. Desfolha do milho.
- 474 ESCASCAR (O MILHO), S. A., v. t. Escamisar.
- 475 ESFOLHA, s. f. Desfolha.
- 476 ESFOLHAR (O MILHO), v. t. Escamisar.
- 477 ESPIGA DO MILHO, s. f. Pendão.
- 478 ESTÊRÇO, s. m. Estrume.
- 479 FÔLHA (DO MILHO), s. f. Camisa do milho que envolve a espiga.

- 480 + IMAÇANICAR (ou IMAÇARICAR S. A.), v. t. Acto de fazer os MAÇARICOS.
- 481 + IMBELGAR A TERRA. Lavrar a terra, geralmente para o plantio da batata doce, deixando entre cada rego um espaço de cerca de 1<sup>m</sup> : OS BELGAS.
- 482 + IMBORCAR A TERRA. Primeira lavoura de preparação na terra (Alqueivar).
- 483 + LAVRAR A COZER. Lavrar a terra e deixar sobre ela as ervas arrancadas a curtir até à operação de atalhar.
- 484 + LAVRAR A CURTIR. O mesmo que LAVRAR A COZER
- 485 + LAVRAR CORTADA. Operação que consiste em lavrar a terra sem deixar intervalo entre cada rego.
- 486 LAVOEIRA, s. f. Lavoura.
- 487 + MAÇANICO, s. m. Espécie de pirâmide feita com a cana do milho e atada na parte superior e a meio, por meio duma filaça ou vime.
- 488 MAÇAROCA, s. f. Espiga do milho.
- 489 MÉDA, s. t. Conjunto de 21 FÉXES ou GAVELÃES. Disposição dada aos gavelões na terra enquanto ficam aguardando a condução para o local da debulha.
- 490 x NATEIROS, s. m. Faixas de terra plantadas de vinha, geralmente existentes nas Fajãs.
- 491 x PELAR (ERVA), v. t. Apanhar erva com a mão ou com foice.
- 492 x PICOTA, s. f. O mesmo que MAÇANICO.
- 493 PRANTA, s. f. Planta.
- 494 + REGALHÃO, S. A., s. m. Camalhão.
- 495 RESTÊVA, s. f. Restolho de cereais.
- 496 SABUGO, s. m. Carolo.
- 497 + SAMIADURA, s. f. Semeadura.
- 498 SAMEAR. v. t. Semear.
- 499 + SIMENTEIRA, s. f. Semeadura.
- 500 + SIMINTEIRO, s. m. Sementeira.
- 501 + TERRA MANSA, s. f. Estado em que fica a terra depois de convenientemente gradada: *grada-se a terra tantas vezes até ficar mansa.*
- 502 UTAR, v. t. Joeirar.

## 3.º Alfaias e instrumentos agrícolas.

- 503 + ACHAMACEIRAS (DO CARRO DE BOIS), s. f. Chumaceira.
- 504 AIVECA, s. f. Cada uma das duas peças laterais arqueadas, que marcam as margens no ARADO DE PAU e de FERRO. Grande peça móvel do arado AMERICANO, destinada a virar a terra cortada pelo FERRO DO ARADO.
- 505 ALVIÃO, s. m. Enchada estreita e munida de bico.
- 506 + ALVIÃO D'AMERCA, s. m. O mesmo que alvião *d'arrencar lenha*.
- 507 + ALVIÃO D'ARRENCAR LENHA, s. m. Espécie de alvião.
- 508 + ARADO AMERICANO ou ARADO D'AMERCA, Espécie de charrua.
- 509 + ARADO DE FERRO (ou ARADO DE GANCHO), s. m. Tipo de arado muito recente na Ilha, quase todo de ferro, com duas aivecas e uma rola. Substitui em parte o ARADO DE PAU.
- 510 + ARADO DE PAU, s. m. Arado de madeira, antigo e de modelo simples, usado sobretudo na sementeira dos cereais.
- 511 + ARCAVÃE (ou ARCAVÃ, N. G.), s. m. Prancha transversal que forma a parte de tras do leito do carro.
- 512 + ATALAVRES ou ATALÁVIOS DO CAMPO, R., s. m. Conjunto das alfaias agrícolas.
- 513 ATARRADEIRA, S. A., s. f. O mesmo que *sacho*.
- 514 + ARRÔXO, s. m. Pequenos paus, delgados e curvos, geralmente de urze, munidos de uma aza de cordel, que servem para apertar as correias e travaduras do carro de bois.
- 515 + ATENSÍLIOS, R., s. m. Conjunto das alfaias agrícolas.
- 516 + BÔJO DA CANGA, s. f. A prancha que forma o corpo da canga.
- 517 + CABICEIRAS, s. f. Os dois lados menores do rectângulo formado pela grade.

- 518 + CADILHAS, s. f. Cadeias.
- 519 + CÃIMBAS, s. f. Cambas.
- 520 + CÃIZIL (ou CANZIL), s. m. Canzil.
- 521 + CAMALHÃES, s. m. Partes da canga entre as quais o tamoeiro.
- 522 + CÂMBIAS, B., R., s. f. Cambas.
- 523 x CANGALHAS, s. f. Armação de ferro que se coloca sobre a albarda, para transporte de *barris* e lenhas ou forragens enfeixadas.
- 524 x CANGUEIRO, s. f. Parte da canga que se assenta sobre o pescoço dos bois.
- 525 CANTONEIRA, s. f. Chapa de ferro que guarnece a extremidade do eixo.
- 526 CHACHO (ou SACHO), s. m. Espécie de sachola.
- 527 CHAMACEIRAS (do carro de bois), s. f. Chumaceiras.
- 528 CHAPA DA RODA, s. f. Peça chata e plana que envolve a parte circular da roda.
- 529 CHAVÊLHA, s. f. Peça de pau, que se introduz no orifício da extremidade do temão do *arado de pau* ou no cabeçalho do carro junto à canga e por meio do qual se atrela o gado.
- 530 x CHEIA, N., G., S., A., s. f. O mesmo que FERRO ou ARADO AMERICANO.
- 531 + CHIDEIROS N. G.; x CHEDEIROS, S. A., s. m. O mesmo que SEDEIROS.
- 532 + CLAVEIRA, s. f. Sachador.
- 533 x COICÃO, + (CÔACÃO, S. A.), s. m. Cocão.
- 534 + CORDA DE RABIAR, s. f. A corda presa à grade que o lavrador segura quando grada a terra.
- 535 CORREIAS, s. f. Tiras de couro compridas que desempenham a mesma função das TRAVADURAS.
- 536 x CORRENTE, s. f. Aparelho constituído por um pau, munido num dos extremos dum pedaço de cadeia de ferro e que serve para atrelar ao jugo o *arado de ferro*, o *arado americano*, a *grade*, a *marcadeira* e a *claveira*.
- 537 + ESCRÊPA (ingl. *scraper*), s. f. Pata de cavalo.
- 538 x FACA ou FACÃO, S. A., s. f. O mesmo que NAVALHÃO.

- 539 + FERRAGE, S. A., s. f. O mesmo que CHAPA DA RODA
- 540 FERRO, s. m. Dente de ferro que, na ponta da rabiça, é o órgão que penetra na terra.
- 541 x FOICE, s. f. Foicinha.
- 542 + FOICE D'AMÉRICA ou + FOICE AMARICANA, s. f. Espécie de Gadanha.
- 543 + FOICE GANCHA, s. f. Foice com dois gumes e que substitui a FOICE AMARICANA
- 544 + FOICINHO, s. m. Espécie de podão.
- 545 FORCADO, S. A., s. m. Forquilha.
- 546 FUGUEIRO, s. m. Fueiro.
- 547 x GALHAS, s. f. Cada um dos ferros curvos entre os quais gira a rola do ARADO DE FERRO e do ARADO AMARICANO.
- 548 GANCHO, s. m. Peça curva de ferro, existente no ARADO AMARICANO, com a qual se vira a aiveca. Peça também curva e de ferro, na ponta do timão dos *arados amaricanos* e de *ferro*, para atrelagem ao jugo
- 549 GARFO, s. m. Forquilha.
- 550 x GOLA, S. A., s. f. O mesmo que OIVIDEIRAS.
- 551 GRADE, s. f. Instrumento agrícola, rectangular, constituído por três ou quatro pranchas paralelas, providas de dentes de ferro ou madeira, emechadas nos seus extremos, em outras duas que formam os lados menores do rectângulo.
- 552 x LÍNGUAS, s. f. Fasquias acrescentadas aos *sedeiros*, na parte de diante deles, quando a falta de dimensões da madeira de que são feitas o exige.
- 553 + MALHÊTES B., s. m. O mesmo que CAMALHÃES.
- 554 + MARCADEIRA, s. f. Semeador.
- 555 + MÀRICA N. G., s. f. O mesmo que ALVIÃO D'ARRANCAR *lenha*.
- 556 x MÉCHA, s. f. O mesmo que IMEICHA.
- 557 MEÃO, s. m. Peça central da roda onde é aberto o furo do eixo.
- 558 x MOENDAS (do carro de bois), s. f. Chumaceiras.

- 559 + MUXIL (ou + MEXIL, R., N. G.), s. m. Travessa que prende a rabiça às aivecas.
- 560 x NAVALHÃO, s. m. Peça do ARADO AMERICANO, que se introduz numa abertura própria do temão, e que, colocado à frente do ferro vai cortando a terra aliviando, assim, o peso do arado aos bois.
- 561 + OIVIDEIRAS, s. f. As aberturas semi-circulares das cambas.
- 562 x ORÊLHAS, N. G., s. m. O mesmo que GALHAS.
- 563 + PAQUECELA, s. m. Andilhas.
- 564 + PAREDES-DO-RELÉXE, s. f. Parte do eixo que fica entre o *reléxe* e a *imeicha*.
- 565 PESCÁZES (x PESCÁDOS, S. A.), s. m. Cunhas com que se une o arado à rabiça.
- 566 x PROVIMENTO, s. m. Aparentação dos solípedes empregada nos trabalhos agrícolas e relativas à criação das vacas leiteiras.
- 567 RABIÇA, B., N. G., S. A., s. f. Peça do arado encravada na parte posterior do temão e erguendo-se com a mesma inclinação das aivecas.
- 568 RABO, s. m. Parte extrema da rabiça ou rabiças onde o lavrador agarra com a mão enquanto lavra. Nome dado também às duas pegadeiras, da MARCADEIRA, da ESCREPA.
- 569 + RELEIXE ou + RELÉXE, s. m. Parte do eixo, no carro de bois, ou secção cilíndrica que entra nas moengas.
- 570 RODA, s. f. O mesmo que RÔLA.
- 571 RÔLA, s. f. Peça de forma circular que, no ARADO AMERICANO e no DE FERRO, gira entre as GALHAS.
- 572 x SEDEIROS B., R., s. m. As peças que formam o lado do leito do carro de bois desde a LINGUA até ao ARCAVÃO.
- 573 + SEVÊTE, s. m. Rectângulo de vime ou de madeira que serve para tapar a parte de trás da seve.
- 574 SOALHO, s. m. Tábuas que cobrem as duas partes do leito do carro compreendidas entre os *sedeiros* e o *cabçalho*.

- 575 TEIRÓ (ou ATEIRÓ B.), s. f. Travessa perpendicular que liga o timão à parte do arado que assenta no chão.
- 576 TIMÃO, s. m. Peça comprida do arado a que se atrelam os animais.
- 577 x TRAVADURAS, s. f. Cordas que servem para prender as cargas transportadas nos carros de bois.
- 578 + VANSAS, s. m. Travessas de madeira, respeitantes à grade, paralelas entre si e revestidas de 6 ou 7 dentes.
- 579 + VÃO DO ÉXE, s. f. Parte do eixo que fica entre os RELEIXES

#### 4.º Debulha e instrumentos empregados

- 580 ANCINHO ou ENCINHO, s. m. Ancinho de madeira empregado para movimentar a palha na eira.
- 581 CACHO, s. m. Os grãos de trigo que não chegaram a ser libertos do casulo. Utilizam-se para alimentação das aves de capoeira.
- 582 COANHAR (o trigo), v. t. Separar com a pá o palheiro, do grão, na eira.
- 583 x COMBROS (da eira), Fiada de pedras que circundam a eira.
- 584 DEBULHHADEIRA, s. f. Debulhadoura mecânica.
- 585 FORCADO, s. m. Forcado toscos obtido com a simples operação de serragem dum pau de urze de que se aproveita uma ramificação, ficando os braços desta a constituir os dentes.  
Vid. FORQUILHAR.
- 586 FORQUILHA, s. f. Tridente de madeira.  
Vid. FORQUILHAR.
- 587 x FORQUILHAR, v. t. Revolver o trigo na eira, com o *forcado*, enquanto se trilha. A operação de atirar, com a *forquilha*, o trigo ao ar para, com a ajuda do vento, o grão se separar da moinha.
- 588 + INGENHO DE DEBULHAR MILHO, s. m. Máquina de debulhar milho.

- 589 MANGUAL, s. m. Mangoal.
- 590 PÁ, s. f. Pá de madeira, utilizada para *padejar* ou *coanhar* o trigo na eira.
- 591 PADEJAR, v. t. O mesmo que COANHAR.
- 592 + PAU DO TRILHO, s. m. Pau, curvo num dos extremos, com que se atrela o trilho ao jugo.
- 593 RODAR (o trigo), v. t. Juntar com o rodo na eira o trigo, depois de debulhado.
- 594 RÔDO, s. m. Utensílio de madeira com a forma de segmento circular e munido de cabo. Serve para juntar o trigo na eira.
- 595 x SERRA, s. f. Designação dada ao monte que formam, na eira, com o trigo acabado de debulhar.
- 596 TRILHO, s. m. Conjunto de pranchas longitudinais, ligadas por travessas. A parte oposta às travessas é guarnecida de furos, onde se encaixam seixos destinados a facilitar a libertação dos grãos, tem a forma duma meia elipse de eixo menor reduzido, sendo a parte da frente constituída pelo extremo do eixo maior.

## 5.º Atafona

- 597 AGUILHÃO, s. m. Ferro grosso, por cima do *alqueire* e onde se finca o peão.
- 598 x AGULHAS, s. f. Duas pedras meio enterradas no solo e sobre as quais assenta a LUVADOIRA.
- 599 ALMANJARRA, s. f. Pau curvo onde se atrela o animal que faz andar a atafona.
- 600 x ALQUEIRE, s. m. Pedra da atafona que serve de apoio ao peão.
- 601 ANTOLHOS, s. m. Palas acessórias dos cabrestos, feitas geralmente de vime e postas de modo que o animal só possa ver em frente e para baixo.
- 602 + ASSENTADOIRO, s. m. Parte superior da atafona onde se sentam ou colocam qualquer coisa em cima.
- 603 ATAFONA, s. f. Moinho movido por boi, ou qualquer solípede.

- 604 x BUCHA, s. f. Regulador do veio.
- 605 x CALHA, s. f. Peça da atafona em forma de calha que conduz o grão da moega às mós.
- 606 x CARTEL ou + CARRÍTEL, s. m. Quartel formado por dois discos de madeira ligados por varões de ferro, onde se exerce a acção dos dentes da *roda*.
- 607 + DORMENTOS ou + DROMENT'ES, s. m. Dormentes. Pedras sobre as quais assentam as rodas.
- 608 + LUVADOIRA, s. f. Peça que assenta sobre as *agulhas*.
- 609 MOÉGA, s. f. Caixa em forma de tronco de pirâmide quadrangular, donde sai o grão para ser moído.
- 610 + NINA, s. f. Peça de madeira onde rola o quartel.
- 611 x PEDRAS, s. f. Mós da atafona.
- 612 x PIÃO, s. m. Eixo da atafona.
- 613 + PINCHÃO, s. m. Peça da atafona ligada à moega e que no seu movimento contínuo, regula a queda do milho.
- 614 RODA (da atafona), s. f. De madeira, dentada e constituída pelas seguintes partes: *dentes, lanços, espias e cunha*.
- 615 + SIGURÊLHA, s. f. Peça de ferro, em que entra o ferro que segura a mó interior da atafona.
- 616 + TRAMUNHADO, s. m. Caixa onde cai a farinha. É formada por dois *cambeiros* e a *câmbia*.
- 617 VEIO, s. m. Ferro que segura a mó inferior das atafonas e que entra na *segurelha*.

b) *Vida Doméstica - Fabrico do Pão*

- 518 ANCINHO ou ENCINHO, s. m. Ancinho empregado para mexer as maçarocas de milho postas a secar nos fornos.
- 619 + BARRIDOIRO, s. m. Pau, também de urze (podendo servir o próprio *urzidoiro*), a que se amarra numa das extremidades uma vassoura de ervas verdes ou urze.
- 620 BOCA DO FORNO, s. f. Abertura quadrangular do forno, com a soleira ao nível do pavimento dele.

- 621 BORRALHO, s. m. Brasas que se tiram quando se varre o forno.
- 622 + DEÇURA, s. f. Farinha grossa de trigo que se junta à massa do pão de milho.
- 623 + FAZER PORTA. Acender lenha junto da *boca do forno* ou pôr ali carvões, com o fim de, a certara altura da cocção, obstar a que baixe a temperatura.
- 624 x FRUMENTO, s. m. Fermento.
- 625 x MISTURA, s. f. O mesmo que DEÇURA.
- 626 + MIXIDOIRO, s. m. Simples pau de urze com que se mexem as brasas no forno. Pau curto em forma de espátula com que se mexe a massa de milho ao ser escaldada.
- 627 x POIAL, s. m. Pedra saliente acima da boca do forno e mais larga do que esta. Destina-se a evitar que as faúlhas atinjam o forro do tecto.
- 628 + QUEZEDEIRAS, s. f. Pedras que formam a primeira fiada inferior da abóbada do forno.
- 629 RODO, s. m. Utensílio para puxar a cinza do forno.
- 630 TIJÓLOS, s. m. Placas rectangulares de barro cozido que formam o pavimento do forno.
- 631 UMBREIRAS, s. f. Pedras que formam os lados da boca do forno.
- 632 x VAZA + (VAZE, R.), s. f. Ressalto para o exterior da pedra que forma a soleira da boca do forno e que se prolonga para um e outro lado desta.
- 633 VÊRGA, s. f. Pedra que forma a parte superior da boca do forno.

c) *Indústrias caseiras*

1.º Fabrico de queijo.

- 634 ALMEICE, s. m. Soro de leite.
- 635 x CABEÇADA, s. f. Substância pastosa que se obtém fervendo o soro do leite (requeijão).

- 636 + CHINCHO, s. m. Cincho.  
 637 + ESCRIMAR (ingl. cream) Desnatar.  
 638 x TROCA, s. f. O líquido produzido pela manteiga quando batida.

## 2.º Tecelagem

- 639 ARESTA, s. f. Pragana.  
 640 ARMO, s. m. Arméu  
 641 + ASSEDEIRA, s. f. Prancha fixada à frente do tear onde a teceadeira se sentava. Nos teares de construção mais recente, esta prancha desapareceu, sentando-se a teceadeira num banco.  
 642 + ATEIRO, s. m. Pedal do engenho de fiar.  
 643 + BOTAR A PASSO. Tecer.  
 644 x CABRITOS, s. m. Dois paus unidos aos liços por meio dum fio e cujo fim é segurar as quatro liceiras da teia dobrada.  
 645 CANELA, s. f. Esta peça da lançadeira é constituída nos teares de S. Jorge por um canudo de cana a que serve de eixo um pedacito de pau.  
 646 x CARRÊTAS, s. f. Espécie de roldanas onde passam os fios de suspensão dos liços.  
 647 CASAL, s. m. Caixa baixa, com 12 casas em que estão os novelos, cujos fios entram na espadilha.  
 648 x CHAVE, s. f. Pau que serve para travar o orgão do tiado.  
 649 + COMPOSTÓRIO, s. m. O mesmo que PREXADA.  
 650 + CRAMIAR, v. t. Deslassar a lâ com a mão para facilitar o trabalho de cardar.  
 651 + CRUZEIRAS, s. f. Cana metida na urdidura, atrás do pente, para facilitar o cruzamento da mesma.  
 652 DOBAIDOIRA, s. f. Aparelho onde se colocam as meadas para se fazerem os novelos.  
 653 EMPEIRAR A TEIA. Amarrar os fios da teia aos dos liços.

- 654 ESPADILHA, s. f. Lâmina de madeira com orifícios por onde passam os fios que se dispõem na urdideira, com destino ao tear.
- 655 + ESTOPA DE SACO, s. f. Estopa que cai durante a operação de tasquinhar e mais grossa do que a *estopa de sedeiro*.
- 656 ESTOPA DE SEDEIRO, s. f. Estopa que cai durante a operação de *assedar*.
- 657 + FRIMAL, s. m. Cada uma das canas que formam o lado do pente.
- 658 + GRAMA, s. f. Gramadeira.
- 659 INSARILHAR, v. t. Dobrar o linho fiado em meadas.
- 660 x MAÇA, s. f. Cilindro de madeira rija tendo, numa das extremidades, uma parte mais delgada, também cilíndrica, que serve de punho. Utiliza-se para a operação de *marcar* o linho.
- 661 + MAGANUCHINHOS ou + MAGANUCHOS, s. m. Novelinhos de fio de lã de várias cores que se introduzem nos fios da teia, no acto da tecedura, para se obter variedade de matizes.
- 662 + MOER A TEIA, s. f. Andar com o órgão de roda para enrolar o fiado.
- 663 + ÓRGU DO FIADO, s. m. Órgão onde se enrola o fio da teia.
- 664 + ÓRGU DO PANO, s. m. Órgão onde se enrola o pano em que se vai tecendo.
- 665 + ÓRGUS, s. m. Órgãos do tear.
- 666 + PREXADA, s. f. Régua de madeira pelo meio da qual se ligam as extremidades da teia aos órgãos.
- 667 + PRUMEDEIRA, + PRUMIDEIRA ou PREMEDEIRA, s. f. Peça do tear em que a tecedeira assenta os pés, para fazer subir ou descer os liços que cruzam os fios.
- 668 x PUAS ou + PÔAS, s. f. Nome dado às canas do pente.
- 669 x RODA, s. f. Roda de madeira com dentes fixada numa das extremidades do *órgão do pano* e que, por meio da tramela, serve para o fixar à medida que nele se vai enrolando o tecido.

- 670 x RESTELO, s. m. Régua com tornos, para restelar a teia.  
 671 RIPANÇO, s. m. Instrumento para separar a baganha do linho.  
 672 SEDEIRO, s. m. Restelo.  
 673 + TAMPREIROS ou + TRAMPEIROS, s. m. Peça do tear que serve para esticar o pano que se vai tecendo.  
 674 TASQUINHA, s. f. Espadela.  
 675 TRAMELA, s. f. Linguete que atua na roda dentada do *órgão do pano*, dos teares.  
 676 URDIDEIRA ou + ÔRDIDEIRA, s. f. Conjunto de duas peças de madeira pregadas paralelamente num frontal, providas de tornos de madeira em que se urdem os ramos da teia.  
 677 + VARDASCAR (a lâ), v. t. Bater a lâ sobre uma esteira com uma vara delgada para a tornar mais macia.

d) *Actividade piscatória*

1.º Pesca pròpriamente dita

- 678 + ADRAGAS, s. f. Tiras de madeira pregadas às cavernas pelo lado de dentro destas e sobre que assentam os bancos.  
 679 + BARTADOURA, s. m. Bartadouro.  
 680 AGULHEIRA, s. f. Linha mais ou menos delgada, em geral alcatroada, que se emprega no corrico, na pesca da cavala e nas pescas com o *tambique*.  
 681 x AMOSTRA, s. f. Peixe ou pedaço de peixe, que se coloca dentro do cofre para servir de isca.  
 682 APOITAR, v. t. Lançar a poita para fundear a embarcação.  
 683 x ATRACADORES, s. m. Grandes anzóis presos a pedaços de corda. Servem para auxiliar a parte final da pesca do alfafaz.  
 684 x BATEL, s. m. Embarcação maior que o bote, e popa com o mesmo feitio da proa. Pouco usada actualmente,

pelo menos no porto das Velas. Arma quatro remos como os *botes de pesca* e, de vela usa a mesma aparelhação que os ditos botes usam.

- 685 x BOTES DE PESCA, s. m. Embarcação de pesca de popa traçada e, ordinariamente, armando quatro remos. De vela aparelha com um pequeno latino.
- 686 x BUXEIRO, s. m. Grande anzol ligado à extremidade de um pau (geralmente de madeira de buxo) com cerca de 1<sup>m</sup> de comprido. Serve para engatar e auxiliar a entrada para a embarcação dos peixes de maior corpulência.
- 687 x CÁGADO, s. m. Peça de madeira de forma aproximadamente semi-circular, pregada ao remo e em que há um furo que entra no tolete.
- 688 x CANGALHO, s. m. Aparelho de três anzóis que se emprega na pesca dos chernes.
- 689 x CANÔA, s. f. Recipiente de madeira, em forma de canoa, com o costado constituído por tabuinhas pregadas longitudinalmente, a pequena distância umas das outras e em que se lança o peixe colhido no *inxelavar*, que se deseja empregar vivo como isca e *ingôdo*. A canoa é conduzida ao lado da embarcação com cerca de 223 do seu portal mergulhado no mar.
- 690 + CHAMACEIRA, s. f. Placa de madeira pregada na borda do bote e em que está colocado o tolete.
- 691 CHATA, s. f. Pequena embarcação de fundo chato e popa cortada, usada normalmente nas pescas que se realizam perto da costa e a pouca distância do porto em que a embarcação estaciona.
- 692 x COFRE, s. m. Armadilha para apanhar lagostas.
- 693 x CORDA, s. f. São os cabos, ordinariamente de espadana, que servem de amarra na operação de *apoiar*.
- 694 x COSTAS, s. f. Peça de madeira, com a forma de segmento circular, pregada no remo do lado oposto ao *cágado* e que assenta durante a operação de remar sobre a *chamaceira*.
- 695 + ENCORAR, v. t. O mesmo que APOITAR.

- 696 + ESCÔAS, s. f. O mesmo que as *adragas*, mas colocadas mais abaixo, servindo de assento às *tilhas*.
- 697 + FAZER-PEXINHO, Pescar *roama*, com o *inxelavar*, para servir de *ingôdo* e isca.
- 698 FUNDEAR, v. t. O mesmo que APOITAR.
- 699 x GIGO, s. m. Negaça empregada no corrico.
- 700 + GORAZEIRA, s. f. Aparelho com muitos anzóis empregado na pesca dos gorazes.
- 701 x GRAVETA, s. f. Espécie de *buxeiro*, com anzol muito mais pequeno e cabo menos grosso mas mais comprido.
- 702 x GUIAS (*do inxelavar*), s. f. Cordéis por que o *inxelavar* é suspenso do pau que serve para o seu manejo.
- 703 + INFIADA, s. f. Arame em que se enfiam moluscos e pequenos crustáceos (lapas, caranguejos, etc.), para, colocado na boca do *inxelavar-dos-peixes-reis*, funcionar como engodo. Por vezes também se empregam figos secos e gomos de laranja.
- 704 INGODO, s. m. Substâncias (peixe fresco ou salgado, batatas, figos, etc.) que, picadas ou moídas, se lançam ao mar para atrair o peixe.
- 705 + INXELAVAR, s. m. Saco de grande diâmetro, de rede de malha miúda, com a boca mantida em circunferência por uma armação de madeira, composta de dois ramos, que, só no acto de ser empregado se articulam o que permite a mais fácil condução dele. Empregado sobretudo na pesca do *chicharro* e da *roama*, feita à borda da embarcação.
- 706 + INXELAVAR-DOS-PEIXES-REIS, s. m. *Inxelavar* pequeno munido de lastro, que se desce até ao fundo, em alturas de 3 a 12 braças, para a pesca de peixes-reis, pequenos bodiões, etc., e também de lagostas.
- 707 + INZOL, s. m. Anzol.
- 708 x JOGADA, s. f. Aparelho de *trinca-fiado* com dois anzóis.
- 709 LASCA, s. f. Peça de madeira que se coloca na borda

do bote, para proteger este do atrito do arame, com que se está pescando.

- 710 x LOURO, s. m. Arame que faz parte do aparelho de *corrico*.
- 711 x MADEIRA, s. c. Conjunto dos paus de varar utilizados para uma dada operação, daquelas a que respeitam.
- 712 x MANGA, s. f. Meia ou peúga que se utiliza para levar até ao fundo o *ingôdo* e ali o despejar.
- 713 x MARCA, s. f. Locais de pesca determinados por marcação. Marca das cavalas, marca dos chernes.
- 714 x NAVALHÃO, s. m. Cutelo empregado para picar o *ingôdo*.
- 715 x PANDULHO, s. m. Seixo mais ou menos esférico de volume variável mas oscilando entre 5 a 8<sup>cm</sup> de diâmetro, com que se lastram os aparelhos para os levar ao fundo.
- 716 PAU-DE-VARAR, s. m. Espécie de picadeiro utilizado nas operações de varar e arriar.
- 717 PESCA-DE-CORRICO. Pesca a peixes de superfície, bicuda, serra, etc., feita com a embarcação em movimento e por meio duma linha comprida (*agulheira* ou *linha de corrico*), a que se seguem algumas braças de arame (louro), no extremo do qual há um anzol em que se põe uma isca (a rabada), ou uma negaça de metal ou de osso de baleia, provida de um ou mais anzóis (o *gigo*).
- 718 x PICADEIRO, s. m. Toro de madeira dura sobre o qual se pica *ingôdo* com *navalhão*.
- 719 POITA, s. f. Pedra a meio da qual se abre uma gola para a talingar e assim servir de poita.
- 720 x QUEBRADA, s. f. Aparelho munido de anzóis empregado na *pesca do fundo* a bocas-negras, abróteas, *bagres*, etc..
- 721 x SACHO, s. m. Dispositivo no remo, entre o *cágado* e o punho para dar pega a uma das mãos do remador.
- 722 x RABADA, s. f. Isca, talhada em forma de peixe pequeno, que se emprega no corrico.

- 723 + TAMBIQUE, s. m. Pequeno cilindro de chumbo, de cujo extremo inferior saem uns arames em arco, nas pontas dos quais se colocam anzóis miúdos, e que, pelo extremo superior é preso a uma *agulheira*. Utiliza-se na pesca dos peixes-reis, bodiões, garoupas, etc..
- 724 + TANAZ, s. f. Espécie de tesoura de madeira, com dentes de ferro, que serve para prender fora da borda os peixes, como congros e moreias, cujas dentadas são perigosas.
- 725 x TILHA, s. f. Sobrado móvel que se coloca a vante da embarcação, entre o leito de proa e o banco imediato (tilha de proa), e, à popa, entre o banco de ré e o respectivo leito. As tilhas assentam sobre as escoas.
- 726 + TRINCA-FIADO, s. m. Aparelho constituído por vários fios de algodão envolvidos por apertado hélice de arame fino. Serve para se ligarem os anzóis destinados à pesca de espécies cujos dentes, permitem cortar a linha comum. Dá-se também o nome de *trinca fiado* ao aparelho de um só anzol, empregado na pesca do congro, moreia, meros, etc.

2.º Pesca da baleia.

- 727 x AGUÇAR, v. t. Prender o arpão à *linha*, ou a lança ao *lansuópe*
- 728 x APUNHAR (O REMO), v. t. Suspender a remada levantando a pá do remo da água.
- 729 x ARRIAR, v. t. Lançar as embarcações ao mar.
- 730 x AZEITE-DE-BALEIA, s. m. Óleo de cachalote.
- 731 + BÊLA, s. f. Balde munido dum cabo comprido e que servia para tirar o *azeite dos caldeiros*.
- 732 + BELÓ!... BELÓ!... Exclamação com que é indicado pelos *vegias* e tripulantes das embarcações baleeiras, o bufo do cachalote.
- 733 x BOTE, s. m. Designação dada à baleeira.
- 734 x CANOA, s. f. O mesmo que BOTE.

- 735 x CARRIL, s. m. Maxila inferior do cachalote.
- 736 + CIAR P'RA RÉ. Ciar.
- 737 x CHOQUE, s. m. Chanfradura no tope da roda de proa, onde corre a linha.
- 738 + CHOTUOPE, s. m. Peça de *linha* a que se *aguçava* o 2.º arpão.
- 739 x CUNHO, s. m. Saliência de madeira colocada em cada uma das bordas do bote um pouco avante do banco do *remo 1* e que tem por fim evitar que a linha, quando salta do *choque*, deslize mais para ré.
- 740 + DESQUINAR, v. t. O mesmo que ESQUINAR.
- 741 + EQUIPAGE DO BOTE, Palamenta do *bote*.
- 742 + ESCALHO-DE-BALEIA, s. m. O que resta do cachalote depois de extraídas as partes que interessam ao aproveitamento.
- 743 x ESPÊLHA (ingl. *spade*), s. f. Cortadeira com a forma de pequena pá colocada num extremo dum cabo comprido e que se empregava para cortar em tiras o toucinho.
- 744 x ESQUIVAR, v. t. Separar o toucinho da gordura.
- 745 + FACA-DE-MACIAR,\*s. f. (ingl. *mencing-knife*) Faca de dois punhos com que se reduzia o toucinho a *pices*.
- 746 + FAZER-BAÓ. Manobrar a linha durante a operação de matar.
- 747 + FORÇA DO PICO, s. f. Boca de lobo da carangueja.
- 748 x GAZOLINA, s. f. O mesmo que lancha.
- 749 + GIBRÃO, s. m. Giba munida duma vara na esteira.
- 750 x GRAPELIM (ingl. *grappling*). Fateixa de três unhas.
- 751 + INVÊRGOS, s. m. Envergues.
- 752 + ISCRIMA, s. f. Grande escumadeira para tirar os torresmos dos *caldeiros*.
- 753 + ISTÂNUÓ, s. m. Cabo que segura o *remo da esparrela*.
- 754 + JANQUE, s. m. Toucinho grosso da cabeça do cachalote.
- 755 + LAGAIÊTE, s. m. (ingl. *log head*) Peça de madeira no leito de popa das baleeiras, onde se passa a *linha*.
- 756 x LANÇAR, s. f. Matar a baleia com o emprego da lança.

- 757 x LANCHA, s. f. Embarcação a motor que toma parte na pesca do cachalote, desempenhando funções de reboque e apoio.
- 758 + LANSUÓPE, s. m. Fiel de lança.
- 759 x LINHA, s. f. Longo cabo relativamente delgado a que é preso o arpão e que é conduzido no bote, cuidadosamente *apanhado* em *cêlhas*, de onde vai desenrolando pela acção do cachalote depois de arpoado.
- 760 x OFICIAL, s. m. Patrão ou mestre duma canoa baleeira.
- 761 x PÁ, s. f. Peça de madeira que se emprega para aumentar a velocidade do *bote* à vela, quando há pouco vento.
- 762 + PICES, s. m. Quadrados a que o toucinho é reduzido para ser posto nos caldeiros.
- 763 + PINGUINHO, s. m. Gamote.
- 764 x PIQUE, s. m. Carangueja.
- 765 + QUEICE, s. m. Oleo que se tira no estado líquido da cabeça do cachalote.
- 766 + RALOQUE, s. m. Forqueta.
- 767 x REMADURA, s. f. Conjunto dos remos dum *bote*, que são, a contar da proa para a popa: remo 1 (do *trancador*), remo 2 (do *baó*), remo 3, remo 4, remo 5, remo 6.
- 768 x RÊMO-DE-ESPARRELA, s. m. Remo bastante comprido, que se utiliza como leme, nas canoas baleeiras sempre que estas navegam a remos e em especial durante a operação de *matar*.
- 769 + RÊMO-DO-BAÓ, s. m. Numa canoa baleeira, o segundo remo a contar da proa.
- 770 + RINZES, s. m. Rizes.
- 771 x TAINQUE, s. m. Recipiente onde se guarda o *azeite* até ser posto nas vasilhas em que é exportado (bidões).
- 772 + TRÓLE, Pau munido duma corrente que serve para engatar o toucinho.
- 773 TRANCADOR, s. m. Arpoador.
- 774 x TRANCAR (a baleia), v. t. Arpoar.
- 775 + VARA DO GIBRÃO, s. f. Espécie de retranca em que enverga a esteira do *gibrão*.
- 776 + VARA DO PANO, s. f. Retranca.

- 777 + VARA DO PIQUE, s. f. Carangueja.  
 778 + VEGIA, s. m. Indivíduo estabelecido num ponto elevado, dispendo de instrumentos ópticos mais ou menos aperfeiçoados, que, desde o amanhacer até três ou quatro horas antes do pôr do sol, perscruta o mar para assinalar às armações a presença de cachalotes, dirigir para eles as respectivas embarcações e fazer a estas, durante a operação da pesca, os sinais que se mostrem oportunos.

e) *Medidas regionais*

- 779 ALQUEIRE, s. m. Medida de capacidade: 15<sup>l</sup>. Medida agrária: 9<sup>a</sup>, 68.  
 800 CANADA, s. f. Medida de capacidade: 2,1<sup>l</sup> 4.  
 801 JEIRA, s. f. Medida agrária: 4 alqueires (38<sup>a</sup>, 72).  
 802 x LINHA, s. f. Medida de profundidade usada na actividade piscatória: 30 braças marítimas.  
 803 + LIVRAS (libra), s. f. Medida de peso; cerca de 0<sup>kg</sup>, 5. Só se emprega para a pesagem dos produtos têxtis, utilizados na indústria caseira, e na culinária.  
 804 MOIO, s. m. 60 alqueires.  
 805 QUARTEIRO, s. m. 15 alqueires.  
 806 QUARTILHO, s. m. Medida de capacidade: a quarta parte de uma canada (0,1, 6).  
 807 x VARA, s. f. Medida linear: 1<sup>m</sup>, 10. O seu emprego hoje está limitado à medição de tecidos de fabrico caseiro.

C — O HOMEM, SER SOCIAL

a) *Folclore*

- 808 ADIVINHAÇÃO, s. f. Adivinha.  
 809 x A EITO, loc. Em prosa.  
 Vid. REZADO.

- 810 x AJUDANTES, s. m. Os indivíduos (dois) que, colocados um a cada lado do cavaleiro, o acompanham nos Domingos de Pentecostes e da Santíssima Trindade, coadjuvando no serviço do Império.
- 811 + BALHO, s. m. Baile.
- 812 + BÉSPRA, s. f. Véspera.
- 813 x BÔDO, s. m. Jantar, oblatas e solenidades que são da responsabilidade do *Imperador*, nas festas dos Domingos de Espírito Santo e da Santíssima Trindade.
- 814 + BOLOS-DE-VÉSPRA, s. m. Bolos que se distribuem nos *Impérios*.
- 815 x CABÊÇA, s. m. Aquele que, em algumas povoações rurais de S. Jorge, assume a responsabilidade da parte das festas dos Domingos de Pentecostes e da Santíssima Trindade, a que é estranho o *Imperador* (especialmente: aquisição do vinho e tremoços, recolha dos bolos e distribuição destas oblatas).
- 816 x CANTIGAS, s. f. Designação genérica da quadra.
- 817 x CASTELOS, s. m. Designação à grande rosquilha e aos grandes pães com que se inicia o serviço do *Império*, nos Domingos de Pentecostes e Santíssima Trindade.
- 818 x CAVALEIRO, s. m. O indivíduo que, nos Domingos de Pentecostes e Santíssima Trindade, conduz a bandeira e, acompanhado pelos dois ajudantes, serve o *Império*. Dá-se o mesmo nome, nas *Domingas*, ao portador da bandeira que é também quem serve o jantar.
- 819 x CAVALEIROS, s. m. Designação genérica do *cavaleiro* e *ajudantes*.
- 820 x COPEIRA, s. f. Pequena casa dum só pavimento, onde são recebidos o pão ou bolos, o vinho e os tremoços destinados à distribuição dos *Impérios*.
- 821 x DOMINGA, s. f. *Coroação* e *jantar* em qualquer dos Domingos a contar do Domingo de Pascoela, inclusivé até no Domingo anterior ao de Pentecostes.
- 822 x HISTÓRIAS, s. f. Romances.
- 823 x IMPERADOR, s. m. A pessoa que, nos Domingos de Pentecostes e Santíssima Trindade, oferece o *Bodo*.

Também se denomina *Imperador* o que tem uma *dominga*, isto é, dá um jantar.

- 824 x IMPÉRIO, s. m. Arraial das Festas do Espírito Santo. Espécie de capela, tendo ao fundo um altar, na qual os emblemas das referidas festas, designadamente a coroa, são colocados, nas povoações rurais, nos Domingos de Pentecostes e de Santíssima Trindade. Armação de madeira e vidro usada, nas vilas, para o mesmo fim.
- 825 x JANTAR, s. m. O mesmo que DOMINGA.
- 826 x MANCEBOS, s. m. As *véspras* que se distribuem, em Santo Antão, na *Festa Nova*. (Domingo da Santíssima Trindade).
- 827 x MESTRA, s. f. Mulher que tem a seu cargo todos os serviços de cozinha respeitantes a um *bodo* ou *jantar*.
- 828 x MORDOMAS, s. f. Ajudantes da *Mestra*.
- 829 x MORDOMOS, s. m. Chefes de família da povoação, que o *cabêça* convida para o auxiliar no desempenho das suas obrigações e contribuírem, para as despesas com géneros e dinheiro.
- 830 + NEDOTA, s. f. Anedota.
- 831 x RAMADA, s. f. Rua perpendicular à entrada do Império, onde evoluçionam, nos Domingos de Pentecostes e Santíssima Trindade, os *cavaleiros* e *foliões*.
- 832 + REMARIA, s. f. Romaria.
- 833 x REZADO, adj. Em verso: *Já nã m'alembro como é que se diz essa história rezada*.  
Vid. A EITO.
- 834 + VESITA, s. f. Oferecimentos que os convidados fazem aos *Imperadores*.
- 835 + VESPRAS, s. f. O mesmo que BOLOS-DE-VESPRA.

## III

## Vária

- 836 + ABOAR, v. i. Voar.
- 837 ACOBARDAR-SE, v. p. Intimidar-se.
- 838 + ACOMEDAR-SE, v. p. Sossegar: *acoméda-te rapaz.*
- 839 + ACUPAR, v. t. Ocupar.
- 840 ADANAR, v. i. Nadar: *'tâ a adanar.*
- 841 + ADÂNO, s. m. Nado: *ele vai d'adâno.*
- 842 + AFEITUOSO, adj. Perfeito: *ela é muito afeituesa.*
- 843 + AFEIXAR-SE, v. p. Envergonhar-se.
- 844 x AFRONTAR-SE, v. p. Envergonhar-se.
- 845 + AJUDIAR-SE, v. p. Zangar-se.
- 846 AJUNTAR, v. t. Erguer, levantar do chão.
- 847 + ALAMBRAR, v. t. Lembrar.
- 848 + ALDÂNCIA, s. f. Préstimo; geito: *tal falta d'aldância!*
- 849 ALEVANTO e ALEVANTE, s. m. Barulho; alvoroço: *aquilo é que foi um alevanto naquela casa.*
- 850 ALUMIAR, v. t. Nomear: *descança que nã t'alumeio.*
- 851 + AMARGULHAR, v. t. Mergulhar.
- 852 x ALVIDRAR, v. t. Inventar.
- 853 ANOJADO, adj. Enlutado.
- 854 x APANHADIÇO, adj. Filho de pai incógnito e de mulher solteira: *aquela é apanhadiço.*
- 855 x APARÊNCIA, s. f. Sucesso extraordinário e desagradável: *Oh, forte aparência!*
- 856 + AQUIDADE, s. f. Benefício: *F. dixe mal de mim e ê já lhe fiz aquidades.*
- 857 + ARRAÇA, s. f. Raça.
- 858 x ARRELIQUE, s. m. Pedaco de fita com legendas, de seda (de 6 a 8<sup>cm.</sup>) que se prega nas lapelas e no peito dos vestidos por ocasião de festas religiosas.
- 859 + ARRIGULADAMENTE, adv. Convenientemente: *ê nã sei dizer isso bem arriguladamente.*
- 860 + ARRUMENDAR, v. t. Remendar: *ũas calças velhas arrumendadas.*

- 861 + ASSERVAR, v. i. Suportar : *não 'tou p'ra t'asservar.*
- 862 ATACAR, v. t. Vexar.
- 863 ATAMPADO, adj. Adoentado : *êle ficou atampado p'ra muito tempo.*
- 864 ATIMAR, v. t. Ultimar ; levar a cabo.
- 865 + ATRAMOÇAR, v. t. Atrapalhar : *Nã me atramocem ;* Exprimir imperfeitamente : *só sei esses versos atramoçados.*
- 866 x ATURAR, v. t. Partir : *aturar um pau.*
- 867 AUSTINADO, adj. Encolerizado . *Aquele home 'tá tanto austinado.*
- 868 + AVANTÁRIO, s. m. Inventário ; dar fé : *dar avantário.*
- 869 + AVAREJAR, v. t. Atirar : *avarejar uma pedra.*
- 870 x AVARIA, s. f. Proeza : *forte avaria !*
- 871 + AZOIGAR, v. i. Apodrecer : *As batatas 'tão a azoigar.*
- 872 + BAFE, s. m. Mau cheiro : *tal bafe deitas pela boca.*
- 873 + BAGALHOTEIRA, S. A , adj. Divertida.
- 874 x BALEEIRO, s. m. Designação dada rigorosamente aos emigrantes regressados da América do Norte, mas que se aplica, por extensão, às pessoas que regressam à Ilha depois duma ausência prolongada, em qualquer outra parte.
- 875 x BÊTA, s. f. Corda delgada.
- 876 BRABO, adj. Bravo.
- 877 + BRANCHA, s. f. Ocasão : *na primeira bracha eu faço...*
- 878 BRECA, s. f. Fúria.
- 879 + BUBIDAS, s. f. Bebidas.
- 880 x CACHEIRO, s. m. Bordão, varapau.
- 881 CAMBRA, s. f. Câmara.
- 882 + CÂMPIA, s. f. Campa.
- 883 x CANGALHADA, s. f. Coisa intrincada.
- 884 x CARÊTA, s. f. Bebedeira.
- 885 CARECER, v. t. Necessitar : *ê nã careço de nada.*
- 886 CARREAR, v. t. Acarretar.
- 887 CARRO DE BESTA, s. m. Carro de duas rodas, tirado por solípede, para transporte de pessoas.

- 888 + CASIÃO, s. f. Ocasão.
- 889 + CEDADE, s. f. Cidade.
- 890 CHARDAR, v. t. Tostar: *milho chardado* (milho que, ao ser posto no forno a secar, ficou tostado); pessoa tostada pelo sol ou pelo calor da lareira.
- 891 x CHAROLA, s. f. Patranha: *Nã me venha cá com essas charolas.*
- 892 x CHEIRADEIRA, N. P., s. f. Mulher que cheira tabaco.
- 893 + CHINCALHO, s. m. Caçoada, zombaria.
- 894 CHINCHINHO, s. m. O mesmo que pequerrucho.
- 895 CHINCHO, s. m. O mesmo que menino.
- 896 + CLÁSSIA, s. f. Classe.
- 897 + COBARDARIA, s. f. Cobardia.
- 898 COMETER, v. t. Propor: *ê vou cometer-lhe neste contrato.*
- 899 CONCHAVAR, v. t. Contratar: *vou-me conchavar com ele.*
- 900 CONCHAVO, s. m. Contrato; ajuste.
- 901 CONFIADA, adj. Atrevida (no sentido pejorativo).
- 902 x CONTADOS, adj. Feitos: *69 anos contados em Dezembro.*
- 903 x CONTINÊNCIA, s. f. Medida: *os «cavaleiros» fazem sempre, antes de distribuir, uma continência à porta do Império.*
- 904 + CRAMAÇÃO, s. f. Acto de se lastimar.
- 905 CRECER, v. i. Crescer.
- 906 + CUBRAR, v. t. Quebrar.
- 907 + CURENTA, n. card. Quarenta.
- 908 x CURTUME, s. m. Conserva de vegetais em vinagre.
- 909 + DANADO, adj. Ansioso.
- 910 x DESALVORAR, v. t. Perder a cabeça.
- 911 x DESBANCAR, v. i. Sair-se bem; ter felicidades: *ela desbancou.*
- 912 DESCANSADO, adj. Vagaroso: *Vou dizer a oração descançada.*
- 913 DESERTO, adj. Impaciente; ansioso.
- 914 DESINÇAR, v. t. Libertar-se de.

- 915 DESINFELIZ, adj. Infeliz.
- 916 + DESINSOLVER, v. t. Dissolver.
- 917 DESTRINÇAR, v. t. Destinguir.
- 918 DESVANECIDO, adj. Emagrecido : *estás muito desvanecido.*
- 919 DISTRAIMENTO, s. m. Distração.
- 920 + DÍVEDA, s. f. Dívida.
- 921 DOAIRO, s. m. Modo; semblante : *'tavam cum doairo triste.*
- 922 ESCÂNDULA, s. f. Motivo de queixa ; ofensa particular.
- 923 + ESCRANFUGIR, v. i. Retrair-se.
- 924 ESCUSAR, v. t. Vagar : *escusar a sala.*
- 925 ESGANADO, adj. Comilão ; ser avaro.
- 926 ESPAIRECER, v. t. Distrair-se ; divertir-se.
- 927 ESPEDIDA, s. f. Despedida.
- 928 + ESPEDREJAR, v. t. Apedrejar.
- 929 + ESPRETAR, v. i. Despertar.
- 930 + ESTARRAÇAR, v. t. Estragar ; partir.
- 931 + ESTRALO, s. m. Estalo.
- 932 + ESTRALOIÇAR, v. i. Fazer barulho, ruído.
- 933 + ESTREMÔÇO, s. m. Estremecimento.
- 934 + ESTRIBUIÇÃO, s. f. Distribuição.
- 935 + ESTRIVO, s. m. Estribo.
- 936 + ESTROVAR, v. t. Estorvar, embaraçar, incomodar.
- 937 FANECO, s. m. Insignificante : *ele é um faneco que não se rende no trabalho.*
- 938 FANTESIA, s. f. Fantasia.
- 939 + FEITO NA-FARPA. Tricot.
- 940 + FORFES, s. m. Fósforos.
- 941 FREIMA, s. f. Desgosto.
- 942 GAITADA, s. f. Gargalhada.
- 943 GALANTE e + GALANTINHO, adj. Bonito, bonitinho : *que criança tanto galantina.*
- 944 + GARREAR, v. i. Brigar ; lutar ; discutir acaloradamente.
- 945 GUINDAR, v. t. Subir ou saltar : *guindar uma parede.*
- 946 HERDANÇA, s. f. Herança.

- 947 HOME, s. m. Homem. Usa-se como forma de tratamento: *hóme a que horas vai ó pasto?*
- 948 † IMENTES, adv. Enquanto.
- 949 † IMPARO, s. m. Amparo.
- 950 INCABUCAR, N. P., v. i. Perder o juízo.
- 951 INÇAR, v. t. Prover-se de.
- 952 † INÇARRAR, v. t. Encerrar.
- 953 † INCÊLENCIA, s. m. Excelência.
- 954 INTEIRIÇO, adj. Inteiro; feito de uma só peça.
- 955 † INVEJE, s. f. Inveja.
- 956 † INVENGELHO, s. m. Evangelho.
- 957 † INVERSADO, adj. Em verso.
- 958 † ISTOA (ingl. *store*), s. f. Loja
- 959 † JAMPAR, v. t. (ingl. *jump*) Saltar: *jampaste daí abaixo* ou *jimpa daí abaixo*.
- 960 JAZER, v. t. Suportar: *agora temos de jazer*.
- 961 LABUTAR, v. t. Frequentar assiduamente.
- 962 x LADRILHO, s. m. Passeio da rua.
- 963 x LAMBETA, adj. Intrometida: *criança lambeta*.
- 964 † LAMBEZOMES, s. m. O mesmo que Lobisomens.
- 965 † LEMBUZOMES, s. m. Lobisomens.
- 965 † LAPRES, s. m. Lápis.
- 967 x LARADA, s. f. Escarro.
- 968 † LIBARAL, Amiga de conversar; que se apresenta bem.
- 969 LOGÊ, s. f. Estabelecimento de fazendas.
- 970 LOMEAR, v. t. Nomear
- 971 x LUSTRO, s. m. Pomada para calçado.
- 972 MADORNA, s. f. Sono leve.
- 973 † MÃEZINHA, s. f. Pequena mão cheia: *uma mãezinha de farinha*
- 974 MANAR, v. t. derramar.
- 975 † MAQUIAR, v. t. Imaginar.
- 976 † MARMURAR, v. t. murmurar.
- 977 MANTIMENTO, s. m. Comida, alimento. *Hoje vou em tal jornada, vou levar mantimento*.
- 978 x MASSAMES, s. m. Muitos: *ele tem maçames de dinheiro, de laranjas . . .*

- 979    MERCAR, v. t. Comprar.
- 980 + MINGADA, adj. Triste.
- 981 + MISARABLE, s. m. Mendigo.
- 982 + MITRA-DA-CARRADA, s. f. Parte de diante das carradas de lenha de rama, que se prolongam em diagonal ascendente por cima da mesa do carro.
- 983    MOIRO, s. m. Criança que não é baptisada.
- 984 + NA-SAGA-DE, loc. adv. **Atrás**: *eu fui na saga dele.*
- 985    NENHURES, adv. Nenhuma parte: *nã vou p'ra nenhures.*
- 986    NISCA, adj. Pequena parcela. Emprega-se depreciativamente a pessoas de reduzida estatura ou tenra idade: *és uma nisca de gente.*
- 987 + NÓDIA, s. f. Nódoa.
- 988 + OFICIAL D'IGREJA, s. m. Coveiro.
- 989 x OLHAR, v. t. Namorar.
- 990 + PAGÃO, s. m. O mesmo que *MOIRO*.
- 991    PALIAR, v. t. **Ser** sofrível, remediar.
- 992    PECHINCHINHO, s. m. Pequerruchinho.
- 993    PÊGADA, s. f. Peugada.
- 994    PEGAR A, v. t. Principiar: *ê peguei a contar-lhe o que se passou.*
- 995 x PEGUEIRO, adj. Brigão: *o rapaz é muito pegueiro.*
- 996 + PELINGRINO, s. m. Mendigo.
- 997 + PERDOAÇÃO, s. f. Perdão: *fazer pecado de gula que não tem perdooção.*
- 998    PILHAR, v. t. Apanhar.
- 999 + PINOTES (ingl. *peanuts*), s. m. Amendoim.
- 1.000    PISAR, v. t. Magoar.
- 1.001 x PITAFE, s. m. Defeito, nódoa na reputação.
- 1.002    PODERÍOS, s. m. Grande quantidade.
- 1.003    PREGAR, v. t. Enganar.
- 1.004    PRÉTENDER, v. t. Ser próprio de: *isto pretende a quem é rico.*
- 1.005 x PREZADO, adj. Presunçoso.
- 1.006 x PROFEITA, adj. Bonita: *rapariga profeita.*
- 1.007 + PUVÍDIA, s. f. Pevide.

- 1.008 x PUXAR, v. t. Convidar para dançar.
- 1.009 + RABADA-DA-CARRADA, s. f. Parte detrás das carradas de lenha de rama, que desce, para a retaguarda do *arcavãe* até quase tocar o solo.
- 1.010 x RAMALHANDO, ger. Passando: *vai-se ramalhando*.
- 1.011 RALO, adj. Espaçado; Raro: *é ra-lo dizer-se*.
- 1.012 REDOLHO, adj. Serôdio: *fruto de redolho*.
- 1.013 REFRIGÉRIO, s. m. Alívio.
- 1.014 x REGER, v. t. Ir bem, ser próprio: *êste vestido nã me rege, porque ê já sou uma mulher velha nã vou usar isso*.
- 1.015 REINAR, v. t. Zangar: *nã façás reinar a criança*.
- 1.016 + REIXA s. f. Rixa.
- 1.017 x REMATE, adj. Bom governo: *mulher de remate*.
- 1.018 + REMORTO, adj. Esquecido.
- 1.019 + RESINGAR, v. i. Rabujar.
- 1.020 x RILHEIRA ou + ROLHEIRA, s. m. Sulco do carro no chão.
- 1.021 + RINGELA, adj., N. G., Incomodativa.
- 1.022 RÕE, adj. Mal; doente: *ele está muito rõe*.
- 1.023 x ROGAR, v. t. Oferecer: *Ê roguei-lhe jantar*.
- 1.024 + RUNCOR, s. m. Rancor.
- 1.025 + RÚSTIO, adj. Rústico.
- 1.026 + SELITRO, s. m. Decilitro.
- 1.027 + SEQUISSO, adj. Seco: *o tempo vai muito sequisso*.
- 1.028 + SOLVIÇÃO, s. f. Absolvição.
- 1.029 x SOTIL, adj. Leve: *vens muito sotiu*: delicado: *sotil na conversa*.
- 1.030 TAFULHO, s. m. Resolução.
- 1.031 TAPADOIRO, s. m. Aquilo que tapa: *o seвете é o tapa-doiro da seve*.
- 1.032 x TARDINHEIRO, s. m. Serôdio: *o pêro é mais tardinheiro do que a maçã*.
- 1.033 x TARRAÇO, adj. Bêbedo.
- 1.034 x TIO, s. m. Fórmula de tratamento que se usa para com as pessoas de mais idade, mesmo que não exista qualquer grau de parentesco.

- 1.035 + TISOIREIRO, s. m. Sacristão.  
1.036 + TOLÍCIA, s. f. Tolice.  
1.037 TORNO, s. m. Borbotão: *torno da fonte* ou *do cano do chajariz*.  
1.038 TORPEZA, adj. Pessoa desonesta.  
1.039 TRAFÊGO, s. m. Trabalho, voltas.  
1.040 x TRAMPA, o mesmo que TORPEZA.  
1.041 TRESANDAR, v. t. deitar fedor.  
1.042 + TRESLADAR, v. t. Dar forma escrita a coisas que se têm na memória, tais como quadras, romances, orações.  
1.043 TROCHADA, s. f. Pancada com pau ou bengala.  
1.044 VELHINHO, s. m. Velho.  
1.045 x VENDA, s. m. Tenda.  
1.046 + VIRGE, s. f. Virgem.  
1.047 + VÔLGAR, s. m. Vulgar.

## EXPRESSÕES LOCAIS

*Aquele 'tá armado em chapéu de coco* — a dar-se uma importância que não tem.

*Assim que se pregam a difrençar* — Assim que se começam a diferenciar.

*Botar apreço* — Botar sentido.

*Botar botes* — (S. A.) Votar.

*Botar sentido* — Prestar atenção.

*Cabante feito* (S. A.) — Definitivamente concluído

*Cáj'imitante* — Quase igual.

*Carrejadeira de pancada* — Uma grande sova.

*Catar muita cortesia* — Ter muita consideração.

*Cheio de nov'horas* — Cheio de vaidade.

*Como se traz em dizer* — Como se costuma dizer.

*Da vez da noite ou da tarde* — De noite ou de tarde.

*Debulhar cantigas* — Dizer cantigas.

*Doutro traje* — Outra maneira.

*É um milagre dizer-se* — É muito raro dizer-se.

*Falar mais à finúria* — Falar com mais correcção.

*Faço-te como o sol faz à baganha* — Abro-te ao meio.

*Hóme da Vila* (S. A.) — Pessoa importante.

*Em b'ua mão 'tá o senhor Espírito Santo* — Usa dizer-se quando qualquer negócio ou tarefa não está bem entregue.

*Já lhe vou d'avantage* — Já lhe vou à frente.

*Levar a má vida do linho* — Levar uma vida amargurada.

*Mandar para uma beirada* — Mandar para um lugar mau.

*Mulher da sua casa* — Mulher de respeito.

*Nã quero aprofiar* - Não quero teimar ou discutir.

*Nã segue nada* - Não se adianta nada.

*Nã usar êsse tanto* (S. Antão) — Não ter, não saber, ou não cultivar.

*Ó forte batata* — Ó forte mentira.

*O mais dizer* - O que se diz mais vezes.

*O que eu mais intento* — O que eu mais faço.

*O primeiro que se nuncia* (S. A.) -- O primeiro que fala.

*Pegar a adoecer* — Principiar a adoecer.

*Rema p'rá festa* — Seguir para a festa.

*Sabe-se terminar* — Sabe-se dirigir.

*Sacudir o barridoiro* — Dar à língua.

*S'ela acupa p'ra ter família* - Engravidar.

*Tirar ofertas pela freguesia* — Fazer um peditório na localidade.

*Um animal de feição* -- Um animal bonito, com boas qualidades.

*Um hóme da freguesia* — Pessoa importante da freguesia.

*Um pouco mais de nada* — Expressão usada em frases como: *é um pouco mais de nada que lhe traigo* (isto é, uma oferta que consideram insignificante). Sinal de modéstia.

*Vamos a comparecer* — Entrar.

*Vir ajeitado* — Vir depressa.

## ÍNDICE ALFABÉTICO DO GLOSSÁRIO

Abarbar . . . . .	458	Aguilhão . . . . .	597
Abeiro . . . . .	360	Agulhas . . . . .	598
Aboar . . . . .	836	Agulheira . . . . .	680
Abobra . . . . .	135	Aiveca . . . . .	504
Abobra chilra . . . . .	136	Ajudantes . . . . .	810
Abobra mulher . . . . .	137	Ajudiar-se . . . . .	845
Achamaceiras . . . . .	503	Ajuntar . . . . .	846
Acobardar-se . . . . .	837	Alagosta . . . . .	249
Acomedar-se . . . . .	838	Alambrar . . . . .	847
Açorda . . . . .	336	Alampião . . . . .	410
Acupar . . . . .	839	Albarca . . . . .	361
Adanar . . . . .	840	Alcatra . . . . .	337
Adâno . . . . .	841	Aldância . . . . .	848
Adivinhação . . . . .	808	Alevanto e Alevante . . . . .	849
Adragas . . . . .	678	Alfôrro . . . . .	460
A oito . . . . .	809	Algar . . . . .	59
Afeituroso . . . . .	842	Àlinterna . . . . .	411
Afeixar-se . . . . .	843	Alizar . . . . .	391
Afrontar-se . . . . .	844	Almairo . . . . .	412
Agasalhar . . . . .	459	Almeice . . . . .	634
Aguaceiras . . . . .	22	Almo . . . . .	96
Aguçar . . . . .	727	Almoço . . . . .	330

Alpister . . . . .	392	Arco-d'Aliança . . . . .	13
Alprocatas . . . . .	372	Arco - da - Santíssima	
Alqueire . . . . .	600	Trindade . . . . .	14
Alqueire . . . . .	779	Arco-da-Velha. . . . .	15
Almanjarra . . . . .	599	Arco-da-Virge . . . . .	16
Alumiar . . . . .	850	Arco Irige . . . . .	17
Alvaroses . . . . .	363	Ares . . . . .	18
Alvião. . . . .	505	Aresta . . . . .	639
Alvião d'Amerca. . . . .	506	Armo . . . . .	640
Alvião d'arrencar lenha.	507	Àrrã . . . . .	245
Alvidrar . . . . .	852	Arraça . . . . .	857
Alvoredó . . . . .	95	Arregalar. . . . .	19
Amargulhar . . . . .	851	Arrelique. . . . .	858
Amassaria . . . . .	413	Arrencar . . . . .	461
Amídulã . . . . .	255	Arriar . . . . .	729
Amostra . . . . .	681	Arriguladamente . . . . .	859
Ancinho ou Encinho. . . . .	618	Arrôjo de febre. . . . .	288
Ancinho ou Encinho. . . . .	580	Arrôxo. . . . .	514
Ano alagado . . . . .	10	Arrumendar . . . . .	860
Anojado . . . . .	853	Artibanco ou Arquiban-	
Antolhos. . . . .	601	co . . . . .	414
Apanhadiço . . . . .	854	Arve . . . . .	93
Aparência . . . . .	855	Arverede. . . . .	94
Apoitar . . . . .	682	Assedeira. . . . .	641
Apunhar (o remo) . . . . .	728	Assentadoiro. . . . .	602
Aquidade . . . . .	856	Asservar . . . . .	861
Arabisa . . . . .	1	Atacar . . . . .	862
Arcas . . . . .	256	Atafona. . . . .	603
Aradinho. . . . .	2	Atalavres ou Atalávios .	512
Arado americano ou		Atalhar a terra . . . . .	462
Arado d'Amerca . . . . .	508	Atampado . . . . .	863
Arado de ferro . . . . .	509	Atarradeira. . . . .	513
Arado de pau . . . . .	510	Ateiró . . . . .	642
Arage . . . . .	11	Atensílios . . . . .	515
Arça . . . . .	352	Aterrar. . . . .	463
Arcavãe . . . . .	511	Atimar. . . . .	864
Arco-Celeste. . . . .	12	Atracadores. . . . .	683

Atramoçar . . . . .	865	Barranceira . . . . .	62
Aturar . . . . .	866	Barrete . . . . .	364
Auga . . . . .	20	Barridoiro . . . . .	619
Augaceiro . . . . .	23	Barril . . . . .	438
Augas . . . . .	21	Bartadoura . . . . .	679
Austinado . . . . .	867	Bassoira . . . . .	97
Avantal . . . . .	373	Batarral . . . . .	139
Avantário . . . . .	868	Batata alemôa . . . . .	140
Avarejar . . . . .	869	Batata branca . . . . .	141
Avaria . . . . .	870	Batata da terra . . . . .	142
Ave . . . . .	209	Batata de olho fundo . . . . .	143
Ave estrangeira . . . . .	210	Batata rata . . . . .	144
Azeite de baleia . . . . .	730	Batata roxa . . . . .	145
Azevino . . . . .	170	Batel . . . . .	684
Azoigar . . . . .	871	Beicho-de-baixo . . . . .	258
		Beicho-de-riba . . . . .	259
Bácora . . . . .	197	Beira . . . . .	393
Bacorinho . . . . .	198	Bêla . . . . .	731
Bacro . . . . .	199	Belancia . . . . .	146
Bafe . . . . .	872	Belga . . . . .	464
Bagacinas . . . . .	60	Beló!... Beló!... . . . . .	732
Bagalhoteira . . . . .	873	Béspra . . . . .	812
Bagre . . . . .	237	Besta mular . . . . .	200
Bâieta . . . . .	353	Bêta . . . . .	875
Baje . . . . .	138	Bexigas loicas . . . . .	289
Baleia . . . . .	244	Bexigas vâdias . . . . .	290
Baleeiros . . . . .	874	Bezerro . . . . .	204
Balho . . . . .	811	Bicharvão . . . . .	252
Banca . . . . .	415	Bico . . . . .	195
Banco . . . . .	416	Bico . . . . .	211
Barba . . . . .	257	Bilhafre . . . . .	235
Barboleta . . . . .	250	Bilhano . . . . .	236
Barca . . . . .	61	Biscoito . . . . .	63
Barça . . . . .	417	Bisoiro . . . . .	253
Bardo . . . . .	437	Bite . . . . .	147
Barejeira . . . . .	251	Boca do forno . . . . .	620
Barra . . . . .	418	Bochecha . . . . .	260

Bôdo. . . . .	813	Caçoilha . . . . .	338
Bôjo da canga. . . . .	516	Cacuruto . . . . .	262
Bolos-de-véspra . . . . .	814	Cadilhas . . . . .	518
Borda-da-rocha. . . . .	64	Cafanhoto . . . . .	254
Borracha. . . . .	163	Cágado . . . . .	687
Borrvalho. . . . .	621	Cagarro . . . . .	231
Botar a passo . . . . .	643	Cãimbras. . . . .	519
Bote . . . . .	733	Cãizil . . . . .	520
Bote de pesca . . . . .	685	Caldeira . . . . .	68
Brabo . . . . .	876	Caldeirão . . . . .	421
Bragas . . . . .	365	Caldo . . . . .	339
Branca . . . . .	877	Caldo mouco . . . . .	340
Branconia . . . . .	291	Cales. . . . .	292
Breca . . . . .	878	Calha . . . . .	605
Breço . . . . .	419	Calhau . . . . .	69
Brejo . . . . .	65	Calitre . . . . .	98
Brindar . . . . .	331	Calma . . . . .	24
Brinzungada . . . . .	212	Calmaria. . . . .	25
Buana . . . . .	465	Camalhães . . . . .	521
Bubidas . . . . .	879	Cambada. . . . .	466
Buxeiro . . . . .	686	Câmbias . . . . .	522
Bugango. . . . .	148	Cambra . . . . .	881
Buracos-do-nariz . . . . .	261	Campainha. . . . .	263
Burgalhau . . . . .	66	Câmpia. . . . .	882
Burra . . . . .	439	Cana . . . . .	467
Burro anão. . . . .	201	Canada. . . . .	70
Bucha . . . . .	604	Canada. . . . .	800
		Canadinha . . . . .	71
Cabêça. . . . .	815	Canairo . . . . .	220
Cabeçada . . . . .	635	Canários . . . . .	221
Cabeçal . . . . .	420	Canela . . . . .	645
Cabeço . . . . .	67	Cangalhada. . . . .	883
Cabiceiras . . . . .	517	Cangalhas . . . . .	523
Cabritos . . . . .	644	Cangalho. . . . .	688
Cacheiro. . . . .	880	Cangueiro . . . . .	524
Cacho . . . . .	581	Canôa . . . . .	689
Cachopa . . . . .	440	Cantigas . . . . .	816

Cantoneira . . . . .	525	Charola . . . . .	891
Capela . . . . .	264	Chata . . . . .	691
Carapau . . . . .	238	Chave . . . . .	648
Carapuça de rabuça . . . . .	366	Chavêlha . . . . .	529
Carecer . . . . .	885	Cheia . . . . .	441
Carêta . . . . .	884	Cheia . . . . .	530
Carnéu . . . . .	265	Cheiradeira . . . . .	892
Carrear . . . . .	886	Chelêpa . . . . .	374
Carreiro de Santiago . . . . .	3	Cheminé . . . . .	394
Carrêtas . . . . .	646	Cherêno . . . . .	41
Carril . . . . .	266	Chideiros . . . . .	531
Carril . . . . .	735	Chichilra ou Chilra . . . . .	222
Carrinho . . . . .	267	Chincalho . . . . .	893
Carriola . . . . .	160	Chinchinho . . . . .	894
Carro de bêsta . . . . .	887	Chincho . . . . .	636
Cartel ou Carritel . . . . .	606	Chincho . . . . .	895
Casal . . . . .	647	Chiqueiro . . . . .	442
Casca . . . . .	468	Choque . . . . .	737
Casco . . . . .	268	Choquinhar . . . . .	213
Caseiral . . . . .	469	Chotuope . . . . .	738
Casião . . . . .	888	Chuva copiosa . . . . .	26
Castelos . . . . .	817	Cirolas . . . . .	368
Caturno . . . . .	367	Clâmes . . . . .	248
Cavaleiro . . . . .	818	Clássia . . . . .	896
Cavaleiros . . . . .	819	Claveira . . . . .	532
Cedade . . . . .	889	Coanhar . . . . .	582
Ceia . . . . .	332	Cobardaria . . . . .	897
Ciar p'ra ré . . . . .	736	Coça . . . . .	239
Chachar . . . . .	470	Cofre . . . . .	692
Chacho . . . . .	526	Coicão . . . . .	533
Chamaceira . . . . .	690	Coiva . . . . .	149
Chamaceiras . . . . .	527	Combros . . . . .	583
Chapa da roda . . . . .	528	Comedia . . . . .	443
Chapéu-de-canete . . . . .	180	Comedoria . . . . .	444
Chapéu-de-feiticeira . . . . .	181	Cometer . . . . .	898
Chapéu-de-frade . . . . .	182	Compostório . . . . .	649
Chardar . . . . .	890	Conduto . . . . .	341

Conchavar . . . . .	899	Descascar . . . . .	471
Conchavo . . . . .	900	Deserto. . . . .	913
Confiada. . . . .	901	Desinçar. . . . .	914
Contados . . . . .	902	Desinfeliz . . . . .	915
Continência . . . . .	903	Desinsolver . . . . .	916
Copeira . . . . .	820	Desquinar . . . . .	740
Corda . . . . .	693	Destriçar . . . . .	917
Corda de rabiar . . . . .	534	Desvanecido. . . . .	918
Cordeniz. . . . .	217	Diarreia. . . . .	294
Correias . . . . .	535	Dispensal . . . . .	422
Corrente. . . . .	536	Distraimento. . . . .	919
Correr-à-pedra . . . . .	87	Diveda. . . . .	920
Costas . . . . .	694	Doairo. . . . .	921
Cotão . . . . .	375	Dobaidoira. . . . .	652
Cramação . . . . .	904	Dominga. . . . .	821
Cramiar . . . . .	650	Dormentos ou Dromen-	
Cravalheiro . . . . .	99	tes . . . . .	607
Cravalho. . . . .	100	Empeirar a teia. . . . .	653
Crecer . . . . .	905	Enchamez . . . . .	396
Crongo . . . . .	240	Encorar . . . . .	695
Cruzeiras . . . . .	651	Enfuscado . . . . .	27
Cubrar . . . . .	906	Engina. . . . .	295
Cumbinação . . . . .	376	Enginas . . . . .	269
Cumo da casa . . . . .	395	Engivre . . . . .	270
Cunho . . . . .	739	Equipage do bote . . . . .	741
Curenta . . . . .	907	Erva da casta . . . . .	156
Curtume . . . . .	908	Erva diabêlha. . . . .	164
Daipas . . . . .	386	Erva do chão. . . . .	158
Danado . . . . .	909	Esbichar . . . . .	472
Debulhadeira . . . . .	584	Escalho-de-baleia . . . . .	742
Decomer. . . . .	333	Escândola . . . . .	922
Deçura. . . . .	622	Escasca . . . . .	473
De grande . . . . .	445	Escascar . . . . .	474
Desalvorar. . . . .	910	Escôas. . . . .	696
Desbancar . . . . .	911	Escranfugir . . . . .	923
Descançado . . . . .	912	Escrepa . . . . .	537

Escremar . . . . .	637	Fajão d'atripar . . . . .	151
Escusar . . . . .	924	Faneco . . . . .	937
Esfolha . . . . .	475	Fantasia . . . . .	938
Esfolhar . . . . .	476	Fazer-baó . . . . .	746
Esganado . . . . .	925	Fazer-pexinho . . . . .	697
Espadilha . . . . .	654	Fazer porta . . . . .	623
Espairecer . . . . .	926	Feito-na-farpa . . . . .	939
Espedida . . . . .	927	Fel-da-terra . . . . .	165
Espedrejar . . . . .	928	Ferfolha . . . . .	223
Espêlha . . . . .	743	Ferrage . . . . .	539
Espiga do milho . . . . .	477	Ferro . . . . .	540
Espretar . . . . .	929	Fiada do cume . . . . .	407
Esquivar . . . . .	744	Filhaça . . . . .	161
Estâmego . . . . .	271	Flainela . . . . .	354
Estarraçar . . . . .	930	Foice . . . . .	541
Esteado . . . . .	28	Foice d'América . . . . .	542
Estêrco . . . . .	478	Foice gancha . . . . .	543
Estopa de saco . . . . .	655	Foicinho . . . . .	544
Estopa de sedeiro . . . . .	656	Fôlgo . . . . .	273
Estralo . . . . .	931	Fôlha . . . . .	479
Estraloiçar . . . . .	952	Fôlha do pinho . . . . .	103
Estrela da manhã . . . . .	4	Fonte . . . . .	73
Estrela do pastor . . . . .	5	Forcado . . . . .	545
Estremôço . . . . .	933	Forcado . . . . .	585
Estrubuição . . . . .	934	Forca do Pico . . . . .	747
Estrivo . . . . .	935	Forfes . . . . .	940
Estrovar . . . . .	936	Forquilha . . . . .	586
		Forquilhar . . . . .	587
Faca . . . . .	538	Forrage . . . . .	446
Faca-de-maciar . . . . .	745	Freima . . . . .	941
Fachiar . . . . .	29	Frimal . . . . .	657
Facho . . . . .	30	Froca . . . . .	369
Fácia . . . . .	272	Froiva . . . . .	297
Faia da Índia . . . . .	101	Fromigueiro . . . . .	298
Faia do norte . . . . .	102	Frumento . . . . .	624
Fajã . . . . .	72	Fruteiro . . . . .	423
Fajão . . . . .	150	Fugueiro . . . . .	546

Fundear . . . . .	698	Grêlha . . . . .	424
Gaitada . . . . .	942	Grota . . . . .	74
Galante . . . . .	943	Guarda-vassoira . . . . .	397
Galhas . . . . .	547	Guêxo . . . . .	205
Galocha . . . . .	377	Guêxo de sobrano . . . . .	206
Gancho . . . . .	548	Guergotilho . . . . .	303
Ganhôa . . . . .	232	Guias . . . . .	702
Garça . . . . .	233	Guindar . . . . .	945
Garda-sol-de-feiticeira . . . . .	183	Gumitar . . . . .	304
Garda-sol . . . . .	355	Herdança . . . . .	946
Garfo . . . . .	549	Histórias . . . . .	822
Garrear . . . . .	944	Home . . . . .	947
Gazolina . . . . .	748		
Geada . . . . .	31	Imaçanicar . . . . .	480
Gemento . . . . .	202	Imbelgar a terra . . . . .	481
Gibrão . . . . .	749	Imborcar a terra . . . . .	482
Giga . . . . .	299	Imentes . . . . .	948
Gigo . . . . .	699	Imparo . . . . .	949
Giguento . . . . .	300	Imperador . . . . .	823
Giguinho . . . . .	301	Império . . . . .	824
Gingivra . . . . .	274	Incabucar . . . . .	950
Glândelas . . . . .	275	Inçar . . . . .	951
Godilhão . . . . .	302	Inçarrar . . . . .	952
Gola . . . . .	550	Incelência . . . . .	953
Gorazeira . . . . .	700	Incenseiro . . . . .	104
Gordura . . . . .	342	Inchiqueirador . . . . .	447
Gorga . . . . .	184	Inchiqueirar . . . . .	448
Gorgomilo . . . . .	276	Infiada . . . . .	703
Grade . . . . .	551	Ingenho de debulhar milho . . . . .	588
Graganta . . . . .	277	Ingiva . . . . .	278
Grajau . . . . .	234	Ingodo . . . . .	704
Grama . . . . .	658	Inhames . . . . .	344
Granhão . . . . .	203	Inlinheirar . . . . .	214
Grapelim . . . . .	750	Inteiroço . . . . .	954
Graveta . . . . .	701	Intrite . . . . .	305
Graxa . . . . .	343		

Inveja . . . . .	955	Labutar . . . . .	961
Invengelho . . . . .	956	Ladrilho . . . . .	962
Insarilhar . . . . .	659	Lagaiête . . . . .	755
Intrízia . . . . .	306	Lagartista . . . . .	246
Invêrgos . . . . .	751	Lagua . . . . .	76
Invernadoiro . . . . .	449	Lambeta . . . . .	963
Invernar . . . . .	450	Lambezones . . . . .	964
Inversado . . . . .	957	Lamparinha . . . . .	425
Inxelavar . . . . .	705	Lançar . . . . .	308
Inxelavar - dos-peixes - -reis . . . . .	706	Lançar . . . . .	756
Inxêrga . . . . .	356	Lancha . . . . .	757
Inxualho . . . . .	378	Lansuópe . . . . .	758
Inxualho do menino . . . . .	387	Lapres . . . . .	966
Inzol . . . . .	707	Lar . . . . .	426
Irzepéla . . . . .	307	Larada . . . . .	967
Iscrima . . . . .	752	Largarto . . . . .	247
Istãnuó . . . . .	753	Lasca . . . . .	709
Istoa . . . . .	958	Lata . . . . .	451
Jampar . . . . .	959	Lavadias . . . . .	88
Janque . . . . .	754	Lavrar cortada . . . . .	485
Jantar . . . . .	334	Lavrar a cozer . . . . .	483
Jantar . . . . .	825	Lavrar a curtir . . . . .	484
Japão . . . . .	172	Lavueira . . . . .	486
Japoneira . . . . .	173	Lembuzomes . . . . .	965
Jarroca . . . . .	174	Lenço-da-mão . . . . .	357
Jarvão . . . . .	166	Levada . . . . .	77
Jazer . . . . .	960	Liberal . . . . .	968
Jeira . . . . .	801	Línguas . . . . .	552
Janela . . . . .	398	Linguíça . . . . .	345
Jogada . . . . .	708	Linha . . . . .	759
Junça . . . . .	185	Linha . . . . .	802
Juncal . . . . .	75	Limonete . . . . .	167
Juncilho . . . . .	186	Linheiro . . . . .	215
Labandeira . . . . .	224	Livra . . . . .	803
		Loje . . . . .	969
		Loicenço . . . . .	309
		Loiceiro . . . . .	427

Loiro . . . . .	105	Màrica . . . . .	555
Lomear . . . . .	970	Marmurar . . . . .	976
Louro . . . . .	710	Marraxo . . . . .	241
Lũa . . . . .	6	Marreca . . . . .	218
Lũa redonda . . . . .	7	Massames . . . . .	978
Lucerna . . . . .	157	Massegueira . . . . .	116
Lustro . . . . .	971	Matéria . . . . .	312
Luvadoira . . . . .	608	Mato . . . . .	107
Luz de vidro . . . . .	428	Meão . . . . .	557
Maça . . . . .	660	Mécha . . . . .	556
Maçanico . . . . .	487	Méda . . . . .	489
Maçaroca . . . . .	488	Meio da casa . . . . .	399
Maçaroca de pinho . . . . .	106	Melaguêta . . . . .	152
Madeira . . . . .	711	Melanquina . . . . .	313
Madorna . . . . .	972	Melros . . . . .	225
Madrugada . . . . .	171	Melro preto . . . . .	226
Mãezinha . . . . .	973	Menistra . . . . .	431
Maganuchinhos . . . . .	661	Mercar . . . . .	979
Mal . . . . .	310	Mestra . . . . .	827
Malha d'auga . . . . .	32	Milho branco . . . . .	119
Malhêtes . . . . .	553	Milho de semente alta . . . . .	120
Manar . . . . .	974	Milho de semente baixa . . . . .	121
Mancebos . . . . .	826	Milho d'istralar . . . . .	122
Manga . . . . .	712	Milho do Toledo . . . . .	123
Manga d'auga . . . . .	33	Milho gigante . . . . .	124
Manqueira . . . . .	311	Milho rafeiro . . . . .	125
Mantéu . . . . .	388	Mingada . . . . .	980
Mantimento . . . . .	977	Mirôlho . . . . .	314
Mantrasto . . . . .	168	Misarable . . . . .	981
Mão canhota . . . . .	279	Mistério . . . . .	78
Maquiar . . . . .	975	Mistura . . . . .	625
Mar aberto . . . . .	89	Mitra-da-carrada . . . . .	982
Marca . . . . .	713	Mixidoiro . . . . .	626
Marcadeira . . . . .	554	Moéga . . . . .	609
Marcela . . . . .	169	Moendas . . . . .	558
Maré de cabeça . . . . .	90	Moer a teia . . . . .	662
		Moio . . . . .	804

Moiro . . . . .	983	Orêlhas . . . . .	562
Molarinha . . . . .	187	Órgu do fiado. . . . .	663
Môlha . . . . .	346	Órgu do pano . . . . .	664
Môlho de fajão. . . . .	347	Órgus . . . . .	665
Mangoal . . . . .	589	Orvalho . . . . .	36
Mordomas . . . . .	828	Orvalho de Santa Tresi-	
Mordomos . . . . .	829	nha . . . . .	175
Mover . . . . .	196	Ovêlha ninha. . . . .	207
Muxil . . . . .	559		
		Pá . . . . .	590
Naitegão. . . . .	379	Pá . . . . .	761
Narizes . . . . .	280	Padejar . . . . .	591
Na-saga-de . . . . .	984	Pagão . . . . .	990
Nateiros . . . . .	490	Paliar . . . . .	991
Navalhão. . . . .	560	Pampoilha braba. . . . .	189
Navalhão. . . . .	714	Pandulho . . . . .	715
Nedota. . . . .	830	Papagaio . . . . .	176
Negrita . . . . .	188	Papas d'arroz. . . . .	348
Nenhures . . . . .	985	Paquecela . . . . .	563
Nina . . . . .	610	Paredes-do-reléxe . . . . .	564
Nisca . . . . .	986	Pau do trilho. . . . .	592
Nó da guela . . . . .	281	Pau-de-varar. . . . .	716
Nódia . . . . .	987	Pechinchinho . . . . .	992
Nouco da graganta. . . . .	282	Pedra mole . . . . .	80
Novedade . . . . .	452	Pedras . . . . .	611
Nuspreira . . . . .	117	Pedriz . . . . .	219
		Pègada . . . . .	993
Òcalipe . . . . .	108	Pegar a . . . . .	994
Oficial. . . . .	760	Pegueiro . . . . .	995
Oficial d'igreja. . . . .	988	Peitogueira . . . . .	315
Oiteiro . . . . .	79	Pelar. . . . .	491
Oivideiras . . . . .	561	Pélia. . . . .	283
Olhada. . . . .	34	Pelingrino . . . . .	996
Olhar . . . . .	989	Perdoação . . . . .	997
Olho-de-boi. . . . .	35	Pesca-de-corrigo. . . . .	717
Ôndua, Ôndia ou Úndia	91	Pescázes . . . . .	565
Ordenhar . . . . .	453	Pessigueiro . . . . .	118

Perigo . . . . .	629	Pucro . . . . .	430
Peteira . . . . .	162	Puvídia . . . . .	1.007
Pião . . . . .	612	Puvídia do pinheiro . .	110
Picadeiro . . . . .	718	Puxar . . . . .	1 008
Pica-porte . . . . .	401		
Pices . . . . .	762	Quarteiro . . . . .	805
Pico . . . . .	81	Quartilho . . . . .	806
Picota . . . . .	492	Quarto mingante . . . .	8
Pilhar . . . . .	998	Quebrada . . . . .	83
Pinguinho . . . . .	763	Quebrada . . . . .	720
Pinho . . . . .	109	Quebrar o jejum . . . .	335
Pinotes . . . . .	999	Queda . . . . .	358
Pintos do ar . . . . .	227	Queice . . . . .	765
Pinxão . . . . .	613	Queimada . . . . .	84
Pique . . . . .	764	Quetevelo . . . . .	284
Pirúm . . . . .	216	Quezedeiras . . . . .	628
Pisar . . . . .	1.000		
Pitafe . . . . .	1.001	Rabada . . . . .	722
Poderios . . . . .	1.002	Rabada-da-carrada . . .	1.009
Poial . . . . .	627	Rabiça . . . . .	567
Poio . . . . .	82	Rabo . . . . .	568
Poita . . . . .	719	Railuques . . . . .	177
Porta . . . . .	454	Ralo . . . . .	1.011
Porta d'antrada . . . . .	400	Raloque . . . . .	766
Portão . . . . .	402	Ramada . . . . .	831
Pote . . . . .	429	Rama de pinheiro . . . .	112
Praga . . . . .	228	Rama de pinho . . . . .	111
Pranta . . . . .	493	Ramalhando . . . . .	1.010
Pregar . . . . .	1 003	Ramos do pinheiro . . .	113
Pretender . . . . .	1.004	Rapolho . . . . .	153
Prexada . . . . .	656	Rebanceira . . . . .	85
Prezado . . . . .	1.005	Reção . . . . .	455
Profeita . . . . .	1.006	Redolho . . . . .	1.012
Provimento . . . . .	566	Refrigério . . . . .	1.013
Prumbeta . . . . .	242	Regalhão . . . . .	494
Prumedeira . . . . .	657	Reger . . . . .	1.014
Puas ou Pôas . . . . .	668	Reinar . . . . .	1 015

Reixa . . . . .	1.016	Rústio . . . . .	1.025
Relâmpede . . . . .	37	Sabôla . . . . .	154
Releixe ou Reléxe. . . . .	569	Sabugo . . . . .	496
Remadura. . . . .	767	Sabulinho . . . . .	155
Remaria. . . . .	832	Sacho . . . . .	721
Remate. . . . .	1.017	Sagão. . . . .	405
Rematismo . . . . .	316	Saingue. . . . .	285
Rêmo-de-esparrela . . . . .	768	Sãote. . . . .	390
Rêmo-do-baó . . . . .	769	Saluçar. . . . .	318
Remorto . . . . .	1.018	Saluçõ . . . . .	319
Remuinho . . . . .	38	Samiadura . . . . .	497
Rendedura . . . . .	317	Samiar . . . . .	498
Resingar . . . . .	1 019	Sanguim . . . . .	114
Restelo . . . . .	670	Sarração . . . . .	39
Restêva. . . . .	495	Sedeiro. . . . .	672
Rezado . . . . .	833	Sedeiros . . . . .	572
Rigue . . . . .	432	Selitro . . . . .	1.026
Rilheira. . . . .	1.020	Senó . . . . .	40
Ringela . . . . .	1.021	Sequisso . . . . .	1.027
Rinzes . . . . .	770	Seramago . . . . .	191
Ripanço . . . . .	671	Serra. . . . .	595
Roama . . . . .	243	Setingól. . . . .	380
Rocha . . . . .	86	Setistrela. . . . .	9
Roda . . . . .	570	Sevête . . . . .	573
Roda . . . . .	614	Sigurêlha. . . . .	615
Roda . . . . .	669	Silvado. . . . .	192
Rodar . . . . .	593	Simente do pinheiro . . . . .	113
Rôdo. . . . .	594	Simenteira. . . . .	499
Rôdo. . . . .	629	Siminteiro . . . . .	500
Rodinha . . . . .	190	Sinteio . . . . .	126
Rõe . . . . .	1.022	Sisunite. . . . .	321
Rogar . . . . .	1.023	Soalho . . . . .	574
Roidoiro . . . . .	456	Soleta . . . . .	406
Roipinha da criança . . . . .	389	Solteira . . . . .	178
Rôla . . . . .	571	Soltura . . . . .	320
Rua. . . . .	403	Solvição . . . . .	1.028
Runcor . . . . .	1.024		

Sopa d'Esprito Santo . . . . .	349	Togle . . . . .	772
Sopa de função. . . . .	350	Toiro. . . . .	208
Sopas de leite . . . . .	351	Toito. . . . .	229
Sóte . . . . .	404	Tolícia . . . . .	1.036
Sotil . . . . .	1.029	Torno . . . . .	1.037
Sucêna . . . . .	179	Torpeza. . . . .	1.038
Suéra . . . . .	370	Tosse de guincho. . . . .	324
Suliñu . . . . .	42	Travaduras. . . . .	577
Sute ou Suto. . . . .	381	Trafêgo. . . . .	1.039
Suvada . . . . .	127	Tramela. . . . .	675
Tabardilho. . . . .	322	Tramoço . . . . .	128
Tafulho. . . . .	1.030	Trampa . . . . .	1.040
Tainque . . . . .	771	Tramunhado . . . . .	616
Talhão . . . . .	433	Trancador . . . . .	773
Tamanco . . . . .	371	Trancar. . . . .	774
Tambique. . . . .	723	Trânsio. . . . .	359
Tampreiros ou Trampei- ros . . . . .	673	Travisseiro . . . . .	436
Tanaz. . . . .	724	Trebeculose. . . . .	325
Tapa . . . . .	434	Treçol ou Truçol. . . . .	326
Tapadoiro. . . . .	1.031	Tresandar. . . . .	1.041
Tardinho. . . . .	1.032	Tresladar. . . . .	1.042
Tarraço. . . . .	1.033	Trevão . . . . .	44
Tarro. . . . .	457	Trevinha . . . . .	159
Tasquinha . . . . .	674	Trevoada . . . . .	45
Teiró. . . . .	575	Trigo branco. . . . .	129
Terlica . . . . .	382	Trigo da terra . . . . .	130
Tempra ou Tempre. . . . .	435	Trigo de fora . . . . .	131
Terra mansa . . . . .	501	Trigo do Egipto. . . . .	132
Terramoto . . . . .	43	Trigo mantão . . . . .	133
Tife. . . . .	323	Trilho. . . . .	596
Tijôlos . . . . .	630	Trinca-fiado . . . . .	726
Tilha . . . . .	725	Trízia. . . . .	327
Timão . . . . .	576	Troca. . . . .	638
Tio. . . . .	1.034	Trochada . . . . .	1.043
Tisoireiro . . . . .	1.035	Tromba . . . . .	193
		Truvães. . . . .	46
		Truvuar. . . . .	47

Turisco . . . . .	48	Venta . . . . .	194
Umbreiras . . . . .	631	Ventas . . . . .	287
Unheiro . . . . .	328	Vento da banda da Vila	50
Urdideira ou Ôrdideira.	676	Vento da Ponta do Pico	51
Utar . . . . .	502	Vento da Terceira . . .	52
Valcão . . . . .	409	Vento de cima das Fon-	53
Vansas . . . . .	578	tes . . . . .	53
Vantal . . . . .	383	Vento de cima da Ter-	54
Vão do éxe. . . . .	579	ceira . . . . .	54
Vara . . . . .	807	Vento de riba dos Rosais	55
Vara do cume . . . . .	408	Vento-de-trás. . . . .	56
Vara do gibrão . . . . .	775	Vento-de-trás da Gra-	57
Vara do pano. . . . .	776	ciosa . . . . .	57
Vara do pique . . . . .	777	Vento do Faial. . . . .	58
Vardascada d'auga . . . .	49	Vêrga . . . . .	633
Vardascar. . . . .	677	Vesita. . . . .	834
Vaza . . . . .	632	Vespras . . . . .	835
Vazia . . . . .	286	Vinagreira . . . . .	230
Vegia . . . . .	778	Virge . . . . .	1.046
Veia . . . . .	134	Vòlgar . . . . .	1.047
Veio . . . . .	617	Xaldre ou Xalde . . . .	385
Velinho . . . . .	1.044	Zeripela . . . . .	329
Velusa . . . . .	384	Zoada . . . . .	92
Venda. . . . .	1.045		

PARTE V

# Toponímia e Antroponímia

1

## TOPONÍMIA

### Rosais

Da parte povoada :

Arrifes  
Caminho de Baxo  
Caminho de Cima  
Canada da Igreja  
Canada de Braz Ferreira (ant. hoje: Canada  
da Preguiça).  
Canada das Faias  
Canada de Trás  
Cancela Grande  
Figueiras  
Loiral  
Oiteiro da Ponta  
Pé do Pico

Pedregulho  
 Poço Novo  
 Rebeira do Belo  
 Rebeira d'Auga  
 Relvas  
 Serroa

Da parte não povoada :

Arieiro  
 Arregoas  
 Arrifana  
 Caldeirinha (Fajã)  
 Charco  
 Cubrada  
 Cutelos  
 Ducerne  
 Ermida  
 Fajã do Boi  
 Fajã do Cinteio  
 Fajã dos Lemos  
 Fajã do João Dias  
 Fajã do Valado  
 Fajã Grande  
 Feiteiras  
 Feiteirinhas  
 Figueiras  
 Furna d'Afonso (por ter pertencido a Fernando Afonso).  
 Galhardos  
 Granja  
 Mata Sete (Fajã onde por tradição dizem terem morrido 7 homens).  
 Moita  
 Monte de Trigo (um monte cheio de lenha).  
 Oiteirão  
 Olheiros

Pastelinho  
Pedra d'Auga  
Pedregalo (de Pedro Galo que foi o maior  
proprietário dessa Fajã).  
Pedreiras  
Penedos  
Pico da Eira  
Pico das Madres  
Pico da Velha  
Pico das Urzes  
Pico do Ferro  
Pico do Jácomo  
Pico dos Porcos  
Pico Roivo  
Pico Tanueiro  
Pico Vermelho  
Pontinha  
Portal Alto  
Porta dos Paus  
Quarteiro  
Rebentão  
Ribeira da Cabana  
Rio  
Rocha d'André Mendes  
Rocha da Fonte  
Rocha da Ponta  
Rocha das Faias  
Rocha das Feiteiras  
Rocha do Capitão  
Rocha do Trigo  
Selada  
Serrados d'Almos (mas sem álamos).  
Serrados da Cevada  
Sete Fontes  
Silveiras  
Terça  
Terra Chã

Terras de Cima  
 Terras do Mar  
 Tronqueira  
 Valado  
 Val Grande  
 Vergeus  
 Val do Arrendamento do Pinto.

### Beira

Da parte povoada :

Boca da Canada  
 Caminho Novo ou Estrada Real  
 Caminho Velho  
 Canada de Pedro Antão  
 Canada de Sant'Ana (onde está a Igreja da  
 invocação da Senhora  
 Sant'Ana).  
 Canadinha Nova  
 Canto dos Sabugos  
 Covão  
 Ladeiras  
 Mato Medino  
 Poças  
 Relva  
 Ribeirinho  
 Serroa.

Da parte não povoada :

Alagua (por lá ter existido uma lagoa).  
 As covas  
 Barroca  
 Cabeços (um só cabeça)  
 Cabo da Relva

Canada do Ferreiro  
 Canada dos Passais  
 Choipana  
 Covão  
 Eiras do Vento  
 Figueiras  
 Foro (terras de que se pagava um foro).  
 Oiteiro do Pintor  
 Pé do Pico  
 Pé do Sarrado  
 Pico dos Capachos  
 Queiró (um mato com queiró).  
 Roças  
 Sabugueiros  
 Terreiro da Marcela (devido à abundância  
 de macela que lá há).  
 Tilhado (por lá terem existido vários abrigos  
 de gado com tecto de telha).  
 Trás do Pico  
 Vale Grande.

### Norte Grande

Da parte povoada :

Calçadoiro  
 Canada da Igreja  
 Canada da Laranjeira  
 Canada da Sarroa  
 Canto  
 Terreiro  
 Oiteirão.

Da parte não povoada :

Betoeiras  
 Carvões

Casas Velhas  
Cevadinha  
Courelas  
Fontes Santas  
Grutão do Gramacho  
Grutinha da Areia  
Moios  
Moradouro  
Oiteiro da Burra  
Passais  
Pedreiras  
Roças de Baixo  
Rocinhas do Pão  
Serradinhos  
Taboleiros  
Terras de Mesircórdia  
Terrinhas.

### **Santo António**

Da parte povoada e não povoada :

Atalhos  
Fajã d'Além  
Fajã Rasa  
Feiteiras  
Jôgo  
Oiteiro da Cruz ou Ésse (devido à antiga estrada, neste lugar, desenhar duas curvas com a configuração desta letra).  
Pátio  
Ponta Nova  
Ponte Furada  
Rebeira da Laranjinha  
Rebeira de St.º Antoino

Rebeira do Fogo  
 Rua Nova  
 Sítio das Eiras Velhas  
 Vale.

**Santo Antão**

Lugares povoados e não povoados :

Canadinha  
 Caminho do Chão  
 Cruzal  
 Entre Rebeiras  
 Fajã de S. João  
 Loireiro  
 Norte das Fajãs  
 Oiteiro  
 Pedreira  
 Rebeira Funda  
 Rebeira Lechias  
 Salto Verde  
 Santa Rosa  
 Santo Antão  
 Trunqueiras.

**Tópo**

Lugares povoados e não povoados :

Banda de São Pedro  
 Caminho Largo  
 Canto do Norte  
 Ingenho  
 Vila.

## ANTROPONÍMIA

*A — Nomes próprios ou apelidos seguidos de alcunha :*

Alfuredo (Alfredo) Grama  
 Alonso Home Sem Medida  
**Ana** Cambeira  
 Ana da Barba (filha de Bárbara).  
 Anica do Grotão (por morar no sítio do  
 Grotão).  
 António Canhoto  
 António do Pico (por ser da Ilha do Pico).  
**Brites** Jinela  
 Brites do Macho  
 Catrina (Catarina) do Burro Mudo  
 Delevina (Ludovina) Pintanês  
 Ernesto Pombo  
 Fedrique (Frederico) Cabrinha  
 Francisco Palheta  
 Jedé (José) Catrina  
 Jedé Coça  
 Jedé Crapuça (porque antepassados dele fa-  
 ziam carapuças de rabuço).  
 Jedé da Mariana Velha

Jedé do Morro  
Jedé Piqueno  
Jedé do Terramoto  
Jedé Vira Copes  
João Caixa d'Ocles  
João e Jedé Canfanhote (gémeos)  
João das Escadas (por morar no sítio das  
Escadas).  
João Doirado (por ser de cabelo ruivo).  
João dos Coletes  
João Feio  
João Grilo  
João Musquita  
João Palheta  
João Paquete  
João Pedreiro  
João Pulga  
João Queijo Fresco  
João Remana  
João Saranha  
João Vasilha  
João Vereda  
Joaquim das Bonecras  
Jorze Grosso  
Josefa Pedra  
Laura do Charco  
Manuel Canhoto  
Manuel da Canadinha (por morar no sítio da  
Canadinha).  
Manuel da Isabel  
Manuel da Ponta  
Manuel da Relva  
Manuel do Saco  
Manuel do Mato Medino (por morar no  
Mato Medino).  
Manuel dos Contos (por ter regressado da  
América com bastante dinheiro).

## Bibliografia

- ALBERGARIA, João Soares de — *Corografia Açórica*. Lisboa, 1827.
- ALI, Said — *Gramática Histórica Portuguesa*.
- ALVAR, Manuel — *El Habla del Campo Jaca*.
- ANÓNIMO — *Provincianismos Açorianos*. In: Rev. Lusitana, VIII, 1903-1905, pags. 304-305.
- ATAIDE, Dr. Luis Bernardo Leite de — *A Nossa Gente*. Ponta Delgada, 1935.
- AVELAR, José Cândido da Silveira — *Ilha de S. Jorge*.
- BOLÉO, Manuel de Paiva —  
*Adolfo Coelho e a Filologia Portuguesa e Alemã no sec. XIX*. Coimbra, 1948. Sep. da Biblos, vol. XXIII, pags. 607-692.  
*Brasileirismos*. Problemas de método. Coimbra, 1943.  
*Inquérito Linguístico por Correspondência*. Coimbra, 1942.  
*Interesse Científico da Linguagem Popular*.  
*Introdução à Filologia Portuguesa*. 1946.  
*O Estudo dos Dialectos e Falares Portugueses*. Coimbra.
- BRAGA, Teófilo —  
*Ampliações ao Romanceliro das Ilhas dos Açores*. In: Rev. Lusitana, I, pags. 99-116.  
*Cancioneiro Popular Português*.  
*Cantos Populares do Arquipélago dos Açores*.  
*Romanceliro Geral Português*, 2.<sup>a</sup> ed. ampliada, Lisboa, 1906.

- BRUNSWICK — *Dicionário da Antiga Linguagem Portuguesa*.  
CARVALHÃO, Maria Leonor de Lemos Viana — *Monsanto —  
Estudo Etnográfico, Linguístico e Folclórico*. Lisboa, 1955.
- CORDEIRO — *História Insulana*.
- COSTA, Carreiro da — *Alfaias Agrícolas Micaelenses*. In: Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, Boletim n.º 6, 2.º Semestre de 1947.
- COSTA E MELO, J. Almeida e A. Sampaio — *Dicionário Editora*.
- COURRIER MUSICAL (Le) — Revista publicada em Paris, director René Doire, 1911.
- CUNHA, Padre Manuel d'Azevedo da — *Notas Históricas*. Calheta de S. Jorge, 1924 (incompleta e de que não se chegou a fazer qualquer publicação).
- DIAS, António Jorge —  
*Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens*: Separata da Rev. da Universidade de Coimbra, Vol. XVII, 1948.  
*Rio de Onor — Comunitarismo Agro Pastoral*. Porto, 1953.
- DIAS, Urbano de Mendonça — *A Vila*. Vol. IV — Etnografia de Vila Franca do Campo, S. Miguel, pag. 194 a 200.
- EGLOFF, Milhelm — *Le Paysan Dombiste — Étude sur la vie, les travaux des champs et le parler d'un village de la Dombes*. Paris, 1937.
- FARIA, Eduardo de — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2.ª ed.
- FIGUEIREDO, Cândido de — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova edição, 1913.
- FRUTUOSO, Gaspar — *Saudades da Terra*.
- FURTADO, Francisco de Arruda — *Notas sobre a Fonética Dialectal de Ponta Delgada*. In: Rev. Lusitana, I, 1887, págs. 223 a 225.
- GRAMMOT, Maurice — *Traité de Phonétique*.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA — Editorial Enciclopédia, Limitada.
- LACERDA, Dr. José de — *Dicionário de Geografia Enciclopédico*.
- LANG, Henry —  
*Notas Açorianas*. In: Rev. Lusitana, III, 1895, págs. 8 a 82.

- SILVA, Dr. A. Tavares da — *Esboço do Vocabulário Agrícola Regional*.
- SOUSA, J Duarte de — *Ilha de S. Jorge*.
- VASCONCELOS, J. Leite de —  
*Contribuições para o Estudo da Dialectologia Portuguesa.*  
*Esquisse d'une Dialectologie Portugaise.* Paris, Lisboa, 1901.  
*Etnografia Portuguesa.* Vol. II, Lisboa, 1936.  
*Ideia Sucinta de Toponímia Portuguesa.* In: Opúsculos, III,  
pag. 457.  
*Nota sobre o Dialecto Açoriano.* Rev. Lusitana. I. 1887-1889,  
pag. 116.
- VIANA, Gonçalves — *Éssais de Phonétique et de Morphologie  
d'après le Dialecte Actuel de Lisbonne.*
- VICENTE, Alonzo Zamora — *El Habla de Mérida y sus Cercanias.*  
Sep. n.º XXIX da R. F. E., Madrid, 1943.
- WARTBURG, W. von — *Sistema de Conceitos como Base para a  
Lexicologia.*

# FOTOGRAFIAS



Foto n.º 1  
Rosais  
Centro da Freguesia



Foto n.º 2  
Beira  
Vista das Ladeiras



Foto n.º 3  
Norte Grande  
Centro da Freguesia



Foto n.º 4  
Maria do João Feio  
Informadora da Beira



Foto n.º 5  
Serafim Tomé  
Informador do Norte Grande



Foto n.º 6  
O Sr. Teodoro, velhote de 85 anos,  
que andou pela América



Foto n.º 7  
Manoel Coco  
Informador de Santo Antão



Foto n.º 8  
Manoel da Rosa  
Informador das actividades piscatórias



Foto n.º 9  
Estrada com a montanha do Pico ao fundo



Foto n.º 10  
A montanha do Pico, vista das Velas



Foto n.º 11  
Estrada marginada de hortenses

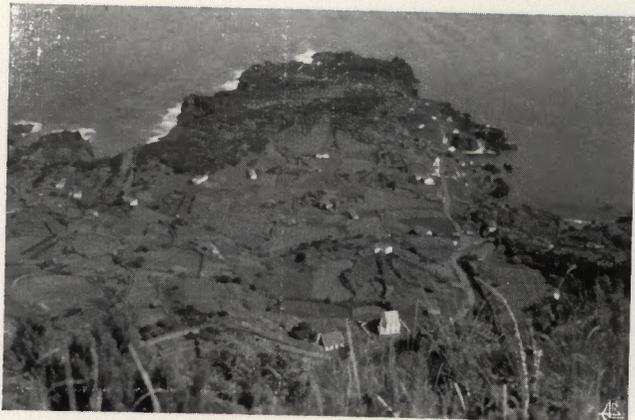


Foto n.º 12  
Fajã do Ouvidor

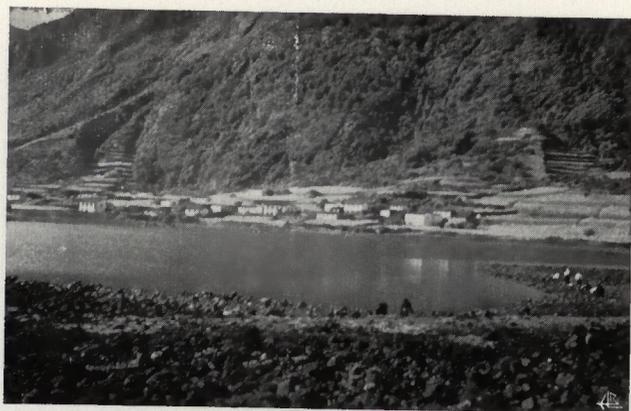


Foto n.º 13  
Caldeira de Santo Cristo  
(povoado e albufeira)



Foto n.º 14  
Caldeira de Santo Cristo  
(albufeira)



Foto n.º 15  
Vila das Velas



Foto n.º 16  
Vila da Calheta



Foto n.º 17  
"Casas da Vila"



Foto n.º 18  
Quinta de Santa Rita  
(Residência)



Foto n.º 19  
Quinta da Ribeira  
(Residência)



Foto n.º 20  
Casa onde nasceu Francisco Lacerda



Foto n.º 21  
Palheiro com tecto de palha triga

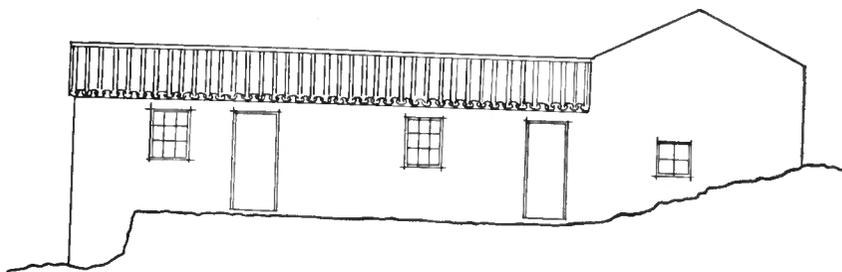


Foto n.º 22  
Casa—fachada principal

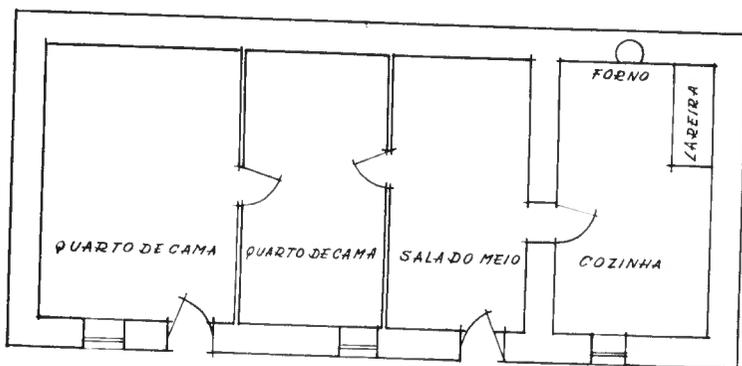


Foto n.º 23  
Casa—fachada principal

Alçado e planta da casa a que respeita a foto n.º 22



Fachada principal



Planta

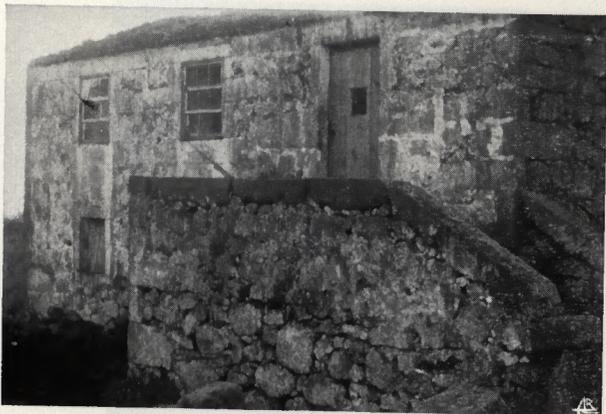


Foto n.º 24  
Casa de alto e baixo

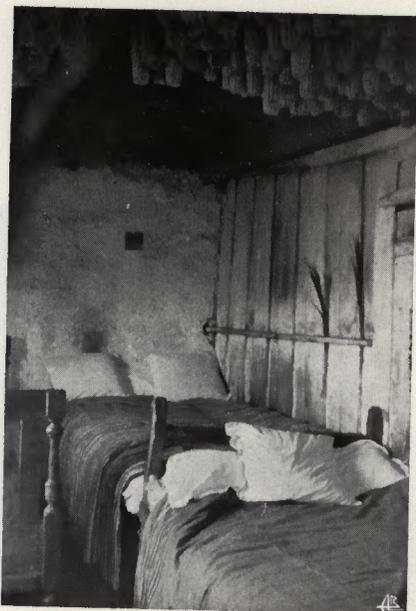


Foto n.º 25  
Quarto de cama



Foto n.º 26  
Arqibanco



Foto n.º 27  
Barças



Foto n.º 28  
Joeiros e balaaios



Foto n.º 29  
Alamparinha e alinterna



Foto n.º 30  
No chafariz



Foto n.º 31  
Carapuça de rabuço



Foto n.º 32  
Tamancos



Foto n.º 33  
Palheiro e alpendre



Foto n.º 34  
Pastores com latas e barris



Foto n.º 35  
Regressando das vacas



Foto n.º 36  
Gradando. Junto dos bois a ovelha ninha



Foto n.º 37  
Burro anão transportando cana para o gado



Foto n.º 34  
Calfardo e trigo

Foto n.º 38  
Semeando milho

Foto n.º 41  
Caneleto e feneza



Foto n.º 39  
Burra de milho  
(Ver desenho n.º 8)



Foto n.º 40  
Ceifando o trigo



Foto n.º 41  
Gavela e feixe

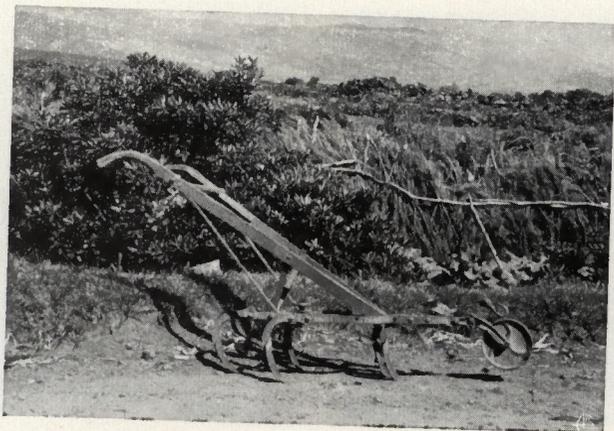


Foto n.º 42  
Claveira

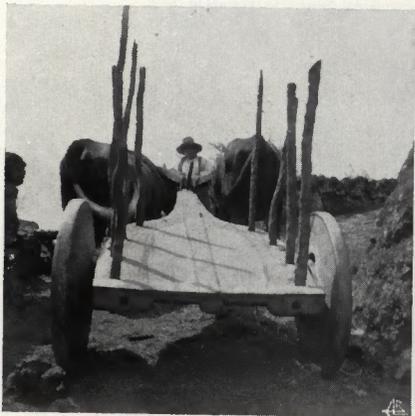


Foto n.º 43  
Carro de bois com fogueiros



Foto n.º 44  
Carro de bois com seve



Foto n.º 45  
Trilhando



Foto n.º 46  
Padejando trigo na eira



Foto n.º 47  
Engenho de debulhar milho



Foto n.º 48  
Mangoal



Foto n.º 49  
Atafona

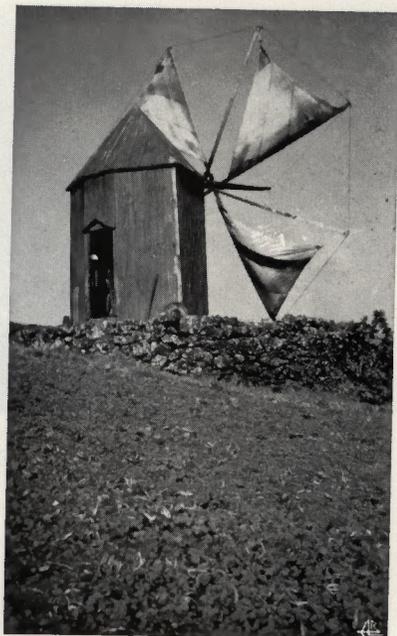


Foto n.º 50  
Moínho de vento



Foto n.º 51  
Maça



Foto n.º 52  
Grama



Foto n.º 53  
Tasquinha



Foto n.º 54  
Sedeiro



Foto n.º 55  
Engenho de fiar



Foto n.º 56  
Bote



Foto n.º 57  
Batel



Foto n.º 58  
Chata



Foto n.º 59  
Inxelavar



Foto n.º 60  
Camaroeiro



Foto n.º 61  
Canoa

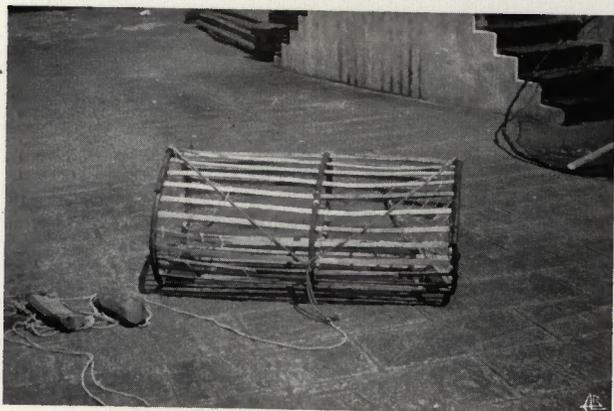


Foto n.º 62  
Cofre

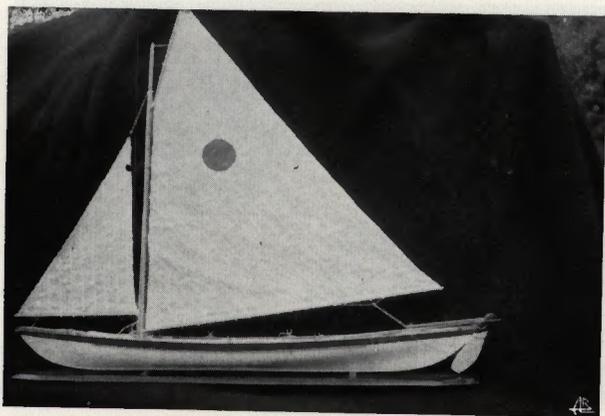


Foto n.º 63  
Modelo dum bote



Foto n.º 64  
Bote na faina de matar

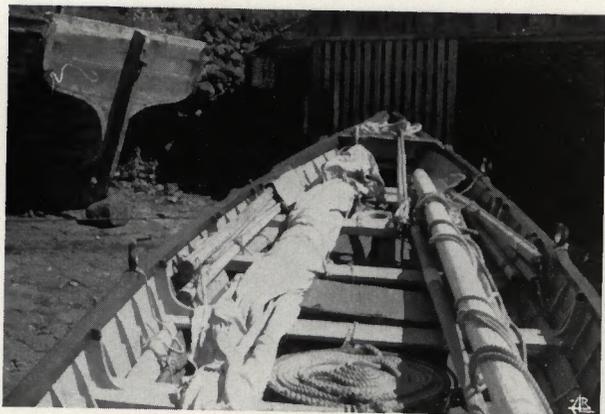


Foto n.º 65  
Bote de meia nau para vante

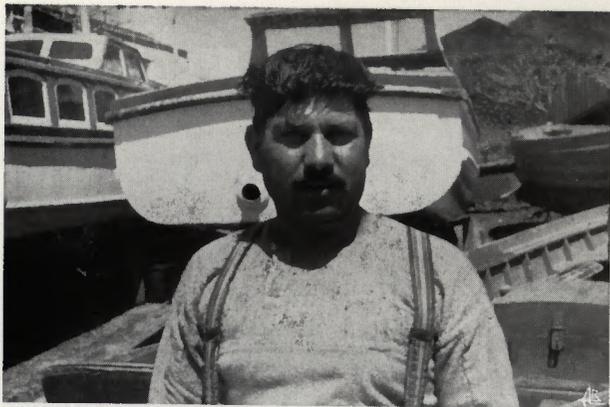


Foto n.º 66  
Um trancador  
(Velas)



Foto n.º 67  
Botes a reboque



Foto n.º 68  
Bote na faina de matar



Foto n.º 69  
Lancha auxiliando a faina de matar



Foto n.º 70  
Copeira  
(Beira)



Foto n.º 71  
Império, cavaleiros e foliões  
(Beira)



Foto n.º 72  
Império  
(Topo)



Foto n.º 73  
Festas do Espírito Santo  
(Insignias)



Foto n.º 74  
Cavaleiros e foliões  
(Beira)

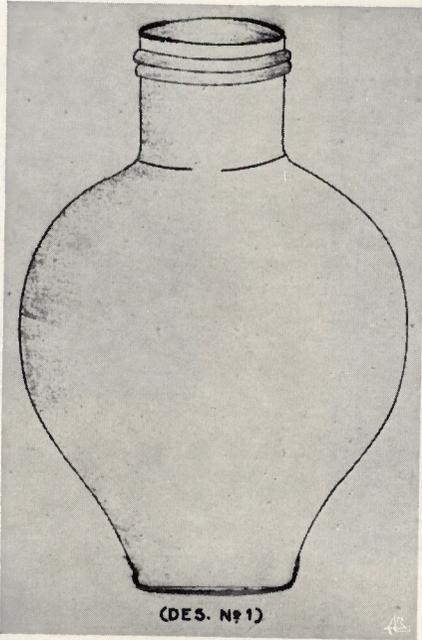


Foto n.º 75  
Cavaleiros e foliões  
(Beira)

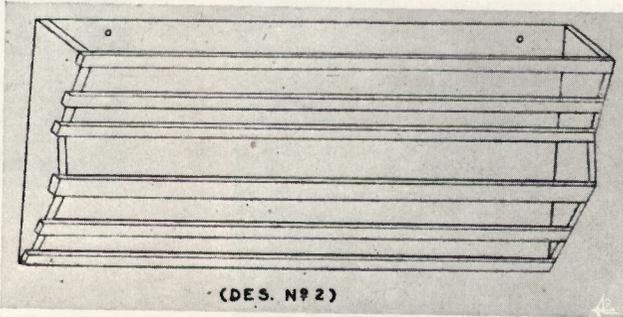


Foto n.º 76  
Carros das Bandeiras  
(Beira)

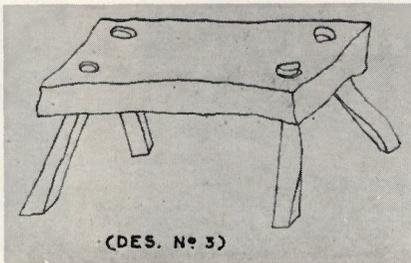
DESENHOS  
MÚSICAS  
MAPA



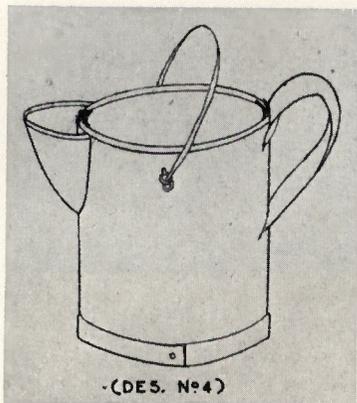
(DES. Nº 1)



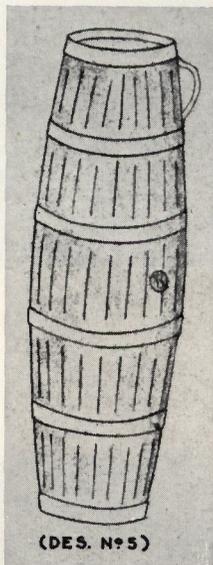
(DES. Nº 2)



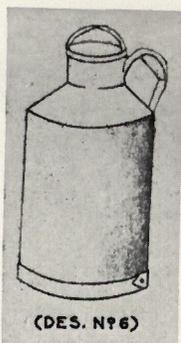
(DES. Nº 3)



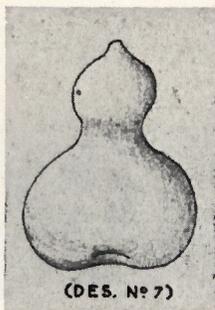
(DES. N°4)



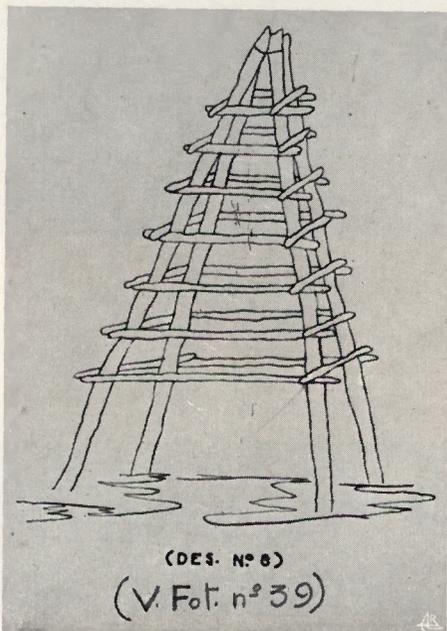
(DES. N°5)



(DES. N°6)

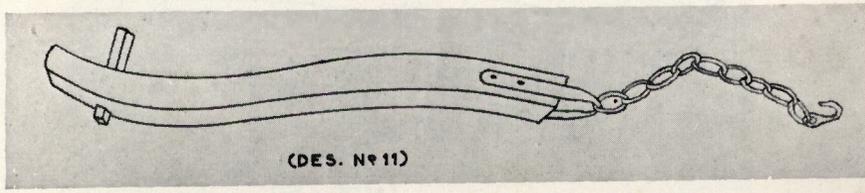
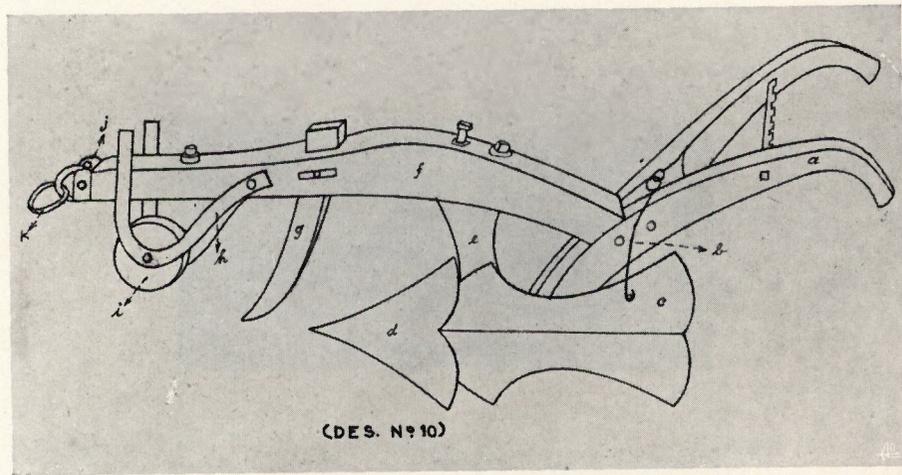
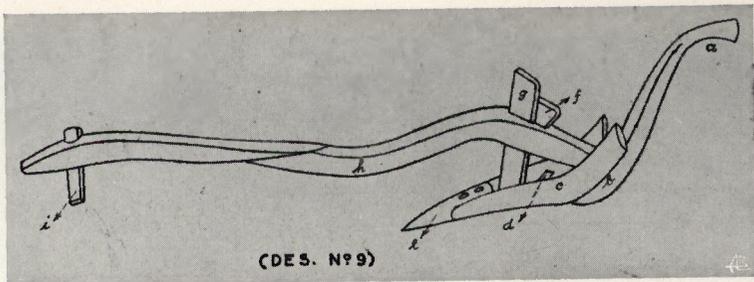


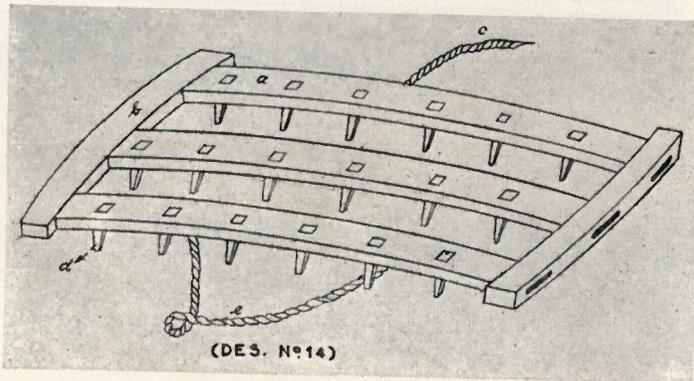
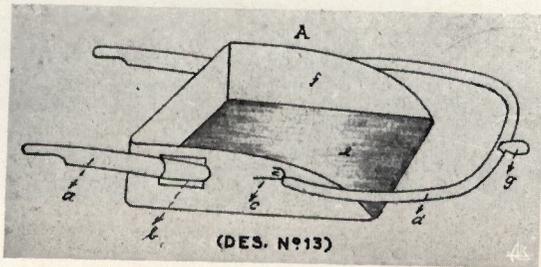
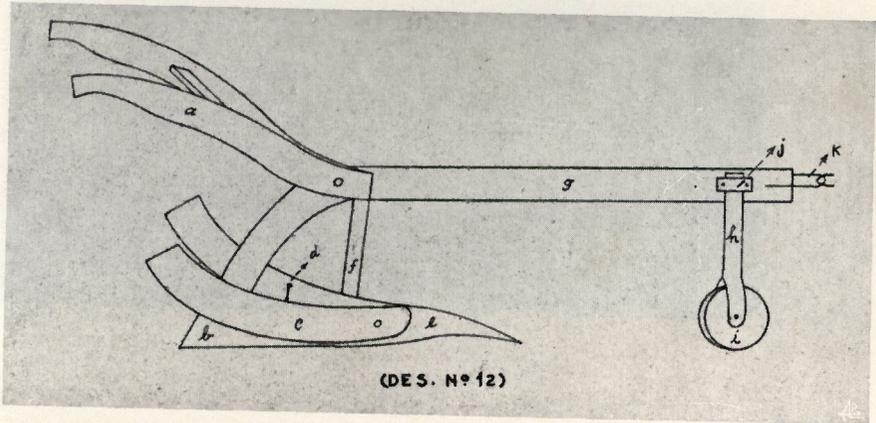
(DES. N°7)

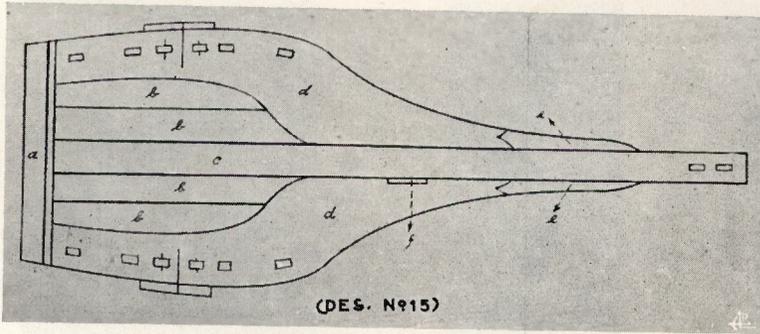


(DES. N°8)

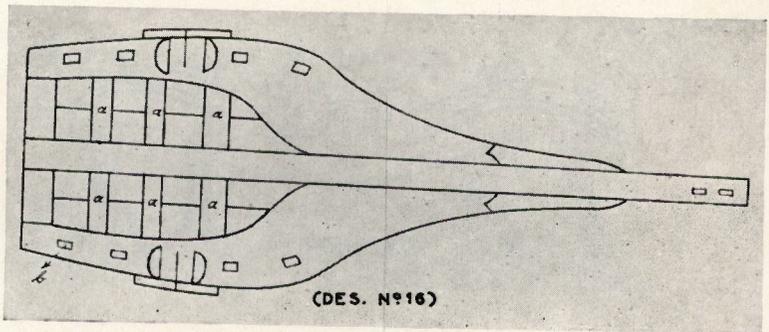
(V. Fot. n°39)



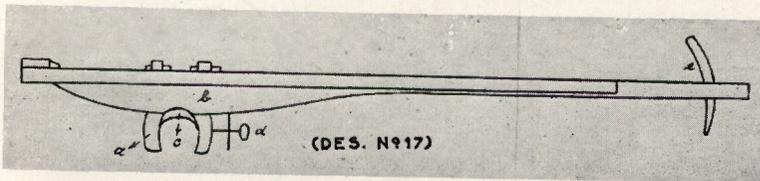




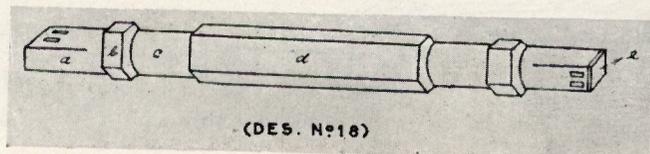
(DES. N°15)



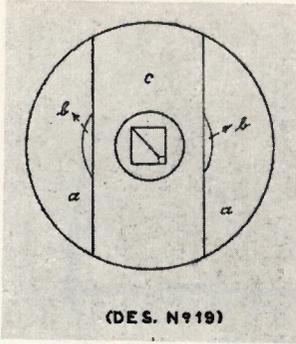
(DES. N°16)



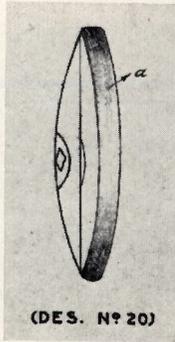
(DES. N°17)



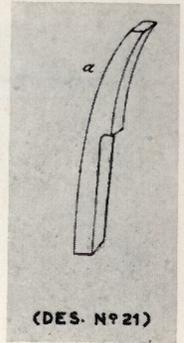
(DES. N°18)



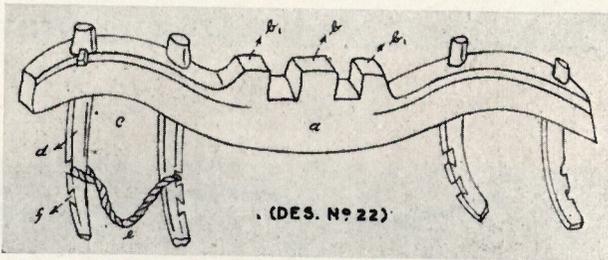
(DES. N° 19)



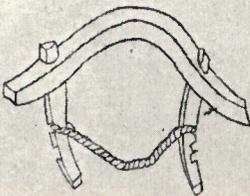
(DES. N° 20)



(DES. N° 21)



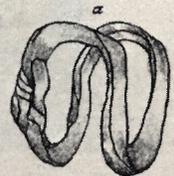
(DES. N° 22)



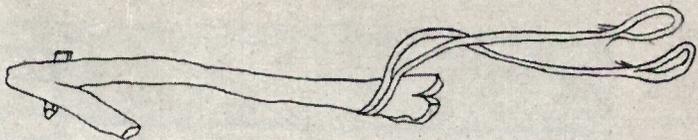
(DES. N° 23)



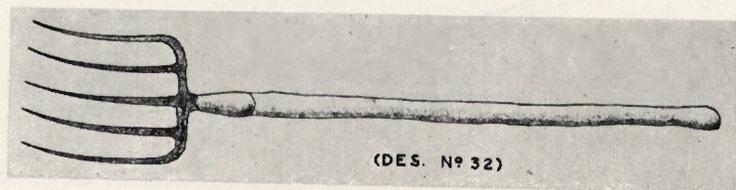
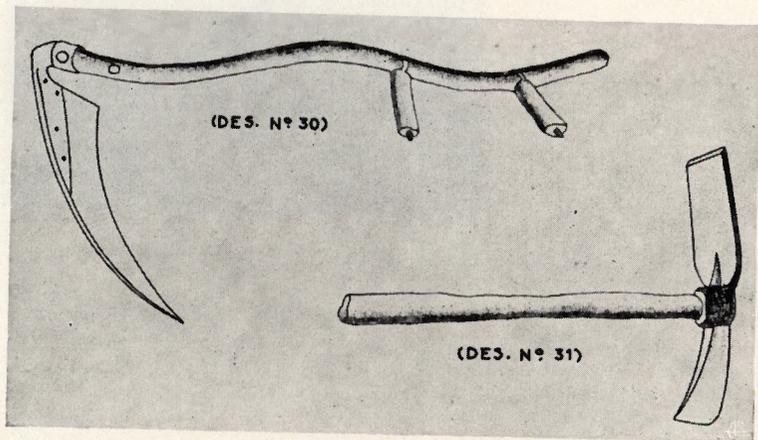
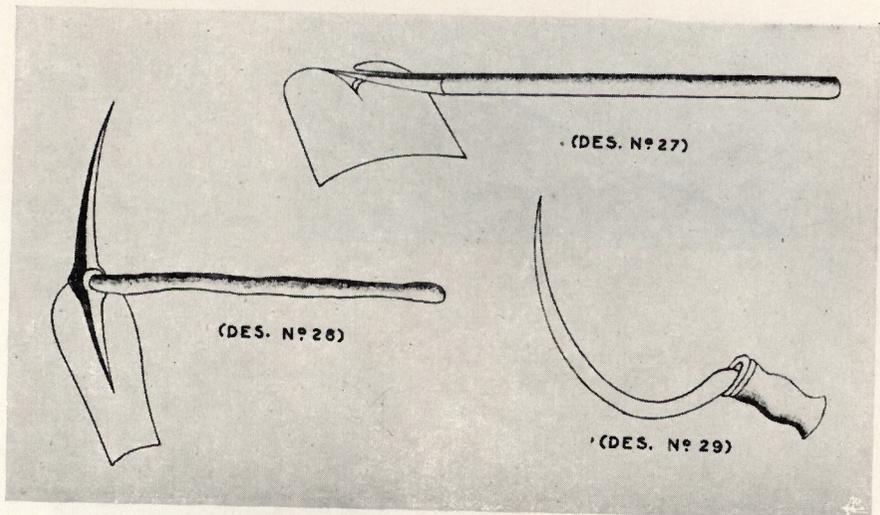
(DES. N° 25)

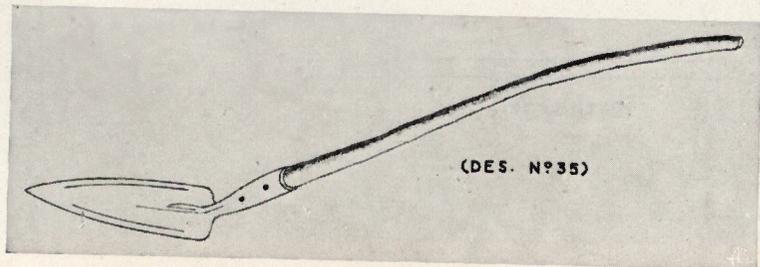
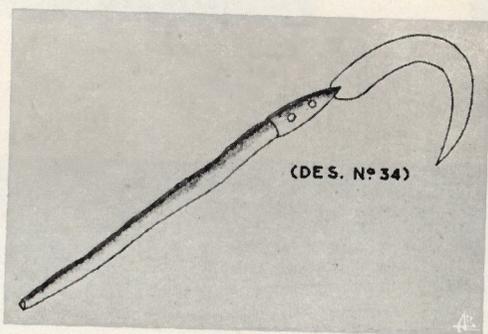
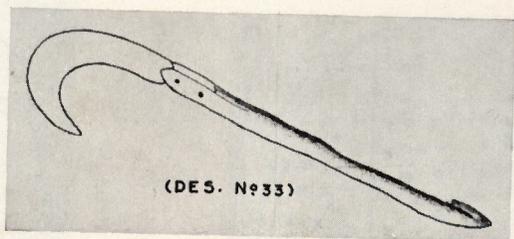


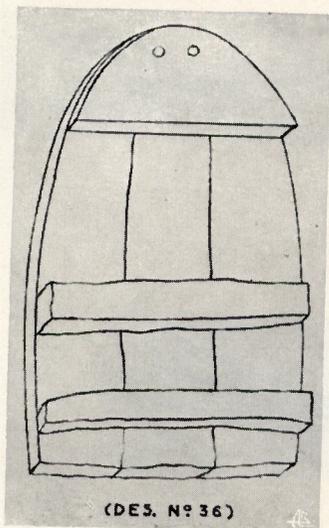
(DES. N° 24)



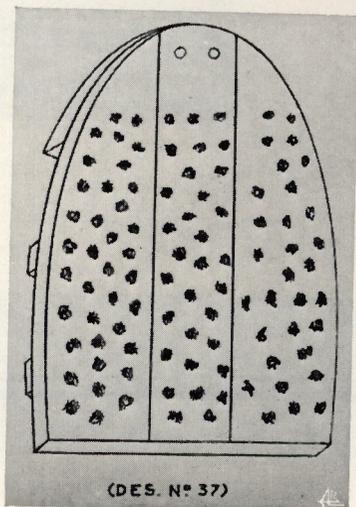
(DES. N° 26)



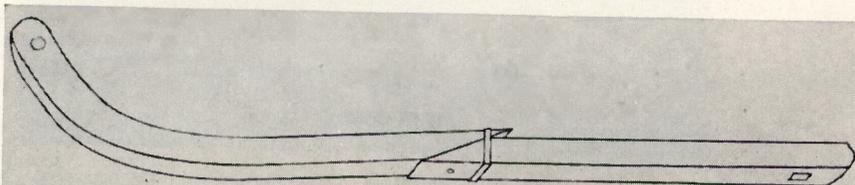




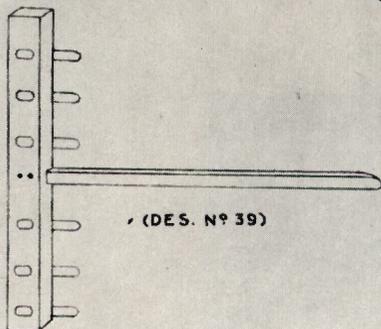
(DES. N° 36)



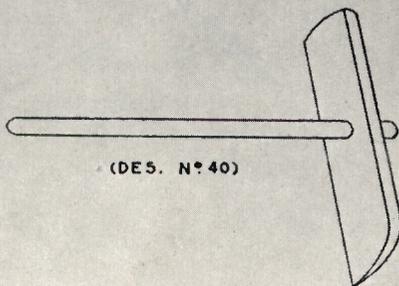
(DES. N° 37)



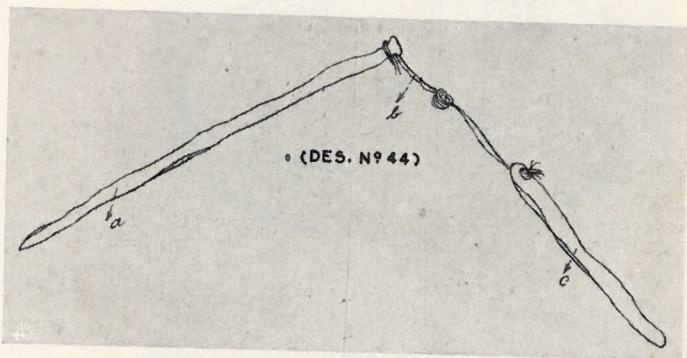
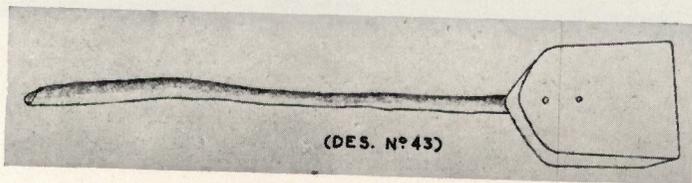
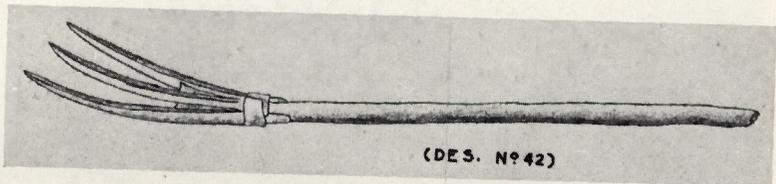
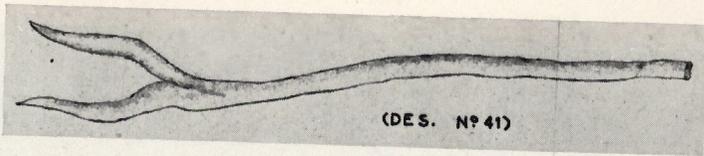
(DES. N° 38)

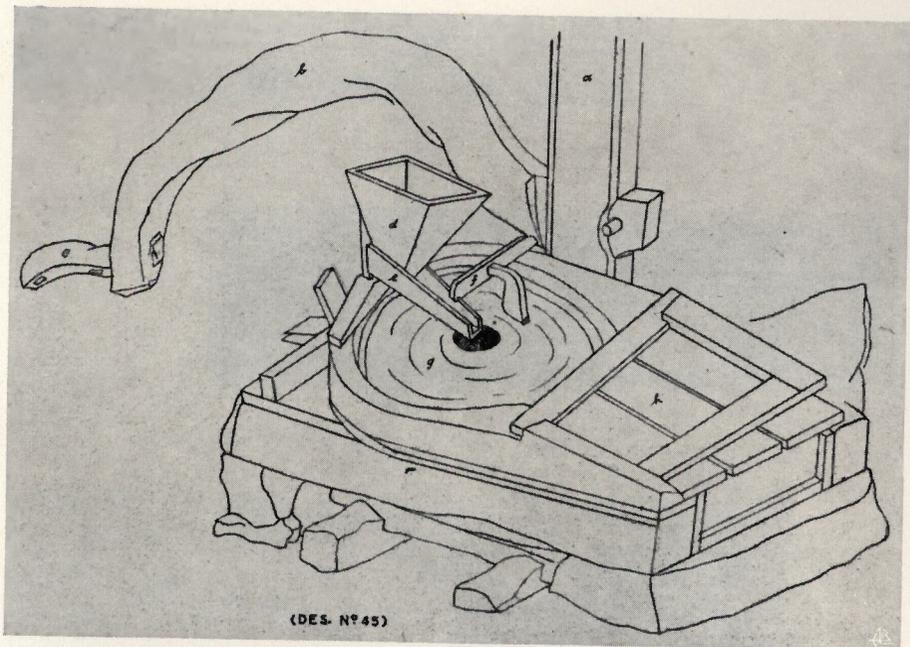


(DES. N° 39)

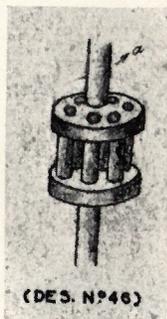


(DES. N° 40)

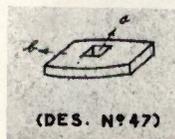




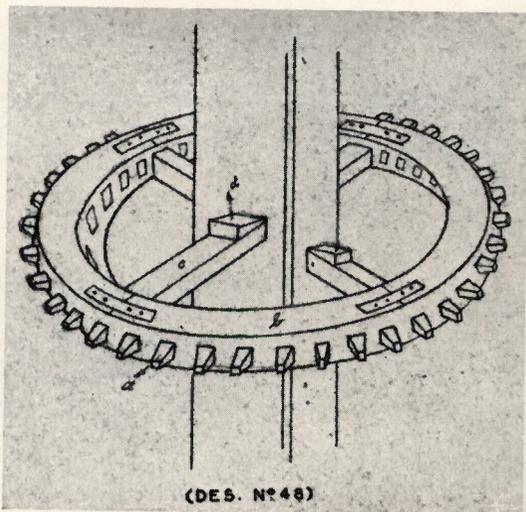
(DES. N°45)



(DES. N°46)



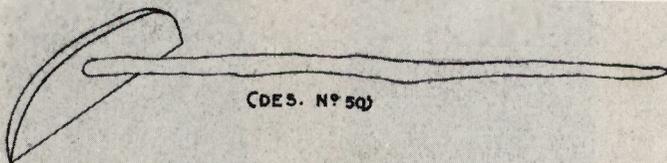
(DES. N°47)



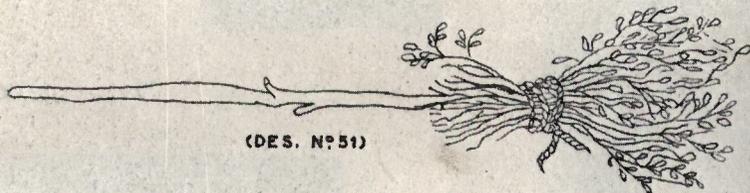
(DES. N°48)



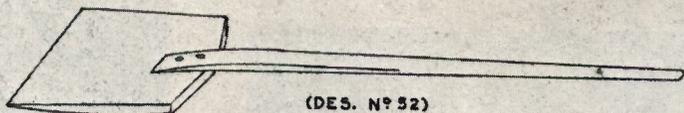
(DES. N°49)



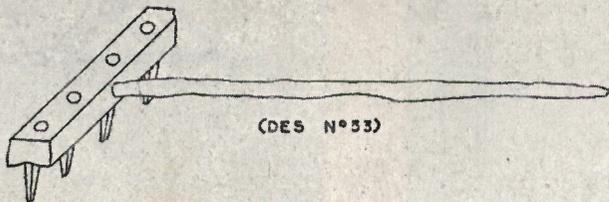
(DES. N° 50)



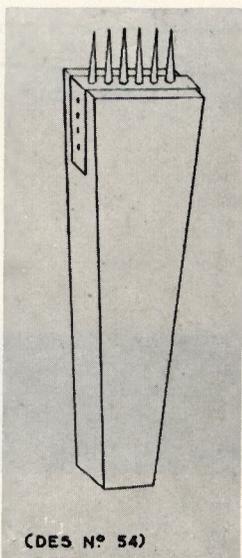
(DES. N°51)



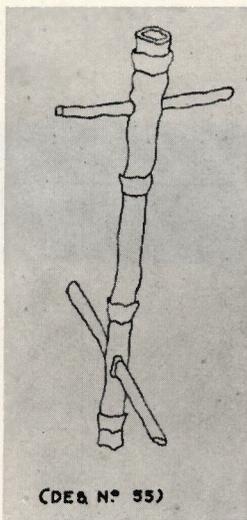
(DES. N° 52)



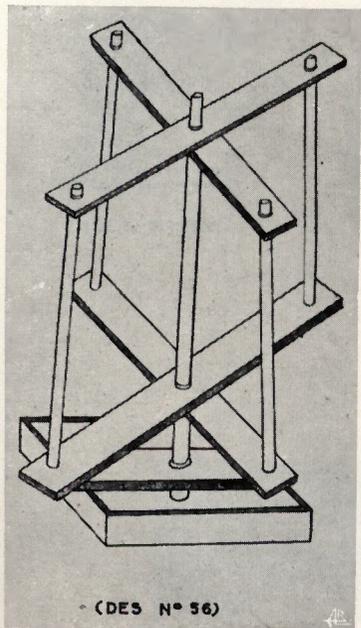
(DES N°53)



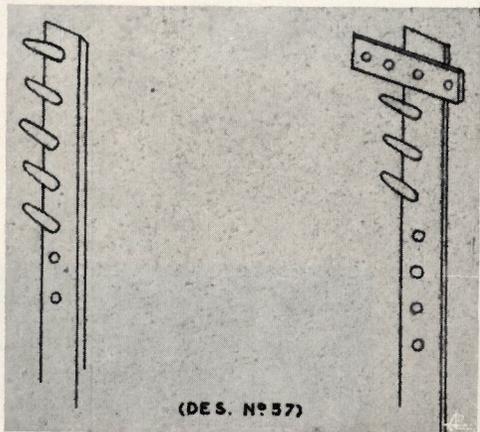
(DES N° 54)



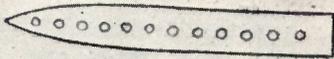
(DE& N° 55)



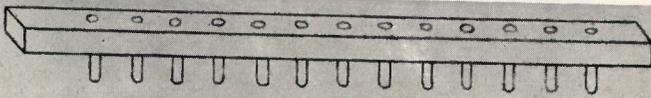
(DES N° 56)



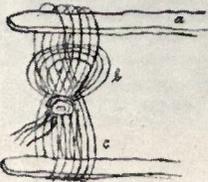
(DES. N° 57)



(DES. N°58)



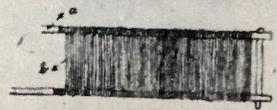
(DES. N°59)



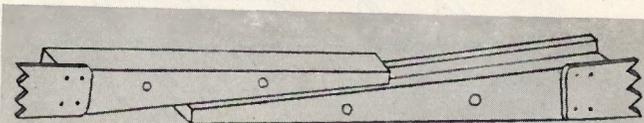
(DES. N°60)



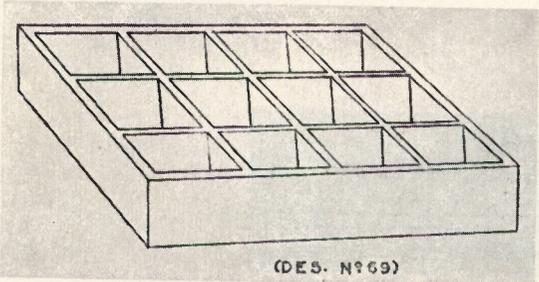
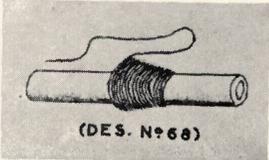
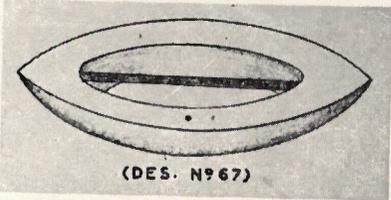
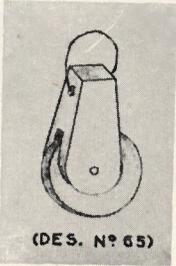
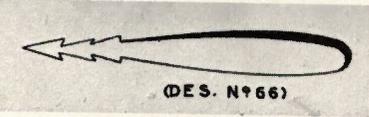
(DES. N°61)

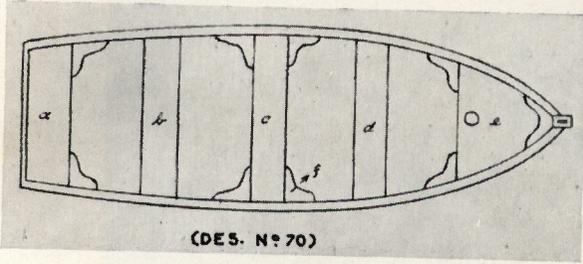


(DES. N°62)

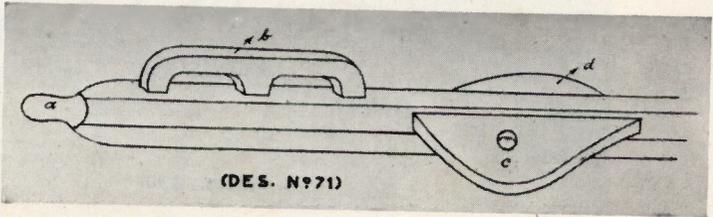


(DES. N°63)

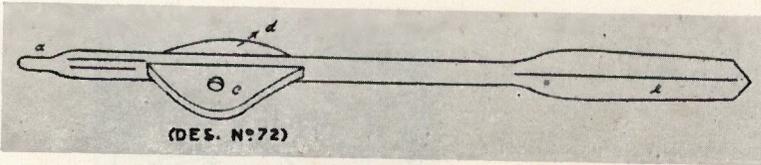




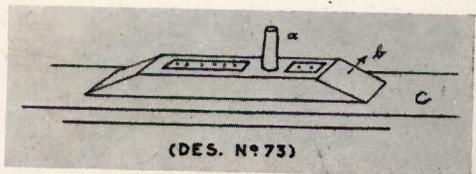
(DES. N°70)



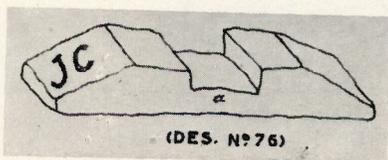
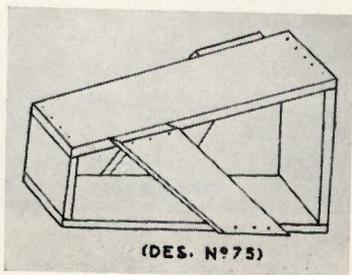
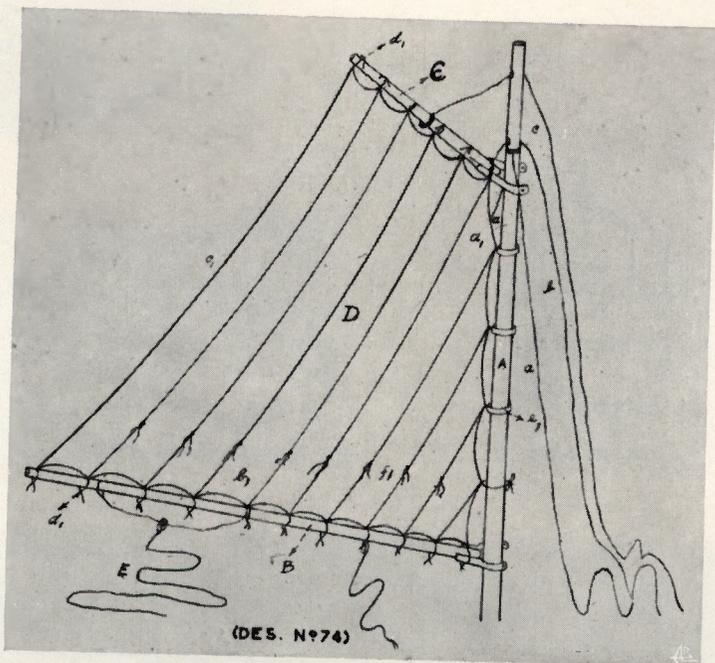
(DES. N°71)

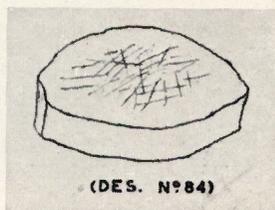
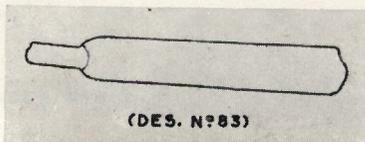
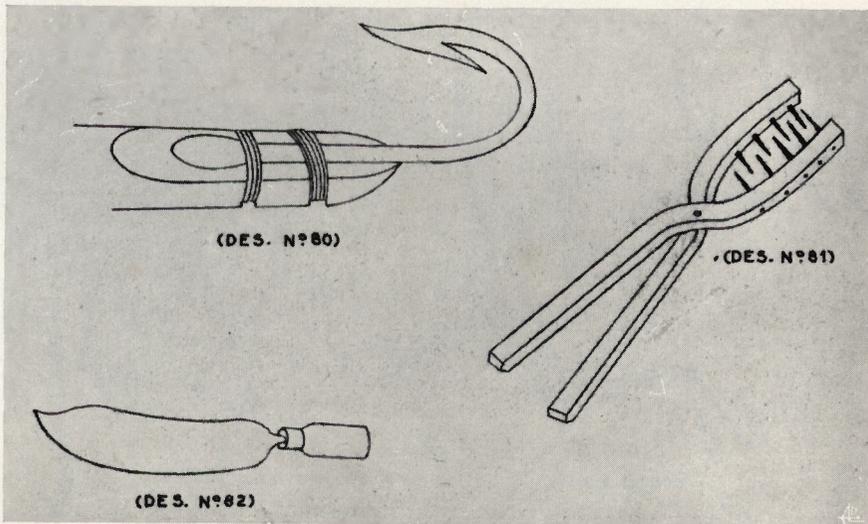
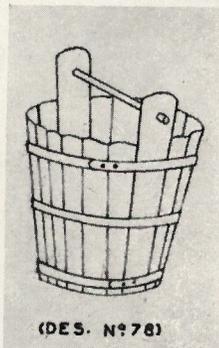
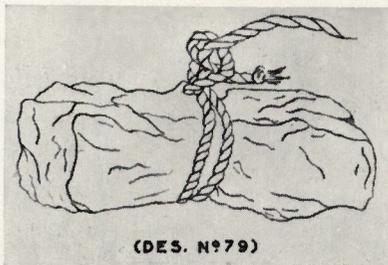
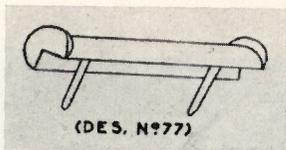


(DES. N°72)

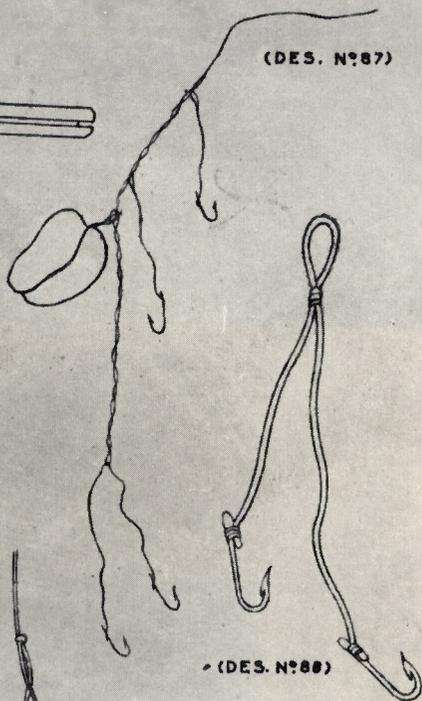
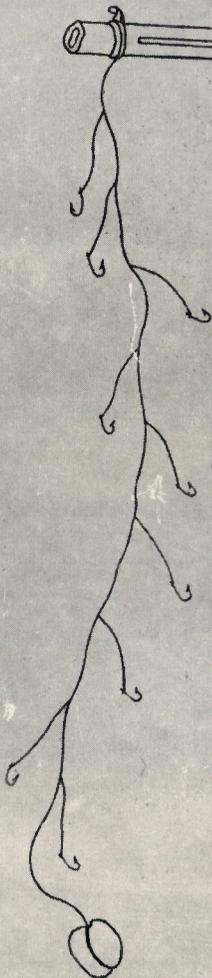
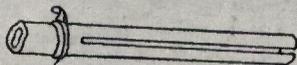


(DES. N°73)

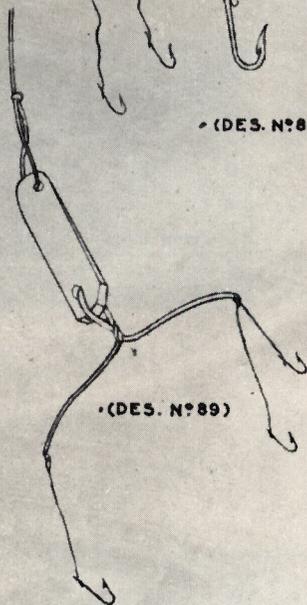




(DES. N°87)



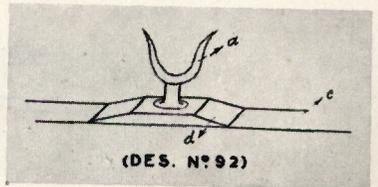
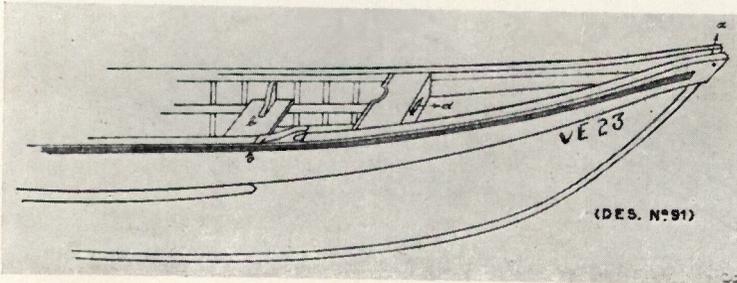
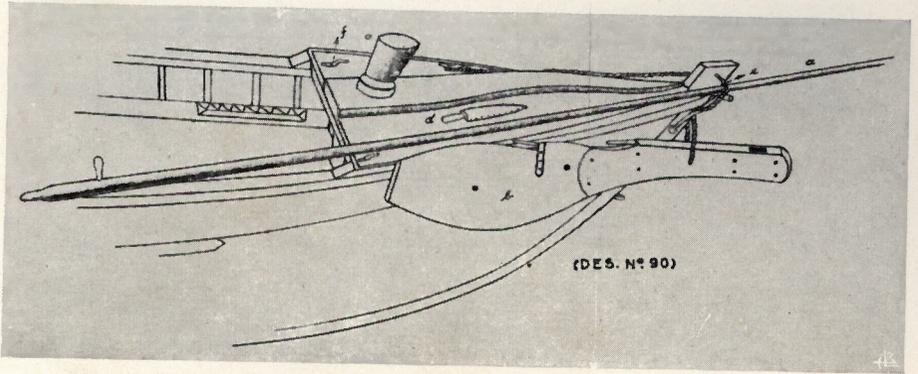
(DES. N°88)

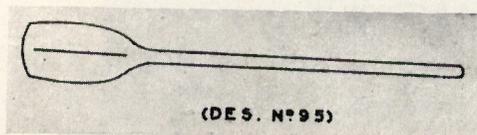
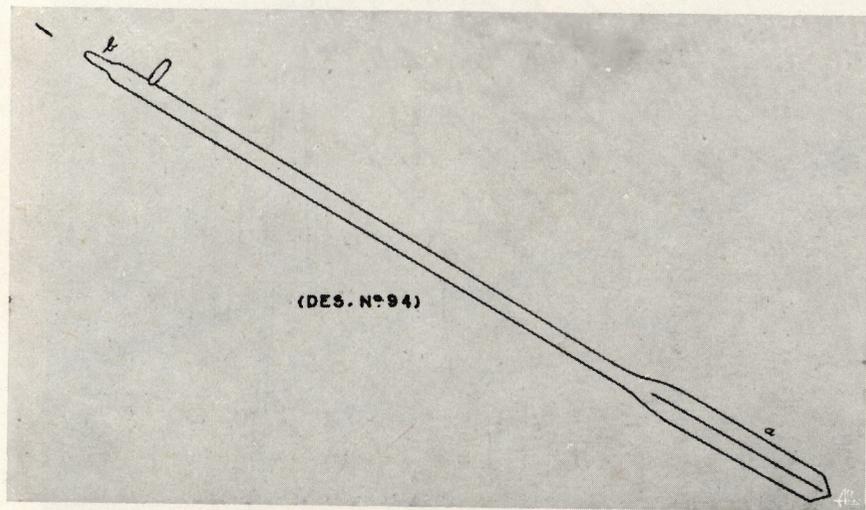
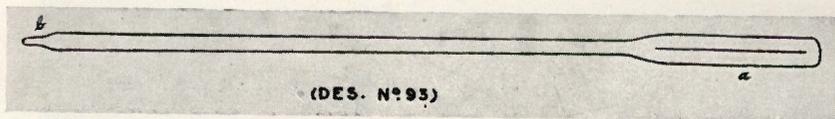


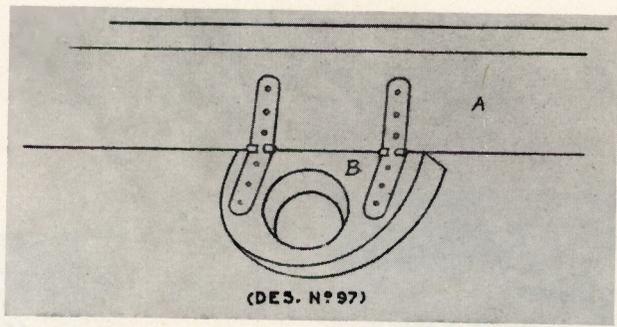
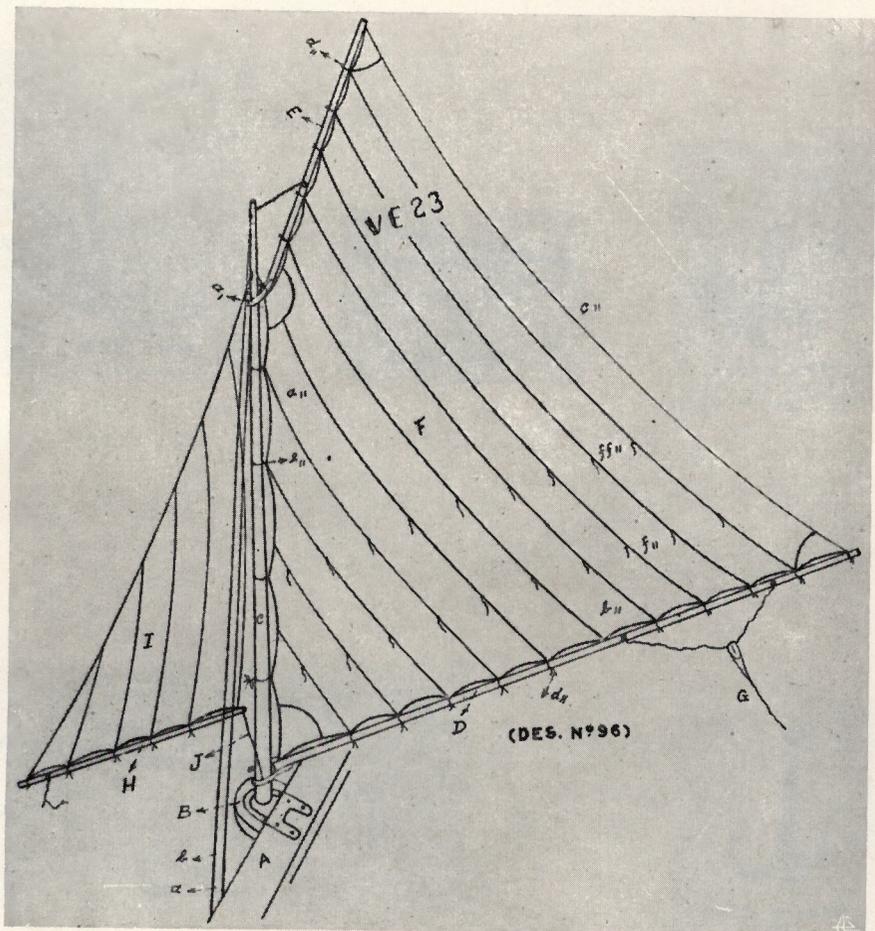
(DES. N°89)

(DES. N°86)

(DES. N°85)

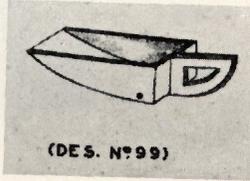




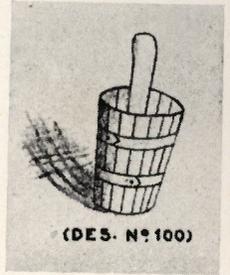




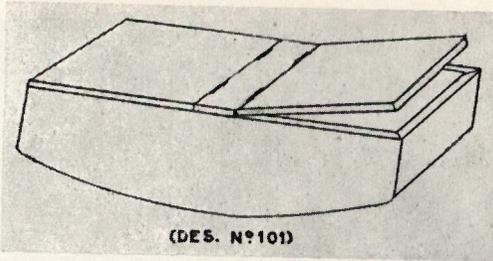
(DES. N°98)



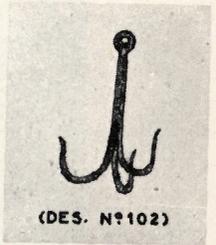
(DES. N°99)



(DES. N°100)



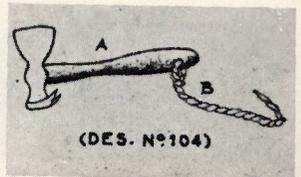
(DES. N°101)



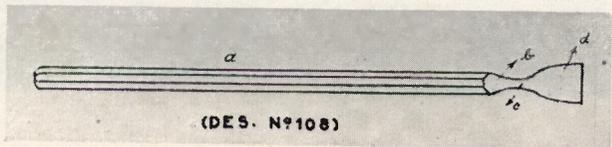
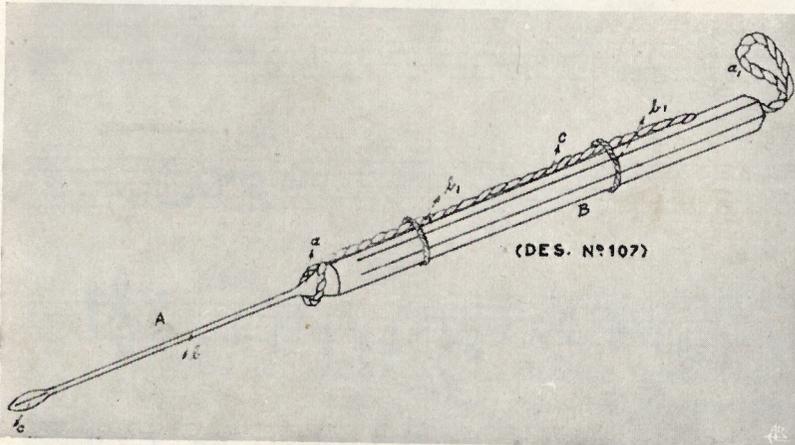
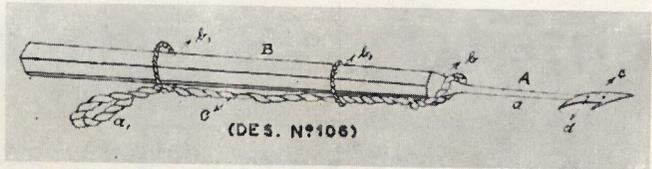
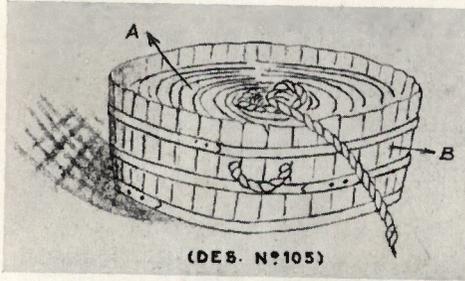
(DES. N°102)



(DES. N°103)



(DES. N°104)



# músicas de bailes

## Bela Aurora

*And.<sup>mo</sup>*

tu plum... ti a Bela Au... no-ra, tu plum no-ra Oh Bela Au.  
Au-ro-ra cru... cu, tu Bela cu Oh Bela Au.  
no-ra à beira de mi nha esma Oh Bela Au. esma tu Bela  
ro-ra de ter-me na su, a esma Oh Bela Au. rena.

*Fin*

## Lira

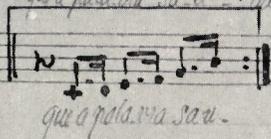
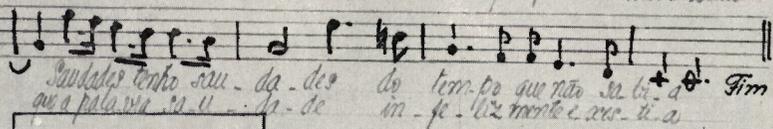
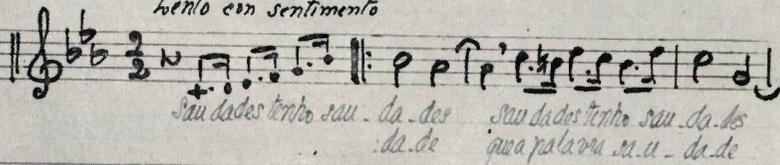
*And.<sup>te</sup>*

Morte que matas-te Li-ra Morte que matas-te Li-ra  
Mata-me coos mesmos ferros Mata-me coos mesmos ferros  
morte que mataste Li-ra mata-me e mim que sou teu,  
mata-me coos mesmos ferros esm que a Lira mor-ou.

# Músicas de bailes

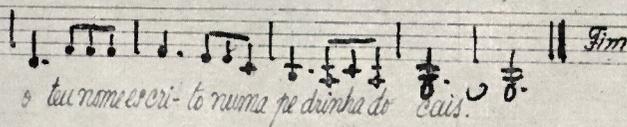
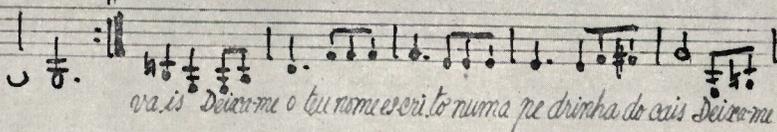
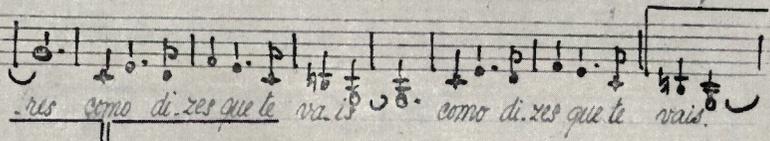
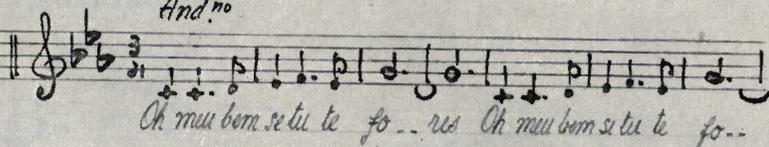
## Saudade

*Lento con sentimento*



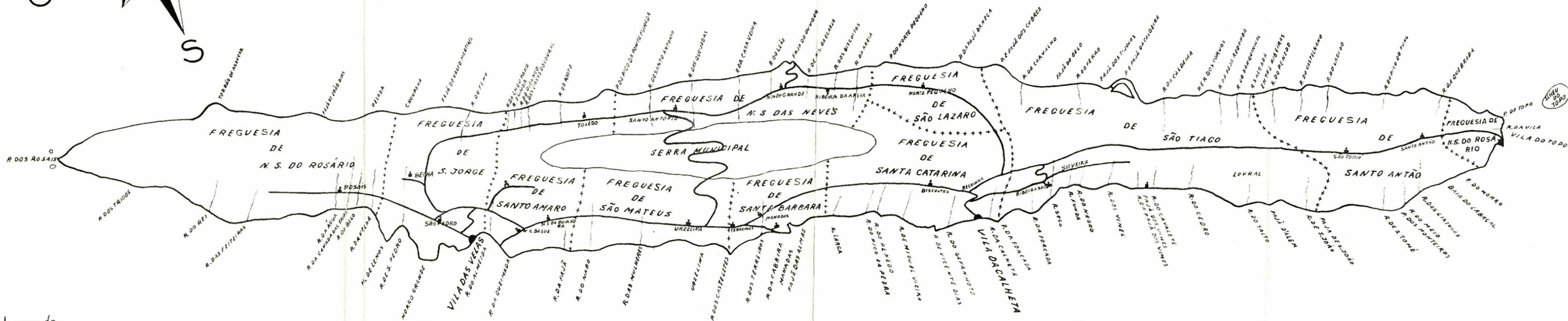
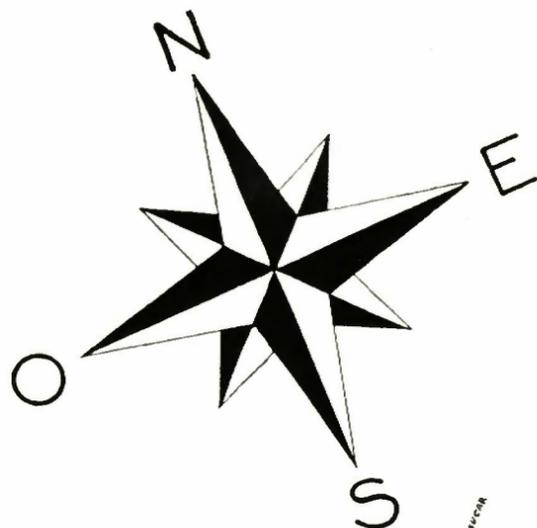
## MEU BEM

*And.<sup>no</sup>*





# ILHA DE S. JORGE



Legenda  
 Igrejas e Ermidas -   
 Limites de Freguesias ++++  
 Estradas ———

escala - 1:150.000

## Abreviaturas e Sinais Convencionais

- B. — Beira
- Des. — desenho
- Fot. — fotografia
- Glos. — glossário
- N. G. — Norte Grande
- N. P. — Norte Pequeno
- R. — Rosais
- S. A. — Santo Antão
- s. f. — substantivo feminino
- s. m. — substantivo masculino
- v. i. — verbo intransitivo
- v. t. — verbo transitivo
- † — palavras não registadas no dicionário de Cândido de Figueiredo — Novo Dicionário da Língua Portuguesa — Nova edição (1913).
- x — palavras que não vêm registadas no referido dicionário com o mesmo sentido.

### CORRIGENDA

Na página 10, linha 17.<sup>a</sup>, onde se lê *10.<sup>a</sup> ed.*,  
deve ler-se *Nova Edição (1913)*.

# INDICE

## **Ilha de S. Jorge**

Subsídio para estudo da Etnografia, Linguagem  
e Folclore Regionais

PREFÁCIO 5

## INTRODUÇÃO

ESCORÇO GEOGRÁFICO - HISTÓRICO E ECONÓMICO 13

## PARTE I

### **Etnografia**

#### CAPÍTULO I — O HOMEM

1 — O HOMEM EM GERAL . . . . .	29
2 — AGRICULTORES E PASTORES. . . . .	34
3 — OS MARÍTIMOS . . . . .	36
4 — OS EMIGRANTES. . . . .	36

#### CAPÍTULO II — VIDA RURAL

1 — HABITAÇÃO . . . . .	38
2 — ALIMENTAÇÃO . . . . .	40
3 — VESTUÁRIO . . . . .	42

4 — CASAMENTO . . . . .	43
5 — MORTE . . . . .	45
6 — RELAÇÕES SOCIAIS. . . . .	46
a) <i>Fórmulas de tratamento</i> . . . . .	46
b) <i>Saudação</i> . . . . .	49
c) <i>Despedida.</i> . . . . .	50
d) <i>Agradecimento</i> . . . . .	50

## CAPÍTULO III — ACTIVIDADE AGRÍCOLA-PECUÁRIA

1 — O GADO . . . . .	52
a) <i>Bovino</i> . . . . .	52
b) <i>Ovelhum</i> . . . . .	56
c) <i>Equideo</i> . . . . .	56
d) <i>Caprino</i> . . . . .	57
2 — A TERRA (Sua preparação e principais culturas)	
a) <i>O milho</i> . . . . .	57
b) <i>O trigo</i> . . . . .	59
c) <i>A «batata da terra»</i> . . . . .	60
d) <i>A batata doce.</i> . . . . .	60
3 — ALFAIAS E INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS	
a) <i>Arados</i>	
1.º — Arado de pau . . . . .	61
2.º — «Arado d'America» . . . . .	62
3.º — Arado de ferro. . . . .	62
b) <i>«Marcadeira»</i> . . . . .	63
c) <i>«Claveira»</i> . . . . .	64
d) <i>«Escrepa»</i> . . . . .	64
e) <i>Grade</i> . . . . .	64
f) <i>Carro de bois</i> . . . . .	65
g) <i>Canga.</i> . . . . .	67
h) <i>Ferramentas.</i> . . . . .	68
4 — APARELHAÇÃO DE SOLÍPEDES	68
5 — DEBULHA E INSTRUMENTOS EMPREGADOS	
a) <i>O trigo</i> . . . . .	69
b) <i>O milho</i> . . . . .	70
c) <i>O tremoço</i> . . . . .	71

6 — A ATAFONA . . . . .	71
-------------------------	----

## CAPÍTULO IV — ACTIVIDADES DOMÉSTICAS

1 — FABRICO DO PÃO DE MILHO . . . . .	74
2 — INDÚSTRIAS CASEIRAS	
a) <i>Fabrico do queijo</i>	
1.º — Queijo curado . . . . .	75
2.º — Queijo freseo . . . . .	76
b) <i>Tecelagem</i> . . . . .	76
1.º — Cultura e preparação do linho . . . . .	77
2.º — Preparação da lã . . . . .	79
3.º — O tear . . . . .	79
4.º — Tecidos produzidos . . . . .	81
c) <i>Trabalhos de vime, junco, etc.</i> . . . . .	82

## CAPÍTULO V — ACTIVIDADE PISCATÓRIA

1 — PESCA PRÓPRIAMENTE DITA . . . . .	84
2 — PESCA DA BALEIA . . . . .	89

## P A R T E II

### Linguagem

ALFABETO FONÉTICO	99
-------------------	----

## CAPÍTULO I — FONÉTICA

### A — VOCALISMO

I — <i>Vogais tónicas</i> . . . . .	101
II — <i>Vogais átonas</i> . . . . .	102
III — <i>Hiato</i> . . . . .	113
IV — <i>Ditongos</i> . . . . .	115

### B — CONSONANTISMO

I — <i>Consoantes simples</i> . . . . .	117
II — <i>Grupos consonânticos</i> . . . . .	121

## C — FENÓMENOS FONÉTICOS GERAIS

I — <i>Assimilação</i> . . . . .	124
II — <i>Desnasalização</i> . . . . .	125
III — <i>Despalatalização</i> . . . . .	125
IV — <i>Dissimilação</i> . . . . .	125
V — <i>Metátese</i> . . . . .	126
VI — <i>Nasalização</i> . . . . .	127
VII — <i>Acréscimento de sons</i> . . . . .	127
VIII — <i>Supressão de sons</i> . . . . .	129

## D — FENÓMENOS PSICOLÓGICOS

I — <i>Analogia</i> . . . . .	130
II — <i>Contaminação</i> . . . . .	130
III — <i>Etimologia popular</i> . . . . .	130

E — FONÉTICA SINTÁTICA . . . . .	131
F — ACENTUAÇÃO . . . . .	131
G — ENTOAÇÃO . . . . .	131

## CAPÍTULO II — MORFOLOGIA

A — ARTIGOS . . . . .	132
B — SUBSTANTIVOS E ADJECTIVOS QUALIFICATIVOS . . . . .	133
C — NUMERAIS . . . . .	136
D — PRONOMES . . . . .	137
E — VERBOS . . . . .	138
F — ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS . . . . .	146
G — PREPOSIÇÕES E LOCUÇÕES PREPOSITIVAS . . . . .	147
H — CONJUNÇÕES . . . . .	147
I — INTERJECÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTIVAS . . . . .	148
J — FORMAÇÃO DE PALAVRAS . . . . .	148

## CAPÍTULO III — SINTAXE E ESTILO . . . . . 150

## PARTE III

**Folclore**

I — INTRODUÇÃO . . . . .	153
II — COMPOSIÇÕES EM VERSO . . . . .	

A — ROMANCES («HISTÓRIAS») . . . . .	155
B — LENDAS . . . . .	202
C — ORAÇÕES . . . . .	205
D — COLÓQUIOS . . . . .	212
E — BAILES REGIONAIS (LETRA) . . . . .	222
F — CHACOTAS . . . . .	227
G — CANTIGAS . . . . .	230
H — ADIVINHAS («ADEVINHAÇÃO») . . . . .	240
I — CANTARES DOS FOLIÕES (FESTAS DO ESPÍRITO SANTO) . . . . .	241
J — ADÁGIOS . . . . .	242
III — TEXTOS EM PROSA	
A — ORAÇÕES . . . . .	246
B — NARRATIVAS (DA INFORMADORA DA BEIRA) . . . . .	247
IV — FESTAS DO ESPÍRITO SANTO . . . . .	250

## PARTE IV

### Glossário

#### Expressões Locais

#### Índice Alfabético do Glossário

### GLOSSÁRIO

I — O UNIVERSO	
A — O CÉU E A ATMOSFERA . . . . .	253
B — A TERRA . . . . .	256
C — O MAR . . . . .	258
D — AS PLANTAS . . . . .	259
E — OS ANIMAIS . . . . .	263
II — O HOMEM	
A — O HOMEM SER FÍSICO . . . . .	267
B — O HOMEM NO TRABALHO . . . . .	276
C — O HOMEM SER SOCIAL . . . . .	297
III — VÁRIA . . . . .	300
EXPRESSÕES LOCAIS . . . . .	308
ÍNDICE ALFABÉTICO DO GLOSSÁRIO . . . . .	310

## PARTE V

**Toponímia e Antroponímia**

I — TOPONÍMIA . . . . .	325
II — ANTROPONÍMIA	
A — NOMES PRÓPRIOS OU APELIDOS SEGUIDOS DE ALCUNHA. . . . .	332
B — ALCUNHAS . . . . .	334
 BIBLIOGRAFIA	 336
 FOTOGRAFIAS — DESENHOS — MÚSICAS — MAPAS	
 ABREVIATURAS E SINAIS CONVENCIONAIS	 341
 CORRIGENDA	 341

# VIDA DO INSTITUTO

---

## PRIMEIRA SESSÃO ORDINÁRIA DO ANO DE 1961.

No dia 26 de Janeiro de 1961, nesta cidade de Angra do Heroísmo, no Salão Nobre da Junta Geral do Distrito, teve lugar a primeira reunião ordinária dos sócios efectivos do Instituto Histórico da Ilha Terceira, convocada nos termos do artigo 3.º do Regulamento.

Estiveram presentes: Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador do Distrito, Dr. Teotónio Machado Pires, sócio efectivo; Dr. Agnelo Ornelas do Rego, Presidente da Junta Geral do Distrito e Presidente Honorário do Instituto, e os Senhores Tenente-Coronel José Agostinho, Presidente do Instituto; e sócios, Francisco Coelho Maduro Dias, Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior, Tenente-Coronel Frederico Lopes Júnior, Dr. Joaquim Moniz de Sá Corte-Real e Amaral, Cónego Dr. José Enes, Tenente-Coronel José Frederico Porto de Assa Castel-Branco, Governador do Castelo de S. João Baptista, Dr. José Leal Armas, Capitão Luis Ferreira Machado Drumond, Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, (Secretário), Major Miguel Cristóvam de Araújo e Dr. Rafael Valadão dos Santos. — Compareceu também, a convite da Mesa, o Rev.º

Padre Michel de Witte de Haelen, O. S. B., que se encontra em Angra para consultar documentos existentes no Arquivo Distrital, respeitantes à História da Igreja nos Açores.

Aberta a sessão pelas 20 horas e 30 minutos, o Presidente agradeceu a presença de Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador e do Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Junta Geral, e dirigiu palavras de saudação ao Rev.<sup>o</sup> P. de Witte, agradecendo a sua aquiescência ao convite para assistir à reunião.

Seguidamente foi lida e aprovada a acta da anterior reunião do Instituto.

Antes de se iniciarem os trabalhos, o Sr. Presidente propôs que se lançasse na acta um voto de sentimento pelo falecimento do historiador Jaime Cortezão, que deu notável relevo na sua obra às explorações dos mares do Ocidente por navegadores que partiram desta Ilha, e bem assim ficasse também patente o nosso pesar pelo falecimento do escritor faialense Marcelino Lima, que deixa notável obra, especialmente no campo da História. Foram aprovadas por unanimidade ambas as propostas.

Foi em seguida lido o relatório da Mesa, respeitante ao ano de 1960, e posto à discussão, sendo aprovadas as seguintes resoluções :

1) — Que o número do Boletim relativo ao ano de 1960, seja especialmente consagrado à memória do Infante D. Henrique, convidando-se os sócios a prestarem informações detalhadas sobre a parte que tenham tomado nas comemorações centenárias e darem a possível colaboração para esse número do Boletim.

2) — Encontrando-se já à venda, por conta da Junta Geral, que arcou com todas as despesas com a recolha do folclore musical desta Ilha, um primeiro disco com canções regionais, o Instituto congratulando-se mais uma vez com o patrocínio que a Junta Geral do Distrito deu a este empreendimento e com o esforço dispendido pelo Senhor Professor Artur Santos e sua Esposa, resolveu que os assuntos que venham a ser submetidos ao Instituto sobre esta matéria sejam endoçados, respectivamente à Junta Geral do Distrito aqueles que respeitarem à parte administrativa e ao Senhor Professor Artur Santos os que disærem respeito à parte artística.

3) — Encontrando-se concluída a reparação da muralha do Relvão, sobranceira à Estrada 28 de Maio, que o Instituto havia solicitado da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, para a qual, também a pedido do Instituto, a Junta Autónoma dos Portos deu uma comparticipação de 20.000\$00, foi resolvido agradecer a ambas as entidades.

4) — Igualmente se resolveu apresentar agradecimentos à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais pelas importantes obras de restauro que tem realizado na fortaleza de S. João Baptista, instando-se para que tais obras continuem, se possível, no mesmo ritmo. — Foi ainda resolvido agradecer ao Sr. Dr. Manuel C. Baptista de Lima, toda a assistência que tem prestado na execução dessas obras com o seu conselho e a sua competência em matéria de fortificações do século XVII.

Foi apresentado o balanço das contas do ano de 1960, verificando-se haver em 31 de Dezembro de 1960 um saldo positivo de 5.290\$90. Posteriormente a essa data já foi concedido um subsídio de Esc. 20.000\$00 ao Instituto pela Junta Geral do Distrito, para assegurar o pagamento das despesas com a publicação do N.º 17 do Boletim, que está a imprimir-se. Foram aprovadas as contas e expresso o agradecimento do Instituto à Junta Geral do Distrito, na pessoa do seu Ex.<sup>mo</sup> Presidente, presente à reunião pelo interesse manifestado pelas actividades do Instituto e pelo patrocínio que lhe concede.

Não foi apresentado plano de actividades para o ano corrente, apelando o Presidente para os sócios para que apresentem oportunamente as suas sugestões e prestem a sua colaboração para que o Instituto possa manter a sua actividade no nível desejado.

Foi presente um officio do sócio correspondente do Instituto e Director do Museu Municipal de Torres Novas, Snr. Dr. Alberto Borges dos Santos, solicitando o patrocínio do Instituto para uma série de conferências que pretende proferir nas capitais de distrito deste arquipélago entre 10 de Agosto e 15 de Setembro próximo e perguntando, em caso afirmativo, em que medida poderá ser concretizado tal patrocínio. — Foi acolhido este pedido com agrado unânime dos sócios presentes e manifestado o aplauso do Instituto pelo facto do Snr. Dr. Borges dos Santos invocar para o

efeito a sua qualidade de sócio correspondente, que muito nos honra. O Instituto procurará colaborar na iniciativa do nosso ilustre consócio, dentro das suas possibilidades, nomeadamente na obtenção de salas para as conferências nesta cidade, preparação das mesmas para o efeito, organização e distribuição dos convites.

Foi presente um officio do mui Rev.<sup>o</sup> Presidente do Instituto Açoreano de Cultura, comunicando a realização, por iniciativa do Instituto referido de uma série de conferências sobre temas de actualidade na cidade de Ponta Delgada nos dias 3 a 8 de Abril próximo, conferências que poderão vir a ser repetidas em Angra. Solicita o Instituto Açoreano de Cultura o apoio moral do nosso Instituto para tal iniciativa, a juntar-se ao dos outros institutos culturais açoreanos e bem assim um pequeno subsídio para as despesas resultantes desta iniciativa. — Os sócios presentes acolheram com entusiasmo a iniciativa do Instituto Açoreano de Cultura e por unanimidade foi resolvido que se lhe dê todo o possível apoio. Foi solicitado do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Presidente da Junta Geral, presente nesta reunião, que a Junta Geral venha a considerar a possibilidade de contribuir de algum modo para as despesas desta próxima Semana de Estudos, quer directamente quer por intermédio do Instituto, o que o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Presidente da Junta Geral, prometeu tomar oportunamente em consideração. — Foi resolvido que o Snr. Presidente do Instituto seja o delegado deste na comissão que o Instituto de Cultura se propõe organizar para tratar de possíveis futuras Semanas de Estudos.

Antes de encerrada a sessão foi dada a palavra ao Rev. Snr. Padre de Witte, que foi apresentado pelo Snr. Dr. Baptista de Lima que fez uma resumida exposição do assunto da sua notável comunicação apresentada ao congresso Internacional da História dos Descobrimentos, em Lisboa, em Setembro passado, sobre a tentativa do rei de Portugal, D. Manuel I, de enviar, com a colaboração de outros soberanos da Europa e com a aprovação do Papa, uma cruzada para libertação dos Lugares Santos, occupados pelos infieis. — O Presidente agradeceu ao Rev.<sup>o</sup> Padre Witte a sua amabilidade o que os presentes acolheram com o seu aplauso.

E não havendo mais nada a tratar encerrou-se a sessão pelas 22 h. 45 m., lavrando-se a presente acta que vai assinada pelo

Presidente e por mim Manuel Coelho Baptista de Lima, secretário, que a subscrevi.

ass.) *José Agostinho*

*Manuel Coelho Baptista de Lima.*

## SEGUNDA REUNIÃO ORDINÁRIA DO ANO DE 1961.

No dia 27 de Junho de 1961, nesta cidade de Angra do Heroísmo, numa das salas do Paço da Junta Geral do Distrito, realizou-se a segunda reunião ordinária dos sócios efectivos do Instituto Histórico da Ilha Terceira, convocada nos termos do art.º 2.º do Regulamento e que não pôde ter lugar no mês de Maio, por se acharem então ausentes desta ilha alguns dos sócios em número elevado.

Estiveram presentes: Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador do Distrito, Dr. Teotónio Machado Pires, sócio efectivo; Dr. Agnelo Ornelas do Rego, Presidente da Junta Geral e Presidente Honorário do Instituto; Tenente-Coronel José Agostinho, presidente do Instituto; Tenente-Coronel Frederico Lopes Júnior, Dr. Joaquim Moniz de Sá Corte-Real e Amaral, Cónego Dr. José Enes, Capitão Luiz Ferreira Machado Drumond, Major Miguel C. de Araujo, Dr. Rafael Valadão dos Santos e Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, secretário.

Aberta a sessão pelas 20 h. 40 m. o Presidente agradeceu a presença de Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador e do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Presidente da Junta Geral, passando a ler-se a acta da reunião anterior, que foi aprovada sem discussão.

Antes de se iniciarem os trabalhos o Presidente propôs e foi aprovado, que se lançasse na acta um voto de sentimento pelo falecimento, em 30 de Janeiro último, do livreiro editor Manuel Joaquim de Andrade, pela sua notável contribuição para a cultura açoreana, traduzida no apoio material e incitamento dado a jovens que se iniciavam nas lides literárias, alguns dos quais vieram a alcançar renome nas letras.

Foi dado ainda conhecimento de expediente vário, respeitante principalmente à expansão do Boletim e comunicado que as obras e publicações oferecidas ou adquiridas pelo Instituto, se acham já depositadas na Biblioteca Pública de Angra do Heroísmo, ao alcance dos sócios e do público.

Seguidamente foram tratados os seguintes assuntos :

1. Foi aprovada a seguinte deliberação, sob proposta do Presidente : — Sendo esta a primeira reunião do Instituto, após os actos de terrorismo que se desencadearam em Angola, originados do exterior e que estão causando grave perturbação na vida daquela Província, é resolvido : 1) — Exprimir repulsa pelos cobardes atentados que ali se tem praticado, manifestando toda a simpatia pelas vítimas dos mesmos e consignando a maior admiração pelas forças militares e elementos civis que tem repellido corajosamente as investidas dos bandoleiros ; 2) — Manifestar absoluta confiança nas medidas, que o Governo da Nação, está adoptando para fazer face à situação ; 3) — Lamentar a estranha interpretação que a respeito desses actos de agravo a Portugal tem sido tomada por potências estrangeiras associadas ao nosso País na Defesa do Ocidente contra o comunismo instigador declarado dos morticínios ocorridos em Angola ; 4) — Congratular-se pelo facto de forças armadas das Ilhas terem sido chamadas a cooperar na defesa do Património Ultramarino, manifestando a esperança de que os soldados que partiram da Ilha Terceira saibam honrar as gloriosas tradições militares desta Ilha.

2. Pelo Presidente foi comunicado que está quase concluída a impressão do número 17 do Boletim, respeitante ao ano de 1959. A impressão do n.º 18, consagrado à memória do Infante D. Henrique, vai começar logo a seguir, abrindo esse volume com uma notícia sobre as comemorações locais do Centenário e os textos dos discursos pronunciados pelo sócio Dr. Valadão Júnior, no acto da inauguração da estátua a Álvaro Martins Homem, e do Presidente do Instituto, Tenente-Coronel José Agostinho, na sessão de encerramento das comemorações. Menção será feita também de participação de outros sócios nas mesmas comemorações, não se tendo recebido até agora senão uma comunicação a tal respeito, do Sr. Tenente-Coronel Frederico Lopes Júnior, e

outra, feita nesta reunião, do Rev.º Snr. Dr. José Enes. — O Snr. Dr. Baptista de Lima prometeu dar também para publicação os textos dos discursos que fez, como Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, nos actos de inauguração do busto do Infante, no salão nobre da Câmara Municipal e na inauguração da placa colocada no local da casa dos Corte-Reais; e na Biblioteca Pública, na inauguração da exposição bibliográfica.

Pelo Snr. Presidente foi dado conhecimento de uma notícia publicada em todos os jornais do Canadá, em 9 de Janeiro de 1961, acêrca da documentação encontrada nos Arquivos Públicos de Cultura pelo respectivo Director, T. E. Laying, da qual se deduz a prioridade dos descobrimentos portugueses na parte norte oriental do Novo Mundo. — Foi resolvido publicar nos Boletins uma tradução dessa notícia transmitida pelo Mr. C. G. Hopkins superintendente da estação do cabo submarino em North Sydney, na Ilha do Cabo Bretão, que durante alguns anos residiu na Horta.

3. O Snr. Presidente convidou o Rev.º Dr. José Enes a fazer uma resenha da Semana de Estudos realizada em Ponta Delgada, em Abril passado, tendo os presentes ouvido com o maior interesse essa exposição e manifestado o seu aplauso pelo êxito da iniciativa do Instituto Açoreano de Cultura fazendo votos para que tal iniciativa se repita e dando desde já o seu apoio à mesma, apoio que se concretizará depois de conhecidos os pormenores de futuros empreendimentos culturais desta natureza.

4. Tomou-se conhecimento da iniciativa da Junta Geral do Distrito, de reavivar o culto do Beato Terceirense, João Baptista Machado, declarado Patrono do Distrito. O Instituto dá todo o aplauso a essa iniciativa.

5. Pelo Snr. Presidente foi feito um breve relato da visita a esta Ilha do Snr. Eng. J. Santos Simões, que acompanhado do sócio Snr. Maduro Dias, fez uma classificação fundada na sua alta competência no assunto, de todos os azulejos artísticos que foi possível descobrir nesta ilha, os quais foram inventariados pelo Snr. Eng. Santos Simões que, no final da sua visita, fez uma erudita exposição a tal respeito no salão nobre da Junta Geral, revelando a existência de valiosas obras de azulejaria na Ilha Terceira,

cujo valor artístico e classificação, se desconheciam em pormenores. Foi resolvido agradecer ao Snr. Eng.º Santos Simões o trabalho aqui realizado e também á Fundação Calouste Gulbenkian, que patrocinou a visita aos Açores do mesmo senhor.

6. Pelo Snr. Presidente foi comunicado o programa definitivo das conferências que o sócio correspondente, Sr. Dr. Alberto Borges dos Santos se propõe fazer nesta Ilha no fim de Agosto e em princípios de Setembro, tendo o Ex.º Presidente da Junta Geral concedido que a conferência inaugural se realize no salão nobre dos Paços da Junta Geral. O Sr. Presidente comunicou que o Ex.º Director da Escola Industrial e Comercial, Sr. Dr. Elias da Costa, oferecia igualmente a sala do Ginásio daquela Escola para a realização das restantes conferências do Snr. Dr. Borges dos Santos que é também professor do Ensino Técnico e já exerceu o magistério na Escola desta cidade, donde é natural.

7. Pelo Snr. Presidente foi comunicado estar em organização nesta Ilha uma delegação da Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Esta patriótica agremiação, de cuja Direcção é Presidente o nosso ilustre patrício Ex.º Snr. Brigadeiro Abel d'Abreu Sotto Mayor, comemorou há pouco o seu primeiro centenário com uma sessão solene a que presidiu o Chefe do Estado e na qual foi orador o Snr. Dr. António Luís Gomes.

Foi resolvido manifestar à Direcção da Sociedade da Independência o regosijo do Instituto pela criação de uma delegação nesta Ilha, à qual estão ligados tantos factos daqueles que mais ilustram a História Pátria, e que se enviem felicitações à dita Sociedade por motivo do seu primeiro centenário.

8. Foi dada a palavra ao Snr. Dr. Baptista de Lima que elucidou os sócios presentes acerca da sugestão apresentada pelo mesmo senhor ao Ex.º Snr. Professor Doutor Vitorino Nemésio, sócio honorário do Instituto, sobre a vinda a esta Ilha de alguns professores universitários nas próximas férias a fim de pronunciarem algumas conferências numa tentativa de alargar até aos Açores os cursos de férias que as universidades estão levando aos territórios nacionais fora do continente. A sugestão que encontrou todo o apoio por parte do Snr. Prof. Doutor Nemésio, foi recebida com entusiasmo e emitido o voto de que se delencie

que ela venha a ter realização dando o Instituto para isso todo o apoio que caiba nas suas possibilidades.

9. Pelo Sr. Presidente foi comunicado ter sido recebida comunicação da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ter sido atribuída no ano corrente uma verba de 75.000\$00 para continuação das obras de restauro do Castelo de S. João Baptista classificado como monumento nacional. Foi resolvido agradecer esta concessão à referida Direcção Geral.

Pelo Snr. Dr. Baptista de Lima foi comunicado que na sua qualidade de vogal correspondente deste Distrito da VI Secção da Junta Nacional de Educação, havia reclamado à Direcção Geral do Ensino Superior, contra a construção de um abrigo para galinhas, mandado fazer pelo Comando do B. I. I. 17 junto às muralhas da fortaleza, logo à entrada do caminho para Santo António, tendo pedido ao Sr. Presidente do Instituto para secundar o pedido de remoção desse abrigo e de umas hortas e currais existentes naquelas proximidades, para local afastado das muralhas.

Pelo Sr. Presidente foi comunicado haver apresentado o assunto ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Comandante Militar da Terceira, depois de solicitar informação do Ex.<sup>mo</sup> Comandante do Batalhão, não tendo porém obtido até agora qualquer resposta por parte do Ex.<sup>mo</sup> Comandante Militar.

Foi resolvido por unanimidade aprovar o procedimento havido pelo Sr. Dr. Baptista de Lima e que o Presidente do Instituto renove, em nome do Instituto, o apelo anteriormente feito ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Comandante Militar da Terceira.

10. Pelo Snr. Presidente foi proposto que se concretizassem as condições em que deve ser atribuído o prémio criado em homenagem à memória de Ferreira Drumond e a ser concedido a um aluno do Liceu que se destinga na disciplina de História, conforme foi deliberado.

Depois de usarem da palavra os sócios senhores Drs. Corte-Real e Amaral, Dr. Cândido Pamplona Forjaz e Dr. Rafael Valadão, assentou-se em que a resolução primitivamente adoptada sobre o assunto tenha a seguinte redacção :

O prémio Ferreira Drumond, será atribuído anualmente ao aluno do Liceu desta cidade que obtenha a maior classificação,

não inferior a 14 valores, na disciplina de História do exame do terceiro ciclo. Em igualdade de classificação, observar-se-ão as preferências regulamentares seguidas para a concessão dos outros prémios.

Mais foi resolvido que se informe desta resolução o Ex.<sup>mo</sup> Reitor do Liceu e que se ponha à disposição do mesmo senhor a importância do referido prémio para ser entregue na mesma ocasião em que forem os prémios restantes.

11.) Pelo sócio Snr. Tenente-Coronel Frederico Lopes Júnior foi lembrado que na reunião extraordinária de 15 de Junho de 1960 fora deliberado convocar-se oportunamente uma reunião para se definir os termos em que havia de ser feito apelo à entidade competente com o fim de obstar a práticas fora da tradição introduzidas nos festejos do Espírito Santo, nomeadamente uns grupos de crianças mascaradas de pretos que figuraram num cortejo na Vila da Praia no ano passado.

Posto o assunto à discussão, intervieram na mesma todos os sócios presentes e o Ex.<sup>mo</sup> Presidente honorário, tendo por fim sido apresentada pelo sócio, Snr. Dr. Cândido Forjaz a seguinte proposta: «Atendendo a que as práticas ridículas, referidas na moção apresentada em 15 de Junho de 1960 pelo Snr. Tenente-Coronel Frederico Lopes Júnior, foram suprimidas e outras se não concretizam que pareçam justificar um pedido de intervenção conforme foi então sugerido, delibera-se que o assunto seja encerrado, não havendo portanto lugar para a convocação referida na deliberação de 15 de Junho».

Sobre esta proposta se manifestou em oposição o Snr. Tenente-Coronel Frederico Lopes Júnior e, não havendo mais nenhum sócio acrescentado nada ao que primitivamente dissera, foi a proposta, submetida a aprovação, sendo aprovada por nove votos contra dois.

E não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão pelas vinte e três horas e trinta minutos.

ass.) *José Agostinho*

*Manuel Coelho Baptista de Lima.*

PRIMEIRA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA  
DO ANO DE 1961.

No dia 28 de Outubro de 1961, nesta cidade de Angra do Heroísmo, no Salão nobre da Junta Geral do Distrito teve lugar uma reunião extraordinária dos sócios efectivos do Instituto Histórico da Ilha Terceira, convocada nos termos do parágrafo 1.º do artigo 6.º dos Estatutos.

Estiveram presentes: Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador do Distrito, Dr. Teotónio Maclhado Pires, sócio efectivo; Dr. Agnelo Ornelas do Rego, Presidente da Junta Geral e Presidente Honorário do Instituto; Tenente-Coronel José Agostinho, Presidente; Dr. Cândido Pamplona Forjaz; Arquitecto Fernando de Sousa, Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior, Tenente-Coronel Frederico Lopes da Silva Júnior, Padre Inocêncio Enes, Cónego Dr. José Enes, Dr. José Leal Armas, Capitão Luís Ferreira Machado Drumond, Major Miguel Cristovão de Araujo, Dr. Rafael Valadão dos Santos e Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, Secretário.

Aberta a sessão pelas 20 h. 30 m. o Presidente agradeceu a presença de S. Ex.<sup>a</sup> o Governador e do Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Junta Geral, passando-se à leitura da acta da última reunião que foi aprovada sem discussão.

Antes de se entrar na discussão dos assuntos para os quais a reunião foi convocada, o Snr. Presidente deu conhecimento dos seguintes assuntos:

1.) — Concessão de um reforço de 6.000\$00 ao subsídio já concedido para o corrente ano pela Junta Geral do Distrito para as despesas da publicação do Boletim e outras do Instituto, e bem assim concessão de um outro subsídio, também pela Junta Geral, de 10.000\$00, para pagamento de despesas com a recolha de fotografias de documentação etnográfica, na campanha para tal efeito aqui realizada no último verão pelo sócio honorário, Professor Doutor Vitorino Nemésio. Foram apresentados agradecimentos à Junta Geral na pessoa do seu Presidente, presente na reunião e que tais concessões se dignou propor.

2.) — Foi aprovado um voto de agradecimento ao Snr. Profes-

sor Vitorino Nemésio pelo trabalho de recolha de documentação etnográfica que de sua iniciativa realizou durante a sua visita a esta sua terra natal no passado verão. Foi ainda registada com prazer a animação de actividades folclóricas a que essa visita deu lugar e que o nosso Ilustre consócio avivou com o seu entusiasmo.

3.) — Foi dado conhecimento de estar em começo de concretização o plano de um curso de férias a realizar no próximo ano por professores universitários no arquipélago dos Açores, à semelhança do que teve lugar no ano corrente na Ilha da Madeira. O assunto, entregue à iniciativa dos governadores dos Distritos dos Açores vai ser estudado previamente pelo Snr. Professor Doutor Vitorino Nemésio junto do Magnífico Reitor da Universidade Clássica de Lisboa. O Instituto resolverá oportunamente sobre o concurso a prestar. Pelo Dr. Baptista de Lima foi dado conhecimento de uma comunicação da Presidência da Câmara Municipal do Funchal para a Câmara Municipal de Angra, sobre pormenores do curso de férias realizado na Madeira, nomeadamente no que diz respeito às despesas que ele determinou e ao seu pagamento pela Junta Geral, pela Câmara Municipal e pela Comissão de Turismo do Funchal. — O Ex.<sup>m</sup> Presidente da Junta Geral esclareceu que estava convencido de que a Junta Geral de Angra daria o seu concurso para a realização do curso de férias, mas não poderia avaliar o montante do subsídio monetário, antes da organização do primeiro orçamento suplementar de 1962, provavelmente não antes de Março. Foi agradecida a boa vontade da Junta Geral, e o projecto de realização do curso de férias, sobre o qual Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador deu também alguns esclarecimentos, foi acolhido com a melhor expectativa.

4.) — Estando a Câmara Municipal de Angra de Heroísmo na disposição de realizar uma sessão no Salão Nobre da Câmara, no dia 1.º de Dezembro, comemorativa da Restauração da Independência, patrocinando uma sugestão da delegação local da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, foi aprovada uma deliberação já tomada pela Mesa, para que o Instituto colabore também com a Câmara Municipal para que seja dado todo o possível brilho às comemorações locais do 1.º de Dezembro.

5.) — Foi aprovado um voto de louvor e agradecimento ao

sócio correspondente do Instituto, Snr. Dr. Alberto Borges dos Santos, pelas conferências realizadas nesta cidade e em Ponta Delgada, agradecendo-se também às entidades que deram facilidades nesta cidade para a realização das conferências, nomeadamente a Junta Geral do Distrito, a Direcção da Escola Industrial e Comercial e o Rádio Clube de Angra.

6.) — Foi comunicado que, pelo Conselho Escolar do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo, foi atribuído no ano lectivo findo, ao aluno José Tomás Moniz de Braga, o prémio Ferreira Drumond, instituído pelo Instituto Histórico. — O prémio foi entregue ao referido aluno na sessão solene de abertura das aulas em começos de Outubro.

Passando-se à discussão dos assuntos por que fora convocada esta reunião extraordinária, foram os mesmos tratados pela ordem que se segue :

7.) — *Fixação da cota dos sócios e do preço de venda do Boletim.* — A proposta da Mesa foi discutida por quase todos os sócios presentes, sendo por fim aprovada com algumas alterações, ficando estabelecido que a cota a pagar pelos sócios será de 30\$00 anuais a partir do ano de 1962, e que o preço de venda de cada volume do Boletim, incluindo aqueles que se encontram ainda em depósito, será de 50\$00.

8. — *Preenchimento de vagas de sócios efectivos.* — Sendo de vinte o número de sócios efectivos estabelecido pelo artigo 4.º dos Estatutos, verifica-se que o número actual é de quinze, não incluindo neste número o Governador do Castelo, a quem é atribuída a qualidade de sócio efectivo por deliberação tomada na reunião de 28 de Janeiro de 1956, mas que se entende, conforme foi esclarecido nesta ocasião, que não é contado no número de sócios estabelecido pelo artigo 4.º acima referido. — Nestas circunstâncias existem cinco vagas de sócios efectivos. Depois de haver discussão, foi aprovada a proposta da Mesa para que sejam agora preenchidas apenas três dessas vagas.

Tendo em consideração o que sobre preenchimento de vagas foi deliberado na reunião de 24 de Janeiro de 1957, foi resolvido também por unanimidade, que a eleição dos novos sócios se faça numa reunião extraordinária a realizar no dia 28 de Novembro

próximo pelas 20 horas. Se a essa hora não estiver presente a maioria dos sócios, a eleição realizar-se-á numa reunião que fica desde já convocada para o mesmo dia pelas 20 h. 30 m., deliberando-se com qualquer número de sócios presentes.

9) — *Alteração ao parágrafo 3.º do artigo 9.º dos Estatutos.* — Foi aprovado por unanimidade que seja admitida à discussão a proposta da Mesa para alteração do parágrafo 3.º do artigo 9.º dos Estatutos, que, segundo a mesma proposta, ficaria com a seguinte redacção :

«A eleição da Mesa terá lugar no primeiro domingo do mês de Dezembro de cada ano impar e a Mesa eleita entrará em exercício na data em que for recebida a comunicação de ter sido sancionada a eleição pelo Ministro da Educação Nacional.

Depois da eleição da Mesa, proceder-se-á à eleição de três sócios para desempenharem os cargos de presidente, secretário e tesoureiro substitutos da mesma.

A reunião para eleição da Mesa e dos substitutos será anunciada nos jornais com oito dias de antecedência, pelo menos. No caso de não comparecer maioria dos sócios a essa reunião, proceder-se-á à eleição numa outra reunião, convocada para o mesmo fim, a qual funcionará com os sócios que se acharem presentes».

Foi também deliberado por unanimidade, que a reunião para apreciação desta proposta se realize também no dia 28 de Novembro próximo, pelas 21 horas. — Se a essa hora não se achar presente a maioria dos sócios, será o assunto tratado numa outra reunião a realizar no mesmo dia pelas 21 h. 30 m., deliberando-se então com os sócios que se acharem presentes.

Não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão pelas 21 h. 50 m..

ass.) *José Agostinho*  
*Manuel Coelho Baptista de Lima.*

SEGUNDA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA  
DO ANO DE 1961.

No dia 28 de Novembro de 1961, nesta cidade de Angra do Heroísmo, no salão nobre da Junta Geral do Distrito, teve lugar uma reunião extraordinária dos sócios efectivos do Instituto Histórico da Ilha Terceira, conforme fora deliberado na reunião extraordinária de 28 de Outubro de 1961, para eleição de três sócios efectivos.

Foi aberta a sessão pelas 20 h. 30 m., achando-se presentes Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador do Distrito Autónomo, Dr. Teotónio Machado Pires, sócio efectivo, Engenheiro António Francisco de Resendes, Vice-presidente, em exercício da Junta Geral do Distrito, Tenente-Coronel José Agostinho, Presidente, Dr. Cândido Pamplona Forjaz, Arquitecto Fernando de Sousa, Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior, Tenente-Coronel Frederico Lopes da Silva Júnior, Padre Inocência Enes, Cônego Dr. José Enes Pereira Cardoso, Dr. José Leal Armas, Major Miguel Cristóvão de Araújo, Dr. Rafael Valadão dos Santos e Francisco Coelho Maduro Dias, Tesoureiro, que desempenhou as funções de secretário, na ausência do secretário efectivo.

Lida e aprovada a acta da reunião anterior, o Snr. Presidente antes de se proceder à eleição dos sócios efectivos, apresentou as seguintes propostas :

1) — Um voto de congratulação pela nomeação para coadjutor da Sé Patriarcal de Goa, de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Tiava, D. José Pedro da Silva, sócio honorário do Instituto, voto que foi unanimamente aprovado.

2) — Foi igualmente aprovado um voto de sentimento pelo falecimento do sócio honorário do Instituto, professor Doutor António de Almeida Garrett.

3) — Foi também aprovado um voto de sentimento pela morte do sócio correspondente, Snr. Vasco de Carvalho, falecido em Vila Nova de Famalicão.

4) — Foi proposta a eleição para sócio honorário do Snr. Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, professor do Liceu de Ponta Delgada e investigador da História Açoreana, que última-

mente dirigiu a publicação pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, de que é sócio, da obra «Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores», de Frei Agostinho de Montalverne e está presentemente tratando da publicação dos Livros V e VI das «Saudades da Terra», de Gaspar Frutuoso, também por incumbência do Instituto Cultural de Ponta Delgada. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Foram também aprovadas por unanimidade as propostas de eleição para sócios correspondentes, do Snr. Dr. Feliciano Ramos, antigo professor do Liceu de Angra e actualmente Reitor do Liceu de Braga, autor de vários ensaios e estudos literários, filosóficos e pedagógicos, e do Snr. Joaquim Gomes da Cunha (Pedro de Merelim), jornalista e investigador da História Açoreana, nomeadamente da Ilha Terceira, autor de um valioso trabalho sobre os Conventos desta Ilha, recentemente publicado. A primeira proposta foi submetida pelo Snr. Dr. Cândido Pamplona Forjaz e a segunda pelo Ex.<sup>mo</sup> Governador do Distrito, Dr. Teotónio Machado Pires.

Procedendo-se em seguida à eleição de três sócios efectivos, seguindo-se para tanto as normas aprovadas na reunião de 24 de Janeiro de 1957, foram eleitas as seguintes pessoas: — Snrs. João Dias Afonso, poeta, jornalista e crítico literário e de arte, que desempenha presentemente as funções de Director do Arquivo Distrital, da Biblioteca Pública e do Museu Regional de Angra do Heroísmo; poetisa, D. Maria Francisca Bettencourt (Maria do Céu) e Snr. Henrique Vieira de Borba, violinista e crítico musical.

E não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão pelas 20 h. 40 m..

ass.) *José Agostinho*

*Francisco Coelho Maduro Dias*

### TERCEIRA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO ANO DE 1961.

No dia 28 de Novembro de 1961, nesta cidade de Angra do Heroísmo, no salão nobre da Junta Geral do Distrito, teve lugar uma reunião extraordinária dos sócios efectivos do Instituto His-

tórico da Ilha Terceira, conforme fora deliberado na reunião extraordinária de 28 de Outubro de 1961, para apreciação de uma proposta de alteração do parágrafo 3.º do artigo 9.º dos Estatutos, apresentada pela Mesa.

Foi aberta a sessão pelas 21 horas, achando-se presentes, Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador do Distrito, Dr. Teotónio Machado Pires, sócio efectivo, Engenheiro António Francisco Resendes, Vice-presidente da Junta Geral do Distrito, em exercício da Presidência da Junta Geral, Tenente-Coronel José Agostinho, Presidente do Instituto, Dr. Cândido Pamplona Forjaz, Arquitecto Fernando de Sousa, Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior, Tenente-Coronel Frederico Lopes da Silva Júnior, Padre Inocêncio Enes, Cónego Dr. José Enes Pereira Cardoso, Dr. José Leal Armas, Major Miguel Cristóvão de Araújo, Dr. Rafael Valadão dos Santos e Francisco Coelho Maduro Dias, que serviu de secretário, na ausência do secretário da Mesa.

Lida e aprovada a acta da reunião anterior, entrou-se imediatamente na apreciação da proposta de alteração do parágrafo 3.º do artigo 9.º dos Estatutos, apresentada pela Mesa na reunião extraordinária de 28 de Outubro de 1961, sendo a mesma aprovada por unanimidade e sem discussão. Nesta conformidade o parágrafo 3.º do artigo 9.º dos Estatutos do Instituto Histórico, aprovados por Alvará do Governo do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo de 9 de Dezembro de 1942, e posteriormente por Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional, com a inclusão de um parágrafo 4.º ao artigo 9.º, conforme consta do officio n.º 142, de 2 de Janeiro de 1956, da Inspecção Superior do Ensino Particular, fica com a seguinte redacção :

«A eleição da Mesa terá lugar no primeiro domingo do mês de Dezembro de cada ano ímpar e a Mesa eleita entrará em exercício na data em que for recebida a comunicação de ter sido sancionada a eleição pelo Ministro da Educação Nacional.

Depois da eleição da Mesa, proceder-se-á à eleição de três sócios para desempenharem os cargos de

presidente, secretário e tesoureiro substitutos da mesma.

A reunião para eleição da mesa e dos substitutos será convocada com oito dias de antecedência, pelo menos. No caso de não comparecer a maioria dos sócios a essa reunião, proceder-se-á à eleição numa outra reunião convocada para o mesmo fim, a qual funcionará com os sócios que se acharem presentes».

Desta reunião foi imediatamente lavrada a presente acta que foi em seguida lida, tendo sido aprovada por todos os presentes.

ass.) *José Agostinho*

*Francisco Coelho Maduro Dias*

#### TERCEIRA REUNIÃO ORDINÁRIA DO ANO DE 1961.

No dia 3 de Dezembro de 1961, nesta cidade de Angra do Heroísmo, no salão nobre da Junta Geral do Distrito, teve lugar uma reunião ordinária do Instituto Histórico da Ilha Terceira, para eleição da Mesa que há-de funcionar no biénio de 1962-1963, nos termos do parágrafo 3.º do art.º 9.º dos Estatutos.

Foi aberta a sessão pelas 20 h. 10 m., achando-se presentes, Sua Ex.ª o Governador do Distrito, Dr. Teotónio Machado Pires, sócio efectivo, e os senhores, Engenheiro António Francisco de Resendes, Vice-presidente, em exercício, da Junta Geral do Distrito, Tenente-Coronel José Agostinho, Presidente do Instituto, Dr. Cândido Pamplona Forjaz, Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior, Tenente-Coronel Frederico A. Lopes da Silva Júnior, Henrique Vieira de Borba, João Dias Afonso, Cónego Dr. José Enes Pereira Cardoso, Dr. José Leal Armas, Dr. Rafael Valadão dos Santos e Major Miguel Cristóvão de Araújo, que serviu de secretário, na ausência do secretário efectivo.

Antes da eleição, usou a palavra o Senhor Presidente, que

saudou os novos sócios Snrs. João Dias Afonso e Henrique Vieira de Borba. A Senhora D. Maria Francisca Bettencourt (Maria do Céu) não poudo comparecer, mas enviou uma carta de agradecimento pela sua eleição para sócio efectivo.

Propôs ainda o Snr. Presidente, e foi aprovado, um voto de sentimento pelo falecimento do Senhor Dr. Joaquim da Rocha Alves, Director do «Diário Insular», pondo em destaque os serviços prestados pelo falecido e as atenções que sempre teve para com o Instituto Histórico, como Director do referido jornal.

Passando-se à eleição da Mesa para o biénio de 1962-1963, segundo as normas regulamentares, apurou-se terem sido eleitos os seguintes sócios: Presidente, Tenente-Coronel José Agostinho; Secretário, Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima; Tesoureiro, Francisco Coelho Maduro Dias. Nos termos do parágrafo 4.º do artigo 9.º dos Estatutos, os sócios eleitos só entrarão em exercício depois da eleição sancionada por Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional.

Tendo sido aprovada na última reunião uma alteração do parágrafo 3.º do art.º 9.º dos Estatutos, da qual consta que, depois da eleição da Mesa, sejam eleitos três sócios para substitutos dos cargos da mesma, foi deliberado que se fizesse logo a eleição respectiva, sendo eleitos os sócios seguintes para o mesmo biénio de 1962-1963: Presidente substituto, Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior; Secretário substituto, Tenente-Coronel Frederico Augusto Lopes da Silva Júnior; Tesoureiro substituto, Dr. Rafael Valadão dos Santos. — Esta eleição só será tida como válida depois da aprovação da emenda nos Estatutos por Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional e os sócios eleitos só entrarão em exercício, depois da eleição ter sido ulteriormente sancionada por Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional.

E não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão pelas 20 h. 40 m.

ass.) José Agostinho.

PRIMEIRA REUNIÃO ORDINÁRIA  
DO ANO DE 1962.

No dia 10 de Maio de 1962, nesta cidade de Angra do Heroísmo, no salão nobre da Junta Geral do Distrito Autónomo, teve lugar a primeira reunião ordinária dos sócios efectivos do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Estiveram presentes, Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador do Distrito, Dr. Teotónio Machado Pires, sócio efectivo; Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Agnelo Ornelas do Rego, Presidente da Junta Geral do Distrito e Presidente honorário do Instituto; Tenente-Coronel José Agostinho, Presidente do Instituto, e os sócios Snrs. Dr. Cândido Pamplona Forjaz, Francisco Coelho Maduro Dias, Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior, Tenente-Coronel Frederico Lopes Júnior, Governador do Castelo, Tenente-Coronel José Frederico Porto de Assa Castel-Branco, Padre Inocêncio Enes, João Dias Afonso, Dr. José Leal Armas, Capitão Luís Ferreira Machado Drumond e Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, secretário. Comunicaram a impossibilidade de comparecer os sócios Snrs. Henrique Vieira de Borba, Cónego Dr. José Enes e Major Miguel Cristóvão de Araújo.

Aberta a sessão pelas 20 h. 30 m. e não havendo acta da anterior reunião a apresentar, por já ter sido aprovada, o Presidente explicou os motivos pelos quais não foi possível realizar a reunião ordinária, prescrita para o mês de Janeiro, ficando para serem submetidos na presente reunião o relatório e contas da gestão do ano de 1961, tendo sido aceites as razões apresentadas.

Foi comunicado ter sido sancionada por S. Ex.<sup>a</sup> o Sub-Secretário da Educação Nacional, por despacho de 26 de Fevereiro de 1962, a eleição dos membros efectivos e substitutos da Mesa que há-de servir no biénio de 1962-1963.

Antes de se entrar na apreciação dos assuntos a tratar na presente reunião, foi aprovada por unanimidade uma proposta do Snr. Presidente para que o Instituto registre a sua repulsa pelo ataque covarde e contrário a todos os princípios que regem as relações entre as nações, perpetrado pelo governo indiano contra o Estado da Índia.

Foi tomado conhecimento, com sumo regosijo, da proclama-

ção oficial, por Sua Santidade o Papa João XXIII, de Padroeiro Principal da Diocese de Angra e Ilhas dos Açores, do Bem-aventurado, Beato João Baptista Machado, conforme rescrito de 22 de Janeiro de 1962, da Sagrada Congregação dos Ritos.

Foi aprovado por unanimidade um voto de respeitosa congratulação pela elevação ao Cardinalato do Patriarca Senhor Dom José da Costa Nunes, recordando-se que foi no Seminário de Angra que Sua Eminência fez os seus estudos.

Foi lido o relatório da Mesa, respeitante ao ano de 1961, salientando-se do mesmo, com justo relevo e demonstração de reconhecimento, a compreensão manifestada pela Junta Geral do Distrito, particularmente pelo seu Presidente, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Agnelo Ornelas do Rego, da missão do Instituto e do esforço absolutamente desinteressado dos seus membros para levarem a efeito essa missão.

Foram apresentadas as contas de gerência do mesmo ano, que acusam um saldo de Esc. 23.516\$40, destinado a cobrir as despesas com o Boletim, respeitante ao ano de 1960, ainda por publicar. Relatório e contas foram aprovados.

Pelo Snr. Presidente foi dado conhecimento do trabalho de preparação do volume do Boletim, respeitante ao ano de 1960, cuja publicação só agora poderá ser iniciada, por motivo de demora na entrega dos originais.

Foi lido um ofício do Presidente da Comissão das Festas da Cidade, solicitando do Instituto que promova a realização de uma conferência, por ocasião das Festas, em que se destaque o papel relevante que a Ilha Terceira tem desempenhado na História Pátria, desde a sua descoberta até aos nossos dias. Discutido o assunto, foi unanimemente manifestado o maior apreço pelo esforço da Comissão para que as Festas decorram com o maior brilho, reconhecendo-se porém, também unanimemente, a impossibilidade de satisfazer o desejo da Comissão, dentro dos moldes por ela já anunciados.

Foi tomado conhecimento de uma comunicação do Snr. Director interino da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital, informando da entrega naquele estabelecimento, feita pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Teotónio Machado Pires, ilustre Governador do Distrito, na

qualidade de testamenteiro do Dr. Luís da Silva Ribeiro, do ficheiro de notas, em verbetes soltos, que pertenceu ao falecido Presidente do Instituto. Esta comunicação foi ouvida com justificado júbilo pelos sócios presentes, resolvendo-se por unanimidade que seja oportunamente publicada no Boletim discriminação tanto quanto possível pormenorizada dos referidos verbetes, por forma a que os interessados possam consultar na Biblioteca Pública o vasto e riquíssimo ficheiro do eminente etnógrafo.

O sócio, Dr. Valadão Júnior, informou ter completado um extenso trabalho histórico sobre a época dos capitães generais, Araújo e Stockler, tendo sido deliberado que o mesmo seja publicado no volume 19.º do Boletim.

Foi lido um parecer do sócio Sr. Henrique Borba, a respeito da canção popular «Olhos Pretos», para esclarecimento da dúvida apresentada ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Presidente da Junta Geral pelo Snr. Felner da Costa, do Rio de Janeiro, de que a referida canção possa ser considerada como fazendo parte do folclore musical açoreano. A resposta do Sr. Henrique Borba é afirmativa. Foi a mesma discutida por alguns dos sócios presentes, que se pronunciaram igualmente no mesmo sentido.

Pelo Snr. Presidente foram feitas as seguintes comunicações: da troca de informações sobre os paramentos medievais, de origem inglesa, existentes na Igreja do Colégio, em Angra, com o Rev. H. Fulford Williams, da Catedral de Exeter, as quais levam à confirmação da origem e do alto valor histórico e artístico dos mesmos paramentos, que pertenceram a John Grandison, bispo de Exeter de 1329 a 1347, informações do mesmo Rev. F. Williams sobre a estada de D. António Prior do Crato em Exeter, após a derrota dos seus partidários, na Terceira; uma carta de Mr. P. Fazan de Tallahassee, Flórida, E. U. A. pedindo esclarecimentos a respeito de navegadores açoreanos, que exploraram as costas orientais da América do Norte; comunicação de Mrs. Thelma G. Condit, de Buffalo, Wyoming, E. U. A. a respeito do português, que se supõe açoreano, João Filipe, que em 1866 se distinguiu na luta dos americanos contra os índios Sioux, naquele território.

Pelo Snr. Presidente foi lembrado que no ano corrente passa o centenário do nascimento do Dr. Alfredo da Silva Sampaio,

autor da Memória sobre a Ilha Terceira, o qual nasceu nesta cidade a 19 de Setembro de 1862 e bem assim o centenário do nascimento do poeta micalense, Manuel Augusto de Amaral, nascido a 29 de Agosto de 1862. Igualmente foi chamada a atenção para o facto de em Novembro deste ano se comemorar o centenário da inauguração do Seminário Diocesano.

Foram aprovadas as propostas de admissão como sócios contribuintes dos Snrs. Emanuel Félix Borges da Silva, professor da Escola do Magistério Primário de Angra do Heroísmo e Dr. Fernando Rui Nunes da Costa Corte-Real e Amaral, delegado do Instituto Nacional do Trabalho na Covilhã.

Tomou-se conhecimento da publicação, pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, do 3.º e último volume das «Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores», da autoria de Fr. Agostinho de Montalverne. Esta publicação foi preparada pelo erudito micalense e sócio honorário do Instituto Histórico, Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues que para o efeito utilizou copiosas notas do seu falecido pai, o profundo investigador da História Açoreana, Rodrigo Rodrigues.

Foi apresentado um pedido de assinatura da Revista do Gabinete de Estudos Corporativos. Resolvido comunicar que na aplicação de fundos do Instituto não está prevista a assinatura de quaisquer publicações aceitando-se apenas trocas com aquelas que ofereçam interesse para o Instituto.

Foi também submetido um pedido do semanário «A Montanha», de S. Lourenço, Estado de Minas, Brasil, para lhe ser enviado o Boletim do Instituto com a promessa de remeter publicações brasileiras. Foi deliberado informar de que as trocas do Boletim são estabelecidas com as instituições que editem as publicações.

Não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão pelas 22 h. 30 m..

ass.) *José Agostinho*  
*Manuel Coelho Baptista de Lima.*

# Publicações Recebidas

Por oferta e por troca com o «Boletim» do Instituto, receberam-se e muito se agradecem as seguintes publicações:

No ano de 1961:

- Índice Cultural Espanhol — N.<sup>os</sup> 176-177 — 1960; 178 — 1960; 179 — 1960; 180 - 181 — 1961; 182 - 183 — 1961; 184 - 185 — 1961; 186 - 187 — 1961.
- O Comércio do Vinho do Porto, por J. A. Pinto Ferreira — 1960.
- Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares — TOMO XV — 1959; TOMO XVI — 1960; TOMO XVII — 1961.
- El Museo Canário — N.<sup>os</sup> 57/64 — 1956/1957.
- Revista Dominicana de Cultura — N.<sup>o</sup> 1 — 1955; N.<sup>o</sup> 3 — 1956.
- El Mobiliário popular en Los Países Românticos Lacuna — 1960.
- Anales — 85/86 — 1958; 89/92 — 1959.
- Traços a giz — António da Costa Torres — 1954.
- A. H. Bolletín — Vol. VI — N.<sup>os</sup> 2/2 — 1960; Vol. V — Index 1959; Vol. VI — N.<sup>o</sup> 4 — 1960.
- Boletim Pecuário — N.<sup>o</sup> 1 — 1960.
- Arquivo do Distrito de Aveiro — N.<sup>o</sup> 101 — 1960; N.<sup>o</sup> 102 — 1960; N.<sup>o</sup> 103 — 1960; N.<sup>o</sup> 104 — 1960.
- Bailhos, Rodas e Cantorias — Júlio de Andrade — 1960.

- A Família Nobrega — Instituto Genealógico Brasileiro — N.º 8 — 1956.
- Índices Genealógicos Brasileiros — Salvador de Moya — 1960.
- Das Artes e da História da Madeira — N.º 30 — 1960.
- Revista de Guimarães — Sociedade Martins Sarmiento — Vol. LXX — 3/4 — 1960.
- Boletim da Casa dos Açores — Novembro/Dezembro — 1960.
- Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — N.ºs 4/6 — 1960; N.ºs 7/12 — 1960; N.ºs 1/3 — 1961; N.ºs 4/6 — 1961.
- Annual Report — 1960/1961.
- Lares — Ano XXVI — 1960; Fasc. III/IV.
- Agronomia Lusitana — Vol. XXI — N.º 3 — 1959; Vol. XXI — N.º 4; 1959 — Vol. XXII — N.ºs 1 e 3 — 1960.
- Monumenta Henricina — Vol. II (1411-1421) 1960.
- Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores — N.ºs 29/30 — 1959.
- Pesquisas — Instituto Anchieta de Pesquisas — Vol. I — 1957.
- Communicationes — N.º 12 — 1960; N.º 13 — 1960.
- Relatório e contas da Gerência da Caixa Económica da Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo — 1960.
- Insulana — Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada — Vol. XV — 1959.
- Revista da Faculdade de Ciências — Vol. VIII — Fasc. I — 1960.
- O Luso e o Trópico, de Gilberto Freyre — 1961;
- Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto — Vol. XXIII — Fasc. III/IV — 1960.
- The Travels of the Infante Dom Pedro of Portugal — Francis M. Rogers — 1961.
- Trabalhos de Antropologia e Etnografia — Porto — Vol. XVIII — Fasc. I/II — 1960/1961.
- Boletim do Núcleo Cultural da Horta — Vol. 2 — N.º 2 — 1960.
- Effects of Greensburg Olifield Brines on the Streams, Mells, and Springs of the Upper Green River Basin Kentucky — University of Kentucky — 1960.
- Miscellaneous Clay and Shale Analyses for 1957-1959 — University of Kentucky — 1960.
- Proceedings of the Technical Session Kentucky Oil and Gas Asso-

- ciation Twenty — Fourth Annual Meeting — June 3 — 1960  
 — University of Kentucky — 1960.
- Catálogo de La Coleccion de Cucharas de Madera y de Asta —  
 Museo del Pueblo Español.
- Catálogo de La Coleccion de Tabaqueras y de Utensillios de Fu-  
 mador — Museo del Pueblo Español.
- Boletim Cultural Peruano — ANO III — Lima -- 1960.
- Estudos de Castelo Branco — N.º 1 — 1961; N.º 2 — 1961.
- Arquivo de Beja — Vol. XVII — 1960.
- Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga — Vol. IV — N.º 2  
 — 1960.
- Arquivo Histórico da Madeira — Funchal — Vol. XI — 1959.
- O Concelho de Santo Tirso — Boletim Cultural — Vol. VII —  
 N.º 2 — 1961.
- O Instituto — Vol. 122.º — Coimbra — 1960.
- Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos — N.º 8  
 — 1961.
- Boletim Bibliográfico e Informativo — Universidade de S. Paulo  
 — N.º 11 — 1960.
- Actas — Congresso Internacional de História dos Descobrimentos  
 — Vol. I — 1961; Vol. II — 1961; Vol. III — 1961.
- Quero ser um homem, pór Germano Mateus Augusto — 1961.
- Entre os Doutores - A Mão no Seio — por Augusto da Paz — 1961.
- Historical Periodicals — 1961.
- Revista — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Araraquara  
 — ANO I — N.º 1 — 1960.

No ano de 1962:

- Danças do Povo Português — N.º 1 — 1961.
- Guia Prático para a Protecção dos Bens Culturais — 1957.
- Insulana — Orgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada —  
 Vol. XVI — 1960.
- Arquivo do Distrito de Aveiro — N.º 105 — 1961; N.º 107 — 196 .
- A Guide to Kentucky Clase names — 1961.
- Índice Cultural Español — n.º 188-9 — 190 - 191 - 1961; n.º 192  
 - 193 - 194 - 195 - 196 — 1962; 198 - 200 - 201 - 202 — 1962.

- Lares — ANO XXVII — Fasc. 1/2 — 1961; ANO XXVII — Fasc. 3/4 — 1961.
- A Cidade de Évora — Boletim da Comissão Municipal de Turismo — 43/44 — ANOS XVII e XVIII — 1960 - 1961.
- Actas — Congresso Internacional de História dos Descobrimentos — Vol. V — 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> partes — 1961.
- Proceedings of the Technical Session Kentucky Oil and Gas Association Twenty-Fifth Annual Meeting — June 1/2 — 1961 — Série X — 1961.
- Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares — Tomo XXVII — Caderno 3.<sup>o</sup> — 1961; Tomo XXVII — Caderno 4.<sup>o</sup> — 1961.
- Trabalhos de Antropologia e Etnografia — Vol. XXVIII — Fasc. 3/4 — 1961/1962.
- H. A. Bulletin — Vol. VII — N.<sup>o</sup> 1 — 1961; Vol. VII — N.<sup>o</sup> 4 — 1961; Vol. VIII — N.<sup>os</sup> 2/3 — 1962.
- Anuário do Museu Imperial — Petrópolis — 1955 — Vol. XVI.
- Estudos de Castelo Branco — N.<sup>o</sup> 3 — 1962 — N.<sup>o</sup> 4 — 1962; N.<sup>o</sup> 5 — 1962; N.<sup>o</sup> 6 — 1962.
- Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto — Vol. XXIV — Fasc. 1/2 — 1961; Vol. XXIV — Fasc. 3/4 — 1961.
- Monumenta Henricina — Vol. III — 1961.
- Revista da Faculdade de Ciências — Lisboa — Vol. VIII — Fasc. 2 — 1960; Vol. IX — Fasc. 1 — 1961; Vol. IX — Fasc. 2 — 1961.
- Revista de Guimarães — Sociedade Martins Sarmento — Vol. LXXI — N.<sup>os</sup> 1/2 — 1961; N.<sup>os</sup> 3/4 — 1961; Vol. LXXII — N.<sup>os</sup> 1/2 — 1962.
- Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — N.<sup>os</sup> 7/9 — 1961; N.<sup>os</sup> 10/12 — 1961; N.<sup>os</sup> 1/6 — 1962.
- História do Município de S. José de Mipibu, por Gilberto Guerreiro Barbalho — Rio de Janeiro — 1961.
- Arquivo Histórico da Madeira — Funchal — Vol. XII — 1960/61.
- Revista Portuguesa de História — Tomo VIII — 1959; Tomo IX — 1960.
- Síntese Política Económica Social — N.<sup>o</sup> 12 — 1961; N.<sup>os</sup> 13 e 14 — 1962.
- Guia del Índice Cultural Español — N.<sup>os</sup> 168 a 179 — 1960.
- Agronomia Lusitana — Vol. XXII — N.<sup>o</sup> 3 — 1960; Vol. XXII —

- N.º 4 — 1960; Vol. XXIII — N.ºs 1 e 2 — 1961.
- Pesquisas — A primeira História Gaúcha — N.º 15 — 1961.
- Pesquisas — Communications — 2 — 1961.
- Pesquisas — O Gado na Antiga Banda Oriental do Uruguai — N.º 14 — 1961.
- Revista de História — São Paulo — Brasil — N.ºs 47/48 — Ano XII — 1961; N.º 49 — 1962.
- Anales — Universidade de Santo Domingo — 93/96 — 1950 — Vol. XXV.
- The Portuguese Discovery and Exploitation of Africa — Junta de Investigação do Ultramar — 1961.
- Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga — Vol. IV — N.º 3 — 1962; N.º 4 — 1962.
- Das Artes e da História da Madeira — N.º 31 — Vol. 6 — 1961; N.º 32 — Vol. 6 — 1962.
- Boletim do Núcleo Cultural da Horta — Vol. 2 — N.º 3 — 1961.
- Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores — N.ºs 31/32 — 1960.
- Historical Abstracts — 1775-1945 — Vol. 6 — 1960 — Index.
- A Matemática não é difícil — I-II Vol. — 1962.
- O Sobreiro — Coleção Educativa — N.º 14.
- Solos da Ilha Terceira, por Orlando Azevedo — Separata — 1950.
- Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos — N.º 9 — 1962.
- Boletim Pecuário — N.ºs 1 e 2 — Ano XXIX — 1961.
- Revista Portuguesa de Filologia — Vol. X — 1960; Vol. XI — Tomo I — 1961; Vol. XI — Tomo II — 1961.



# ÍNDICE

---

## Autor

### **Mendonça (Dra. Elsa Brunilde Lemos de)**

—— Ilha de S. Jorge — Subsídio para Estudo da Etnografia, Linguagem e Folclore Regionais. . . . .	5
---	---

## Assunto

### **Artigo**

Ilha de S. Jorge — Subsídio para estudo da Etnografia, Linguagem e Folclore Regionais, pela Dr.ª Elsa Brunilde Lemos de Mendonça	5
--	---

### **Vida do Instituto**

Actas das reuniões havidas nos anos de 1961 e 1962. . . . .	348
---	-----

<b>Publicações recebidas</b> . . . . .	371
--	-----



**Este volume, que é o décimo nono e vigésimo números do «Boletim» do Instituto Histórico da Ilha Terceira, acabou de se imprimir na oficina da Tipografia Andrade aos vinte e um de Março de 1966.**

